

"Um livro de amor que contém um mistério e questiona o significado que atribuímos às nossas histórias de família." – **Annabel Monaghan, autora de *Nora sai do roteiro***

A relíquia

No passado de um anel, o futuro de um amor

Jessie Rosen





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas e dicas de leitura.

Saiba mais.

A relíquia



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

A relíquia

Jessie Rosen

Traduzido por Melissa Lopes



Título original: *The Heirloom*

Copyright © 2024 por 20-Nothing Inc.

Copyright da tradução © 2026 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Taís Monteiro

produção editorial: Ana Sarah Maciel

preparo de originais: Caroline Bigaiski

revisão: Ana Grillo e Rachel Rimas

diagramação: Adriana Moreno

capa: Sandra Chiu

imagens de capa: Artur Debat (cidade); Kathrin Ziegler (moça)

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: © Jenny Anderson

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R722r

Rosen, Jessie

A relíquia [recurso eletrônico] / Jessie Rosen ; tradução Melissa Lopes. - 1. ed. - São Paulo :
Arqueiro, 2026.
recurso digital

Tradução de: The heirloom

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5565-933-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Lopes, Melissa. II. Título.

25-101357.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Artur de Azevedo, 1.767 – Conj. 177 – Pinheiros

05404-014 – São Paulo - SP

Tel.: (11) 2894-4987

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para os donos originais de todas as minhas preciosas relíquias.
E para Geanna, por me ajudar a escrever esta aqui.*

SUMARIO

[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Catorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e um](#)
[Vinte e dois](#)
[Vinte e três](#)
[Vinte e quatro](#)
[Vinte e cinco](#)
[Vinte e seis](#)
[Vinte e sete](#)
[Vinte e oito](#)
[Vinte e nove](#)
[Trinta](#)

[Trinta e um](#)

[Trinta e dois](#)

[Trinta e três](#)

[Trinta e quatro](#)

[Trinta e cinco](#)

[Trinta e seis](#)

[Trinta e sete](#)

[Trinta e oito](#)

[Trinta e nove](#)

[Quarenta](#)

[Quarenta e um](#)

[Quarenta e dois](#)

[Quarenta e três](#)

[Quarenta e quatro](#)

[Quarenta e cinco](#)

[Quarenta e seis](#)

[Quarenta e sete](#)

[Quarenta e oito](#)

[Quarenta e nove](#)

[Cinquenta](#)

[Cinquenta e um](#)

[Cinquenta e dois](#)

[Cinquenta e três](#)

[Cinquenta e quatro](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Sobre a Arqueiro](#)

UM



Até o momento em que John me pediu em casamento, eu não sabia que o corpo humano era capaz de sentir duas emoções opostas no mesmíssimo segundo. As pontas dos dedos das minhas mãos formigavam de euforia, mas minhas pernas pareciam cimento que acabou de endurecer. Eu estava imersa até o último fio de cabelo em pura alegria e, de alguma forma, observava tudo se desenrolar de fora, tão tensa que me sentia zozna.

Ajoelhado diante de mim estava o homem que eu amava, fazendo uma pergunta que eu passara meses esperando ouvir. Ele escolhera o lugar perfeito – o canto mais tranquilo do parque suspenso High Line, uma antiga ferrovia desativada e meu metro quadrado favorito de Manhattan. Não sei como ele conseguiu encontrar um jeito de me tirar de Los Angeles e me levar ali sem que eu suspeitasse de nada. E o universo o presenteou com um céu cor-de-rosa e, por algum milagre, certo frescor na cidade – ainda que estivéssemos em pleno verão. Mais do que tudo isso, porém, John estava me escolhendo como a pessoa com quem ele queria se comprometer pelo resto da vida. As lágrimas turvavam minha visão. Era para eu gritar “Sim!” e então pular nos seus braços. Mas, em vez disso, eu estava olhando fixamente para a única parte ruim da surpresa, a que estava nas mãos dele.

– Shea... você não me respondeu – disse John, palavras que nenhum homem no mundo quer pronunciar depois de “Quer se casar comigo?”.

Ele segurava a caixinha do anel na direção do meu rosto ainda paralisado. Na parte interna da tampa forrada de seda estavam as palavras que haviam

desencadeado o meu pânico: *Colecionadores de Antiguidades de Hudson*. Elas se encontravam acima do que deveria ser o item mais importante dentro da caixinha: um reluzente anel de noivado com lapidação esmeralda. Mas ele não brilhava como um anel novinho em folha, o que condizia com a palavra “antiguidades” no nome da joalheria. Era uma relíquia de família que viera de outra mulher, de outro casamento. O casamento de uma estranha, porque eu sabia que não havia nenhuma joia sendo passada de geração em geração na família de John. Isso tornava o anel profundamente significativo com uma origem desconhecida. Um objeto carregado com o carma de uma vida inteira que agora eu supostamente usaria rumo ao meu próprio – se Deus quisesse – felizes para sempre. E, o mais importante: meu pior pesadelo de pedido de casamento.

DOIS



Não era para acontecer desse jeito. Na verdade, eu tinha feito o meu papel para evitar algo do tipo desde o dia em que John e eu nos conhecemos.

– Existem quatro, e somente quatro, coisas realmente inegociáveis a meu respeito – eu dissera no nosso primeiro encontro. – Você, John “Alguma Coisa” Jacobs, quer saber quais são?

Ainda não tínhamos chegado aos nomes do meio àquela altura. Era a terceira hora do que seria um encontro de doze horas que começara porque a minha boca estava, como sempre, trabalhando mais rápido do que o meu cérebro. Vi um homem lendo *Onde os fracos não têm vez* a vários bancos de distância no balcão da cafeteria e não me aguentei: fui lá dizer que achava o filme melhor. Acontece que o leitor do livro era o homem mais lindo do recinto, se não de todos os recintos. Eu, por outro lado, era o retrato do desmazelo, toda suada, recém-saída do treino. Isso era raro: eu sempre tomava banho na academia depois de treinar. E me sentar ao balcão da cafeteria também era raro: sou do tipo que faz pedidos antecipados pelo aplicativo. Mas o mais estranho de tudo foi a reação de John “Alguma Coisa” Jacobs ao meu comentário não solicitado: ele apanhou seu café e disse:

– Prove.

Foi o que eu fiz. Quer dizer, *alguma coisa* eu provei, porque John sugeriu que continuássemos a conversa caminhando até um segundo lugar: uma livraria com um bar de vinhos, o tipo certo de atrevimento. Foi um dos muitos pontos positivos que eu tinha registrado até então. Havia o azul intenso dos seus olhos.

O fato de ele ter passado um pouco de gel no cabelo ondulado – mas, graças a Deus, não muito. O jeito como ele usava a camisa meio social para dentro da calça jeans meio justa, sabendo que acrescentar um cinto teria sido um exagero, sobretudo para um sábado. E coisas realmente importantes também, como a maneira educada com que tratou o garçom que veio vezes demais à nossa mesa, e como compartilhara só o suficiente sobre a vida dele, focando em fazer perguntas sobre a minha. Foi por isso que decidi que era hora de contar as quatro coisas decisivas a meu respeito, o fio condutor de conversa que eu usava havia uma década para fazer trabalho de detetive em primeiros encontros.

– Tudo bem – respondeu John. – Mas, se uma das quatro for que você gosta mais de *gato* que de *cachorro*, eu tô fora.

Era o tipo de resposta que eu sempre torcia para ouvir: engraçadinha, mas não de uma forma condescendente – uma resposta digna de um personagem de Harrison Ford.

– Gosto mais de cachorro – afirmei. – E a primeira coisa é: um dia vou morar na Itália.

As sobrancelhas de John se arquearam um pouquinho. Isso me fez querer beijá-lo naquele mesmo instante.

– Por quê? – perguntou ele.

– Primeiro, porque sou cem por cento italiana por parte de mãe. Segundo, porque se eu pudesse viver dentro de um filme, seria em *A princesa e o plebeu*. Mas, principalmente, porque uma vez eu e minha irmã, Annie, fomos para lá com nossos avós e ficamos um mês inteiro. Ficamos na quinta da família da minha *nonna*, nos arredores de Salerno, colhendo uvas pra vinho todos os dias e preparando massa todas as noites, e eu jurei no avião voltando pra casa que um dia ia morar lá.

– Anotado. E aprovado – comentou John, e então acrescentou rapidamente: – Não que você precise da minha aprovação.

Esse cara é bom.

– Passando pra número dois – continuei, chegando um pouquinho mais perto de John no banco em meia-lua que dividíamos. – Se eu tivesse algum talento de verdade pra cantar... coisa que não tenho... eu seria cantora. Bem no estilo “vou largar a faculdade pra fazer uma turnê em bares fuleiros pelo país”.

– Mas você disse que trabalha com festivais de cinema. Por que não com música? – indagou John, demonstrando excelente capacidade de escuta.

– Doloroso demais – respondi, em tom de brincadeira.

– Beleza. Então, essa segunda é mais um aviso caso você um dia acorde de um

coma com a voz da...?

– Kelly Clarkson.

– Kelly Clarkson – repetiu John, com os olhos, juro por Deus, brilhando. – Tudo bem até agora. Não vou sair correndo. Pode mandar a número três.

Era aqui que o bicho pegava e eu sentia que o sujeito nunca mais ia me ligar.

– Três: eu acho que a riqueza extrema é imoral. Ou será *amoral*? Nunca lembro.

– Acho que é “i”, não “a”, mas de que nível de riqueza a gente tá falando?

– Bezos, Musk e Zucks, é óbvio. Ou caras como Stew, meu primo investidor por parte de pai. Basicamente, pessoas que acumularam mais do que jamais vão precisar e guardam tudo pra si. É em grande parte por isso que amo meu trabalho: pegamos dinheiro de grandes marcas e o usamos pra ajudar cineastas fora do grande circuito.

– Interessante – disse John.

Minha mente logo voltou aos detalhes que ele havia compartilhado até então: *professor de matemática do ensino fundamental* não pressupunha *herdeiro*. Então, uma segunda estatística me veio à mente: *cidade natal: Costa Mesa, na Califórnia*. Condado de Orange. Os pais dele provavelmente eram donos de uma rede de concessionárias de carros de luxo e faziam parte do conselho do “clube”. Nesse caso, aquele poderia ser meu último momento com John “Alguma Coisa” Jacobs. Pensei em dar uns beijos nele antes que fosse tarde demais.

– Bom, eu passei sete anos trabalhando para um fundo de investimentos administrado por um cara como esse seu primo antes de o mercado quebrar – começou ele. – Provavelmente tempo demais pros seus padrões, mas aquilo tudo era tão revoltante que voltei pra faculdade pra me tornar professor.

– Ah, ótimo. Muito bom! – exclamei.

– Essas suas coisas aí são algum tipo de teste? – perguntou John, sabiamente.

– São – respondi, porque estava animada demais com o sauvignon blanc e as respostas perfeitinhas daquele homem para mentir. – Agora, quero dar um aviso sobre a quarta e última coisa: é sobre casamento, mas não vá achar que é alguma indireta.

John inclinou o corpo firme para a frente, semicerrou os olhos azuis e declarou:

– Manda.

Meu coração quase pulou do peito. Eu sempre tinha achado que isso fosse só maneira de dizer.

– Número quatro: eu sou supersticiosa em relação a muitas coisas, mas a

mais importante delas são joias de segunda mão. Eu não gosto delas. Não confio nelas. Então, se alguém me pedisse em casamento com um anel de noivado tipo relíquia de família, eu diria não.

– O que é um anel de noivado tipo relíquia de família? – perguntou John.

– Um anel antigo que se compra em uma joalheria que vende antiguidades e que já foi usado por uma mulher desconhecida em um casamento desconhecido.

– E por que a superstição?

– Energia ruim. Acredito que o anel carrega a energia do casamento de quem o usou antes.

– E daí? Ela é passada pra você?

– *Exatamente!*

Sua compreensão rápida do conceito foi reconfortante.

– Certo, mas *por quê?* – perguntou John.

– Não tenho cem por cento de certeza. Acho que a energia precisa se mover, então ela meio que salta...

John riu.

– Não. Eu quis dizer: por que você acredita nisso?

– Ah. Por causa da minha *nonna*. Ela era a rainha das superstições. Nada de sapatos em cima da mesa, nada de corujas dentro de casa. Se você dá uma faca de presente a alguém, tem que dar também uma moeda. Mas as regras dela em relação a casamento eram lendárias.

– Mais lendárias que a coisa da moeda e da faca?

Eu nunca tinha visto a testa de um homem se franzir de um jeito tão bonitinho.

– Ah, todo italiano conhece essa. Mas a *nonna* era dona de uma loja de vestidos de noiva, a Bella Vita, e corria o boato na cidade de que, se uma noiva seguisse todas as regras dela, seria feliz no casamento. Nunca usar um vestido sem véu, nunca usar pérolas com o vestido a menos que sejam da sua mãe, nunca dizer seu nome novo antes do “sim” e nunca aceitar um anel de noivado que já foi de outra pessoa.

– E você acredita em tudo isso?

O tom de John sugeria curiosidade, não julgamento, mas qualquer uma das duas coisas teria sido justa. Muitas pessoas haviam questionado meu “sistema de crenças” ao longo dos anos, incluindo minha mãe, que acreditava que as regras da *nonna* eram opcionais, e minha irmã, que deixou de dar bola para qualquer superstição depois que se formou em psicologia.

– Bem, véus são bonitos, eu não sou fã de pérolas e não quero mudar meu

sobrenome, então resta apenas a questão da joia usada, que na verdade é a que mais faz sentido pra mim.

Sempre foi simples assim para mim, um fato tão evidente quanto o céu ser azul. John assentiu, assimilando tudo. Então disse as cinco palavras que selaram nosso destino:

– Acho que faz sentido mesmo.

Eu me inclinei no banco e o beijei apenas por tempo suficiente para ele saber que a versão mais longa seria muito, muito boa. Nós nos separamos e sorrimos feito adolescentes, então olhei bem nos olhos de John. Ele já tinha acumulado tantos prós àquela altura que eu havia até perdido a conta. Mas este era o meu favorito: a sensação de poder ver toda a profundidade, o acolhimento e a bondade pura que ele tinha dentro de si. *É isso que eu estava esperando sentir um dia*, percebi naquele momento. *É esse o tipo de homem que poderia ser a minha cara-metade.*

TRÊS



– Shea? Você tá me assustando... – disse John.

Os salgueiros na jardineira ao meu lado encostavam no meu braço, me cutucando. E, pelo canto do olho esquerdo, vi alguns turistas boquiabertos. Até eles pareciam nervosos.

Na expressão ansiosa de John, eu conseguia enxergar seu coração por um fio: ele estava morrendo por dentro, e isso enquanto segurava uma joia que faria qualquer garota desmaiar. *Deve ter juntado dinheiro por meses*, pensei. *Será que foi por isso que ele aceitou a vaga de orientador da equipe da escola pra Olimpíada de Ciências?* Voltei a me concentrar no rosto doce e esperançoso de John. Sua escolha tinha sido duvidosa, mas meu silêncio era indelicado.

– Minha resposta é sim. Eu quero me casar com você – declarei. – É só que...

Eu não conseguia dizer exatamente o que estava pensando: *Por que você escolheu esse anel? Não lembra que eu disse “nada de joias usadas” pelo menos cinco vezes ao longo do nosso relacionamento!?!?*

John se levantou e me envolveu nos braços com um só movimento.

– Ufa! Ela disse sim! Mas que susto! Tá legal, eu tô bem. A gente tá bem. – Então ele parou, olhou diretamente para o anel e fechou a tampa da caixa. – Certo. Eu deveria ter dito isto primeiro: sei que o anel é antigo.

– Uma *reliquia de família*... – falei, ainda atordoada.

– Sim, e sei o que você disse sobre isso. – *Então ele lembra, mas ignorou?* – Mas eu passei meses procurando, e, acredite, Shea, tem que ser este. Eu vi dezenas de anéis. Cheguei a comprar outro e devolver porque não me pareceu

certo. Eu estava procurando um que estivesse ligado a algum sinal, porque sei que é assim que você teria tomado essa decisão. Por isso tinha que ser exatamente este anel, porque... escuta só: eu o encontrei na loja onde você disse “Eu te amo” pela primeira vez. Lembra? Aquela joalheria de Hudson?

Agora o *Colecionadores de Antiguidades de Hudson* dentro da caixa fez sentido.

– Isso parece *mesmo* um sinal – concordei, falando devagar.

– Não, espera, fica melhor – continuou John, empolgado. – Eu nem deveria estar em Hudson, mas meu pneu furou enquanto eu ia de Saratoga pra Manhattan, lembra? Parei pra almoçar no Baba Louie’s enquanto consertavam. E, mais cedo naquele dia... *juro por Deus, Shea...* eu tinha reservado nossas passagens pra cá, pra Nova York, porque sabia que ia fazer o pedido, mas ainda não tinha o anel! Andei a Warren Street inteira, esperando o carro, até que parei aleatoriamente em frente ao local do “Eu te amo”. Exatamente como você fez naquele dia. Lembra? Eu tava falando sobre uma excursão que faria com os alunos. Você agarrou o meu braço pra me calar e disse “Eu te amo”, aí a gente olhou pra esquerda, viu uma vitrine cheia de anéis de noivado e morreu de rir. – *É claro que eu me lembrava.* – E bem *naquela vitrine* um senhor colocou *este* anel em um suporte no minuto exato em que eu estava passando por ali! E tinha esta lapidação retangular que você me disse que gostava! Fala sério! – concluiu ele.

Uma das melhores qualidades de John era sua incapacidade de mentir, ou mesmo de exagerar. Esses eventos tinham acontecido, todos eles, e eu não podia negar que era o tipo de coincidência impossível na qual certamente eu embarcaria. *Quase* certamente.

– Lapidação esmeralda – falei. – E nunca vou me esquecer da primeira vez que eu disse que te amava.

Peguei a caixa de veludo preto das mãos ainda trêmulas de John e a abri. Dentro dela havia um diamante absolutamente deslumbrante cercado por minúsculas pedras baguete que irradiavam para fora, como uma explosão estelar muito bem organizada. Eu não tinha certeza de que tipo de joia eu ia querer usar quando chegasse a minha vez, mesmo depois de uma década vendo minhas amigas ostentarem os seus anéis. Por alguns anos, cheguei a me perguntar se poderia sugerir ao meu futuro noivo que me pedisse em casamento com um relógio, como minha melhor amiga Rebecca fez com sua esposa, Teres. Mas, agora que eu estava vendo aquele anel, eu entendia o apelo.

– Eu sabia que você ia amar – disse John, soando confiante, embora não estivesse cem por cento correto.

Ele retirou o anel da caixinha, preparando-se para colocá-lo no meu dedo anelar esquerdo. Ouvi uma turista soltar um gemidinho emocionado e me perguntei se alguém, ou todo mundo, estava tirando uma foto. Mas meu cérebro entrou em pânico quando o aro de ouro tocou minha pele: *Não, não faça isso, não é seguro*. Será que era o fantasma da *nonna* gritando comigo? Mas então...

– Hum, tá um pouco folgado – comentou John.

Ele tinha razão. Eu sentia o aro começando a escorregar do meu dedo. E, com isso, apareceu uma solução.

– Estou com medo de ele cair – falei. – E se eu usar o anel na corrente do meu colar por precaução esta noite?



Quando dei por mim, estávamos saindo de um táxi para jantar no Café Lalo, a aconchegante doceria onde Tom Hanks se encantou por Meg Ryan em *Mensagem para você* (mais um ponto para o *noivo!*). Dois segundos depois, eu estava aos prantos nos braços da minha irmã, Annie, que tinha pegado um voo em Los Angeles para estar conosco. No salão atrás dela estavam Rebecca e Teres, vindas de Boston; mais algumas das nossas melhores amigas da faculdade; e meu grupinho de Nova York. Eu não conseguia acreditar que John tinha se desdobrado tanto para tornar o pedido tão especial e, ao mesmo tempo, não fiquei nem um pouco surpresa.

– Obrigada, obrigada, obrigada... E como foi que você conseguiu organizar tudo isso?! – perguntei, soluçando.

– Bem-vindos ao clube, jovens – disse o marido de Annie, Mark, enquanto entregava uma cerveja a John.

Então minha irmã mais velha me agarrou pelos ombros, me beijou na testa como nossa mãe faria e imediatamente percebeu que o anel de noivado *não* estava no meu dedo.

– Banheiro? – perguntou ela.

– Banheiro – respondi.

QUATRO



– É *lindo* – disse Annie enquanto segurava meu anel preso no colar.

– Eu sei, mas... – comecei.

– Para. Você ama esse cara. *Eu* amo esse cara. Porque John Jacobs é sem dúvida digno de ser amado e é homem pra casar. Deixa a superstição de lado, Shea.

Estávamos espremidas dentro de uma única cabine do banheiro. Ela estava sentada no vaso sanitário fechado enquanto eu andava de um lado para o outro no espaço restante, como sempre fazia.

Annie e eu nos escondíamos em banheiros desde que ela passou a ter altura suficiente para alcançar as fechaduras das portas: aos 6 e 2 anos, respectivamente. Nossa mãe achava que íamos lá para brincar, o que, analisando agora, não parece muito higiênico, mas normalmente estávamos lidando com uma das minhas inúmeras neuroses. Uma vez, esquecemos minha boneca favorita em casa e eu estava preocupada com quem cuidaria dela enquanto estivéssemos no Olive Garden. Outra vez, na pizzaria, vi meu crush da escola sentado a uma mesa perto de nós e decidi que não conseguiria *de jeito nenhum* comer na presença dele. E, quando nossos pais brigavam – sobre o valor da conta do jantar, sobre a maneira grosseira com que nosso pai falava com a recepcionista ou sobre o jeito como insinuava que nossa mãe estava dando em cima do garçom –, Annie nos rebocava para longe. Ela sempre dizia brincando que se tornara orientadora escolar porque já acumulara décadas de treinamento comigo. Essa não era a primeira vez que o assunto relíquias de família surgia em uma das nossas

“sessões”.

– Mas, Annie, você sabe o que a *nonna* sempre dizia – argumentei. – E você e o John sabem que uma das minhas quatro condições é *nada de joias usadas. De jeito nenhum* – completei.

– Sua vida é maior do que quatro condições, Shea.

– Dezenas de pessoas sabem disso! *Todo mundo* vai estranhar. Vão me perguntar sobre o anel. Eu convenci outras mulheres a ser contra anéis usados por causa das minhas superstições!

– Que são as superstições da *nonna* – afirmou Annie. – A mesma mulher que fez nosso avô *atirar numa coruja* no quintal com uma arma de chumbinho porque achava que o bicho dava azar.

Annie colocou o cabelo extremamente liso atrás da orelha, como sempre fazia quando sabia que tinha razão.

– Eu sei, mas a questão do anel usado sempre fez sentido para mim. O carma. Os espíritos. Annie, outra mulher usou este anel todos os dias do casamento dela. *O que aconteceu nesse casamento?!*

– Respira, Shea.

Havia momentos em que a natureza calma e sábia da minha irmã era exatamente o bálsamo de que eu precisava. Mas agora a sensação que me passava era a de unhas arranhando um quadro-negro. Respirei fundo só para satisfazer Annie.

– Seja sincera. Seria muito ruim simplesmente pedir um anel diferente...? – indaguei.

Amassei meu cabelo, que não era nem um pouco liso, como sempre fazia quando já sabia a resposta para a minha pergunta.

– Hoje?! Primeiro, preciso que você demonstre um pouco mais de gratidão pelo esforço que esse homem fez!

Ela tinha razão. Mas a caçula teimosa dentro de mim ainda queria defender o próprio ponto de vista.

– Tá bom – falei. – Mas não tô gostando do desequilíbrio de poder aqui. O homem simplesmente dita o que a mulher usa pelo resto da vida, sem levar em conta a opinião dela? Onde está o feminismo nos pedidos de casamento?

Annie se levantou do vaso sanitário, chegando ao limite.

– Casamento envolve dar e receber, uma vida inteira de concessões. Você mesma disse que o John fez essa escolha com muito carinho. É um símbolo pra ele também. E não de espíritos aleatórios que vão invadir o seu corpo. Você contou que ele comprou o anel onde você disse “Eu te amo” pela primeira vez.

Meu Deus, Shea! Ou eu te levo até o altar pra você se casar com esse homem, ou eu me divorcio do Mark e a gente troca de lugar!

Ela enfiou o cabelo atrás da orelha com vigor depois disso. Mas também me fez pensar em uma coisa. Uma lágrima solitária escorreu pelo meu rosto quando percebi que eu tinha ficado tão atarantada pela emoção que não consegui me lembrar das lacunas profundas naquele momento transformador.

– Como você fez tudo isso sem a *nonna* e a mãe? – perguntei.

– Eu tinha você – disse Annie, com lágrimas nos olhos também. – E agora você tem a mim.

Perdemos nossa *nonna* – a mulher de um metro e meio mais impetuosa de toda a South Bay de Los Angeles – para um problema cardíaco quando eu tinha 16 anos e Annie, 20. Perdemos a nossa mãe – a filha única da *nonna*, doce e sensível – para o câncer quatro anos depois. Nosso avô, o estoico – talvez porque nunca conseguisse se fazer ouvir –, aguentou mais alguns anos, mas Annie não tinha mais nenhum deles quando se casou com Mark. Os dois se conheciam desde o ensino médio, mas acho que ela esperou chegarem até os 30 porque era difícil demais imaginar seu casamento sem a nossa família. Eu a levei até o altar.

De repente, a lembrança desse momento me fez cerrar os dentes.

– Meu Deus, o pai – falei.

– Tudo bem. O John perguntou se a gente deveria convidar o pai hoje à noite, mas eu sabia que você diria não.

Para mim, nosso pai não passava de outra pessoa da nossa vida que já se fora.

Dei um abraço apertado em Annie, fazendo nós duas esbarrarmos na porta da cabine.

– Obrigada. Por vir até aqui. Por me ajudar a ver a luz no fim do túnel. Por tudo.

– Você pode me agradecer se divertindo loucamente – retrucou Annie. – E, hoje à noite, se alguém perguntar: “Isso é um anel antigo de família?”, você vai dizer: “T tecnicamente, mas agora é só meu.”

Dei risada, e a sensação foi muito boa.

– Faz tempo que você tava elaborando essa réplica?

– Desde o minuto em que você entrou pela porta – respondeu ela. – Agora, vá testar com a Rebecca e a Teres, que saíram de carro de Boston às seis da manhã pra estarem aqui.



A réplica colou. Assim como o conselho mais importante de Annie: guardar meus pensamentos supersticiosos em uma gaveta dentro do cérebro. Eu me senti grata, relaxada e verdadeiramente amada por todos na minha vida e encontrei uma maneira de manter esse sentimento comigo até voltar para casa, em Los Angeles.

E, aí, tive o sonho.

CINCO



A primeira coisa que notei no mundo dos sonhos foi a estampa floral do meu vestido. Era o mesmo que eu estava usando no dia em que John me pediu em casamento. Mas eu não me encontrava no High Line, nem mesmo em Nova York. Estava sozinha em um mar de carpete dourado que cheirava a um perfume antigo da Clinique: a loja de vestidos de noiva Bella Vita.

De repente, a sala mudou de forma, ou era eu que tinha sido transportada para outro lugar? Agora havia um espelho, com três painéis. *Sim*. Era ali que a *nonna* levava cada noiva para conferir os vestidos. Eu havia passado horas depois da escola olhando para ele de outro ângulo, normalmente escondida sob a crinolina de um vestido gigante. Agora eu estava na plataforma. Agora eu era a noiva.

– Lá vamos nós! Primeiro, todos os vestidos de baile clássicos – ouvi uma voz dizer.

Girei o corpo e encontrei a *nonna* em seu uniforme de calça rosa e camisa de botão branquíssima, mas essa não era a versão da minha avó que eu conhecera no fim da vida dela. A pele daquela mulher não tinha rugas, e seu cabelo ainda era preto como carvão. Abri a boca para falar com ela, mas não saiu nenhuma palavra.

– Sei que você não gosta de vestidos de baile, mas toda noiva deve se ver como a rainha da festa.

Olhei em um dos três espelhos, tentando ver se eu também era a versão mais jovem de mim mesma. Em vez disso, encontrei Annie sentada em uma das

poltronas de espaldar alto posicionadas um pouco mais ao lado. As poltronas para os acompanhantes. Ela estava mais nova, talvez com 20 anos. Mas não me detive no seu rosto, porque no assento ao lado estava nossa mãe, viva e radiante com aquele orgulho de mãe da noiva.

– Só experimente, Shea – sugeriu minha mãe com uma piscadela de cumplicidade. – Deixe a sua *nonna* feliz.

À direita dos espelhos, encontrei uma série de vestidos pendurados.

– Vá em frente – insistiu a *nonna*. – Pegue o que quiser.

Mas meu eu dos sonhos ainda estava em silêncio. Ou talvez não fosse capaz de falar.

– Bora, Shea... – ouvi Annie dizer. – Faltam literalmente três dúzias...

A *nonna* se aproximou de mim. O restante da sala se dissolveu em um borrão.

– Basta fazer o que eu sempre te ensinei, e a escolha ficará clara – afirmou ela.

– *Ascolta il tuo cuore* – eu me ouvi sussurrar.

– Exatamente. Feche os olhos e *escute o seu coração*.

Fiz o que ela disse, algo que ela *vinha* dizendo desde que Annie e eu éramos bem novinhas. *Ascolta il tuo cuore* se aplicava a coisas tão pequenas quanto escolher nossas fantasias anuais de Halloween e tão grandes quanto descobrir como me desculpar depois de explodir com os meus pais. E, quando chegou a hora das minhas primeiras paixões, dos encontros e das decepções amorosas, o *ascolta* ainda estava lá. A *nonna* era como meu próprio Grilo Falante.

Desviei a atenção do seu rosto ansioso para a longa fileira de vestidos: uma saia larga de tafetá em três camadas com a parte superior num elegante estilo bailarina; um corpete todo bordado com contas e uma saia evasê que parecia adequada para um baile europeu; uma peça de corte simples, com decote canoa, em seda crua off-white, que parecia que não deveria ser usado sem uma coroa. Nenhum deles conquistou meu coração.

– Pode começar pela esquerda – orientou minha mãe, apontando para o modelo no estilo *O lago dos cisnes*.

Senti que caminhava feito um zumbi em direção à arara. Eu estava assistindo a isso acontecer ou estava presente naquele cômodo? Deslizei as alças de renda do vestido pelo cabide e o ergui para mim de um jeito mecânico. *Puft!* Ele desapareceu. Me virei para a arara – será que eu não o tinha apanhado de verdade? Mas o vestido havia sumido. A *nonna* deu um grito. Minha mãe levou a mão ao peito. Até Annie pareceu assustada. *O que...*, eu tentava dizer, mas as palavras permaneciam presas atrás dos meus lábios. O pânico tomou conta de

mim.

– Certo. Está tudo bem. Estamos bem. É só experimentar outro – declarou minha mãe, de forma tranquilizadora.

Peguei a próxima opção da sequência, segurando a saia de tule com mais força enquanto retirava a peça do cabide. Esse vestido evaporou ainda mais depressa, feito magia de cinema.

– O que é isso? O que está acontecendo? – perguntou a *nonna*. Ela olhou para cima em busca de alguma resposta dos céus, como fazia quando uma luz se apagava misteriosamente. Então se virou para mim, com o rosto em pânico. – Shea? O que você fez?

Eu não sabia e, pior ainda, não conseguia falar para ela. Era como se meus lábios tivessem sido costurados. Me virei outra vez para o espelho, mas meu rosto estava normal. Abri e fechei a boca diante do reflexo. Enquanto isso, a *nonna*, minha mãe e Annie vasculhavam a fileira de vestidos, trocando cochichos ansiosos. Estavam nervosas por minha causa. Isso me deixou ainda mais em pânico. *Por que não consigo falar?* Encarei o espelho, implorando por algum tipo de revelação. Então respirei fundo, contrái a barriga, abri a boca e tentei gritar várias vezes.

De repente, eu estava acordada e tremendo. John dormia ao meu lado na cama, num sono profundo. Eu estava segura. Com o coração disparado, abri a boca e sussurrei um *oi* com facilidade. Juntei meus dedos, lembrando-me da sensação dos vestidos que haviam desaparecido entre eles. Então, me virei para a mesinha de cabeceira, querendo conferir as horas. Em vez disso, vi algo reluzir, iluminado pela meia-lua que brilhava através da janela do quarto: o anel. Uma visão do rosto da *nonna* do sonho me atingiu como uma rajada de vento. Desde o dia em que minha avó morreu, eu só havia tido sonhos felizes com ela. Mas, também, eu nunca tinha feito algo que ela com certeza fosse desaprovar...

Não posso deixar fantasmas controlarem meus sonhos, falei a mim mesma enquanto pegava meu celular da mesinha. Na tela, havia cinco novas notificações de e-mails: dois do trabalho e três do site de fornecedores de casamentos WeddingWire.com – porque, obviamente, no segundo em que fiquei noiva, a internet já estava ouvindo tudo. *Só tive esse sonho porque estou imersa em coisas do casamento*, pensei enquanto saía da cama, com cuidado para não acordar John. Eram cinco da manhã, um horário aceitável para eu estar de pé. Eu me distrairia com uma xícara gigante de café e alguns preparativos finais da apresentação das dez da manhã, em que tentaríamos conquistar um novo cliente importante para o festival. Outra explicação perfeitamente razoável para um

sonho estressante.

Peguei meu notebook na bolsa-sacola no canto do quarto e meu roupão no gancho atrás da porta do guarda-roupa. Deixei o anel na mesinha de cabeceira.

SEIS



- Viu só a cara deles quando você explicou a parceria com o Academy Museum?
- disse meu chefe, sorrindo radiante como se tivesse acabado de conquistar uma vaga nas Olimpíadas para mim. – Foi nessa hora que você fechou o negócio. Vão dar uma confirmação em uma hora, Anderson, no máximo.
- Acha mesmo? – perguntei, agora grata pelo ensaio antes do amanhecer, apesar da quantidade de café que ele exigira.
- Tenho certeza disso.

Jack Sachs era um nova-iorquino em Los Angeles e ainda provava isso diariamente com os ternos que usava. Tínhamos trabalhado juntos no Festival de Cinema de Nova York, meu primeiro emprego de verdade depois da faculdade, e eu fazia parte da equipe que o cortejou para se juntar a nós em Los Angeles no que antes era o incipiente LA Cinema Fest. Jack Sachs – o cara clássico que sempre usa os dois nomes – era um gênio do marketing. Ele me ensinou tudo que eu sei sobre transformar dinheiro corporativo em uma experiência *indie*, interpretando nossa versão do Robin Hood dos cineastas novatos. Uma vez, bebi demais no open bar e disse que gostaria que ele fosse meu pai. Jack Sachs era um sujeito decente o bastante para nunca tocar no assunto.

- Shea Anderson acabou de fregar um peixão! – anunciou ele para o escritório cheio de cubículos quando saímos da sala de reuniões. – Nosso primeiro patrocinador de plataforma de streaming. E convenceu os caras a investir seus dólares em uma ação promocional totalmente nova, destacando especificamente cineastas asiáticos e das ilhas do Pacífico, antes nossos artistas

mais desfavorecidos.

Meus colegas de trabalho aplaudiram, até mesmo a mal-humorada Julie, que queria ter participado da apresentação. Me segurei para não baixar o olhar, desconfortável com a atenção. Minha personalidade sempre foi tipo A por fora, mas muito preocupada com o que as pessoas pensariam disso. Então respirei fundo para lembrar ao meu corpo que éramos adultos.

– Obrigada – falei. – Estou animada pra começar a trabalhar nisso.

Eu tinha feito o que Jack Sachs disse e estava imensamente orgulhosa.



– Tem um minuto, Anderson? – indagou Jack em um tom estranhamente baixo enquanto seguíamos pelo corredor.

– É claro – respondi, igualando o volume da voz dele.

– Parece que a Christy vai deixar o cargo de diretora de marca e comunicação integrada.

– Sério...? Vai pra algum concorrente?

– Ainda não sei, mas quero ver se consigo te convencer a assumir o lugar dela.

Parei de andar, em estado de choque. Jack me fez continuar com um olhar.

– Desculpe... mas diretora? Ela tem muito mais anos de experiência que eu.

– Você consegue fazer o trabalho e merece tentar – disse ele, nos conduzindo às pressas para um cubículo vazio ao avistar possíveis bisbilhoteiros. – Mas preciso lançar a ideia pro alto escalão, então... posso te mandar até Nova York pra pesquisar a concorrência no nosso antigo reduto durante o festival deles? Quero poder destacar todo o conhecimento que você tem sobre o assunto.

– Com certeza – respondi. – Vai ser daqui a duas semanas, certo?

– Isso. Ótimo. Se meu plano der certo, em dez anos estarei aposentado e você estará no meu lugar.

Jack Sachs me deixou com sua piscadela característica e, de alguma forma, nada esquisita. Ele tinha me dado uma boa notícia. Uma notícia potencialmente *maravilhosa*. Eu deveria ter corrido até a minha mesa para tentar esconder minha euforia. Em vez disso, fiquei parada, com os braços cruzados, observando Jack enquanto ele desaparecia pelo corredor.



Annie e eu tínhamos um encontro marcado todo mês para almoçarmos juntas. O lugar do almoço da vez era um pelo qual eu esperara ansiosamente desde que começamos: o restaurante The Prince, em Koreatown, que aparecia em *Chinatown*, filme clássico dos anos 1970. Ele ficava a dez minutos convenientes da escola de Annie e a quinze do meu escritório. Mas ficar olhando para o nada me atrasou quinze minutos.

– Desculpa, desculpa, desculpa – falei, correndo para encontrar Annie na mesa. – Trânsito.

– Nem me fale – rebateu Annie. – Eu também moro nesta cidade.

Ela cruzou os braços rapidamente, irritada.

Deixei Annie começar a conversa com um grande desabafo sobre a insanidade do mercado imobiliário de Los Angeles. Ela e Mark estavam tentando comprar algo perto de alguma praia fazia quase um ano. O fato de Mark ser corretor de imóveis talvez estivesse mais atrapalhando do que ajudando. O orgulho dele estava ferido.

– Você tá economizando pelo menos vinte por cento do seu salário, né? – perguntou ela.

– Tô.

– Ótimo. A gente devia ter feito isso assim que começou a trabalhar, mas o mais próximo que eu e o Mark tivemos de um mentor financeiro sábio foi a corujinha estilizada do nosso aplicativo de banco. Tudo bem. Sua vez. Me conte algo inspirador.

Achei que seria sensato começar pela potencial promoção em vez de pelo pesadelo estranho com os vestidos. A reação de Annie me provou que eu estava certa.

– Nossa, Shea! Isso é incrível! – exclamou ela, radiante de orgulho maternal. – Você tá arrasando.

– Obrigada. É ótimo mesmo. Eu tive só um momento estranho depois que ele me contou, mas agora acho que é porque ainda estou abalada pelo meu sonho maluco com a loja de vestidos de noiva da *nonna*.

– Ah, não – disse Annie, com uma expressão que sugeria que ela já sabia aonde aquilo ia dar.

Seu olhar não mudou enquanto eu fazia meu relato.

– Eu sabia! – falei, após concluir a história. – São os meus medos

inconscientes sobre o anel usado se manifestando! Eu não deveria deixar isso pra lá!

Annie deu uma última garfada na salada e se recostou na cadeira.

– Você sabe que odeio bancar a terapeuta com você, mas, já que se recusa a contratar uma, vamos lá: Shea, acha sinceramente que o carma ruim em potencial que *talvez* esteja no seu anel de noivado é mais forte do que o seu relacionamento com o John?

Minha irmã era boa, e era por isso que eu não precisava de uma terapeuta.

– Desculpe, mas *talvez*... – respondi. – A questão é: você compraria um sofá de segunda mão se descobrisse que alguém morreu nele?

– Tá, mas e se ninguém tivesse morrido no sofá? – questionou Annie.

– Como assim?

– Você tá presumindo que alguém morreu. Que o carma é ruim. E se não for? E se na verdade for bom?

Aquela pergunta fez uma sinapse disparar em algum lugar bem no fundo do meu cérebro. Eu tinha presumido o pior, mas uma história feliz era uma possibilidade e o melhor dos mundos. *E se eu pudesse descobrir se o carma é bom, e não ruim?*

– Então eu vou descobrir quem foi a dona do anel – declarei de supetão.

Eu sentia uma faísca percorrendo meu corpo, como se eu tivesse sido ligada na tomada.

– Espera aí. Como é que é? – perguntou Annie.

– Pronto! É o que vai resolver essa situação. Vou descobrir quem foi a dona do meu anel antes de mim, pra saber se a história do casamento dela foi boa ou ruim! Deve ter um jeito, né?

– Meu Deus, *não*...

Annie deixou a cabeça cair entre as mãos e a balançou de um lado para outro.

– Acha que eu não vou conseguir descobrir? – indaguei.

– O “não” foi pra mim – respondeu ela, se recusando a encontrar meus olhos empolgadíssimos. – Eu sem querer te levei até a entrada da toca do coelho.

– Talvez – concordei, roubando uma batata frita dela. – Mas nós duas me conhecemos muito bem. Eu ia acabar chegando nessa ideia uma hora ou outra.

Annie respondeu empurrando seu prato de batata frita para o meu lado da mesa, admitindo a derrota.

SETE



Naquela tarde, deixei a mensagem de voz mais longa e desconexa do mundo no número que eu esperava ser da Colecionadores de Antiguidades de Hudson.

Oi, meu nome é Shea. Meu namorado... Quer dizer, noivo. Desculpa. Isso não importa. Enfim! Um homem chamado John Jacobs comprou recentemente um anel na sua loja. Com diamante de lapidação esmeralda, pedras baguete em volta, aro de ouro. Gostaria de saber se pode me dar alguma informação sobre a pessoa que vendeu o anel pra sua loja. Porque... bem... é uma longa história! Eu queria só conversar sobre o anel. Se tiver informações ou não. Beleza. Me ligue de volta, por favor. Ah, e meu nome é Shea.

Esqueci de deixar meu número de telefone. Tive que ligar de novo e deixar uma segunda mensagem. Uma boa noite de sono estava se tornando uma necessidade de saúde para mim.

Eu pretendia contar a John sobre meu novo plano durante o jantar. Annie não tinha se mostrado uma ouvinte muito animada, mas imaginei que ele fosse me apoiar. Uma vez, ele acompanhou toda a minha jornada quando usei correspondências antigas de mala direta para tentar descobrir quem tinha morado no meu apartamento antes de mim. A resposta era uma dentista da região com um consultório bem-sucedido que agora frequentávamos para fazer nossas limpezas! *Podia ser simples assim!*, raciocinei comigo mesma enquanto dirigia para casa. Mas John entrou no antigo apartamento da Dra. Rachel Fine naquela noite com seu próprio plano.

– A gente não tem nada pra hoje à noite, né? – perguntou ele, me dando um

beijo rápido antes de correr para o quarto.

– Não. Eu tava pensando que a gente podia pedir um lámen e conversar sobre algumas coisas – falei.

– Hum, eu tava pensando que a gente podia ir ver um local pro casamento – disse ele, do outro cômodo.

– Desculpa, o quê?

A cabeça de John reapareceu no corredor, com um sorriso orgulhoso estampado no rosto. Eu, por outro lado, estava com os lábios franzidos e tensos.

– Confia em mim – disse ele. – Você vai adorar a surpresa.

– A gente acabou de noivar. Não seria melhor conversar sobre o que *a gente* quer antes de marcar visitas aos locais?

– Vai ser rápido – garantiu John. – E divertido, não importa o que aconteça.

Os olhos dele sempre o entregavam, e, naquele momento, eles estavam arregalados de entusiasmo. O que quer que ele tivesse planejado o havia transformado em um menininho na manhã de Natal. Ou talvez no pai com o presente certo debaixo da árvore.

– Tá bom – concordei, deixando de lado o resto dos argumentos que eu estava formulando na cabeça.



É claro que tivemos bastante tempo durante a viagem de carro até o local misterioso em que eu poderia ter confessado a verdade sobre a mensagem para a joalheria, mas a vibe – ou talvez apenas a *minha* vibe – não estava boa. Em vez disso, contei a John sobre minha possível promoção.

– Que incrível, Shea – comentou ele, animado. – Você tem muito do que se orgulhar. E a gente precisa começar a ver um apartamento pra comprar...

Ele não concluiu sua fala, sabendo que era um assunto delicado. *Será que foi por isso que a notícia do Jack sobre a vaga me provocou uma sensação estranha?*, eu me perguntei. *Porque eu sabia que o John ia se precipitar?* John não era o tipo de pessoa que se preocupava com dinheiro. Tinha crescido com bastante conforto e seus pais nunca falavam sobre suas finanças. Por outro lado, meu pai contava a verba semanal da minha mãe na mesa do café da manhã e depois conferia os gastos durante o jantar. Eu levei uma eternidade para contar a John quanto ganhava. E disse a ele que achava que todas as pessoas casadas deveriam

ter contas-correntes separadas. Será que eu estava ansiosa sobre o fato de integrar nossas vidas só nesse sentido?

– Só não quero ficar estressada com dinheiro, já que vamos economizar pro casamento – argumentei.

John fez que sim com a cabeça; tinha algo que ele não estava dizendo. Lancei-lhe um olhar que o fez perceber que eu sabia disso.

– Acho que meus pais querem pagar pelo casamento – confessou ele. – O casamento inteiro.

Kay e Bob Jacobs eram pessoas incrivelmente generosas, mas eu podia imaginar que a conversa deles com John teria se desenrolado mais ou menos assim: *Gostaríamos de pagar pelo seu casamento. Agora, por favor, planeje tudo, e depressa.* Eles o vinham pressionando pelo noivado havia pelo menos um ano. Kay vivia mencionando, como quem não queria nada, o fato de que ela e Bob tinham ficado noivos depois de nove meses e ainda eram muito felizes juntos. Mas essa era uma notícia boa. Um presente enorme e uma ajuda para o nosso futuro. *Então por que minha boca está estranhamente seca?*

– O que exatamente seus pais disseram? – perguntei, mas foi bem na hora em que John entrou no estacionamento do que era ou o local do casamento ou uma pegadinha muito maldosa. – A gente chegou? Seu lugar surpresa é o Hollywood Bowl!?

Minha voz saiu estridente.

– É – afirmou John enquanto estacionávamos bem ao lado do famoso letreiro de mais de três metros. – O mundialmente famoso Hollywood Bowl, lar de décadas de história da música de Los Angeles e um pouco da nossa.

– As pessoas podem se casar aqui?

Eu ainda estava incrédula.

– Podem, se forem colegas da esposa do político que representa este distrito. Mas é só a cerimônia, e nunca se tiver um show programado naquela noite.

Estendi a mão para o outro lado do carro e apertei a de John com tanta força que deixei uma marca.

Ele me levou ao Bowl no nosso terceiro encontro, em uma noite quente de agosto com uma brisa suficiente para dar uma soprada sexy na minha franjinha nova. Havíamos compartilhado nosso amor mútuo pelo famoso anfiteatro no primeiro encontro, ambos concordando que era um dos únicos pontos turísticos da cidade que realmente pertencia a nós, moradores locais. O show daquela noite era de Tom Petty and the Heartbreakers, outra paixão em comum. O cheiro das tábuas de frios se espalhava pela arquibancada, e o famoso palco em formato de

meia-lua estava iluminado com um tom azul-claro que vibrava contra o fundo argiloso do cânion. Naquela noite, o Bowl se tornou um dos nossos lugares especiais. E, como todos os seus maiores fãs, nós dois sabíamos que ele era tecnicamente um parque do Condado de Los Angeles, o que significava que todo o local ficava aberto para piqueniques à tarde, o lugar mais econômico para encontros com uma vista de altíssimo nível.

– Você tinha imaginado algo assim quando pensou no dia do nosso casamento? – perguntou John, desfrutando da brisa morna três anos depois.

– Sinceramente, não – respondi enquanto subíamos a colina em direção à entrada.

– Bem, no que você tava pensando?

Senti minhas pernas pararem de se mover, então algo perturbador me ocorreu: eu nunca tinha imaginado o local do nosso casamento, ou de qualquer casamento. Eu já havia sonhado com nossa lua de mel muitas vezes – duas semanas atravessando a Itália da ponta do salto aos cadarços lá de cima. Também tinha visualizado o imóvel que compraríamos quando finalmente pudéssemos bancar a entrada – uma casa clássica em estilo American Craftsman com uma grande varanda na frente e uma porta de madeira antiga que eu pintaria de amarelo. Mas eu não tinha imaginado como, onde ou com quem o dia do meu casamento se desenrolaria. *Nem uma vez sequer?* Vasculhei a cabeça em busca de algum sonho de infância, mas só achei imagens de filmes e casamentos de amigas. *Minha avó tinha uma loja de vestidos de noiva! Como é que eu nunca pensei em ser a noiva?*

– Estou pensando que isso seria muito especial – falei por fim, o que era verdade, mas não respondia exatamente à pergunta.

Acabou que John e eu compramos lámen no caminho para casa naquela noite, mas não mencionei meu novo plano da busca pela dona do anel. Outra conversa sobre o casamento parecia demais para aquela noite. Parte de mim chegou a cogitar se não seria melhor não receber qualquer resposta da Colecionadores de Antiguidades de Hudson.

No dia seguinte, deixei meu celular carregando na mesa do escritório enquanto pulava de reunião em reunião. *É melhor não me distrair com isso*, pensei. Quando voltei no final do dia, vi três mensagens de John e uma chamada perdida de um número do interior do estado de Nova York.

OITO



De acordo com Simone, neta do homem que vendera o anel usado para John e totalmente da geração Z, havia mais do que uma informação qualquer sobre o meu anel: havia um bilhete escrito à mão. Ela começou a ligação contando sobre seu plano de pedir o futuro parceiro em casamento com passagens de primeira classe para Paris. Mas ouvir a ladainha valeu a pena pelos dados que ela tinha coletado: meu anel fora vendido para a loja por uma mulher chamada Carmela Costanza, que havia deixado uma mensagem *em italiano*. John já achava que sua compra estava predestinada; isso só confirmava essa ideia.

– É curta – informou Simone. – Só uma linha: *Per la prossima donna fortunata*. Joguei no Google Tradutor e vi que significa “Para a próxima mulher de sorte”.

Eu me levantei da cadeira e joguei a caneta para o alto.

– Mulher de sorte! Sim! Sorte é bom! E isso *me* torna a próxima mulher de sorte, o que é *muito* bom! Era exatamente o que eu precisava ouvir! Estava só procurando algum sinal de que o anel carregava boas vibrações, e não más, para que pudesse usar o negócio em paz. E aí está.

Senti meu corpo começar a relaxar pela primeira vez em duas semanas.

– Ah, é? – disse Simone.

– Sim! É claro! Ela tá dizendo que este anel trouxe boa sorte! Tá repassando pra próxima sortuda! Euzinha! O que significa que ela não é uma mulher divorciada infeliz com uma história de amor épica e triste que encheu meu anel com todo tipo de carma matrimonial ruim. A energia *só pode* ser boa. Simone,

essa informação salva vidas! Nossa, eu queria poder agradecer a essa mulher!

Eu queria poder agradecer a essa mulher, repetiu meu cérebro. Então meu corpo me jogou de volta na cadeira como se dissesse: *Você vai querer estar sentada pra isso*. Eu tinha sem querer desencadeado um pensamento que não conseguia *despensar*.

– Eu poderia tentar encontrar Carmela... – me ouvi dizer.

– Uuuh – disse Simone. – Legal!

– Não... Espera. Não preciso fazer isso – repensei. – Seria mexer em casa de marimbondo.

– Ahn. Você quer dizer abrir uma caixa de Pandora...

– Isso, exatamente. É melhor manter fechada.

– Você diz isso porque não entende o conceito da caixa de Pandora – argumentou Simone num tom característico de quem achava que sabia tudo. – Tudo bem, noventa e nove vírgula nove por cento do mundo não entende. Felizmente, eu sou o zero vírgula um por cento que sabe do que tá falando. Tô estudando *os clássicos*.

– Maravilha. Me explica tudo.

– É uma longa história, mas o que você precisa saber é que Prometeu, o cara que acaba moldando o homem a partir do barro, irritou Zeus, rei dos deuses e do céu. Eles se resolveram na conversa, daí Zeus deu à família de Prometeu uma mulher, Pandora. Ele disse que era uma oferta de paz, mas acontece que Pandora chegou, abriu um jarro que ela levava pra todo lado e largou o negócio no chão. Sim, um *jarro*, não uma caixa. Que reviravolta! Enfim... do jarro saíram doenças, morte e toneladas de outros males não especificados. O que foi uma jogada irada por parte da Pandora, se a gente pensar que ela provavelmente tava chateada por ser um peão na treta de alguma divindade masculina. Mas, ainda assim, Zeus surtou, desceu dos céus e ordenou que Pandora fechasse o jarro *o mais rápido possível!* E ela ficou, tipo: *Essa é uma péssima ideia, porque tem mais uma coisa ali dentro, e ela é bem importante*. E ele ficou, tipo: *Besteira! Até agora só saíram coisas horríveis, e eu não confio nas mulheres*. Resumindo: Zeus venceu, o jarro foi fechado e uma última coisa permaneceu lá dentro. E adivinha que coisa é essa.

– Ah, hum, não sei. A fome? – sugeri.

Sinceramente, eu tinha perdido o fio da meada por volta do momento em que Pandora entrou na história.

– Errou. Era algo que os estudiosos dos *clássicos* agora acreditam ser a *esperança*. *Esperança!* Incrível, né?!

Respondi com honestidade:

– Não sei se entendi.

Eu consegui ouvi-la desabar de desgosto.

– A moral da história é que todo mundo que tá com medo de abrir a caixa ou o jarro tá, na verdade, fazendo uma coisa corajosa, isso se conseguir deixar o troço aberto por tempo suficiente.



Dei uma volta completa no quarteirão do prédio do meu trabalho antes de tomar a decisão de começar a procurar por Carmela. Cheguei a usar a tática de respiração em quatro etapas recomendada por Annie para reduzir a ansiedade. Nada disso funcionou, porque eu não estava nervosa: eu estava animada. *Empolgada*, até. Tinha a impressão de que algum portal tinha sido aberto pelo bilhete de Carmela. Optar por não atravessá-lo seria como negar o destino.

Comecei com uma simples busca no Google: Carmela Costanza + Hudson, Nova York, presumindo que ela morasse na cidade onde a joalheria estava localizada ou nos arredores. Apareceu uma Floricultura Costanza em Red Hook, Nova York. Era o sobrenome exato, e vi no mapa que Red Hook ficava a poucos quilômetros de Hudson. Cliquei no site da loja e descobri que era administrada por uma mulher chamada Helga, que parecia tudo menos italiana.

Próxima parada: redes sociais. Concluí que pessoas da idade de Carmela teriam perfis, mesmo que não fossem ativos. Uma busca rápida por “Carmela Costanza” em todo o estado de Nova York rendeu 89 resultados, então eu soube que o nome não era raro. Mas nenhum deles estava ligado a um lugar remotamente próximo de Hudson. Ou ela não morava mais lá, não estava nas redes ou – de repente me dei conta – estava morta.

Digitei Carmela Costanza + Obituário + Hudson, Nova York em seguida. Você quis dizer Carmela Costanza Preston + Obituário + Hudson, Nova York?, a barra de navegação me questionou. Então entrei no site e recebi uma notícia muito ruim. Não só Carmela Costanza estava morta, como seu obituário incluía um sobrenome misterioso: Preston. *Então por que ela escreveu “Costanza” no bilhete do anel?* Cliquei para ler o obituário completo. O link me levou à foto embaçada de uma mulher séria com cachos escuros usando um vestido floral de vovozinha. Ela poderia ser qualquer uma das minhas parentes. Abaixo da imagem havia uma

linha de texto muito estranha: *Carmela Costanza Preston deixa a filha amada e o marido*. Ela havia falecido apenas quatro meses antes, me deixando sem ter como perguntar por que diabos tinha vendido o anel e omitido o nome de casada.

Eu me recostei na cadeira da minha escrivaninha, absorvendo tudo que acabara de descobrir. A lógica me dizia que não se omite o sobrenome de um marido amado ao se desfazer de seu anel de noivado. *Será que Carmela nunca mudou o nome oficialmente?* Isso seria estranho para alguém da geração dela, mas não impossível. Felizmente, todos aqueles anos investigando os caras de aplicativos para potenciais encontros haviam me preparado para aquele momento. Eu poderia encontrar uma segunda fonte de informações sobre Carmela.

Depois de uma hora, três páginas de anotações e um número desconhecido de abas do navegador abertas, eu tinha um novo nome para me ajudar a juntar as peças da vida dessa estranha: *Gianna Preston Miller*, a “filha amada” do obituário de Carmela.

Melhor ainda, Gianna parecia ter postado fotos antigas da família no site ultrapassado da Sociedade Hudson Garibaldi.

Minha esperança era achar uma foto de Carmela e do Sr. Preston dela juntos para analisar se eram ou não felizes no casamento, ou se eram casados de fato. Depois de três cliques, encontrei algo ainda mais desconcertante. Na foto, uma Carmela muito feliz cortava um bolo de aniversário ao lado de um homem mais velho e de queixo quadrado. No dedo dela, havia um anel de diamante que não se parecia em *nada* com o que eu estava usando no pescoço naquele momento. *Se esse anel era o anel de noivado dela, então o meu é o quê?*

Visitei todos os sites que achei com informações sobre Gianna até finalmente encontrar um que incluía o e-mail dela. *Carmela me deixou um bilhete*, pensei. *Será que ela esperava que eu respondesse?*

Oi, Gianna, digitei. Recentemente descobri que meu noivo me pediu em casamento com o antigo anel da sua mãe. Desculpe a intromissão, mas eu adoraria saber um pouco sobre ela. Confesso que herdei da minha avó italiana uma superstição sobre relíquias de família. Talvez você se identifique com isso. Agradeço desde já por qualquer informação que se disponha a compartilhar. Um abraço, Shea Anderson

Depois de dez rascunhos, cliquei em ENVIAR, fechei meu notebook e respirei fundo pela primeira vez em horas, se não dias. Isso foi segundos antes de eu lembrar que iria para Nova York em uma semana. Eu estaria a apenas duas

horas ao sul de onde Carmela havia morrido e Gianna ainda morava. A casualidade nisso tudo me provocou arrepios. *Quem em sã consciência poderia negar essa coincidência?*, pensei enquanto saía da minha sala para mais uma caminhada vital no quarteirão.

NOVE



Minha viagem a Nova York começou com 72 horas intensas de pesquisa e exploração do festival de cinema de lá. O evento havia explodido de tamanho desde que eu morara na cidade, cinco anos antes, e algo parecia ter se perdido ao longo do caminho. Notei mais ações promocionais de grande porte – uma nova feira de rua com negócios locais e um galpão convertido em uma daquelas exposições de arte focadas em mídias sociais e dedicada a momentos famosos de filmes. Mas havia menos oportunidades de interagir com cineastas propriamente ditos, e a quantidade de filmes de fora do circuito comercial na programação tinha caído. Na verdade, uma categoria inteira de longas de baixo orçamento tinha sido substituída por programas de TV em streaming que seriam lançados em breve. Anotei tudo no meu caderno estilo *A pequena espiã*, animada para compartilhar as descobertas quando voltasse para Los Angeles.

No sábado à tarde, eu estava oficialmente de folga. Queria ir ao High Line dar uma passada no local do nosso pedido de casamento, para reviver o momento sem a descarga de estresse daquele dia, mas eu estava correndo contra o tempo. Só consegui falar com John quando já estava no trem rumo ao norte.

– Vai ficar tudo bem – disse ele sem que eu precisasse pedir.

John conseguia saber meu nível de ansiedade pela maneira como eu dizia “oi”. Desde que eu finalmente lhe contara sobre Carmela, pouco antes de reservar este mesmo trem na semana passada, sua atitude em relação a qualquer coisa relacionada ao anel vinha sendo totalmente despreocupada.

– Não precisava ter guardado o plano todo só pra você – comentara John. –

Eu teria te apoiado desde o início e não estou preocupado com nada.

– Nem mesmo com a questão do sobrenome? – eu tinha perguntado, sentindo uma pontada de irritação causada por essa indiferença.

Ou talvez fosse inveja.

– Muitas professoras na minha escola usam o sobrenome de solteira – contara ele.

Não tive coragem de dizer que aquelas professoras não eram da mesma geração da antiga dona do meu anel, ou que, até aquela manhã, eu ainda não tinha recebido um retorno de Gianna. A duas horas de tentar encontrá-la, essa era a última coisa em que eu queria pensar.

– Tá bom. Me distraia com algum drama do ensino fundamental – pedi a John enquanto, do lado de fora da janela do vagão de trem, os prédios se transformavam em casas geminadas.

– Aí é moleza – disse ele. – Acabei de receber um e-mail com o assunto “Blusas *cropped*: uma preocupação de toda a escola”.



O trem da Amtrak para Hudson era como um passeio de parque temático pelas paisagens da Nova York da década de 1920: colinas enevoadas encontravam o rio Hudson; mansões imponentes margeavam os trilhos; vilarejos que pareciam pintados à mão com ruas ladeadas por lanternas surgiam logo após cada estação. Por mais que eu lutasse contra a sensação, tudo fazia com que eu me lembrasse do meu pai.

Passei os primeiros quinze anos de vida implorando para que ele me levasse na versão californiana dessa rota. Quase toda semana ele pegava o trem Coast Starlight da nossa casa em Santa Bárbara até Los Angeles de segunda a quinta-feira. Isso fazia com que minha mãe fosse mãe solo durante 75% do tempo, mas nos proporcionava um estilo de vida muito mais próspero do que o que ela tivera sob o teto da *nonna* e do meu avô em El Segundo. Annie e eu estudávamos em uma escola particular em Montecito, na mesma rua da mansão da Oprah. Eu sabia que éramos ricos. Sabia que era porque meu pai trabalhava para os maiores importadores de uísque japonês nos Estados Unidos. Mas não fazia ideia de que ele esteve na corda bamba durante a maior parte da carreira, que minha mãe, de alguma forma, conseguia fazer o trabalho dele quando estava bêbado demais

para dar conta sozinho, e que a maior parte do nosso “dinheiro” vinha de cartões de crédito. Só que, em determinado momento, fiquei grandinha o bastante para perceber que meu pai não podia ficar desmaiado no sofá três dias por semana e estar trabalhando no seu emprego importante em Los Angeles nesses mesmos dias. Ironicamente, foi aí que as coisas entre mim e minha mãe ficaram feias. Eu descontei toda a minha raiva dele nela. Ela não merecia isso.

O som da buzina do trem me puxou de volta ao presente. Concentrei o olhar no rio Hudson, cada vez mais largo, cintilando do lado de fora da janela. Estava tomado por barcos cheios de gente aproveitando o restinho do verão. Aquele não era o Coast Starlight. Nem meu pai nem minha mãe estavam ali. *E não ajuda em nada trazer o passado deles para o meu futuro*, pensei, e me levantei para distrair a cabeça no vagão-restaurante.

DEZ



Quando cheguei ao “interior”, era uma daquelas tardes abafadas de fim de verão – do tipo que acrescentava uma camada de frizz de um centímetro e meio ao meu cabelo e dava à minha pele a sensação de que eu tinha acabado de sair do banho. Mesmo assim, me deu vontade de caminhar. Eu queria me colocar no lugar de Carmela, passeando por aquelas ruas. Será que ela tinha vindo jantar aqui com o marido? Ou se aventurado sozinha para comprar antiguidades e desfrutar de um almoço tranquilo? Será que tinha sido uma garota urbana antes? Ou a família do Sr. Preston era daqui e os incentivou a morar por perto?

Meu corpo inteiro reluzia quando cheguei às portas ladeadas por leões da Warren House, lugar que teria sido um excelente cenário para uma refilmagem de *Os sete suspeitos*. Usei a aldrava em forma de serpente para anunciar minha chegada e, em seguida, ouvi um grito digno de um assassinato de verdade:

– Wen-deeeeeellll!

As portas duplas se abriram. Lá dentro, estava uma senhorinha minúscula de cabelo roxo, com uma jaqueta de veludo roxo, segurando um cachorro com uma gravata-borboleta xadrez roxo.

– Você deve ser a Shea! – gritou ela. – Eu sou a Winnie! Este é o Wally! O Wendell está em *algum lugar*... Deixa eu te mostrar o seu quarto, aí depois a gente pode tomar um café e conversar sobre toda essa situação do *anel*. A Simone deixou a cidade inteira a par do assunto! Muitas ideias! Muitas suspeitas! Aliás, Wally, mostre o quarto da Shea! Vai, vai, anda, anda! Eu vou preparar o café.

E, com isso, um cachorro de quatro quilos me conduziu por uma escada enorme, revestida de carpete roxo, até o meu quarto de paredes roxas.



– Então, há quanto tempo vocês dois moram aqui? – perguntei enquanto Winnie despejava o que parecia ser piche preto na minha xícara de chá decorada com violetas.

Wendell tinha finalmente se juntado a nós – um yin desleixado para o yang elegante da esposa. Já estávamos reunidos havia vários minutos, mas eu não tinha certeza se ele já abrira a boca.

– Moramos cinco anos na primeira vez, e vinte e cinco até agora na segunda – respondeu Winnie por ambos.

– Onde estiveram nesse intervalo? – indaguei.

– Bem, o Wendell foi pro Novo México trabalhar em sabe-se lá o quê... ainda é confidencial. E eu fui pra Acadia, no estado do Maine, pra abrir uma pousada com a minha irmã.

– Ah. Vocês ficaram em lugares separados?

– Sim. Divorciados. E nós dois casados com outras pessoas.

Wendell ainda não havia reagido a nenhuma dessas informações. Talvez estivesse dormindo.

– E agora vocês dois estão...?

– Casados de novo! Um com o outro. Só pra deixar claro.

– *Uau!* – falei. – Aliás, se não se importa que eu pergunte, *como e por quê?*

Winnie adicionou uma colher de sopa de açúcar ao seu café, depois ao meu. Isso explicava sua energia.

– Bem, na primeira vez estava tudo ótimo no começo, depois não mais. Acho que a gente era jovem demais. Mas não ficou nenhum rancor. A gente manteve contato e acabou sentindo saudade um do outro. E, na segunda vez, a gente era quem precisava ter sido para fazer dar certo da primeira vez, então deu certo. Até agora! Né, Wen?

Wendell deu de ombros.

– Isso é... uau – repeti.

O que eu acharia do carma de um anel se ele carregasse a história do Wendell e da Winnie?

– Mas aqui está a informação que te interessa – disse Winnie, continuando como um rolo compressor. – Eu insisti num anel novo para a segunda tentativa. Um novo pedido. Um novo casamento. Um anel novo! – Ela apontou para um aro largo de ouro em seu dedo anelar esquerdo com uma fileira de ametistas incrustadas (é claro), depois olhou para o diamante pendurado em volta do meu pescoço. – Inteligente da sua parte mantê-lo aí até você destrinchar completamente. A história, não o diamante! Diamantes são muito resistentes.

Mas isso é mais a área do Wendell do que a minha. Enfim. Você tem o nosso apoio, não importa o que aconteça! Não é, Wen?

Então, *finalmente*, Wendell abriu a boca para nos agradecer com quatro palavras que compensaram todo o seu silêncio.

- O metal conduz energia – resmungou ele.
- Exatamente! – concordou Winnie. – Sabe, uma vez eu estava usando um...
- Espera. O que o senhor disse? – perguntei, virando-me para Wendell.
- O metal conduz energia – repetiu ele. – E seu anel é de metal.
- Se importa de me dar uma aula mais detalhada sobre isso?

Aparentemente, *aula* era a palavra mágica. Wendell começou a falar feito uma página da Wikipédia ganhando vida – mas sem muita ênfase em *vida*.

– Sob um campo elétrico, elétrons livres se movem através do metal como bolas de bilhar batendo umas nas outras. Eles transmitem uma carga elétrica à medida que se movem. A transferência de energia é mais forte quando existe pouca resistência. Os condutores de eletricidade mais eficazes são os metais que possuem um único elétron de valência livre para se mover. É o caso da maioria dos metais condutores, por exemplo, prata, cobre e ouro, como seu anel.

– E o que exatamente está sendo conduzido? – perguntei, torcendo para ter entendido tudo.

- Energia, querida – interveio Winnie.

Tive a impressão de que ela estava preocupada que a pilha do marido acabasse com toda aquela conversa.

- Certo, mas o que exatamente é *energia*?

Direcionei minha pergunta a Wendell. Para mim, ia ter valido a pena se minhas perguntas o cansassem tanto que ele acabasse dormindo por uma semana inteira depois disso.

– Energia? – repetiu ele, animado pela primeira vez desde que nos sentamos.
– É do que somos feitos... quem somos. É tudo. E o metal a retém, até passá-la adiante.

A postura curvada e os lábios cerrados de Wendell diziam: *É tudo muito simples*. Mas, para mim, foi uma confirmação avassaladora daquilo em que sempre acreditei. A primeira informação verdadeiramente assertiva que ouvi em décadas carregando comigo a advertência da *nonna*. E era ciência! Fatos! Meus favoritos.

– Agradeço demais a vocês dois – falei antes que Winnie servisse mais uma xícara de piche. – Mas preciso encontrar a Simone.

- Certo! Duas horas na Torrefadora Hudson! – A fofqueira da cidade sabia

mesmo de tudo. – Tem uma bicicleta no bicicletário lá na frente pra você usar. A roxa!

Eu me sentia leve após a aula encorajadora de Wendell. Tanto que decidi verificar meu celular mais uma vez para ver se havia alguma resposta de Gianna. Minha pulsação acelerou quando abri o aplicativo de e-mail: bem no topo, estava o ícone para uma nova mensagem. Ao lado, estava o nome de Gianna.

Oi, Shea. Parabéns pelo noivado. Infelizmente, não vou conseguir te ajudar. Este não é o anel que meu pai deu para minha mãe. Aliás, minha mãe jamais me contou quem deu o anel a ela. Foi um segredo que preferiu guardar por toda a eternidade. Por mais difícil que tenha sido para mim viver sem saber, acredito que devo honrar a vontade dela agora que ela se foi. Peço desculpas, mas te desejo sorte.

– Gianna Preston Miller

ONZE



Eu deveria ter dispensado a “bicicleta” de Wendell e Winnie no momento em que a encontrei encostada em um trecho enferrujado da cerca. Já estava me sentindo derrotada depois de ler a mensagem de Gianna. Pedalar um quilômetro e meio por calçadas rachadas em um pedaço roxo de metal não ajudou. Em cinco minutos, um rangido metálico saía das rodas e um gemido de frustração saía do meu corpo.

– Tem algo errado com a sua bicicleta – ouvi uma voz dizer atrás de mim.

– Jura? – rebati.

Eu teria me voltado para ele e revirado os olhos, mas estava com medo de cair de cara no chão.

– É a corrente.

A voz do entendido em bicicletas era masculina e grave, tipo a do ator Adam Driver. Em condições normais, eu a teria achado atraente. No momento, eu queria jogar algo na direção dela.

– Tem alguma coisa que eu possa fazer sobre isso sem cair desta lata-velha? – gritei.

– Não – foi a resposta monossilábica.

Com isso, eu me virei para retrucar e, *obviamente*, caí.

– Eita... imaginei que isso fosse acontecer. Você tá bem? – perguntou o homem que não era Adam Driver enquanto pedalava na minha direção.

Ele tinha mais ou menos a minha idade e era meio largado, mas ainda assim tinha uma beleza inquestionável – o tipo de cara que eu teria azarado no

barzinho nos meus tempos de solteira. Precisei mandar meus olhos pararem de fazer o que sempre faziam por hábito.

– Tô – respondi, enquanto me colocava de pé.

Ele fez um esforço tardio para ajudar, agarrando meu braço desajeitadamente para me erguer da calçada. Meu corpo se agitou com o toque quente, outro reflexo habitual.

– Por que tá andando nessa coisa? – perguntou o estranho.

– Me emprestaram na pousada ali na rua.

Se ele não ia se apresentar, eu também não ia.

– Acho que te vi na estação de trem mais cedo – comentou ele com um sorriso tímido. – Se soubesse que você tava indo pra *Grey Gardens*, eu teria te avisado sobre a bicicleta... e sobre o café da Winnie.

Então ele era da região?

– Hum, acha que a Winnie é a Edie Mãe e o Wendell é a filha?

Eu me arrependi na mesma hora de estar encorajando o sujeito, mas a referência a *Grey Gardens* foi simplesmente perfeita.

– Não, é óbvio que a Winnie é a Edie Mãe e o cachorro é a filha – contestou ele.

Ri alto, mas logo me arrependi disso também. Aquele homem parecia o tipo que via arrancar risadas das mulheres como um desafio.

– Então, pode me ajudar a consertar esse problema com a corrente? – perguntei.

– Não. Foi mal. Essa coisa não tem mais conserto.

Então ele voltou para a própria bicicleta e começou a pedalar. Isso fez minhas orelhas esquentarem, mas eu contive minha reação, imaginando que era exatamente o que ele queria.

– Legal! Acho que vou andando, então – falei.

– Divirta-se! – gritou ele de volta, a metros de distância. – O dia tá lindo!

Com isso, ele me cumprimentou com um chapéu invisível da maneira mais irritante possível e saiu em disparada. *Cantarolando* com a boca fechada.

Passei os próximos vinte minutos me arrastando até a cafeteria, tentando imaginar como Nora Ephron teria reescrito aquela cena para me dar a última réplica perfeita.

DOZE



Simone era exatamente como eu tinha imaginado ao telefone, o estereótipo perfeito de uma artista interiorana: cabelo preto curto e chique, pele viçosa sem um pinga de maquiagem, vestida com um macacão de linho – *obviamente* – preto. Fiquei tão intimidada por ela que omiti a informação decepcionante sobre Gianna.

– Então... Lembra que mencionei meu primo Graham? Aquele que me ajudou a organizar os arquivos do vô na joalheria?

– Não – respondi.

– Ah. Bom. Eu tenho um primo, Graham, que escreve artigos. Ele já foi publicado em tudo quanto é lugar, inclusive na *The New Yorker* – contou ela, com um carinho inegável. – Ele vem do Brooklyn pra cá passar os fins de semana e ficou superinteressado na sua história quando contei, então fez algumas coisas pra te dar uma força.

O tom de Simone tinha mudado de “descolada demais” para “irmã caçula culpada”. Eu sabia muito bem como era isso.

– Que tipo de coisas? – indaguei.

– Hã... ele mesmo vai poder explicar... porque tá vindo encontrar a gente. Vou logo avisando: ele é meio... intenso.

– Espera aí. Simone, antes que ele chegue, tem uma coisa que eu preciso muito te contar sobre a Gianna... – comecei, mas então uma figura muito familiar se aproximou da nossa mesa.

– Você? – perguntei, subitamente tensa.

– Você – respondeu ele, como se soubesse o tempo todo.
– O que que tá rolando? – quis saber Simone.
– A gente já se conheceu. Mais ou menos. Seu primo parou pra me avisar que minha bicicleta estava quebrada e depois vazou.

– Esperava que eu carregasse você e ela na minha bike? – A pergunta era retórica, e ele a fez enquanto puxava uma terceira cadeira para a nossa mesa de duas cadeiras. Ele pegou um pedaço do croissant de Simone, depois jogou a bomba: – Enfim, encontrei a Gianna Preston.

– Eu disse que ele era bom – declarou Simone.

Graham sacou um bloquinho de anotações esfarrapado coberto de hieróglifos enquanto eu tentava decidir se estava furiosa ou animada.

– O endereço é Outlook Lane, número 51, Red Hook, Nova York. Ela é professora de italiano numa escola de ensino médio de lá. Tem uma aula de reforço com um aluno depois do último período hoje, mas deve estar em casa depois das quatro, então é nessa hora que a gente vai.

– Epa. *Calma aí. A gente* não vai a lugar nenhum – falei. – Pelo menos não até eu saber como você descobriu isso.

Graham terminou o croissant de Simone e explicou:

– Conheço um cara no Arquivo Público. E um cara no conselho escolar. E um professor na escola. Não posso compartilhar o nome das fontes, obviamente.

Eu teria odiado esse homem se não estivesse tão impressionada.

– Isso é incrível! – exclamou Simone. – Vocês dois podem ir falar com a Gianna sobre o anel. Eu iria junto, mas as pessoas me dizem que provoco reações extremas.

O momento de revelar que eu já havia “falado” com Gianna estava agora ainda mais longe do ideal.

– Recebi um retorno dela hoje de manhã – confessei. – Ela não quer conversar sobre o anel, então esse lance todo já era.

O semblante de Simone murchou. As orelhas de Graham se levantaram.

– Leia a mensagem pra mim – mandou ele.

– Acabei de contar o que ela disse – respondi.

– Não, você contou o que *você* disse que ela disse. Quero ler o que a *Gianna* disse.

Graham não parecia ser do tipo que desistia. Abri a mensagem e entreguei meu celular.

– Não diz “Caia fora”. Não diz “Eu nunca vou falar sobre isso”. Você ainda tem todo o direito de aparecer na porta dela. Qualquer bom jornalista faria isso –

declarou ele. – No jornalismo...

– Eu sei como funciona investigação de porta em porta – falei. – Eu vi *Spotlight*. Mas não quero invadir a privacidade dela. É falta de educação.

– Escuta – continuou ele –, faça o que quiser, mas tenho certeza de que a gente consegue fazer essa mulher falar.

– O que você ganha com isso? – finalmente me ocorreu perguntar.

Graham não titubeou.

– Um ótimo artigo, espero eu.

– Eu falei pra não contar isso pra ela... – sussurrou Simone.

Eu ia lançar a ela um olhar mortal de irmã mais velha, mas me distraí observando Graham acrescentar mais hieróglifos ao seu bloquinho. *Ele tá escrevendo alguma coisa sobre mim?*

– Veja bem – começou Graham. – Acabei de terminar uma matéria de viagem para a revista *The Atlantic*. – A ênfase dele fez minha pele formigar. – Mas quero voltar às histórias pessoais, e acho que você tem uma muito boa.

– Então você tá me usando e usando minha história – afirmei.

– Enquanto você me usa e usa meus mais de dez anos de experiência em jornalismo – rebateu ele.

Tomei um gole de café, protelando. Então olhei para Graham, tentando sacar se ele ia me ajudar ou me prejudicar. Nos olhos dele, vi uma empolgação que reconheci imediatamente: a *minha*. De fato, Graham foi a primeira pessoa que pareceu tão determinada quanto eu a solucionar esse mistério. E eu não estava em posição de recusar ajuda.



Do banco da frente do Volvo maltratado que pegamos emprestado de Simone, eu assisti, com o coração acelerado, Graham cumprir sua promessa. Seu plano tinha sido bancar o bode expiatório diante de Gianna. Ele ia pedir desculpas por me colocar nessa situação constrangedora e depois implorar pela misericórdia e compreensão dela. A cinco metros de distância, eu conseguia literalmente sentir o carisma exalando do corpo dele. Mas sua oponente não parecia a fim de entregar o jogo. Gianna era alta, obviamente graças ao lado Preston de sua ascendência. Eu me lembrei de uma foto do marido de Carmela se erguendo imponente sobre a estrutura franzina da esposa em uma das fotos que encontrei

na internet. Mas ela tinha as mesmas cores da mãe: o cabelo pretíssimo que absorvia cada raio de luz e a pele radiante. Também tinha os olhos penetrantes de Carmela. Naquele momento, eles ainda estavam fuzilando Graham, mas pude observá-los se suavizarem aos poucos enquanto ele defendia seu argumento na porta dela. Cinco minutos depois, lá vinha ele correndo de volta para o carro.

– Pronto. Pode ir lá – disse ele, enquanto se sentava no banco do motorista. – Vai arrancar mais informações dela sozinha. Além disso, preciso me mandar. Ligue pra Winnie e peça que alguém venha te buscar quando você terminar. E me mande um e-mail pra contar como foi.

Então ele tirou um pedaço de papel rasgado do bolso da frente da camisa. A coisa toda pareceu um tipo de truque de mágica estranho.

– Nossa. Tá legal. Como você... – comecei, mas a cara presunçosa de Graham respondeu à pergunta e me fez questionar se eu deveria, de fato, mandar um e-mail para ele.

Cinco minutos depois, eu estava sentada à mesa da cozinha com Gianna, ou Gia, como ela sugeriu que eu a chamasse – seria um bom sinal? A velha e aconchegante casa de campo estava repleta de fotos emolduradas de paisagens da Toscana e de peças daquela cerâmica famosa de Amalfi pintada com limões-sicilianos. Eu conhecia as duas coisas porque a casa de todos os meus primos por parte de mãe era igual. Isso me acalmou, o que foi bom, já que o rosto inexpressivo de Gia não estava colaborando.

– De que lugar da Itália é sua família? – perguntou ela enquanto nos servia um café de uma cafeteira italiana Bialetti antiga.

Era minha quarta xícara do dia, mas, por incrível que pareça, a cafeína estava aliviando um pouco minha ansiedade.

– Da Campânia – respondi. – Salerno, especificamente. E a sua?

– Da região ao norte de Florença. Já esteve lá?

– Anos atrás. E você?

– Nós vamos todo ano, mas não para a cidade natal da minha mãe. – *Isso é mau sinal*, pensei, desejando de repente que Graham estivesse ali para tomar nota. – Desculpe ter sido breve na minha mensagem – pediu Gia, se acomodando na cadeira da cozinha ao meu lado. – Ainda mais porque entendo o que você está fazendo. Nós, italianos, deixamos nossas superstições nos dominarem. Minha mãe insistiu que eu desistisse de uma casa linda que meu marido e eu encontramos porque o corretor abriu um guarda-chuva dentro dela durante a visita.

– Foi exatamente por isso que você a levou pra ver a casa, né?

– Com certeza – admitiu Gia, com o primeiro sorriso verdadeiro que eu tinha visto até aquele momento.

– Acha que foi por isso que sua mãe deixou o bilhete com o anel, pra começo de conversa?

– Sim. E acho que ela adoraria que uma mulher igualmente supersticiosa ficasse com ele.

Senti meu rosto exibir um sorriso, então todo o meu corpo relaxou. *Será que eu estava destinada a vir aqui?*

Gia passou os minutos seguintes me contando mais sobre Carmela Costanza Preston. Ela tinha um dom para cuidar de plantas e um temperamento explosivo, principalmente quando se tratava de defender sua única e amada filha. Preparava três refeições quentes para a família todos os dias, mas nunca, jamais, seguiu uma receita. E, pelo que Gia sabia, ela foi feliz casada com o mesmo homem até o dia em que morreu. Não foi surpresa nenhuma que ele tivesse falecido de coração partido dois meses depois. Carmela parecia alguém que eu teria amado. Mas tudo isso também me fez sentir uma ligação profunda com Gia.

– Sabe, eu também perdi minha mãe – confessei. – E ela levou alguns mistérios consigo.

A estranha conexão tocou fundo no meu coração. Gia assentiu, depois seus olhos se voltaram para o anel pendurado no meu colar. *O anel da mãe dela.* Então eles encontraram os meus e ela assentiu outra vez, aparentemente preparada para falar.

– Eu achei o anel numa caixa bem no fundo da gaveta de cima da cômoda da minha mãe. Devia ter uns 10 anos. Criança demais para saber que não devia perguntar à minha mãe sobre o lindo anel de noivado que ela escondia, mas grandinha o bastante para saber que ela mentiu quando disse que pertencia a uma *zia* lá da Itália. No dia do meu casamento, finalmente consegui extrair dela as poucas informações que tenho. Acho que minha mãe estava sentimental em relação ao passado. Existiu um homem antes do meu pai. Eles se conheceram quando ela era bem jovem, ainda na Itália. Ou ele a pediu em casamento com o anel ou simplesmente lhe deu, não tenho certeza. Tudo que ela disse foi que ele foi seu primeiro amor e o motivo de ela ter saído de casa.

– Mas não o homem com quem ela se casou... – comentei, agora empoleirada na beirada da cadeira.

Gia estava bem recostada no próprio assento, como se estivesse se mantendo um pouco distante de tudo aquilo.

– Eu sei. É um ponto de interrogação gigante sobre a pessoa que eu

acreditava conhecer melhor do que ninguém. E imagino que tenha algo a ver com o motivo que fez minha mãe se afastar dos familiares.

– Acha que ela ia querer que você se aproximasse deles? Ainda mais agora que ela se foi? – indaguei.

– Não sei, mas eu adoraria ter contato com eles. Ela tinha uma irmã, minha *zia* Maria. Penso muito nela desde que minha mãe morreu. Sinto que ela mereceria saber da partida da irmã, se ainda estiver viva.

– Tenho certeza que podemos descobrir – declarei, de repente. Nunca fui do tipo que se joga sem pensar, mas um plano estava se formando tão rápido na minha mente que nem tive tempo de questionar sua sanidade. – E se eu entrar em contato com sua tia, como entrei em contato com você? Eu seria uma mulher curiosa, que acabou de ficar noiva e fez algumas pesquisas. Nem precisaríamos contar a ela que nos conhecemos, se você acha que isso iria desencorajar sua tia.

– Bom, de algum jeito você conseguiu que *eu* falasse... – disse Gia, nitidamente com a cabeça a mil.

– Talvez ela se mostre disposta a isso, especialmente pra honrar uma superstição italiana sagrada – sugeri.

Gia dirigiu seu olhar da cozinha para a sala de estar, onde vi, pendurada acima da lareira de tijolos vermelhos, uma pintura do que poderiam ser as colinas da cidade onde sua mãe fora criada.

– Quais as chances de tudo isso...? – disse ela para si mesma, com uma expressão de fascínio e curiosidade se espalhando pelo rosto.

TREZE



– Isso é tão sério assim pra você? – perguntou John. – Você pegaria um avião para o outro lado do mundo pra talvez encontrar uma completa desconhecida por causa dessa superstição?

Essas perguntas deixavam bem clara sua opinião sobre o assunto. Seu tom também.

Estávamos subindo a trilha do parque Ernest E. Debs na segunda-feira de manhã, depois que voltei de viagem. A caminhada era nosso ritual matinal de domingo – nossa “missa” –, mas tínhamos acordado mais cedo para encaixá-la antes do dia de trabalho. Achei que seria a oportunidade perfeita para conversarmos sobre tudo que eu havia descoberto. Acabei me dando conta de que conversas importantes deveriam ser travadas em superfícies planas.

Uma das primeiras coisas que me fizeram perceber quanto eu amava John foi o fato de não conseguir me imaginar escondendo coisas dele. Qualquer confissão ou comentário, desde “Comi o resto da lasanha!” até “Detesto como o seu amigo Jim fala com você”, sempre saiu dos meus lábios sem que eu me preocupasse com o impacto da revelação. Só que essa sinceridade, na qual eu tanto me apoiava, andava meio torta desde que ficáramos noivos. Eu não tinha sido franca com John sobre minha preocupação com o poder de decisão que os pais poderiam exigir se pagassem por todo o evento. E eu ainda não havia compartilhado nenhum detalhe do meu pesadelo na loja de noivas. Responder à pergunta em questão com toda a sinceridade parecia um teste para mim mesma.

– Sim – falei. – Minha superstição é séria nesse nível. Sempre foi. É uma parte

importante desse próximo passo que estamos dando juntos, John, e eu realmente espero que você entenda isso.

John diminuiu a velocidade para subir um trecho íngreme da trilha. Observei seus lábios se contraírem, como sempre acontecia quando ele se deparava com uma questão mais complexa. *No que ele está pensando?*

Contornamos a curva em frente ao grande mirante do centro de Los Angeles com nada entre nós além do som da nossa respiração ofegante. John foi o primeiro a se jogar no banco de madeira à beira do penhasco – aquele com os nomes de todos os casais gravados, inclusive o nosso.

– Eu não tinha tocado nesse assunto porque não queria ter que chegar a esse ponto – começou ele. – Mas você precisar de todas essas provas de que o anel é seguro para achar que nós estamos seguros... Já passei por isso antes... você sabe.

Eu sabia, e o fato de não ter juntado as peças até então fez com que a culpa pesasse sobre mim.

– Carrie – falei.

– Sim. Sei que não é a mesma coisa, mas...

Seu silêncio me revelou que, de muitas maneiras, era.

John e sua ex Carrie namoraram por quase quatro anos. Eles terminaram porque ela sentiu que estavam tomando rumos opostos. Ela queria tentar morar no exterior; ele queria ser efetivado no distrito escolar em que trabalhava. John me contou que a pior parte do rompimento foi se sentir muito idiota por não ter percebido os sinais até que fosse tarde demais. Mas, pelo que eu tinha escutado ao longo dos anos, Carrie tinha ocultado os sinais. Era exatamente essa história que eu tentava não repetir.

– Desculpa – declarei.

“Eu entendo” foi o que quase saiu primeiro, mas não era verdade. John era meu primeiro relacionamento de verdade. Eu tinha tido dois namorados no ensino médio, ambos convenientemente perto da época do baile de formatura, e um daqueles clássicos amores não correspondidos de faculdade. Mas meus 20 e poucos anos foram preenchidos por aquele encanto que durava só três encontros e casinhos divertidos. Eu não sabia o que era ter o coração partido daquele jeito.

Estendi a mão pelo banco para entrelaçar meus dedos nos de John e me aproximei dele. Eu era obcecada por sinais metafóricos – pássaros voando em momentos importantes ou músicas simbólicas tocando no rádio. John precisava de provas reais, indícios com que pudesse formar um caso sólido.

– Eu quero ficar com você, John – afirmei. – Mas sinto que não consigo começar a pensar em casamento até superar todos os meus medos em relação a

esse anel. É só isso: preciso resolver essa minha superstição pra que a gente possa seguir em frente.

– Certo – disse ele. – Eu precisava ouvir isso. E, olha, eu não quero fazer pressão pra gente acelerar as coisas, mas você não tá doida pra riscar o “se casar” da lista, pra que a gente possa começar logo a próxima fase das nossas vidas?

Algo na maneira como John via a situação me incomodou. Soltei meus dedos dos dele.

– Acha que vai ser muito diferente desta fase atual? – perguntei.

– Não sei. Talvez? A gente vai estar casado. Vai comprar uma casa. E começar a realmente organizar as coisas pro nosso futuro, certo?

– Certo – respondi, mais por reflexo do que por “convicção”.

Eu nunca tinha pensado muito em como virarmos marido e mulher nos tornaria diferentes do que éramos naquele momento – em como esse passo transforma todas as pessoas. Será que alguma coisa havia mudado entre Annie e Mark, ou entre Rebecca e Teres? O que qualquer uma dessas três mulheres diria se eu perguntasse como é ser *esposa* em comparação a ser *namorada*? Como eu nunca tinha feito essa pergunta?

– Não foi minha intenção desviar do assunto – disse John, apertando minha mão. – Voltando pra Itália... Vá se precisar ir. Mas você disse que o bilhete da Carmela era algo positivo. Que você era uma mulher de sorte. Não era só isso que estava tentando descobrir?

A resposta correta era sim, mas não foi isso que saiu da minha boca enquanto eu encarava os olhos cheios de expectativa de John.

– Sinto que preciso saber mais – declarei. – E preciso que você confie em mim.

CATORZE



Eu me lembro vagamente de ter adormecido depois de beber uma xícara enorme de chá de camomila naquela noite. Mas então me vi de volta à cabine do banheiro, talvez a mesma da festa de noivado em Nova York. De repente, a porta se abriu.

– Annie? – perguntei, apertando os olhos para distinguir a silhueta indistinta de uma mulher.

– Não, Shea – respondeu a silhueta.

Minha mãe. Ou pelo menos a voz dela. Eu ainda não conseguia distinguir mais que os contornos do corpo a meio metro do meu rosto. Era como se eu estivesse olhando por uma janela coberta de terra.

– Mãe, oi! Por que eu não consigo te ver?!

Estendi a mão para tentar tocar nela, mas o espaço entre nós aumentou de repente, como se dissesse: *Não se atreva*.

– Pegue isto, Shea. Agora! – disse minha mãe, e estendeu a mão, abrindo os dedos.

De alguma forma, consegui enxergar com nitidez, só para ver que a mão dela estava vazia.

– Pegar o quê? – perguntei. – Não tem nada aí.

– Shea, pare com isso! Agora! – ordenou minha mãe. – Apenas pegue e vá embora! *POR FAVOR!*

Uma das coisas mais impressionantes sobre a minha mãe é que ela nunca, jamais gritava, mesmo quando o meu pai berrava na cara dela. Mesmo quando

ele tentava fazer o mesmo com Annie ou comigo. Ela mantinha a voz o mais calma e baixa possível para revidar, o que acabava sendo mais letal do que qualquer explosão. Havia algo errado. Eu me aproximei dela de novo. Sua silhueta nebulosa escapou da cabine, como fumaça saindo por uma chaminé. Empurrei a porta para segui-la. Agora estávamos no banco da trilha do Debs, mas minha mãe estava ainda mais etérea. Um fantasma.

– Eu não quero fazer pressão pra gente acelerar as coisas, mas você não quer consertar isso? – indagou ela. *Do que ela está falando? E o John não acabou de dizer isso?* Minha mãe abriu a mão outra vez, mas ainda não havia nada além de veias roxas profundas na palma. – Pegue o anel.

Eu me afastei dela, entendendo de repente o que ela estava tentando fazer.

– NÃO! – gritei.

Meu grito demorado e desesperado pairou no ar enevoado entre nós e fez minha mãe desaparecer.



Dessa vez, acordei com frio. John estava com todas as cobertas. Me sentei na cama, respirando devagar para acalmar o coração disparado. Não precisei olhar ao redor para ter certeza de que o que acabara de ver não era real. Talvez porque aquele pesadelo estivesse muito ligado a algo que acontecera de verdade.

Peguei meu roupão e saí do quarto. Não queria que John acordasse e me perguntasse o que estava acontecendo. Eu não sabia se estava pronta para tentar responder a essa pergunta nem para mim mesma.

Joguei água morna da pia da cozinha no meu rosto gelado e depois me arrastei até o sofá. Me sentei com as pernas cruzadas na parte central e comecei a fechar os olhos, como que por instinto. Eu quase sentia vontade de me transportar de volta àquele sonho – como se meu cérebro finalmente estivesse me encorajando a ir atrás de uma memória enterrada muito tempo antes, em vez de me proteger dela. Talvez ele tivesse construído todo aquele sonho como um empurrão inicial.

Voltei ao exato momento que passara anos evitando: eu e minha mãe no apartamento decadente de Redondo Beach, onde ela morou até seus dias derradeiros. Eu tinha ido para lá depois do trabalho, em um dia de semana, para um dos meus turnos de jantar e ficar para dormir. Encontrei minha mãe no

quarto dela, curvada sobre sua cômoda de vime antiga. Ela havia espalhado uma dezena de joias lá, como em um bazar de garagem. Estava lenta e quieta àquela altura. O câncer havia tomado cerca de 80% dos seus vasos sanguíneos, transformando cada pequena tarefa em um esforço descomunal. Ela se encostava no andador de metal cinza do qual precisava para andar pela casa. O moletom com estampa de arco-íris que eu havia comprado para ela na semana anterior engolia seu corpinho minguado.

– Sei que isso é um pouco estranho, mas eu queria que fosse especial – disse ela enquanto me levava para ver o que estava arrumado na cômoda. – E eu, você e Annie não guardamos segredos uma da outra, mas isto aqui é só *entre nós*, tá? Vou dar a Annie seu próprio conjunto de peças especiais, cada uma com a própria história.

Minha mãe adorava cerimônias – marcar momentos importantes com um pouco de grandiosidade para que se tornassem ainda mais memoráveis. Ela insistira em esbanjar um chá da tarde na Casa del Mar no dia em que menstruei pela primeira vez. Quando Annie foi morar com Mark, ela lhe fez uma surpresa e encheu a sala de estar da casa nova com balões. E teve um ano em que ela aprendeu a música do casamento da *nonna* e do meu avô no piano – “As Time Goes By” –, e eu e Annie cantamos enquanto ela tocava no aniversário deles.

– Quero que você conheça as histórias destes objetos – declarou ela. – E quero que use cada um deles no maior número de aventuras que puder. Você tem a vida inteira pela frente, Shea. E fará todas as escolhas certas porque é mais corajosa do que eu.

O discurso soava empolado. Minha mãe procurava as palavras certas, tentando fazê-las ter sentido em sua mente confusa. Mas eu sabia o significado por trás delas. E, no fundo, eu dava valor ao momento que ela tentava criar para nós, mas não conseguia lidar com aquilo. Porque evidenciava que minha mãe sabia que seu tempo estava se esgotando, e eu me recusava a aceitar que isso fosse verdade.

– Mãe, não. Agora não. A gente devia estar lá fora! Na praia! Ou... aaah... a gente podia ir ao Huckleberry pedir os ovos verdes com presunto. Seu favorito!

– Ah, difícil de resistir... – comentou minha mãe. – Só me deixe compartilhar umas coisas com você sobre algumas destas peças, pra que depois que eu mo...

– Depois, mãe! Eu juro! É só que esse é o período mais agradável do dia, e o Dr. Charles disse que a vitamina D faz muito bem pra você agora. Vamos dar uma passada lá e depois falamos sobre suas joias.

Eu venci. Fomos ao Huckleberry. Pedimos os ovos verdes com presunto.

Minha mãe deu três garfadas e ficou cansada demais até para segurar o garfo. Minutos depois de chegarmos em casa, ela estava dormindo na cama de hospital na sala. Foi só neste momento que voltei à cômoda para examinar os itens que ela havia arrumado, curiosa demais para ignorar o que ela queria apresentar. Meus olhos pousaram em um único lampejo no meio do mostruário, e meu corpo esquentou na mesma hora. Aninhada em uma caixinha branca e quadrada estava a última coisa que eu queria ver, quanto mais herdar: o aro de ouro fino com diamante quadrado que eu passara a odiar ao longo dos anos – o anel de noivado que minha mãe recebera do meu pai.

Havíamos tido muitas discussões sobre a insistência dela em usá-lo depois que finalmente deixou meu pai. Eu não conseguia entender por que ela se apegava a um relacionamento acabado. Minha atitude adolescente fora fingir que o anel não existia. Eu evitava olhar para ele de qualquer jeito. E minha mãe sabia disso. *Por que será que ela achou que eu ia querer isso na minha vida?*, pensei naquele dia.

Meus olhos se abriram quando percebi que estava tendo exatamente o mesmo pensamento agora, mais de uma década depois. Na verdade, era ainda mais forte naquele momento, em que eu começava a imaginar meu futuro casamento. *Eu jamais usaria aquele anel. Como ela pôde?* Senti minha garganta apertar enquanto os demais detalhes daquele dia voltavam à tona antes que eu pudesse impedir.

Eu havia planejado perguntar à minha mãe o que ela estava pensando assim que ela acordasse – para dizer um firme “Não, obrigada” e depois lembrá-la de que não deveria perder um segundo sequer do seu tempo pensando naquele homem. Mas não consegui me obrigar a fazer isso quando ela acordou fraca e grogue. Duas semanas depois, ela partiu. O anel foi enterrado com ela, assim como qualquer forma de saber como ela responderia ao *por quê?* que eu nunca tive coragem de perguntar.

Lágrimas quentes escorriam pelo meu rosto. Era a primeira vez que eu me permitia sentir o arrependimento lancinante do meu erro desde o dia do enterro da minha mãe. Apertei a almofada contra o peito, tentando extrair todos os sentimentos que ainda me atormentavam. Por baixo de toda aquela dor, havia um pensamento: eu não podia voltar no tempo para aquela tarde no apartamento dela, mas talvez o anel antigo de John fosse uma maneira de corrigir um desequilíbrio cósmico. Será?

QUINZE



– Senhora, posso lhe oferecer alguma coisa? Talvez um chá quente? – perguntou a comissária de bordo, inclinando-se sobre mim com as mãos entrelaçadas, como uma professora boazinha do jardim de infância.

– Ah, desculpa. Te chamei sem querer?

Dei uma olhada rápida nos botões do meu apoio de braço.

– Não, a senhora só pareceu... bem... eu só quis conferir se está tudo bem. Nem sempre é fácil dormir, mas às vezes um chá de ervas quentinho ajuda.

Olhei ao redor e percebi que eu era a única passageira de olhos abertos no voo noturno, depois vislumbrei meu pé inquieto aparecendo no corredor.

– Sim, um chá seria ótimo, obrigada – falei.

Eu estava a caminho da Itália mais uma vez, “graças ao anel antigo”, como havia ressaltado John enquanto me levava ao Aeroporto Internacional de Los Angeles.

– Isso com certeza entra pra lista dos prós dele – complementara John.

Essa benevolência toda estava me matando, porque eu estava indo sem ele. Tínhamos cogitado esperar as próximas férias escolares de John, mas ambos concordamos que adiar aquilo em mais de dois meses deixaria minha ansiedade me dominar. Para compensar, usei minha poupança para emergências, não nossas economias compartilhadas para grandes viagens, e ficaria fora por apenas uma semana. As coisas estavam devagar o suficiente no trabalho para que eu pudesse dar uma escapadinha rápida sem muitas explicações prévias, e Jack Sachs até deu sua bênção paterna à minha missão. Embora isso possa ter

acontecido porque me referi a ela como “um assunto familiar importante”.

– A gente ainda vai voltar pra lá na nossa lua de mel, né? – perguntara John enquanto nos dirigíamos ao terminal internacional. – Eu estava pensando num repeteco da nossa primeira viagem, mas sem você planejando cada detalhezinho.

– Ei! Esse foi o preço por pegar carona nas minhas férias – eu rebatera.

– Engraçado. Eu me lembro de você, bêbada, me convidando pra viajar com você depois de três semanas de namoro – respondera ele, vencendo a discussão.

Eu sorria com a lembrança e a verdade de como as coisas aconteceram.

– Talvez seja uma boa hora pra confessar que eu não tava nem um pouco bêbada. Só não queria que você me achasse uma doida por te convidar pro outro lado do mundo depois de quatro encontros.

Faltou dizer “como um teste”.

Meu avô costumava dizer que, se o casal consegue passar duas semanas em um país estrangeiro sem grandes brigas, a relação tem futuro. Vi isso em ação quando a *nonna* teve a carteira roubada no primeiro dia da nossa viagem à terra natal. Nela estavam 300 dólares em cheques de viagem, que o meu avô insistira que ela levasse em um porta-dólar escondido sob o suéter. Ela ficou morta de vergonha, mas ele não disse “Eu te avisei” nem uma vez. Na verdade, ele esperou até que ela estivesse tirando um cochilo naquela tarde para repor o dinheiro e depois tentou convencê-la de que o havia “achado” em um banco de parque.

– É estranho que nosso avô de 70 anos seja meu modelo de homem ideal? – Eu me lembrava de ter perguntado isso a Annie naquele dia.

– Não. É um alívio, porque ele também é o meu – dissera ela.

Eu morrera de medo de testar a teoria do nosso avô no meu relacionamento recente com John, e as coisas começaram complicadas quando descobri que o sotaque italiano dele era escandaloso e *horrível*, mas ele era extremamente gentil quando o usava em *tudo quanto era lugar*. John também trouxe consigo habilidades de viagem em áreas em que eu deixava a desejar, como entender mapas do metrô e calcular a conversão da moeda. Juntos, conseguimos ticar todos os pontos do meu itinerário detalhado.

No entanto, foram as coisas que eu nunca tinha pensado em planejar que tornaram aquele tempo juntos tão especial. John achou um aplicativo de rotas a pé que nos levou a todos os lugares onde americanos famosos tinham morado em Roma. Quando eu disse que estava obcecada pelo sabonete do hotel, ele foi atrás e o encontrou em uma loja de departamentos de Florença. E elevou meu nível de restaurantes com sua obsessão por comida; John perguntava se o chef poderia compartilhar sua receita toda vez que nos apaixonávamos por um prato

específico. No momento em que voamos as treze horas e dez minutos de volta para Los Angeles, eu estava bastante convencida de que ele era o meu *par ideal*. *A Itália não vai ser a mesma sem ele*, pensei enquanto deixava o bálsamo do chá quente percorrer o meu corpo ainda inquieto.

– Se esbarrar no meu braço de novo, eu te mato – rosnou a voz ao meu lado.

E, com isso, percebi – mais uma vez – que a viagem definitivamente não seria a mesma *com Annie*.

DEZESSEIS



Eu tinha esperado que minha irmã me desse um longo sermão, tentando me convencer a não fazer aquela viagem, e por isso elaborara um argumento bem específico, pensado com esmero para que convencesse Annie, antes de compartilhar a notícia no nosso almoço bônus em dia útil. Incluía palavras como “compelida” e “predestinada”, pontos-chave de persuasão como “uma jornada única na vida” e “a *nonna* faria questão”, e respostas para as perguntas que eu sabia que ela faria, como “muitos dias de férias economizados” e “hotéis baratos”. A única coisa que omitira foram os detalhes do meu sonho mais recente e, acima de tudo, as memórias que ele inspirou. Mantive minha promessa à nossa mãe e nunca contei a Annie sobre o dia em que ela tentou me dar seu anel de noivado. Para mim, não fazia sentido tocar no assunto agora. Especialmente agora.

Annie ouvira com atenção toda a justificativa para a viagem à Itália, depois respondera como se eu tivesse acabado de contar que precisava ir ao shopping.

– Tudo bem, mas eu vou junto. – A justificativa dela fora: – Você anda fazendo muitas escolhas impulsivas nas últimas semanas. Precisa de uma acompanhante.

Eu tinha revirado os olhos no instante em que ouvi o tom de repreensão em sua voz. Mas estarmos juntas na Itália quando adolescentes tinha sido pura magia, e eu não podia discordar da ideia de contar com uma ajudinha por perto.

Por sorte, meio que tínhamos um ponto de partida. O “influente” jornalista Graham nos passara o contato de uma amiga que trabalhava para a sucursal do *The New York Times* em Roma. Ela já estava em ação tentando identificar pessoas

com o sobrenome Costanza que moravam na cidade onde Gia acreditava que sua mãe havia crescido, a pequena Borgo San Lorenzo, a apenas 22 quilômetros ao norte de Florença. Mesmo assim, as coisas certamente ficariam complicadas em um idioma que nenhuma de nós falava. Eu também ia ter que lidar com a Annie Viajante, o lado monstro da minha irmã.

Ela era muito mais caseira do que cidadã do mundo. Sua natureza calma e racional evaporava no minuto em que pisava em um aeroporto. Além disso, ela ficava *extremamente* enjoada. Mas, desde que deixamos Los Angeles, o humor de Annie estava ainda mais desagradável do que o normal.

– Se eu não comer alguma coisa assim que a gente chegar à cidade, vou desmaiar – informou ela depois de passarmos pela imigração.

– Serviram umas seis refeições pra gente no avião. Por que não comeu nada? A gente precisa ir à estação de trem reservar as passagens pra Borgo – expliquei.

– Então vai você. Vou procurar uma cafeteria e a gente se encontra no hotel.

Consegui ganhar tempo com a pizza de aeroporto mais deliciosa do mundo – o primeiro momento “só na Itália” da viagem. Depois, pegamos um táxi até a pitoresca Piazza Santo Spirito para uma refeição completa. Eu tinha feito umas pesquisas e reservado um hotel fora da rota turística tradicional.

Apesar do voo longo, da irmã mal-humorada e das circunstâncias muito estranhas da viagem, eu estava de volta à minha segunda casa. Meus pés deslizavam pelo calçamento de pedras traiçoeiro das ruas antigas como se tivessem sido criados ali. O aroma de café forte e queijo cremoso invadia meu nariz, me dando água na boca. A melodia animada da Itália ecoava por todo o lugar. Eu amava a Itália principalmente porque ela me lembrava que os seres humanos têm cinco sentidos distintos e todos eles podem ser estimulados ao mesmo tempo.

– Peça alguma coisa pra mim! – gritou Annie depois que fomos conduzidos a uma mesa com vista para a praça. – O Mark me ligou mil vezes, preciso retornar a ligação.

Devia estar havendo algum problema em casa, já que Annie toda hora saía para falar com Mark. Uma vez durante nosso prato de antepastos – *prosciutto di Parma* e *calamari alla griglia*, é claro. Uma vez durante o *primi*, que insisti que fosse *tortellini en brodo*, a coisa mais difícil de encontrar nos Estados Unidos. E duas vezes quando deveríamos estar comendo uma *bistecca alla fiorentina* – um verdadeiro crime, considerando que ela chega à mesa na temperatura perfeita e custa os olhos da cara.

– Tá bom. Já deu – falei, finalmente. – O que tá rolando entre vocês dois? É

por causa da procura por uma casa? Ou tem outro problema?

Annie arregalou os olhos já enormes. Ela parecia... pega no flagra.

– Não. Não é a questão da casa, e não tem nenhum problema comigo e com o Mark. É só que... – O rosto dela ficou branco como papel, depois verde-acinzentado, e então ela se levantou da mesa, *de novo*. – Espera aí. Eu preciso...

Pulei da cadeira e amparei com meu braço o corpo cambaleante dela.

– Você precisa se sentar antes que desmaie! Tá doente?

Annie, porém, não teve a chance de responder antes de vomitar por toda a praça secular de paralelepípedos.

– Não tô doente – disse ela por fim, mais envergonhada do que indisposta àquela altura. – Tô *grávida*.



– Certo. Há quanto tempo você sabe? E pra quando é o bebê? É menino ou menina? E você quer menino ou menina? E... espera aí... por que diabos você tá na *Itália* comigo agora?! Esta é a terra do vinho, do queijo cremoso e do café forte! É o pior lugar do mundo pra viajar grávida... e seu marido nem tá aqui.

Tínhamos corrido para o quarto do hotel, a fim de termos um acesso mais rápido ao banheiro. Naquele momento, Annie se encontrava estendida na cama, com uma toalha quente na cabeça. Eu estava deitada ao lado dela, apoiada no cotovelo e parecendo a garota mais empolgada de uma festa do pijama.

– Você sabe que o Mark é um cara mais “cervejinha na praia” – explicou ela. – E sei que a gente tecnicamente vai poder viajar juntas quando eu tiver filhos, ou *um* filho, pelo andar desta gravidez... Mas não vai ser a mesma coisa. Vou ficar preocupada com a criança o tempo todo, ligando pro Mark a cada hora pra ter certeza de que está todo mundo vivo em casa. Eu queria passear pela Itália com você usando echarpes fabulosas, como a gente fez quando interpretamos as cenas de *Só você* na nossa primeira viagem.

– *Ai, que fofa* – falei. – Agora a gente tem que assistir a este filme enquanto estiver aqui!

Nós tínhamos grande apreço pela comédia romântica injustamente subestimada com Marisa Tomei e Robert Downey Jr., mas a víamos mais como a comédia das irmãs Marisa Tomei e Bonnie Hunt.

– Nossa, lembra como aquela prima velha da *nonna* ficou furiosa quando

descobriu que a gente pegou emprestadas todas as echarpes dela pra nossa viagem à Sicília?

Marisa e Bonnie tinham uma echarpe para cada cena, então tivemos que dar nosso jeito.

– Lembro – respondeu Annie –, mas não posso rir disso agora, senão vou vomitar.

Eram apenas onze da manhã em Florença, graças ao voo noturno que pegamos em Los Angeles. Deveríamos estar usando esse tempo para descansar antes da missão que nos aguardava, mas agora eu tinha uma segunda tarefa, mais urgente, para executar: uma viagem entre irmãs perfeita em Florença.

Annie e eu “corremos” pela cidade pelas três horas seguintes. Chegamos à Uffizi e demos uma volta de cinco minutos ao redor do *Davi*. Vimos Il Duomo e Il Ponte Vecchio. Passamos em duas gelaterias perfeitas. E então fomos direto à fonte – Prada Firenze –, onde comprei echarpes para nós duas, apesar dos protestos (fracos) de Annie. Alguns momentos merecem que a gente esbanje, eu disse a ela, e depois avisei que ensinaria seu filho ou sua filha a acreditar no mesmo. Às quatro da tarde, eu me sentia triunfante por ter chegado à Piazzale Michelangelo a tempo de ver os monges de San Miniato al Monte entoarem seu canto noturno.

– Eu entendo por que morar aqui um dia é uma das suas quatro coisas – comentou Annie enquanto descíamos a ladeira em direção ao nosso hotel. – Por favor, volte aos Estados Unidos com frequência pra visitar sua sobrinha ou seu sobrinho.

– Ah, não sei se conseguiria morar aqui por muito tempo quando tiver uma minivocê vivendo em Los Angeles – declarei.

Annie viu a placa primeiro.

– Não é possível! – exclamou ela, e então me girou até que eu também estivesse de frente para ela: uma loja de noivas chamada Bella Vita. Meu coração parou no peito. – Que coincidência! A gente tem que entrar! Você precisa experimentar alguns vestidos!

– É... Não sei se é uma boa ideia, por causa daquele pesadelo que te contei... Lembra?

– É lógico que lembro. É exatamente por isso que a gente precisa entrar. A experiência real vai fazer você esquecer o pesadelo.

Annie concluiu a afirmação com seu clássico gesto de enfiar o cabelo atrás da orelha.

– Baseado no seu diploma de psicologia ou nas suas esperanças de irmã? –

perguntei, mas já estava sendo empurrada pela porta com cortinas de renda.

Esta Bella Vita era especializada em renda veneziana, de modo que cada vestido parecia ser feito de flocos de neve. Segurei alguns nas mãos, sentindo o peso das camadas, mas também testando se eles desapareceriam ou não. Annie e eu costumávamos experimentar os vestidos de noiva na loja da *nonna*, abraçando o tecido contra nossos corpinhos de menina, mas percebi naquele instante que nunca havia me visto diante de um espelho como uma noiva adulta. A não ser naquele sonho.

– E aí? – perguntou Annie. – Algum favorito?

“Não” seria a resposta honesta. Gostei de alguns, porém mais como exemplos de algo que uma noiva deveria usar do que como vestidos que eu realmente pudesse me ver usando na ocasião. Fiquei de frente para um dos clássicos espelhos triplos e dei uma olhada em mim mesma de cima a baixo. Que tipo de noiva eu era? Uma Kimberly Williams clássica de *O pai da noiva*? Uma Gwyneth do período regencial inglês em *Emma*? Uma das cinco opções que Julia Roberts usou em *Noiva em fuga*? Ou uma das onze que Jennifer Lopez nos proporcionou na tela e na vida real? Meu rosto me encarava em resposta, inexpressivo.

– Não sei se alguma coisa aqui realmente tem a minha cara – falei para Annie, torcendo para que isso encerrasse aquela experiência de compras.

Então me virei para o espelho, perplexa. *Por que preciso de uma atriz pra me ajudar a me ver?*

Annie e eu voltamos para o hotel de braços dados, como todos os pares de avós italianas que faziam o mesmo ao nosso redor.

– Não acredito que a mãe nunca veio pra cá – disse Annie.

A *nonna* e o nosso avô nos levaram sozinhos para que a nossa mãe pudesse se concentrar no último semestre da faculdade de enfermagem. Ela tinha retomado os estudos por volta do meu décimo aniversário, quando o alcoolismo do meu pai lhe custou mais um emprego.

– Eu sei – concordei. – Ela nos deixaria malucas tirando fotos e fazendo aquilo que sempre fazia quando sua comida estava gostosa.

Annie se pôs a fazer uma imitação:

– *Incrível! Meu Deus! Bom demais! Tem noção de como é bom, meninas? Isso aqui é...*

Dissemos a última parte juntas:

– *... a melhor refeição da minha vida!*

– Quantas melhores refeições da vida acha que a mãe teve? – indaguei em meio às risadas.

– Não o bastante – disse minha irmã, então ela agarrou minha mão para que pudéssemos suportar juntas mais um momento devastador. – Shea, sei que a gente teve opiniões diferentes sobre seu anel até agora, mas, caso isso esteja na sua cabeça, acho que a mãe ia adorar que você estivesse fazendo isso.

– Sério? O que te faz pensar isso?

– A mãe adorava o fato de você sempre correr atrás do que queria, fosse o que fosse. Nunca a vi se gabar tanto de uma coisa como da sua mudança para Nova York. Ela simplesmente dizia às pessoas, do nada: “Sabe, minha Shea está morando em Nova York.”

Ri de novo, imaginando aquela cena acontecendo na lavanderia ou no supermercado.

– Obrigada por dizer isso – falei. – Sempre tive medo de que ela pensasse que eu tava fugindo dela. Eu podia ser... briguenta quando se tratava dela.

– Ah, eu sei. Mas acho que ela respeitava isso em você também.

Suas palavras trouxeram todos os detalhes do meu sonho mais recente para a ponta da língua. Eu quase lhe contei. Em vez disso, fui nos conduzindo até uma gelateria na esquina, para uma última parada. Decidi que seria melhor nos poupar da angústia que reviver o passado poderia provocar.

DEZESSETE



Acordei na manhã seguinte com duas mensagens de John: uma com uma foto do primeiro limão oficial do meu amado limoeiro do quintal e outra com as palavras “*Buon ciao!*”.

– Acho que isso significa “bom olá” – falei assim que a chamada de vídeo conectou.

– Aham. Exatamente o que eu queria dizer – respondeu John. – Cadê a futura mamãe?

– No chuveiro, respirando fundo pra combater o enjoo.

Tinha mandado uma mensagem para ele com a notícia segundos após a revelação de Annie. Ele correu para a casa dela e de Mark com uma garrafa de bourbon para comemorar. *Bandeira dourada para futuro tio.*

John me disse uma vez que a pior parte de ser filho único era o fato de que nunca seria tio pelo lado dele da família. Ele considerava essa a melhor função de todas, o que pode ou não ser porque seu “filme” favorito era *Quem vê cara não vê coração*, em que John Candy era o tio Buck – algo que relevei quando começamos a namorar. John gostava de dar aulas para os anos finais do ensino fundamental em parte porque acreditava que esse era o momento em que as crianças paravam de achar legal ser criança; era trabalho do tio divertido convencê-las de que isso estava errado.

– Fora isso, como tá indo a viagem? – perguntou ele.

– Ainda não começou de verdade. Eu pretendia realizar umas investigações ontem, mas Annie e eu fizemos um grande tour por Florença.

– Bom, tô com saudade. Mas dormi na diagonal na cama ontem à noite – disse John.

– Eu respeito isso. E também tô com saudade.

– Boa sorte hoje. Como se diz isso em italiano?

– Não tenho certeza. Meus avós sempre usavam *in bocca al lupo*, uma expressão bizarra que ao pé da letra significa “na boca do lobo”.

– Bizarra mesmo. Quer dizer o quê?

– É como o nosso “quebre a perna”. Seres humanos entrando na boca de uma fera, com um desafio pela frente. E a coisa ruim... seja lá o que você estiver enfrentando... deve ser engolida, enquanto a coisa boa, que acho que é você, sobrevive.

– Isso não faz sentido nenhum – disse John.

– É, é estranho – concordei.

Mas, na verdade, eu achava que finalmente tinha entendido o sentido.

Encerrei a chamada e aproveitei a minha vez de curtir o boxe gigante de mármore de Carrara do banheiro do hotel antes do nosso trem para Borgo. Uma coisa que aprendi com meus anos de planejamento de viagens meticuloso foi jamais economizar a ponto de acabar com um banheiro minúsculo de hotel.

– Ei! – ouvi Annie chamar assim que saí daquela bênção em forma de água quente. – Você recebeu mais de dez ligações de um número de Nova York nos últimos cinco minutos. Algo errado?

Tinham sido 18 ligações, para ser exata, todas de Graham. E algo estava muito errado.

– Tô aqui embaixo – disse ele assim que atendeu minha ligação, como se fosse um simples “oi”.

– Não entendi. Você tá onde? – perguntei.

– Aqui embaixo. No seu hotel. Vem me encontrar que eu explico.

Dez minutos depois, ele ainda estava tentando explicar, sem muito sucesso.

– *Mais uma vez*, você não pode me seguir pro outro lado do oceano sem me consultar! – esbravejei.

– *Mais uma vez*, apareceu um voo bom, e, se eu tivesse ligado, você teria me vetado, mas, agora que tô aqui, vai me agradecer por eu ter vindo – retrucou ele.

Graham tinha uma confiança meio malandra que devia colar muito bem no meio jornalístico. Eu conhecia o tipo dos meus tempos em Nova York: excessivamente à vontade, com uma interpretação bem flexível da verdade. O cara que diz “Só joguei umas camisas na mochila”, sendo que cada camisa custou uma fortuna e ele as lava apenas na lavanderia. E, mesmo depois de um voo

transatlântico, Graham estava parecendo um modelo despenteado da J.Crew da década de 1990.

– Quando exatamente essa gratidão vai chegar? Porque, até agora, *eu* comprei pra *você* um cappuccino e você tá prestes a me atrasar pro trem.

– Você precisa de mim. Só não viu isso em ação ainda – declarou Graham, com um aceno ao barista para pedir outro café.

– Eu tô aqui com a minha irmã. E esta é uma jornada muito pessoal. E se eu não quiser que você me acompanhe?

– Olhe, com todo o respeito, você não tem a mínima ideia do que está fazendo e reservou pouquíssimo tempo pra isso. Ter sucesso em cinco dias é impossível sem um profissional.

– Você sabe o meu itinerário? Quem é você?

– Um jornalista muito bom. – Minha expressão passou de irritada para completamente apavorada. – Relaxa. Encontrei a Gia em Hudson. *Ela* veio falar *comigo* pra ver se *nós...* palavras dela... já tínhamos encontrado o nome do restaurante da família da mãe dela. Então eu encontrei: Caffè Degli Artisti.

Isso me fez parar.

– Beleza, Klute... – comecei.

– O Klute era detetive, não jornalista – interrompeu Graham.

– Eu sei disso! – rebati, passando por cima do fato impressionante de que ele também sabia. – O que eu quero entender é por que diabos você se importa tanto com isso. Porque não é barato reservar um voo de última hora pra Itália, e eu sei que você disse que usou milhas, mas isso significa que você desperdiçou todas elas com isso.

– Eu te falei em Hudson. Acho que a gente tem algo aqui que vai render um artigo muito interessante. Eu preciso disso. Você precisa de mim. É uma questão profissional, não pessoal.

– Não venha com *O poderoso chefão* pra cima de mim na Itália – protestei. Graham sorriu de um jeito que dizia que ele gostava um tantinho demais desse *tête-à-tête*. – Tudo bem. Quero uma garantia de que você não vai escrever nada sobre mim sem minha permissão.

– Tranquilo. Me passa um acordo de confidencialidade que eu assino.

Ele estava blefando, mas eu tinha reforços.

– Farei isso – ouvi Annie dizer. Eu me virei e a encontrei parada atrás de nós, digitando no celular. – Mande uma mensagem pra Rebecca por você. O assistente jurídico dela vai preparar um documento em dez minutos.

– Você deve ser a irmã – concluiu Graham.

– Isso – disse Annie, agora a um passo do rosto dele. – A irmã mais velha. Se você for legal, fica. Se for babaca, vaza.

Graham respondeu arqueando uma sobrancelha – *é claro* – e, em seguida, escreveu algo no bloquinho que havia tirado do bolso de trás da calça.

DEZOITO



Não pegava muito bem largar o querido que acabou de te pedir em casamento para viajar à Itália com a intenção de descobrir se o anel que ele te deu vai ou não estragar o relacionamento de vocês. Mas parecia pior ter um desconhecido se juntando à missão de repente. Liguei para John do vagão-restaurante assim que embarcamos no trem. Infelizmente, caiu direto na caixa postal.

“Ei, sou eu. Ah, tudo certinho por aqui. Não tô ligando de uma prisão italiana! Me ligue de volta quando puder, tá?” foi a mensagem que escolhi deixar.

– O que achou? – perguntei a Annie.

– Não muito reconfortante – disse ela, com a cabeça enfiada no celular.

Eu tinha pedido a ela que lesse rapidamente alguns artigos de Graham enquanto ele estava no vagão-restaurante, para dar uma checada.

– O cara escreve bem. Tem um texto lindo sobre uma mulher que desapareceu da vida da família inteira dias depois de herdar uma casa misteriosa na Colúmbia Britânica. E outro sobre um homem que vivia tentando roubar um relógio antigo do governador de Nova York na década de 1920. Será que o lance dele são mistérios de família envolvendo coisas muito velhas?

– É esquisito – comentei. – Mas talvez seja bom?

– Não se preocupe. Vou ficar de olho nele – garantiu Annie, como se estivesse me visitando na faculdade para ser minha dupla na paquera outra vez.



A comuna de Borgo San Lorenzo ficava a apenas 22 quilômetros de Florença, no sentido nordeste. Eram 30 minutinhos de trem, mas, como Gia havia explicado, os moradores de lá achavam estar a mil quilômetros de distância. Isso porque a cidade está situada em uma região habitada por artistas que lutaram pela independência da comuna e pela própria.

– Como Greenwich Village? – perguntei a ela em Hudson.

– Em espírito – disse ela. – Mas minha mãe sempre disse que lembrava Napa Valley.

Entendi tudo no momento em que nosso trem diminuiu a velocidade, aproximando-se da estação cor de terracota. Por todos os lados, vi colinas verdejantes pontilhadas por ciprestes italianos pontudos, dezenas de vilas de estuque rosa-claro e torres de igreja dignas de cartão-postal.

– Não acredito que a Carmela escolheu ir embora daqui – comentei enquanto descíamos do trem.

– Ela deve ter tido um bom motivo – foi a resposta de Graham, e então anotou alguma coisa de novo.

Eu já havia inteirado Annie e Graham de tudo que Gia tinha me contado em um telefonema antes da viagem. Sua tia, Maria Costanza, era a irmã mais nova de Carmela Costanza Preston. Ela nasceu e se criou naquela cidade, assim como seus pais, os pais dos pais e todas as gerações anteriores das quais a família tinha conhecimento. Os Costanzas eram – e eu esperava que ainda fossem – donos do Caffè Degli Artisti, uma cafeteria italiana tradicional da qual ficamos sabendo graças à pesquisa de Graham antes da viagem. Gia não conseguiu se lembrar do nome, mas sabia que Carmela e sua irmã, Maria, trabalharam lá juntas desde muito jovens. Mas algo aconteceu, ou dentro da família ou entre as irmãs, antes de Carmela se mudar para os Estados Unidos, e elas mal se falaram nos 60 anos seguintes. A última vez que as duas estiveram juntas foi no funeral da mãe, em 1983.

– Os italianos adoram um drama – afirmou Annie enquanto caminhávamos em direção à cidade. – Eu me lembro de reparar nisso vendo a *nonna* e a irmã dela, a tia Lucy. Elas estavam sempre brigando.

– Mas eles são leais também – acrescentei. – Lembra que a *nonna* acolheu Lucy no final da vida em vez de mandá-la pra um asilo?

– É. Bem, vai ver a Maria chegou ao limite – comentou Graham.

Havia algo cortante no seu tom, como se o comentário tivesse vindo de algum lugar específico, mas eu não tinha espaço mental – nem a perícia – para bancar a jornalista com o jornalista.



Achávamos que a primeira parte da nossa missão seria simples: encontrar a cafeteria. Quantos Caffè Degli Artisti poderiam existir em um espaço de pouco menos de oito quilômetros quadrados? A resposta era zero. Perguntamos em um pequeno hotel ao lado da estação de trem. Indagamos a um homem atrás do balcão de uma bodega italiana. Entramos em uma cafeteria nova e chique, pensando que deviam conhecer toda a concorrência local. Por fim, comecei a perguntar para pessoas aleatórias na rua.

– *Scusami*, onde fica *il Caffè Degli Artisti*? – eu gritava para todos que faziam contato visual direto, e até mesmo para alguns que me evitavam.

– *Non esiste* – finalmente gritou de volta uma senhora que lembrava a *nonna*.

– Se ela quis dizer que o café não existe, então a gente tá ferrada – disse Annie.

Graham bufou para nós duas e então ativou o modo supercharmoso ao se aproximar da mulher.

– *Ciao*. Quando foi que esse café...

E então ele fez o gesto com a mão para “acabou”.

– *Oh, non...* – Ela fez o mesmo gesto de volta. – *Nome cambiato*.

Graham se virou para mim.

– Beleza, abra seu...

Mas eu estava um Google à frente.

– *Cambiato!* O nome mudou! – exclamei.

– Onde fica agora? – indagou Graham para nossa nova guia turística, olhando ao redor para causar um efeito dramático.

– Caffè Maria! – informou ela com um sorriso. – *Andiamo!*

Pareceu que o que ela quis dizer foi: “Eu levo vocês lá, mas só porque ele é bonitinho.”

Minutos depois, estávamos nos arredores da comuna, em uma cafeteria do tamanho de um closet de Beverly Hills. Era aconchegante de um jeito mais para cafona do que para confortável.

– Por que um restaurante *dentro* da Itália precisa ter tantos suvenires *da* Itália? – questionou Annie.

Havia saleiros e pimenteiros de plástico imitando a Torre de Pisa; jogos americanos, guardanapos e cortinas com a bandeira italiana; queijo ralado em tigelas no formato de gôndola; e um mapa da região da Toscana pintado em cada

mesa. Embora nada disso se comparasse com a decoração viva: uma mulher de um metro e meio coberta da cabeça aos pés de vermelho, branco e verde. Uma bandeira italiana ambulante.

– *Gio! Mamma mia! Porta la pasta al tavolo tre! Fretta, fretta, fretta!* – berrou ela.

– O que tá acontecendo? – perguntou Annie.

– Acho que o Gio tá lascado – falei.

Um garoto magro e de cabelo liso chegou correndo diante de uma mesa segurando uma tigela abarrotada de massa.

– Tenho a sensação de que a mulher que tá gritando é a sua Maria – observou Graham.

Ele tinha razão, como descobrimos depois que a mulher o viu tirando fotos dela com o celular, arrancou o aparelho da mão dele e o jogou em um vaso de flores. *Minha* Maria, de fato.

DEZENOVE



Após trinta minutos e uma conversa com Gio em um inglês meio capenga, Annie e eu – e somente Annie e eu – fomos autorizadas a falar com Maria.

– Eu faço as anotações – sussurrou Annie. – Sim, porque tô morrendo de medo de abrir a boca.

A carranca de Maria justificava a ansiedade de Annie e complicava ainda mais meu plano de explicar quem éramos e por que estávamos ali. A ideia do plano tinha sido de Gianna; eu diria a Maria que Gia era uma grande amiga e que insistira que eu visitasse a terra mágica de seus ancestrais. Ela teria sugerido que encontrássemos o café da família. Estávamos ali apenas para dar um oi e bater um papo rápido – que eu, de alguma forma, iria desviar para uma conversa sobre o drama familiar de décadas dos Costanzas. Para complicar ainda mais as coisas, Maria não tinha uma compreensão muito boa da bajulação do inglês, de modo que Gio “concordou” em atuar como nosso intérprete.

– Nós estamos aqui porque somos grandes amigas da sua sobrinha, Gianna – expliquei lentamente. – A gente se conheceu graças a uma conexão que posso explicar depois.

Annie me lançou um olhar que ignorei; tinha que haver uma ordem nesse relato, e eu havia decidido que o anel de Carmela não estaria em primeiro lugar.

– Eu mal conheço minha sobrinha – disse Maria por intermédio de Gio.

– Lamento muito por isso – retruquei. – Mas ela pensa na senhora com frequência. E minha irmã e eu queríamos visitar a Itália porque...

Eu estava prestes a jogar a carta da gravidez na mesa – um trunfo contra

qualquer *nonna* –, mas Maria me interrompeu.

– Irmãs? – perguntou Maria, apontando para Annie e para mim.

– Sì – confirmei.

Maria respondeu com uma pergunta que Gio traduziu rapidamente.

– Ela quer saber onde você e sua irmã moram.

– Ah, nós duas moramos em Los Angeles. Mas nossos avós são da Campânia. Sei que não é perto daqui, mas...

Antes que eu pudesse terminar, Maria estava beijando as mãos de Annie e as minhas, com vontade. E então, de repente falando inglês *muito* bem, ela também tinha coisas a priorizar em seu relato.

– Viu? Vocês são espertas. Amorosas. Fazem o que Deus quer que as irmãs façam! – exclamou Maria. – Eu tinha uma irmã, Carmela. Conhecem? A mãe de Gianna. – Uma expressão de saudade e melancolia surgiu no rosto de Maria, mas ela a reprimiu na mesma hora. – Ela não era amorosa. Era egoísta. Ou se tornou egoísta...

Annie apertou minha mão por baixo da mesa pintada com o mapa italiano. Era a minha deixa.

– Sim... Gia mencionou isso – falei. – A gente lamenta muito. Se não se importa que eu pergunte, como ela se tornou egoísta?

– Foi por causa de um homem, é claro – respondeu Maria com aspereza.

Annie apertou minha mão com *ainda mais* força. Sim, era possível que aquele fosse o homem que dera a Carmela o anel misterioso – o meu anel –, mas eu ainda teria que pisar em muitos ovos até confirmar isso.

– Esse homem era namorado da Carmela? – comecei.

– Pior – disse Maria. – Eles iam se casar. Mas daí... bem... é uma longa história...

Arrá! Um *noivo*. Dessa vez fui eu que apertei a mão de Annie, com tanta força que ela deu um pulo.

– A gente tem tempo – falou Annie, alto demais.

– E seria um prazer ouvir a história – acrescentei, entrelaçando minha mão na da minha irmã para salientar nossa proximidade.

Maria viu e sorriu, depois acenou para que Gio buscasse mais uma rodada de café expresso. Tínhamos conseguido.

O homem no centro dessa longa história – como ela nos avisou – era um pintor que fora à pequena Borgo San Lorenzo para trabalhar em sua arte, “como todos eles”, disse Maria, com uma carranca. É claro que ela nunca viu as pinturas dele. Maria duvidava que fosse mesmo um artista, porque a única coisa que

pareceu fazer durante os seis meses que passara na região foi cortejar sua preciosa irmã.

– Eu chamava o sujeito de *il ladro*! – contou ela. – O ladrão! Porque ele roubou o coração da Carmela.

– Ela não amava esse homem? – indaguei.

– Quem sabe? Foi tudo rápido demais!

– A senhora se lembra do nome verdadeiro dele? – perguntou Annie, mantendo-nos focadas.

– *É lógico*! Ele se chamava Gianluca Marzullo.

Tínhamos oficialmente um nome, que Annie logo anotou. *Se Graham pudesse me ver agora*, pensei. Mas algo me dizia que provavelmente ele podia. Eu me virei e o vi observando de um banco próximo. O homem era empenhado.

Enquanto isso, Maria tomou um *espresso doppio* e continuou a história.

Carmela se apaixonou no momento em que *il ladro* se sentou à mesa sob a oliveira, posicionada no alto da encosta da colina para proporcionar uma vista da cidade abaixo.

– Costumava ser o nosso lugar favorito para admirar a paisagem, mas, depois que eles foram embora... *Maledetto*! Amaldiçoado! – gritou ela.

Essa não era uma palavra que eu queria ouvir, porém, mais uma vez, Annie se mostrou atenta aos detalhes mais essenciais.

– *Eles* foram embora? – perguntou ela.

– *Sì, il ladro* levou a minha irmã para Roma, e esse foi o começo do fim.

Era uma história bastante simples para um ouvido americano. Garota conhece garoto. Garota se apaixona por garoto. Garota deixa cidadezinha e vai para a cidade grande com garoto: o enredo de inúmeros filmes. Para a família Costanza, era um sacrilégio, tanto que todos se recusaram a conhecer o tal homem, especialmente a irmã mais nova, Maria. Ela não falou dele quando Carmela ligou para casa. Não perguntou sobre o andamento do relacionamento deles quando visitaram Borgo San Lorenzo no Natal. Não quis conhecer Gianluca de jeito nenhum, o que era muito inconveniente para os meus objetivos específicos. Eu precisava de informações, o que exigia um avanço rápido para o verdadeiro cerne da questão.

– Mas a Carmela morreu casada com um tal de Charles Preston – comentei.

– Quando ela se divorciou do Gianluca?

– Não teve divórcio – replicou Maria. – Eles nunca se casaram. Dois anos de noivado, e depois acabou. Porque eu tinha razão. *Amaldiçoado*!

– Mas tem certeza de que eles noivaram oficialmente? – perguntei, sem

gostar nem um pouco do uso repetido da palavra *amaldiçoado*.

– Tenho – afirmou Maria. – A Carmela rodou a cidade inteira exibindo aquele anel de diamante para todo mundo!

Levei a mão ao colo. O anel estava bem protegido debaixo do meu suéter, e agora eu achava que deveria ficar lá até estarmos longe de Maria.

– Mas o que aconteceu? – questionei, retomando o mistério. – Por que eles não se casaram?

– Eu nunca soube nem quis saber. Pensei que seria melhor não dizer o nome dele, para que o destino não ouvisse! Mas era tarde demais. Ele tinha estragado a minha irmã.

Um ano depois, Carmela anunciou que ia se mudar para os Estados Unidos. Ela já tinha tudo organizado no país para tentar abrir um estabelecimento como o Caffè Degli Artisti. Dizia que queria levar a comida deles para o estrangeiro, para viver uma grande aventura fora do seu mundinho. E cometeu o erro de explicar que a ideia ficou nítida em sua mente quando Gianluca a levou pela primeira vez para visitar Nova York.

– Eita – minha irmã e eu dissemos exatamente ao mesmo tempo.

Annie não ficou nem um pouco empolgada quando me mudei da Califórnia para fazer faculdade em Manhattan, ficou ainda menos quando acabei decidindo me manter por lá por quase uma década. Mas aquilo não significou um oceano, uma cultura e um idioma nos separando – ou, mais importante, não foi antes de existirem chamadas de vídeo.

– A senhora se lembra de quando tudo isso aconteceu? – perguntei. – Ou quantos anos a Carmela tinha quando o Gianluca chegou? Seria útil descobrirmos em que ano foi porque...

– Ele chegou aqui em *marzo* de 1968. E a levou para Roma em *maggio* desse mesmo ano. Ficaram noivos em 1969 e romperam em 1971.

Pelo jeito, a experiência ficou marcada na memória de Maria.

– Isso foi muito útil – declarei. – *Grazie* por conceder esse tempo pra conversar com a gente.

O sol estava se pondo atrás do café, deixando nossa mesa quase completamente à sombra dos ciprestes. Maria havia respondido a muitas perguntas, mas, quando passei a mão por cima do suéter para tocar o anel, me dei conta de que ainda havia duas grandes perguntas em aberto. A primeira era se aquele anel tinha sido mesmo dado por Gianluca. A história parecia ter relação com o que Gia havia compartilhado, mas eu precisava ter certeza, e só Maria poderia saber. A segunda pergunta eu só consideraria fazer se a resposta à

primeira fosse afirmativa.

– Então, vocês vão dizer para Gianna vir visitar a velha *zia* dela? – perguntou Maria.

– Vamos, sim – prometi com um sorriso, orgulhosa por ter uma pequena participação nesse reencontro familiar. – Mas tem mais uma coisa antes de irmos.

Olhei para Annie em busca de apoio, esperando que ela já tivesse lido minha mente obcecada pelo anel. Seus olhos diziam: “Sim, vá em frente” e também “Tô me cagando de medo”.

– Sinto muito não ter te contado isso antes, *signora* Costanza – comecei. – Mas tenho o que acredito ser o anel que a Carmela ganhou do Gianluca bem aqui.

“Tenho” pareceu a palavra mais segura, dadas as circunstâncias.

O rosto de Maria ficou sombrio quando aproximei o diamante para que ela pudesse ver.

– É esse mesmo – disse ela. – *Mamma mia...*

Com essa confirmação, dei o passo final.

– Preciso perguntar uma coisa: a senhora acha que este anel também é *maledetto*?

Maria me encarou com olhos tão sérios que quase me deu arrepios, então soltou a frase que liquidou a questão:

– É um pouco tarde demais para essa pergunta, não acha?

VINTE



Levei a culpa por tudo que aconteceu entre o reencontro com Graham e a busca pelo nosso “hotel”. Planejar viagens era uma de minhas especialidades, mas, quando se tratava de hospedagem, eu tinha uma quedinha por lugares fora do comum. E quem não ia querer conhecer um “antigo mosteiro pitoresco com vista para as colinas ondulantes da Toscana”? A resposta: Annie e Graham.

– Bata nas lindas portas de madeira entalhada ao chegar! – falei, lendo no site.

Isso foi depois de percorrermos as tais colinas ondulantes para cima e para baixo até encontrarmos, no escuro, o prédio sem identificação. Nós batemos. E batemos. E batemos com mais força. E aí Graham começou a agredir com o corpo inteiro as portas de madeira entalhada, de fato lindas, enquanto Annie desabava na grama, aos prantos. A opção de voltar correndo à cidade para implorar ajuda a Maria me ocorreu e quase virou realidade, mas, então, por fim, a porta se abriu e fomos recepcionados por um homem muito alto e magro, com um traje verde-azulado – um roupão de banho, não um manto de sacerdote.

– *Benvenuti al Convento dei Cappuccini di San Carlo* – anunciou ele. – Vocês querem quartos ou confissões?

– *As duas coisas* – rebateu Annie enquanto me empurrava para passar pela porta. – Agorinha mesmo desejei a morte da minha irmã.

Nós nos instalamos nos nossos quartos, que na verdade tinham quase o mesmo tamanho de confessionários. Eles eram equipados com camas de madeira, “colchões” de espuma e crucifixos em tamanho real. Vai ver era isso que

o site quis dizer com “a experiência da vida monástica”.

Em poucos instantes, Annie mergulhou em um sono profundo. Já eu fiquei sentada na cama, outra vez com insônia e me arrependendo amargamente de ter dito *sì* à insistência de Maria para que eu tomasse um terceiro café; eu conseguia sentir meu coração pulsando nos polegares. A ideia de vagar por um labirinto italiano escuro como breu não era nada animadora, mas, ainda assim, era melhor do que ficar na cama enquanto minha mente corria à solta com mil pensamentos sobre a história de amor fracassada de Carmela. Além disso, eu ainda não tinha falado com John.

Levei uma eternidade para encontrar um lugar que me mostrasse duas barrinhas instáveis de sinal, e, para completar, ficava em um corredor onde uma dezena de retratos de padres se erguiam sobre mim com olhares cheios de julgamento.

– Oi! Até que enfim! E aí? Você tá bem? – perguntou John.

– Aconteceu muita coisa, mas tá tudo bem. Tô aqui apreciando um pouco de arte.

Posicionei o telefone de modo a mostrar um homem com o cocuruto raspado.

– Tem que ter coragem pra usar esse visual – comentou John. – E então? Encontraram a tia?

– Sim, encontramos, mas preciso te contar uma coisa antes – falei, arrancando o curativo de uma só vez. – Aquele primo da Simone tá com a gente agora. O jornalista que me ajudou em Hudson, sabe?

Eu me perguntei se John se lembraria de eu tê-lo mencionado.

– O Graham? Ele já tava na Itália, então?

Pelo jeito, os homens não esquecem os nomes dos outros homens que de repente ajudam suas noivas.

– Não – respondi, andando de um lado para outro dentro do meu meio metro com sinal de celular. – Ele veio ajudar a gente. Aparentemente, é um desses caçadores de histórias obsessivos. Ele acha que essa história toda pode render um grande artigo, então quer dar uma forcinha. Tem muita experiência e...

Eu me interrompi antes que começasse a divagar eternamente.

– Certo – disse John, então desviou o olhar, pensativo. – Você quer esse cara por perto? – perguntou ele, por fim.

– Como pessoa, não. Ele é seco demais pro meu gosto. E já tenho a Annie aqui pra isso. Mas ele está sendo muito útil no lance da pesquisa. Acho que a

gente não ia conseguir fazer tanta coisa tão rápido sem ele.

– Bom, dessa parte eu gosto – admitiu John. – Mas... desculpa... é um pouco esquisito pra mim. Esse cara não te conhece. Por que tá se intrometendo na sua vida? Na nossa vida, tecnicamente.

– Eu sei. Mas ele assinou um documento que a Rebecca redigiu prometendo não publicar nada sem o nosso consentimento, então acho que vai ter que andar na linha.

John ficou em silêncio de novo. Eu conseguia ver as linhas na sua testa franzida, mesmo com a conexão ruim.

– Era pra ser você aqui, não ele.

– Pois é. Tô com dor de cotovelo – declarou ele. – Mas acho que, se esse cara conseguir te mandar pra casa mais rápido e com boas respostas, então tudo bem.

– Isso – concordei, aliviada e grata por não namorar um tipinho possessivo. – Essa é a intenção dele.

– Fico feliz. Olha, desculpa, mas preciso ir. Tem um jogo de basquete decisivo hoje à noite.

John às vezes trabalhava como treinador assistente de basquete, uma oportunidade de reviver seus próprios dias de glória. *Ou será que é o mesmo caso da equipe da Olimpíada de Ciências e seu turno como orientador às quartas à noite? Mais uma atividade extracurricular que ele assumiu pra ganhar um dinheirinho extra, talvez para comprar o lindo anel que me recuso a usar devidamente sem provar, com uma volta ao mundo, que é digno?* Só de pensar nisso, tive vontade de encostar na parede de pedra mais próxima e deslizar até o chão.

– Tudo bem. Tô com saudade. Te amo – falei.

– Também te amo. E fico contente que as coisas estejam indo bem. Espero que você volte logo pra casa com as respostas de que precisa.

Desliguei, fui até a parede mais próxima e deixei meu corpo ir escorregando até ficar sentada feito uma bola no chão frio de pedra. Então, fechei os olhos com força para tentar impedir que a última fala de John se repetisse sem parar na minha cabeça. *De que respostas eu realmente preciso?*



Fiquei vagando à toa, guiada pela luz do celular, até encontrar o santuário do

mosteiro – o qual, sem nenhuma surpresa, era todo pitoresco. Era pequeno, mais ou menos do tamanho de uma capela de hospital, e guardava o ar frio do início do outono. As quatro paredes eram feitas da pedra cinza-escuro típica das igrejas mais antigas da Itália, mas o terço superior delas era coberto por afrescos deslumbrantes, cada um representando a paisagem toscana bucólica ao redor.

– Acha que o Gianluca pintou algum destes? – perguntou uma voz.

Eu dei um berro tão alto que com certeza acordei nosso anfitrião do roupão.

– MEU DEUS, GRAHAM! Você não pode chegar assim de surpresa numa mulher em lugar nenhum, muito menos numa igreja antiga no meio da noite! – esbravejei, sussurrando.

– Eu já tava aqui, então tecnicamente você que chegou em mim – contestou ele. – Mas tá valendo, porque eu queria te gravar de qualquer maneira.

– Me gravar?

– Te entrevistar.

– Pro artigo que você *talvez* tenha permissão pra escrever sobre mim. – Graham assentiu, resignado. – *Ótimo*. Talvez a sua franqueza extrema e bizarra me ajude a entender algumas coisas.

– Obrigado – disse ele enquanto posicionava o celular para gravar. – Agora, me conte o que está se passando na sua cabeça depois da conversa com a Maria.

– Hum... Acho que me sinto cautelosamente otimista – declarei.

– Putz. Você é uma daquelas pessoas que sempre dizem “sim e não” em vez de simplesmente responder à pergunta, né?

– Ei! Acho melhor ser mais bonzinho, ou eu não vou falar nada. *Sim e não* se aplicam aqui. Sim, me preocupa que o anel seja, no fundo, o motivo que fez a Maria renegar a irmã, mas tô tentando manter a esperança porque parece que o anel só ficou no dedo da Carmela durante um noivado curto, não durante um casamento infeliz. Pode ser que a gente esteja a salvo, ainda mais porque a Maria não necessariamente sabe da missa a metade.

– Fale mais sobre a parte de a Maria não saber tudo.

Dessa vez, não havia nenhum bloquinho de anotações a postos. Graham estava olhando diretamente para mim. Seu rosto havia se suavizado, do mesmo jeito que fez quando ele abordou Gianna. Estava jogando seu charme para cima de mim agora, ainda que por motivos egoístas.

– A Maria acha que o Gianluca não prestava e fez muito mal pra Carmela, mas essa é a opinião dela. Eu não sei *de fato* por que a Carmela foi embora da Itália. Não tenho a menor ideia do que levou ela e o Gianluca a romperem o noivado. Também me pergunto se o anel guarda mesmo o amor deles, já que

nunca foi oficializado com um casamento. Mas, de qualquer forma, tô tentando manter o otimismo em relação à verdadeira história e a esperança de que o Gianluca esteja vivo... e de que a gente consiga encontrar o homem... na Itália... esta semana.

Graham me encarou por uns dois segundos.

– Que foi? – perguntei, sentindo-me de repente muito exposta.

– Nada. Só tô tentando decifrar você direito, mas é... complicado.

– Ai, essa doeu – falei. – Eu tô exausta e um pouco estressada. Além do mais, acabei de ter que explicar pro meu noivo por que agora somos um trio em vez de uma dupla. Vai lá, última pergunta da noite.

– O que ele disse? – quis saber Graham, com as sobrancelhas levantadas.

– Ele é um cara legal. Disse todas as coisas certas.

Eu não ia dar a esse sujeito ainda suspeito o tipo errado de informação para sabe-se lá que história ele estivesse inventando.

– Tá bom. Última pergunta – garantiu ele. – Quero saber se você é tão supersticiosa assim com qualquer outra coisa além de anéis de noivado usados.

– Com certeza. Dá azar se casar na mesma data ou local de um casal que depois se divorciou. Obviamente, jamais se deve usar o vestido de noiva de segunda mão de uma mulher infeliz no casamento. Minha avó sempre dizia umas coisinhas sobre véu e pérolas. Ah, e existem regras sobre chuva no dia do casório, mas acho que até dá sorte, não azar. Algo a ver com dinheiro.

– Em resumo, coisas relacionadas a casamento?

– Ah, não. Sou supersticiosa sobre muitas outras coisas também.

– Então por que não incluiu nenhuma delas?

Pensei na pergunta dele por um instante e respondi dando de ombros. *Isso é algum tipo de armadilha?*

– Beleza, última pergunta *de verdade*: existe alguma outra superstição que faria você viajar mais de dez mil quilômetros?

– Não – respondi, surpresa com a rapidez da minha convicção. – Fiquei mais *complicada* agora?

– Sim e não – rebateu Graham com um sorrisinho afetado que fez o meu sangue ferver.

VINTE E UM



Como encontrar uma pessoa estrangeira em um país estrangeiro que falava uma língua estrangeira não era uma questão com que eu imaginava me deparar fora de um filme de Sofia Coppola. Observei Graham transformar seu notebook em uma central de controle durante a viagem de trem de volta, que cruzou Florença e terminou em Roma. Não sei como, mas ele estava fazendo uma ligação telefônica, conversando no Google Chat e trocando e-mails – tudo ao mesmo tempo. Annie fazia a parte dela, estudando mapas de rua para que fôssemos rápidos assim que desembarcássemos. E eu tinha esvaziado completamente minha caixa de entrada do trabalho para poder me concentrar na tarefa de verificar novamente todas as nossas reservas de hotel, a fim de evitar outra estadia “pitoresca”. Em 48 horas, havíamos nos tornado um trio eficiente, mas isso já era um terço do tempo total do qual dispúnhamos para encontrar um homem em uma cidade de 2,8 milhões de habitantes, supondo que Gianluca ainda morasse em Roma. Supondo que ainda estivesse *vivo*.

Chegamos à Cidade Eterna e ao nosso hotel sem contratempos. O opulento Hotel Scalinata di Spagna, que ficava na escadaria da Piazza di Spagna, me redimiui. Ele tinha um saguão de verdade, quartos com camas e poltronas, e cinco barrinhas de sinal no celular. E o mais importante: contava com uma vista para o icônico monumento histórico da capital italiana, e em um dia tão perfeito, tão digno de cartão-postal, até os moradores estavam tirando fotos. Fiz questão de pedir a Graham que tirasse uma foto minha e da Annie com as nossas echarpes Prada. Não tínhamos ido a Roma na viagem com a *nonna* e nosso avô, e aquela

cidade tinha destaque na nossa fantasia do filme *Só você*.

– A foto ficou muito boa – elogiei quando ele me devolveu o celular.

– Obrigado.

Então estendi o braço para tirar uma selfie de nós dois. Graham resmungou.

– Ah, para com isso! – falei. – Talvez eu não confie cem por cento em você ainda, mas a gente deveria tirar uma foto caso isso aconteça um dia.

Graham respondeu pegando o celular de volta e tirando a foto novamente, dessa vez com seu braço muito mais apropriado para selfies.

Finalmente nós três nos sentamos no saguão para uma sessão de planejamento completa, com direito a um *espresso* merecido e um *panino con mozzarella di bufala* para Annie – a única comida que curava seus enjoos matinais que duravam o dia todo.

– Esta criança escolheu o sanduíche mais caro de toda a Itália – reclamou ela, com a boca cheia.

– Acho bom – declarei, roubando um pedacinho de queijo. – Isso significa que posso pular a parte da comida quando chegar a hora de transmitir minha sabedoria sobre a escolha entre qualidade e quantidade. A orientação é: escolha *as duas coisas*.

– O almoço é por minha conta hoje – anunciou Graham, entrando na conversa. – Acabei de receber notícias do contato do meu contato na Interpol, então tô de bom humor. Ao que tudo indica, existem 15 Gianluca Marzullis morando atualmente em Roma.

– Posso pedir dois sanduíches pra levar pro lanchinho da madrugada? – perguntou Annie.

– Peça três – autorizou Graham. – Talvez os deuses da busca por homens italianos me iluminem pela minha generosidade.

– Pros italianos seria Santo Antônio de Pádua, o padroeiro das coisas perdidas – expliquei. – Mas não tenho certeza de que ele localiza pessoas. Nossa avó costumava recorrer a ele pra encontrar chaves e carteiras.

– Me lembre de agradecer aos meus pais por serem ateus – foi a resposta de Graham.

Passamos os vinte minutos seguintes tentando organizar a lista de Gianlucas, sendo o quesito idade aprovado por unanimidade como ponto de partida. No final, apenas quatro homens tinham entre 60 e 100 anos. Para decidir a partir daí, jogamos cara ou coroa; contávamos apenas com os endereços residenciais deles.

– Sugiro que a gente comece a bater nas portas dos mais novos pros mais velhos, pra ter mais chances de estarem vivos – falei.

– Acho melhor a gente se separar e eliminar três ao mesmo tempo – rebateu Annie.

– E eu acho que o nosso cara é esse que mora perto da RUFA, a Universidade de Belas-Artes de Roma – afirmou Graham. – Então podemos ir todos juntos de uma vez.

Estávamos ambas exaustas demais para questionar a certeza dele, e, àquela altura, não tínhamos mais motivos para isso. Ele havia feito mais em 24 horas do que nós conseguiríamos em um mês. Annie enfiou o resto do *panino* na boca e chamamos um táxi, com destino a Prati, Roma.

– “As outras partes de Roma são um pesadelo para qualquer urbanista: sem organização, sem estrutura, sem maneira de se localizar depois de *una bottiglia di vino rosso*” – leu a guia turística Annie, tomando cuidado para não enjoar. Ela estava consultando um site enquanto o carro seguia caminho. – “Mas Prati foi construída no final do século XIX. Atualmente, orgulha-se de ser um dos polos mais ricos da cidade, com planejamento estruturado e restaurantes famosos. Além de ficar aos pés da deslumbrante Basílica de São Pedro, este bairro conta com a imperdível Pizzarium Bonci, lar da pizza mais famosa de Roma no momento.”

Tudo se encaixava. Gianluca devia ser um pintor cheio da grana radicado em Prati. Ele tinha largado Carmela porque sabia que não conseguiria amá-la plenamente e manter sua vida como artista. Então, em suma, ele amava Carmela *demais* para prosseguir com o casamento. Anel: seguro.

– Ou foi isso ou então ele trocou a Carmela por uma moça rica de Prati pra que os pais dela pudessem financiar sua carreira artística – sugeriu Graham, e naquele momento eu jurei parar de compartilhar minhas teorias em voz alta.

Fosse ou não resultado de um casamento rico com outra pessoa que não Carmela, este Gianluca era definitivamente rico. O prédio onde morava parecia uma ala do Palácio de Buckingham redecorada por Roma. O átrio incluía um parque repleto de topiarias. Cada parafuso, prego ou maçaneta à vista era dourado. Os nomes dos moradores – incluindo um Gianluca Marzullo – estavam entalhados em uma placa de *mármore*. Mas nem todo esse encanto compensou o fato de o Gianluca escolhido por Graham não estar em casa.

– Eu também previ essa possibilidade – observou ele. – A gente devia ficar por aqui um tempinho, caso esbarre com algum vizinho pra interrogar, depois a gente deixa uma mensagem e vai embora.

Trinta minutos depois, ainda estávamos debatendo o que colocar na mensagem. Graham insistia para que não houvesse nenhuma menção ao anel.

Annie achava que eu deveria incluir o nome de Carmela, a fim de refrescar a memória do homem. E eu defendia escrever uma página inteira contando a história, no mínimo. No fim, o atraso na redação da carta levou a um desdobramento muito importante: um vizinho surgiu caminhando pelo jardim do prédio.

– *Salve, come posso aiutarla?* – perguntou um homem mais velho ao nos encontrar reunidos de forma suspeita em frente à parede de caixas de correio douradas.

Esse vizinho ainda era extremamente bonitão – um Pierce Brosnan italiano mais velho.

– *Ciao. Stiamo guardando Gianluca Marzullo* – falei, esperando ter me lembrado corretamente da única frase que achamos que deveríamos preparar para não ter erro: “Estamos procurando Gianluca Marzullo.”

O homem esperou um momento, provavelmente decifrando meu italiano incorreto, e então sorriu.

– Ah – disse ele. – Entendo. Bem, ele é um homem difícil de encontrar.

Isso animou Graham.

– O senhor o conhece, então? – indagou ele.

O homem assentiu, o que me animou ainda mais.

– Isso é incrível! Entregaria essa mensagem pra ele!?

Fiz menção de arrancá-la da mão da Annie.

– Na verdade – interrompeu Graham, pegando o pedacinho de papel –, é melhor a gente deixar a mensagem colada na caixa de correio dele, como a gente sempre faz. É lá que ele vai procurar.

– Ah, você também o conhece? – perguntou o vizinho.

– Conheço – afirmou Graham. – Obrigado pela ajuda. E tenha um bom dia.

Então, ele colou o papel na caixa de correio e começou a se afastar.

– Espera. Talvez este cavalheiro gentil tenha mais a dizer sobre o nosso... amigo – comecei.

– A gente tá atrasado, Shea! – exclamou Graham, olhando para trás.

– Parece que ele sabe o que tá fazendo – sussurrou Annie, e então começou a seguir Graham para fora do átrio.

– Desculpa. E *ciao*... – falei ao vizinho, mas ele já estava dentro do elevador.

E, assim que não podíamos mais ser ouvidos por ele, esbravejei:

– Que merda foi aquilo?!

– Regra número um do jornalismo: não confie em ninguém – retrucou Graham. – Você não conhece aquele cara. Não sabe se ele vai entregar a

mensagem ao Gianluca. Ele pode pôr o papel no balcão e deixar lá esquecido até a semana que vem.

– Mas ele conhecia o nosso cara! Um grau de separação de Kevin Bacon! – exclamei. – E isso significa que o Gianluca ainda tá vivo!

– Ele conhece um cara que é um dos quatro caras que ainda podem não ser o nosso cara – declarou Graham, me corrigindo.

– Cuidado com o tom... – disse Annie.

– Desculpa. Só tô mantendo os pés no chão – afirmou Graham. – É o único jeito de continuar.

Então ele foi na frente para descobrir onde poderíamos pegar o metrô. Annie apertou o meu braço para demonstrar apoio.

– Tá tudo bem – garanti. – Eu tô otimista.

– Maravilha. Mas, Shea, você sabe que existe a chance de a gente não encontrar esse sujeito nesta viagem, certo? – perguntou ela.

Minha irmã estava sendo gentil, mas a fala chegou aos meus ouvidos com o tipo de decepção devastadora que sempre fazia eu me sentir uma criancinha de novo.

– É, eu sei – falei, o que era meio mentira.

– Então talvez ajude começar a pensar no que você vai fazer se a gente não achar o cara. Só pra não ser pega de surpresa.

– É – respondi. Então me permiti aceitar o que ela provavelmente estava tentando dizer. – Acho que também tem uma chance de eu não encontrar o cara em lugar nenhum, né?

Annie era boa demais como psicóloga e como irmã para responder a essa pergunta.

VINTE E DOIS



Nossa sorte não melhorou ao longo da tarde. As três opções restantes na lista eram: 1) Gianluca Marzullo de Monti, Roma, 65 anos – meio novo para Carmela, mas não impossível, já que Maria disse que ele viajara para Borgo quando era um jovem artista. Mas Graham tinha feito algumas pesquisas complementares que revelaram que este Gianluca era alfaiate aposentado, então os dados não batiam. 2) Gianluca Marzullo de Centocelle, Roma – um bairro muito mais distante do centro da cidade, porém conhecido por sua cena gastronômica multicultural. Este Gianluca tinha 85 anos, então provavelmente era velho demais, mas morava em um bairro com uma cultura rica, como um ex-artista faria. E, finalmente: 3) Gianluca Marzullo de Pigneto, Roma – sua idade ainda era indeterminada, mas seu endereço parecia ser uma igreja, então ou ele havia deixado Carmela pelo sacerdócio ou era algum tipo de funcionário secular da capela. Por incrível que pareça, ele era nossa melhor aposta.

Decidimos retomar a busca indo ao apartamento do Marzullo de Monti primeiro, depois de passarmos 45 minutos só tentando encontrar o prédio certo. O enjoo da moça dos mapas estava afetando sua capacidade de se orientar. No fim das contas, foi tudo perda de tempo. O Gianluca número dois também não estava em casa, mas uma mulher atendeu à porta logo na primeira batida. Ficamos empolgados, até que ela revelou ser sua *moglie* – esposa – e que estavam casados havia 40 anos. A Sra. Ana Marzullo não conhecia nenhuma Carmela, e afirmou que *seu* Gianluca nunca tinha estado em Florença, muito menos em Borgo San Lorenzo.

- Não deixa de ser um progresso, mesmo que a gente só esteja riscando pessoas da lista – insistiu Graham.
 - Desde quando você é a Pollyanna do grupo? – perguntei.
 - Tem razão. Não é natural, e eu tô detestando isso, então será que você pode voltar a bancar a líder de torcida?
 - Sabe, a Shea foi mesmo líder de torcida – deixou escapar Annie. – Até foi capitã do time no ensino médio.
 - Eu já sabia – revelou Graham. – Primeiro porque fiz uma verificação completa dos antecedentes dela, e segundo porque conheci a Shea.
 - Você me stalkeou? – indaguei, incrédula, mas também um pouco honrada.
 - É lógico – admitiu Graham. – Quem é que vai pra um país estrangeiro com uma completa desconhecida?
- Isso fez Annie rir tanto que ela quase vomitou de novo.
- Nossa, *hilário* – falei. – E eu me orgulho de ter sido líder de torcida! Animar uma multidão é uma função muito nobre. Mas você provavelmente nunca foi a um único jogo de futebol americano do ensino médio por estar muito ocupado com... hum... equipe de oratória e debate ou corrida *cross-country*?
- Graham parou de repente, impressionado e talvez honrado.
- As duas coisas – confirmou ele. – Bom trabalho.



Eram quase dez da noite quando chegamos ao hotel, onde, é claro, nenhuma resposta do Gianluca Número Um havia sido entregue. Annie estava exausta, e Graham tinha outro trabalho para fazer, então desci até o bar do terraço para um drinquezinho antes de dormir – um negroni, o coquetel que eu havia descoberto na minha viagem com John.

As aulas já tinham acabado em Los Angeles, então liguei para o celular dele, torcendo para que John aparecesse na minha tela em sua mesa da sala de aula, revisando os planos de aula do dia seguinte, com a camisa xadrez finalmente para fora da calça e os dois mocassins jogados de lado. Meu desejo foi atendido.

- Nossa, como eu queria que você estivesse aqui agora – falei.
- Dia difícil? – perguntou John.

Eu praticamente conseguia vê-lo colocando os pés só de meia sobre a mesa

do outro lado da tela.

– Sim. A gente conseguiu uma lista de nomes que podem ser o homem da Carmela, mas o maior progresso que fizemos foi uma mensagem colada no saguão do apartamento de um deles.

– O que dizia essa mensagem?

– Praticamente nada! Graham achou que a gente deveria ser breve, pra não assustar o homem.

– Engraçado... Acho que me lembro de você ter tido sucesso com uma mensagem *muito* longa e muito *dramática* que provavelmente assustaria um homem...

Sorri com a referência, uma levantada de ânimo muito necessária.

– Seria muito complicado colar oito páginas de papel dobrado em uma caixa de correio – argumentei. – Além disso, acho que as manchas de lágrimas nas páginas foram o que realmente te conquistou, não foram?

– Shea, isso já faz anos. Chegou a hora de finalmente admitir que eram manchas de sorvete – retrucou John.

Ele estava se referindo à carta que escrevi depois da nossa primeira briga de verdade. Estávamos no Tar Pit – o terceiro lugar do tour improvisado do nosso primeiro encontro –, comemorando nosso aniversário de um ano. John tinha se desdobrado para garantir que nos sentássemos exatamente na mesma mesa ao lado da janela da frente. Me lembro de me sentir verdadeira e profundamente grata naquela noite, como se tudo na minha vida estivesse enfim no lugar. Mas pelo jeito John não sentia a mesma satisfação.

– Eu tava pensando... – dissera ele. – Será que tá na hora de morarmos juntos? Economizar com aluguel e começar do zero num lugar nosso? – Meu rosto reagiu antes que meu cérebro pudesse impedi-lo. – Nossa. Isso foi um não *com força*...

– Desculpa. Não. Não foi um não com força. É só que... – Eu não podia acreditar nas palavras que saíam da minha boca, mas não conseguia conter o fluxo de sincericídio. – Eu *acabei* de deixar meu apartamento exatamente do jeito que eu queria. Com aquele papel de parede do restaurante em WeHo que passei o ano todo procurando. Tá tão perfeito agora... E é o primeiro lugar em que morei sozinha.

– Então tá dizendo que não quer morar junto por causa de uma parede com papel de parede?

– Bem, são duas paredes, tecnicamente, e...

– *Eita*, Shea. Mas acho que é bom saber logo. Então vou renovar meu

contrato de aluguel.

John não se magoava com facilidade, mas, quando acontecia, suas palavras saíam num tom contundente e sarcástico, o tom de que eu menos gostava.

– Ei. Você jogou isso em cima de mim do nada! – protestei.

– Do nada?! Shea, a gente tá namorando há um ano. Eu tava achando curioso você ainda não ter falado em morar junto.

– Por quê? Porque eu sou mulher? Desculpa se não sou do tipo que chora no Instagram porque todas as amigas estão se casando e tendo filhos!

Eu estava perdendo o controle e sabia disso. Aquela conversa tinha despertado algo profundo.

– Sabe de uma coisa? Vamos pular a sobremesa. Perdi a fome – declarei.

Eu queria evitar que a gente se aprofundasse ainda mais naquele buraco, mas não foi assim que John interpretou.

– Inacreditável.

Voltamos para o meu apartamento em um silêncio doloroso. Cinco minutos depois, corri para a casa de Annie. Uma hora e uma caixa inteira de lenços de papel depois, ela sugeriu que eu escrevesse uma carta para John no intuito de registrar meus verdadeiros pensamentos.

– Você não precisa entregar pra ele – comentou ela –, mas parece que você não sabe bem o que tá sentindo. Escrever pode ajudar.

– Tá me dando o mesmo conselho que dá às crianças na escola? – perguntei.

– Minha certificação tecnicamente se aplica a alunos do ensino fundamental, e você agiu como um deles durante o jantar com o John, então, sim.

– Tudo bem – respondi, fazendo beicinho. – Mas vou precisar de caneta, papel e algumas horas sozinha. E mais sorvete de baunilha.

Eu me sentei com caneta e papel, acalmei minha mente acelerada e ouvi meu coração. Após um tempo, encontrei o caminho para os sentimentos por trás daquela reação exagerada. Escrevi que meu apartamento representava esse enorme momento de independência para mim. Confessei que havia tido dificuldade com a decisão de voltar para Los Angeles, então me agarrar ao meu próprio cantinho novo em um lugar com tantas lembranças da infância era uma façanha para mim. Cheguei a dizer a John que, na dinâmica da minha família, meu pai tomava todas as decisões sobre a casa porque, originalmente, era ele que ganhava todo o dinheiro. Manter meu espaço significava manter meu controle. Colei o envelope. Então decidi que isso tudo era importante demais para guardar só para mim.

Fui de carro até o apartamento do John e enfiei o envelope por baixo da

porta. Ele mandou uma mensagem na manhã seguinte perguntando se podíamos sair para dar uma volta. Nos encontramos no Hollywood Bowl e andamos pelas fileiras de bancos até colocarmos tudo para fora. A confissão fundamental de John foi que a minha independência às vezes o deixava inseguro. A minha foi que eu tinha crescido vendo o oposto de independência na minha mãe, então às vezes me apegava demais à minha. Três meses depois, ele se mudou para o meu apartamento, o nosso meio-termo confortável.

– Conte a verdade pra esse Gianluca – ouvi John dizer ao telefone, arrancando-me dos meus devaneios. – É romântico. E qualquer homem que escolheu aquele anel perfeito, sem igual no mundo inteiro, é um romântico.

Passei a hora seguinte redigindo uma mensagem capaz de convencer um completo desconhecido a compartilhar os segredos mais profundos de sua vida amorosa pregressa. Depois, paguei ao recepcionista do hotel para traduzi-la para o italiano e chamar um táxi para mim, para que eu deixasse a mensagem no apartamento de Gianluca Número Um.

VINTE E TRÊS



Na manhã seguinte, Annie e eu encontramos Graham no saguão para uma longa caminhada até o bairro de Centocelle, o reduto do Gianluca Número Três. Não contei a nenhum deles sobre minha decisão de deixar a segunda mensagem. Gostei do fato de ser um segredinho meu e de John.

– Tô com um bom pressentimento em relação a esse cara – disse Annie enquanto nos aproximávamos do endereço que Graham recebera.

Era um prédio de apartamentos de estuque rosa com buganvílias fúcsia crescendo no entorno e na frente. Roma com um toque de Los Angeles. *Seria um sinal?*

– Eu também – declarou Graham.

– Sério? Por quê? – perguntei.

Ele demorou um pouco mais para responder.

– Tá bom. É mentira. Só tava tentando ser legal.

– Obrigada – falei –, mas prefiro que seja sincero.

– Então, sou eu que agradeço. Você é a primeira a dizer isso. Primeira mulher, pelo menos – completou Graham.

Ele se afastou antes que eu tivesse a chance de tentar ler no seu rosto o que aquilo significava, mas minha curiosidade tinha sido aguçada.

A busca pelo Número Três começou com a participação de uma vizinha enxerida que tinha uma estranha obsessão por toda a história de vida deste Gianluca. Marta era uma Gladys Kravitz italiana. Aquela versão da personagem intrometida do seriado *A feiticeira* passava os dias perambulando pelo bairro,

varrendo a rua como tática de espionagem, o que certamente era uma vantagem para nós. Segundo Marta, Gianluca era gentil e educado, mas bastante misterioso. Ele chegava e saía em horários estranhos (“Às vezes, sai de casa todo arrumado no meio da noite!”). Só falava sobre viagens (“Quem sai tanto assim da Itália!”). E nunca tinha sido visto com uma mulher (“Não faz sentido! Ele é bonito e alto. Talvez alto demais?”). Isso parecia muito promissor, dado o que sabíamos sobre Gianluca inspirar em Carmela a vontade de explorar novos lugares, o que só tornava a informação que Marta havia omitido ainda mais devastadora: Gianluca havia se mudado recentemente para um novo apartamento, mais perto da cidade (“Eu tenho o endereço, porque ainda não me dei por satisfeita com esse homem estranho!”).

O local número dois contava com um zelador carrancudo, porém prestativo, chamado Lorenzo. Enquanto ajustava seu velhíssimo cinto de ferramentas, que usava como uma pochete, Lorenzo relatou que Gianluca era um bom sujeito, mas “imprestável” – termo que confirmei no meu aplicativo de tradução recém-baixado.

– Que homem consegue passar a vida toda sem conseguir trocar uma lâmpada? – perguntou Lorenzo. – E dizem que esse aí era um tipo de escultor? Que patético!

Nossos rostos se iluminaram: Gianluca Número Três era artista.

– Tá pensando o mesmo que eu? – sussurrou Annie.

– Sim, mas você me disse pra não pensar muito em nada, caso aquilo em que nós duas estejamos pensando esteja errado – falei.

Acontece que esse Gianluca também não seria encontrado naquele segundo local – ele havia se mudado recentemente *de novo*. Achei isso suspeito. Meus colegas de equipe acharam irritante. Lorenzo, o zelador, infelizmente não tinha o endereço atual de Gianluca, mas estava disposto a nos deixar bater na porta de todos os moradores do prédio para ver se alguém sabia para onde nosso suspeito tinha se mudado – isso *depois* que eu disse a Lorenzo que ele se parecia com o Al Pacino.

Quarenta e cinco minutos e duas corridas de Annie ao banheiro depois, tivemos nossa resposta: esse Gianluca agora morava em um bairro a trinta minutos de distância, de acordo com uma vizinha muito idosa que antes cuidava dos gatos dele.

– Então ele gosta de gatos... – comentei enquanto descíamos a escadaria do prédio. – Não gosto muito desse sinal...

Annie estendeu a mão para Graham.

– Cinco euros – disse ela. – Ou me pague um *panino*.

– Impressionante – comentou Graham.

Por um lado, era bom que meus companheiros de viagem estivessem se dando bem. Por outro, eram dois contra um no assunto *sinais*. Fiz uma anotação mental para mandar uma mensagem sobre o lance do cachorro x gato para John mais tarde. Ele concordaria comigo – ou pelo menos fingiria concordar.

– Certo, chegou a hora de dividir pra conquistar – anunciou Graham assim que finalmente chegamos ao nível da rua. – Temos que ir até o fim com o Número Três, mas ainda falta o Número Quatro. Annie, você pode dar uma conferida nele sozinha?

– Eu? Por que eu? – perguntou ela.

– Porque preciso estar com a Shea pra fazer anotações, caso a gente encontre alguma coisa.

– Eu sei fazer anotações. Já fiz isso.

A Annie grávida era ainda mais irritadiça do que a Annie não grávida.

– Alguma chance de eu convencer vocês? – indagou Graham, se virando para mim.

– Não – respondi –, mas vou sentir falta do jeito como você “fala” italiano exclusivamente usando gestos com a mão.

Ele fez uma reverência em agradecimento enquanto parávamos dois táxis.

Eu estava animada, apesar da caçada até então inútil. Ninguém havia mencionado uma esposa ligada a esse Gianluca, e ele era sem dúvida um artista, mesmo que escultor, e não pintor. Segundo o barista do café ao lado do prédio, Gianluca estava naquele momento na Galleria Borghese, a galeria de arte famosa, onde trabalhava como docente – ou seja, a ocupação perfeita para um artista de mais idade!

Pegamos *outro* táxi para a galeria – de *volta* à cidade –, onde uma recepcionista muito confusa deixou que eu explicasse nossa viagem inteira antes de dar o golpe final: Gianluca, o escultor, estava internado, se recuperando de uma cirurgia cardíaca delicada.

– Eu tô usando todo o meu autocontrole pra não ter um ataque de raiva no meio deste salão silencioso de esculturas – disse Annie, entre respirações entrecortadas. – O que a gente faz agora?

– Vamos mandar uma mensagem pro Graham.

Ele respondeu na hora, ajudando a gente a enxergar a luz no fim do túnel.

Isso é bom, escreveu ele. Agora sabemos onde ele está. E que não pode sair do prédio. Graham já tinha deixado uma mensagem por baixo da porta do Gianluca

Número Quatro – porque ele obviamente *também* não estava em casa –, então pegou um táxi para nos encontrar.

Quando Graham chegou, Annie estava cambaleando de exaustão, e minha cabeça latejava tanto que eu conseguia senti-la nos dedos dos pés. Mas estávamos perto – aquele poderia ser o nosso homem. Todos os sinais indicavam que *sim*.

– Já sabem quais perguntas vão fazer? – indagou Graham enquanto nos dirigíamos à recepção da clínica onde o homem se recuperava.

– É óbvio que não – falei. – Eu tava ocupada demais tentando encontrar esse fantasma.

Ele então me entregou três guardanapos de papel cobertos de garranchos.

– Deixem comigo – garantiu ele.

Fiquei tão comovida com a ajuda que não percebi que tinha amaldiçoado toda a missão com uma única palavra despreocupada: *fantasma*.

– Perdão – disse uma mulher muito gentil na recepção quando perguntei sobre nosso “querido amigo” Gianluca Marzullo. – *Il signor Marzullo è... morto*.

– O que ela disse? – quis saber Annie, mas o olhar triste da mulher foi devidamente traduzido por Graham e por mim.

Gianluca Número Três, a opção mais provável, estava morto. E o dia seguinte era o nosso último na Itália.

VINTE E QUATRO



Annie estava tão cansada que caiu no sono na poltrona do hotel sem nem trocar de roupa. Tentei falar com John para relatar os fracassos do dia, mas acabei tendo que deixar outra mensagem de voz vaga. Decidi que um negroni rápido seguido de um banho quente seria o melhor remédio para o dia. Pelo jeito, Graham pensava o mesmo, incluindo a parte do negroni.

– Vou querer o mesmo que ele – falei ao barman, cansada demais para me dar ao trabalho de tentar falar em italiano.

– Nora Ephron – declarou Graham.

– Curiosidade: quem disse essa fala foi a mãe do Rob Reiner – informei. – Mas vou deixar passar, dado seu impressionante conhecimento sobre cinema.

– Graças ao meu avô. Bom, a parte antiga foi graças a ele, mas me viciou. Eu acordava uma hora e meia antes da escola todo dia pra assistir a um filme. Mantinha um registro no que deveria ser meu caderno de matemática.

– Não conta, a menos que você tenha digitalizado pro Excel depois de entrar na faculdade.

Essa revelação me rendeu aquela rara risada que vem lá da barriga.

– À minha colega nerd! – declarou Graham quando meu coquetel chegou, erguendo o dele. – E a nós, que desvendamos esse caso. Não se estresse muito com o dia de hoje. Já entrei em contato com a Elena pra obter mais informações sobre o Gianluca Número Quatro. Amanhã a gente resolve isso.

– Obrigada. Mas se eu ouvir esse nome mais uma vez, vou pular na fonte da *piazza*.

– Justo – disse Graham. – Ficarei feliz em te fazer mais perguntas da minha lista cada vez maior.

– Agora é a minha vez – contestei, e então tomei outro gole da magia alaranjada vibrante no meu copo. – Quero saber como você começou a escrever. Qual foi o primeiro projeto que realmente te fisgou?

Graham me analisou por um momento, como se tivesse acabado de decidir que éramos amigos.

– Começou com o casamento de merda dos meus pais – confessou ele. – Achei que conseguiria consertar as coisas se descobrisse o que tava rolando entre eles. Levei um ano inteiro, mas, sejamos justos, isso foi antes da internet. Eu literalmente seguia os dois pelos cantos numa bicicleta Huffy.

De repente, visualizei um Grahamzinho determinado segurando um bloquinho ainda menor, mas igualmente amassado, enquanto se esgueirava pela cidade na mais triste de todas as missões. Deu vontade de abraçar sua versão adulta e dizer: “Eu sei como é.”

– Foi tudo bem emocionante – continuou ele. – Até eu descobrir que minha mãe estava traindo meu pai há anos.

– Babaca – soltei, e, então, rapidamente, tentei consertar. – Meu Deus, *me desculpe*. Eu não quis chamar sua mãe de babaca!

– Quis, sim – rebateu Graham enquanto tomava um gole lento do próprio copo. – E obrigado. Foi a reação mais honesta que já recebi pra essa revelação.

– Bom, eu já passei por isso. Foram *vários* casos extraconjugais por parte do meu pai, além de bebedeira e até falência pra completar a diversão. Foram *muitos e muitos* anos ignorando isso por parte da minha mãe, e muitas idas pra debaixo da cama com meu ursinho Teddy Ruxpin pela minha parte.

– Travesseiro do Hulk Hogan, mesmo local.

– Por que a gente se escondia debaixo da cama? – perguntei, animada com a conexão. – Dava pra ouvir tudo, e era sujo pra cacete! O guarda-roupa teria sido muito mais inteligente.

– De jeito nenhum – respondeu ele rapidamente. – Era assustador lá dentro. Mesmo com as estrelas no teto.

– Eu tinha as MESMAS ESTRELAS! – exclamei.

– Assim como todas as crianças nos anos 1990 – disse um americano três bancos depois do meu.

Graham e eu passamos a próxima rodada de negronis conversando em voz mais baixa sobre nossa infância. Coisas como estratégias para abafar o barulho, planos de colocar nossos pais briguentos um contra o outro para ganhar

presentes e até mesmo o fato de termos odiado o divórcio com o qual ambos passamos anos sonhando. Desenterramos alguns sentimentos que eu tinha esquecido havia muito tempo. Fiquei impressionada com a facilidade de identificá-los agora. Meu passado geralmente trazia uma vergonha que me mantinha em silêncio sobre o assunto. Naquele momento, eu estava sentindo... alívio? Ou talvez conexão.

– Os pais do John ainda estão juntos? – indagou Graham.

Tínhamos levado a conversa para as ruas ao redor do hotel.

– Que jeito de voltar sorrateiramente pra sua lista de perguntas sobre mim! – observei. – E, sim. Eles estão juntos. *E* felizes. Ainda andam de mãos dadas na rua. É bonitinho.

Graham ergueu uma sobrancelha.

– Que foi? – perguntei. – É bonitinho, sim.

– Eu nunca daria certo com alguém que tem pais casados e felizes – declarou ele.

– Essa é uma categoria muito grande de pessoas.

– Quase cinquenta por cento. Mas, acredite, eu tentei. É como se nunca falássemos a mesma língua.

– Essa é a questão – insisti. – Você pode aprender uma língua *muito* melhor.

Graham ergueu a sobrancelha novamente. Não acreditava em mim. *O que ele sabe de verdade sobre mim ou sobre o John?* Então reparei que um casal mais velho e outro mais novo caminhavam na nossa direção, todas as quatro pessoas com *gelatos* na mão. Minha mente voltou para o meu primeiro jantar com os Jacobs. Foi uma refeição maravilhosa em um restaurante de frutos do mar em Long Beach, mas me lembro de sentir umas pontadas de desconforto enquanto Kay e Bob me faziam perguntas sobre meus pais. Como se estivessem me testando. Aquilo provocou uma pequena discussão com John no caminho de carro para casa naquela noite.

– Eles só estavam curiosos – argumentara ele. – Não se importam que seus pais sejam divorciados, Shea. E, mesmo que se importassem, eu não me importo.

Eu não conseguia me livrar daquela sensação incômoda. Liguei para Annie depois de chegar em casa para pedir sua opinião profissional sobre a seguinte questão: filhos de pais divorciados traziam mais bagagem emocional para um relacionamento que filhos de pais que permaneceram juntos? Ela me disse o que tenho certeza de ser a verdade: todas as pessoas têm bagagem emocional. Então, me lembrou que tínhamos passado tanto tempo com a *nonna* e o nosso avô – casados e felizes – quanto com os nossos pais. *Será que isso me tornou bilíngue?*

Graham e eu pegamos nossos *gelatos* – *cioccolato* para ele, *vaniglia* para mim – e encontramos um banco de frente para a Fontana di Trevi. O reservatório abaixo dos enormes tritões de pedra estava iluminado por dentro, brilhando com um azul-celeste forte em contraste com a escuridão da noite. O mundo de cabeça para baixo.

– Então, após horas de conversa, estou confuso sobre uma coisa – disse Graham.

– Nossa. Confundi o grande detetive – afirmei, com um sorriso debochado que ele ignorou.

– Depois de tudo pelo que passou com o divórcio dos seus pais, o que fez você ficar tão obcecada por casamento?

– Alto lá! Eu não sou *obcecada* por casamento – retruquei.

– Então qual é o sentido dessa coisa toda em relação ao anel?

– Garantir que é seguro me casar com *este* anel.

– Pra que vocês possam ter um casamento perfeito.

– Não *perfeito*, só um que não *acabe*. Tenho certeza que você consegue respeitar isso.

– Não. Desculpa. Eu não respeito o casamento.

– Você não *respeita* o casamento? – perguntei. Um homem que passava se virou com minha aparente elevação da voz. – Tipo, a instituição do casamento toda?

– Exatamente. Não acredito nela. Não quero isso pra mim.

– Espera. O artigo que você tá tentando escrever vai ser na verdade sobre *isso*?

– Depende de você, não de mim – respondeu Graham.

Minhas orelhas esquentaram instantaneamente, um sinal muito raro. *Estou sendo manipulada?* Puxei o ar com força, pronta para voltar pisando duro para o hotel, sozinha.

– Acho que a gente terminou por hoje – comecei, mas Graham estendeu a mão para me deter.

– Espera – pediu ele. – Desculpa. Tô sendo um idiota. Só fico assim por causa dessa questão toda porque... sei lá.

Seu tom me fez ceder, então olhei nos seus olhos e vi sinceridade ali. Respirei fundo. Com isso, percebi que não éramos apenas dois adultos no meio de uma missão frustrante; éramos os resquícios de dois adolescentes machucados com algumas das mesmas feridas.

– Estamos de bem? – perguntou Graham.

– Estamos. Mas é você que vai bancar as moedinhas que estamos prestes a jogar naquela fonte.



Eu estava bocejando tanto que mal conseguia enxergar direito enquanto caminhávamos pelo saguão principal.

– Ah, eu queria ver se eles têm selos pra cartões-postais na recepção – falei a Graham. – Além disso, me lembre de comprar cartões-postais amanhã, antes que seja tarde demais.

– Então vamos nos encontrar às sete da manhã, não às oito – sugeriu ele enquanto andava até o elevador. – Tenho a impressão de que você faz compras do mesmo jeito que fala.

– E me orgulho disso! – gritei enquanto ele desaparecia no corredor, depois fui até a recepção.

Quando cheguei lá, descobri que estavam à minha espera.

– É a *signorina* Anderson, certo? – indagou o recepcionista. – Tenho uma mensagem para lhe entregar. Do *signor* Gianluca Marzullo.

VINTE E CINCO



Tinha sido o Gianluca Número Um o tempo todo.

– Como se diz “eu avisei” em italiano? – perguntou Graham.

Eu tinha acordado Annie de um sono profundo e chamado Graham para bolarmos um plano. Sua dancinha da vitória pareceu o momento perfeito para contar a eles que foi a minha segunda mensagem que resolveu o caso.

– Então tá me dizendo que pegou um táxi sozinha na Itália à uma da manhã? – indagou Annie, agora completamente acordada.

Graham, porém, teve uma reação diferente, uma que eu ainda não havia visto: ele ficou impressionado.



A primeira coisa que fizemos na manhã seguinte foi pegar um táxi para o endereço que Gianluca havia deixado na mensagem. Curiosamente, não era o suntuoso complexo de apartamentos que tínhamos visitado no dia anterior, nem era próximo dali. O carro serpenteava por um trecho minúsculo da cidade logo na saída do Vaticano – um lugar que parecia ainda mais perdido no tempo do que o resto de Roma.

– Não me sinto segura com você entrando lá sozinha, Shea – admitiu Annie enquanto nos aproximávamos do prédio.

– Eu te amo – falei –, mas você e seus enjoos matinais não são minha

primeira escolha como reforço agora.

– Você precisa entrar sozinha – interveio Graham. – É o que ele espera. Se você não estivesse com tanta pressa, eu poderia arranjar uma escuta pra gente poder acompanhar tudo.

Lembrei a Annie que eu era fera no boxe tailandês e a Graham que tínhamos um trem de volta para Florença em quatro horas.



Eles me deixaram do lado de dentro do pórtico do prédio mais antigo que já tínhamos visto: um casarão de pedras cinzentas com venezianas de madeira caindo aos pedaços. Segurei meu anel nas mãos, fechei os olhos e fiz uma prece silenciosa antes de apertar a campainha: *Por favor, deuses do romance, do amor e dos anéis de noivado usados, que esta história tenha um final feliz.*

Momentos depois, fui recebida por um rosto muito familiar.

– O senhor é... o vizinho – falei, confusa e subitamente preocupada.

– Não – discordou o homem com quem havíamos falado do lado de fora do apartamento de Gianluca. – Eu era o homem que vocês procuravam. Só não sabia se deveria confiar em três estrangeiros desconhecidos e animadinhos, ainda mais que um de vocês tinha um bloco de anotações no bolso de trás.

Gostei dele de cara.

Gianluca me conduziu por um corredor estreito. Era como passar pela portinha da fábrica de Willy Wonka. Mas, em vez de o espaço se abrir para um paraíso dos doces, o corredor revelava o que parecia ser um museu de arte completo. Centenas de quadros cobriam cada centímetro das paredes de estuque cor de creme ou estavam empilhados uns sobre os outros, formando pequenas mesas de centro e de canto, em todos os lugares onde deveria haver móveis. Cada centímetro restante do piso de madeira escura abrigava cavaletes, cada um com um retrato: homens idosos e majestosos; mulheres segurando bebês; famílias posando para o Natal; e uma mulher que talvez fosse uma rainha. Eram clássicos e precisos em muitos aspectos, mas com pinceladas grossas, traços marcantes e fundos vívidos que não se pareciam com nada que eu já tivesse visto antes – uma mistura de Da Vinci com Van Gogh.

– *Mamma mia...* – murmurei.

Gianluca sorriu em agradecimento. A luz que vinha das janelas do chão ao

teto capturava as linhas ainda bem definidas de seu maxilar forte e das maçãs do rosto salientes. Ele tinha uma volumosa cabeleira grisalha, que eu já tinha notado no saguão do prédio. Era um homem bonito. Eu só podia imaginar como ele era quando Carmela o vira pela primeira vez em sua pequena cafeteria.

– Vem ver onde tudo começou – disse ele enquanto me levava até uma pintura menor apoiada no que parecia ser o cavalete mais antigo do lugar.

– Carmela – sussurrei.

– Sim. O primeiro retrato que pintei na vida. Eu era um estudante universitário arrogante, dando tudo de mim na pop art pra me tornar o Andy Warhol italiano. Mas tinha acabado de ser repreendido pela centésima vez por meu trabalho carecer de originalidade. Foi por isso que fui embora pra Borgo San Lorenzo.

– E conheceu a Carmela – completei.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Na minha primeira manhã na cidade. Eu me sentei e desenhei tudo que vi durante cinco horas enquanto tomava expresso e fumava os cigarros que todos nós, tolos, fumávamos naquela época. E fiz a mesma coisa todos os dias pelas duas semanas seguintes.

– Não é de espantar que a Maria não gostasse do senhor – observei.

– Rá! Tinha também o fato de eu distrair a única garçonete dela o dia inteiro. No final de cada dia, eu apresentava minha pilha de trabalhos para aquela interiorana de cabelos negros e olhos verdes intensos. E todas as vezes ela descartava as paisagens e naturezas-mortas e me devolvia uma pilha com pessoas.

– Ela te enxergou de verdade – afirmei em tom suave. – Não cheguei a conhecer a Carmela, mas sei que esta pintura é precisa. O senhor também enxergou a Carmela.

Gianluca olhava para a tela com adoração, carinho. *O que poderia ter acontecido?*

– Eu não... sei por onde começar – disse Gianluca. Ele percorreu o salão com o olhar, parecendo se perguntar onde deveríamos nos sentar para conversar, ou talvez se deveríamos nos sentar para conversar. – Talvez pelo anel – decidiu ele. – Posso dar uma olhada?

– É claro – respondi, tirando-o da blusa.

Gianluca pareceu reviver ao vê-lo.

– *Mio Dio...* – sussurrou ele para si mesmo. – Alguém te ama muito. O nome dele é John, segundo sua mensagem, certo?

- Isso, John Hayden Jacobs.
- Ah, um nome americano muito forte.
- O senhor já foi pros Estados Unidos? – indaguei.
- Muitas vezes. Na maioria delas, pra Nova York.
- Onde a Carmela morava...

Gianluca olhou para fora, através das cortinas transparentes da janela aberta.

Meu sonho para esta viagem havia se realizado, mas agora eu me sentia empacada. Não sabia como me conectar com aquele homem. De repente, minha mente voltou para minha mãe: eu a vi com um paciente muito parecido com Gianluca, sentado no asilo onde ela trabalhou durante a última década de sua vida.

Suzanne Anderson, enfermeira, formou-se como a primeira da turma da faculdade de enfermagem. Ela era vinte anos mais velha e dez mil vezes mais ocupada do que os colegas, mas ainda assim entrava na lista dos melhores alunos todo semestre. Mais tarde, fiquei sabendo que esse tinha sido o pontapé inicial de sua jornada para construir uma vida longe do meu pai. Ela começara a estudar à noite quando ainda morávamos perto de Santa Bárbara, provavelmente porque previra a perda iminente da estabilidade profissional do meu pai – e da estabilidade em geral. Ela trabalhara por quase uma década para finalmente obter aquele diploma, mas, numa reviravolta cruel, o universo lhe dera menos de quatro anos para usá-lo.

Ao longo dos anos em que trabalhei como voluntária no hospital, vi minha mãe acompanhar pacientes em momentos difíceis muitas e muitas vezes. Ela sempre os abordava da mesma maneira, com uma paciência evidente e profundamente presente. Essa firmeza era uma das coisas que minha mãe e a *nonna* compartilhavam. E era disso que eu precisava no momento.

– Não precisa se apressar. A gente pode se conhecer um pouco primeiro, o que acha? Pergunte o que quiser.

Gianluca assentiu para si mesmo e sorriu para mim.

– Obrigado – disse ele. – Então, quando ganhou este anel?

– Em julho deste ano. O John comprou numa joalheria em Hudson, Nova York. Parece que a Carmela vendeu o anel para lá poucas semanas antes de...

Parei de repente, apavorada por ter começado a revelar o que seria uma notícia devastadora.

– Eu sei que ela faleceu – informou Gianluca.

Demorou um segundo para a minha mente encaixar essa parte no resto do quadro.

– Se o senhor sabe, então... acompanhou a vida dela todos esses anos? – perguntei.

– Não. Eu estive na vida dela todos esses anos.

Eu literalmente arquejei.

– Vamos nos sentar – sugeriu Gianluca, depois fez um gesto em direção ao sofá esfarrapado escondido no canto.



– Quero que saiba que estou fazendo isso pela Gianna – começou Gianluca. – Na sua mensagem, você mencionou que, por causa do anel, ela nunca conheceu completamente a mãe, e isso parte o meu coração.

Finalmente caiu a ficha.

– Gianna – falei. – O nome dela é uma homenagem ao senhor, não é?

– Sì. E é por isso que não suporto a ideia de ela acreditar que existia algum segredo terrível na vida da mãe dela. A Carmela não tem culpa de nada, exceto de me proteger.

Um arrepio percorreu meu corpo. *Protegê-lo de quê?*

– Você sabe que a Carmela e eu rompemos o noivado depois de dois anos morando juntos aqui em Roma. Durante esse tempo, viajei a Manhattan pra trabalhar como professor. Fomos juntos, e a Carmela se apaixonou pela cidade e pelos Estados Unidos. A gente sonhava em construir uma vida lá quando minha carreira decolasse. Depois que tudo terminou entre nós, sugeri a ela que vendesse o anel pra que pudesse começar uma nova vida nos Estados Unidos. Mas ela deu um jeito de se estabelecer lá e manter com ela esse pedacinho de nós.

– Então o senhor encontrou a Carmela depois que ela estava morando em Nova York?

– Não, ela me encontrou. Porque, como ela disse numa carta tão linda quanto a sua, éramos almas gêmeas.

Eu estava tentando muito ser paciente, mas o diabinho no meu ombro finalmente levou a melhor.

– Mas então *por que* vocês terminaram? – perguntei.

As palavras passaram pela minha cabeça e saíram pela minha boca tão depressa que não teve como não soarem rudes. Gianluca fechou os olhos e respirou fundo. *Eu estraguei tudo*, pensei. Mas, momentos depois, o homem

disse algo que, como sua expressão indicava, devia ter dito em voz alta raras vezes durante a vida.

– Porque percebi, pouco antes de a Carmela e eu planejarmos nos casar, que nunca poderia amá-la como ela merecia. Foi tentando oferecer a ela tudo de mim que me dei conta da minha verdade: sou um homem gay.

Levei a mão ao coração, que batia forte no peito.

– Ah! – arquejei. – Uau...

Foi uma resposta desajeitada, mas honesta.

– Sei que não é algo que as pessoas precisem esconder hoje em dia, ainda mais nos Estados Unidos, mas a Itália é um país fortemente católico, e eu venho de uma família muito religiosa. Se alguém descobrisse naquela época, isso teria comprometido o meu relacionamento com eles. Além disso, eu ganhava a vida como retratista para famílias ricas; elas jamais teriam levado um homem gay para dentro de suas casas nos anos 1970. Então, as pessoas que sabiam a verdade juravam segredo, incluindo a Carmela.

– Como ela se sentiu quando descobriu? – indaguei.

O rosto de Gianluca se entristeceu ao lembrar.

– Magoada, confusa. Com raiva, no começo – contou ele. – Anos depois, ela me disse que tinha desconfiado uma ou duas vezes, mas é preciso lembrar que havia pouquíssimos homens gays assumidos naquela época. Eu mesmo só me dei conta quando conheci alguém, um colega artista.

– Vocês dois ficaram juntos?

– Não – respondeu Gianluca. – Decidi que seria muito arriscado. Passei a maior parte da vida sozinho porque era mais fácil do que perder minha família. É lógico que, agora que estou velho, parece burrice. Eles não me aceitaram de qualquer maneira por eu ser um “solteiro sem amor” na cabeça deles. Eu precisava me casar para ser um homem.

Suas palavras me atravessaram. Antes de conhecer John, me perguntaram várias vezes se eu estava ficando nervosa com a ideia de “encontrar *a pessoa certa*” para poder “sossegar”. O casamento era a maneira padrão e mais aceita de ser uma adulta estável e responsável, mesmo agora.

– Sinto muito – eu disse. – Nada disso deve ter sido fácil. E imagino que tenha sido por isso que a Carmela nunca contou a ninguém sobre o senhor.

– Sim. Ela dava uma escapadinha até Manhattan para me visitar sempre que eu estava nos Estados Unidos. No restante do tempo, nos comunicávamos por longas cartas escritas à mão. Guardei todas e adoraria finalmente entregá-las a Gia.

– É claro.

Minha mente, porém, tinha ficado em Carmela guardando esse segredo, mentindo para a família em consideração a este homem. Ter agido com tanta compaixão enquanto lidava com sua própria desilusão profunda demonstrava o quanto ela o amava de verdade. Com esse pensamento, senti começar a sair dos meus ombros todo o peso que eu vinha carregando desde o momento em que John abriu a caixinha preta do anel.

– O anel é seguro – sussurrei, contendo as lágrimas.

– Como assim? – perguntou Gianluca.

– Desculpa. Estou só aliviada. A história de vocês é um exemplo lindo de amor e lealdade, de conexão verdadeira, mesmo que não tenha terminado em casamento. Posso usar este anel sabendo que ele carrega toda essa energia pura e feliz. Isso é tudo de que eu precisava, Gianluca. *Grazie*.

– Certo – disse ele, com uma expressão repentinamente preocupada. – Você mencionou isso na mensagem. Mas, Shea, não posso te dar essa garantia.

– Como assim? O senhor acabou de fazer isso.

Endireitei a coluna contra o encosto do sofá velho.

– Só posso falar sobre a minha história. Eu não sei o que aconteceu com a mulher que usou o anel antes que eu o desse pra Carmela.

Todo o peso voltou com força. Havia outra dona. *Outro relacionamento*. Outro mistério para solucionar, do zero. Meu estômago embrulhou.

– Sinto muito por isso, mas eu posso ajudar. Sei o nome da mulher que me vendeu o anel – informou Gianluca. – Então você poderá ir atrás dela.

VINTE E SEIS



Estávamos perigosamente perto de perder o trem de Roma para Florença, programado para dar tempo de pegar o voo de volta para Los Angeles com Annie. E eu não conseguia me decidir se queria mais duas horas para Gianluca me contar tudo que sabia sobre a segunda – ou, tecnicamente, a primeira – dona do anel ou se queria voltar no tempo para não ficar sabendo dessa reviravolta.

– Vou reunir tudo que conseguir lembrar num e-mail para você – sugeriu ele, vendo o espanto nos meus olhos. – Assim poderá pensar no assunto quando tiver mais tempo.

– *Grazie* de novo – falei. – Isso foi muito mais do que eu esperava. Como posso te agradecer?

Gianluca sorriu como se estivesse esperando essa pergunta, talvez como se fosse esse o motivo para ele ter me convidado para uma conversa.

– Significaria muito para mim se você pudesse me pôr em contato com a Gia – pediu ele.

– Com certeza – prometi. – Acho que ela vai adorar.



Eu me sentia uma criança lutando contra a hiperatividade do açúcar enquanto descia correndo os degraus de pedra do prédio para encontrar Annie e Graham. Meu cérebro não sabia no que focar primeiro, ele se negava a focar em qualquer

coisa. Então o universo decidiu me pressionar um pouco mais: John estava me ligando.

– Que vontade de matar esse velho italiano – disse ele depois que resumi rapidamente a última hora. – Você tava *feliz*. O mistério do anel tava *resolvido*. Por que ele não parou por aí?

Agradei silenciosamente pelo fato de John ter me ligado sem vídeo dessa vez. Mas ele estava certo; em termos de carma, o noivado fracassado era um detalhe técnico. O amor, em sua essência, durou até o dia em que Carmela morreu.

– Olha, eu detesto isso tanto quanto você – afirmei –, mas nenhum de nós tá no controle aqui.

Eu estava escondida no pátio do prédio de Gianluca, imaginando quanto tempo eu teria antes que alguém viesse me arrastar para pegar o trem. Eu tentava não pensar também no que cada um diria quando ouvisse o que eu tinha descoberto.

– Beleza. Vamos ver por outro ângulo – sugeriu John. – Com base na sua superstição, a dona mais recente não apagaria a energia da pessoa que usou o anel antes? Então, a história do Gianluca e da Carmela anula tudo o que essa primeira mulher possa ter vivenciado. Então você pode escolher dar o caso por encerrado.

Ele estava tentando usar uma lógica válida, mas eu tinha a minha própria.

– Imagine descobrir que um assassinato horrível foi cometido em uma casa que você tá pensando em comprar – falei. – No mesmo nível do serial killer de Golden State. Não aconteceu com o proprietário mais recente, mas com o imediatamente anterior. Você ainda iria querer morar lá?

John ficou em silêncio do outro lado da linha. Eu o visualizei no sofá da nossa sala, agarrando as almofadas com tanta força que elas nunca mais seriam as mesmas.

– Então o caso não está encerrado...

O raro tom ansioso na sua voz atingiu o meu ouvido como uma nota fora do tom.

– Acho que poderia estar – comecei. – Porque não quero que você fique chateado com isso e... – Parei de falar, ouvindo de repente a voz da minha mãe na minha. Ignorando as necessidades dela para priorizar as do meu pai. Deixando os sentimentos dela de lado para que ele se sentisse confortável. Comportando-se do jeito que ela considerava que uma boa esposa deveria se comportar. – Vou tentar outra vez – recomecei com firmeza. – Sei que a gente

não esperava essa reviravolta, mas ainda é o mesmo plano que a gente combinou. Eu tô descobrindo a história do anel.

John não respondeu de imediato, mas, quando o fez, desejei que ele tivesse esperado mais tempo.

– Talvez o melhor plano fosse simplesmente eu te dar um anel novo.

Como se tivesse recebido um aviso paranormal, Annie apareceu na minha frente. Ela pareceu aliviada por me encontrar viva, mas imediatamente percebeu que algo estava errado. Levantei um dedo para dizer que precisava de um minuto. Ela bateu com o dela no pulso para me dizer que eu não tinha esse tempo.

– Hum... nossa... beleza – falei, enrolando. Eu sentia meu corpo rejeitando a ideia. Empurrando o “não” para o meu cérebro. *Por quê? Isso resolveria tudo.* – Vou pensar no assunto – continuei. – Na verdade, a gente está superatrasado pro trem, então...

– Tô falando sério, Shea – insistiu John. – Por que não acabar logo com isso?

– Vou pensar – repeti, depois disse que o amava e encerrei a ligação.

VINTE E SETE



Embarcamos no trem com três minutos de antecedência. Na corrida de táxi até a estação, eu já tinha contado a Annie e Graham toda a história de Gianluca, deixando de fora a conversa com John, até mesmo para Annie.

– Vou pesquisar esse nome Bete Silva assim que me conectar à internet – prometeu Graham.

– E vou tentar te convencer a não procurar a mulher assim que encontrar um *panino* – disse Annie.

Afundi no assento, grata por não estarmos no vagão silencioso. Eu precisava da distração de conversas fora da minha cabeça. Por sorte, uma mãe e uma filha francesas estavam discutindo algumas fileiras à nossa frente. A mulher tentava sem sucesso manter a voz baixa enquanto implorava à filha que fizesse alguma coisa. *Era ouvir? Entender?* Estiquei o pescoço, curiosa, na esperança de ver as pessoas por trás das vozes. Acontece que eu estava errada. Era a filha – com doze piercings na orelha e mechas cor-de-rosa no cabelo – que implorava algo à mãe, que era a personificação da elegância parisiense, vestida de creme da cabeça aos pés. Mesmo sem entender nada da língua delas, dava para ver que a jovem realizava um apelo apaixonado por algo que sua mãe não conseguia, ou talvez não quisesse, entender. A dinâmica delas – a maneira como a mãe argumentava com calma e a filha agitava os braços – me fez voltar instantaneamente no tempo.

Eu devia ter uns 17 anos; Annie estava prestes a se formar na faculdade. Foi cerca de um ano depois de termos perdido a *nonna*, e nossos pais finalmente haviam se divorciado cerca de seis meses antes. Eu deveria ter ficado animada

com isso, depois de todos aqueles anos de expectativa, mas só sentia raiva. Talvez ainda estivesse de luto pela perda da *nonna*. Ou brava por mais uma vez meus pais terem roubado a atenção do que eu achava que realmente importava. A briga derradeira, que fez o meu pai ir embora, aconteceu poucos meses após a morte da *nonna*. Àquela altura, meu avô também já estava começando a ficar doente. Eu pensava que precisávamos nos unir como família, apoiar um ao outro para superar tudo aquilo. Ou talvez, no fundo, eu não quisesse que eles se separassem; queria que eles melhorassem, juntos.

Naquela noite, minha mãe ia sair com outro homem pela primeira vez. Um sujeito legal chamado Tim, que ela conhecera no trabalho como enfermeira. Acho que ele também tinha acabado de perder a mãe. Eu me lembro de ficar parada na porta do banheiro dela enquanto ela se maquiava, meio sem jeito. Minha mãe tinha uma beleza natural e nunca usava muita coisa além de rímel. Isso costumava deixar *nonna*, que nunca saía de casa sem completar os quatro passos de seu checklist de beleza – lábios vermelho-rubi, bochechas rosadas, pele de porcelana impecável e cílios pretos e grossos –, louca. Naquela noite, porém, sua filha estava experimentando um batom vermelho quase da mesma cor que a mãe usava, para combinar com um vestido de lã de manga comprida vermelho-escarlate. Estava linda. Empolgada. Nem sabia que eu a estava olhando até eu abrir minha boca grande para apontar o único detalhe que parecia fora do lugar.

– Mãe – falei –, você ainda tá usando o anel de noivado.

Ela se assustou com a minha voz, depois olhou para o próprio dedo.

– Vou continuar usando – retrucou ela. – O Tim sabe que sou divorciada.

– O quê? – gritei. – Por quê?

– Eu gosto do anel.

– Você *gosta*? Mãe, isso é maluquice! Esse anel veio de um homem que fez da sua vida um inferno! Você finalmente tá livre! Tira isso!

– Querida, eu não quero discutir isso com você agora. Vou me atrasar. A gente conversa sobre isso mais tarde.

– Que palhaçada. Explica pra mim agora!

– Shea – disse minha mãe. – Eu mesma ainda não entendo direito. Deixa isso pra lá, por favor. Não quero brigar antes de sair.

Obedeci batendo a porta do banheiro dela com teimosia e uma promessa feita para irritá-la: *Você venceu. Nunca mais vou tocar no assunto do anel.* Cumpri minha palavra. Inclusive naquele dia no quarto dela, perto do fim.

Um som de notificação no meu celular interrompeu minhas lembranças. Era uma mensagem de Gianluca com tudo que ele sabia sobre a dona anterior do

meu anel. Encaminhei a mensagem para Graham e me levantei no intuito de ir até ele para que pudéssemos conversar. Antes disso, porém, avistei Annie voltando com dois *panini* e um olhar que confirmava que ela estava pronta para conversar.



– Explica pra mim por que você não pode simplesmente aceitar o anel novo e seguir em frente. O John ofereceu o que você queria! Nada de relíquias usadas de família – argumentou Annie.

– Isso foi antes de eu começar a conhecer a história *desta* relíquia – falei. – Eu me sinto ligada a ela.

– Mais ligada ao anel que ao seu noivo? Shea, tá na hora de analisar como esse trabalhinho divertido de detetive pode impactar *seu casamento* no longo prazo.

Odiei o jeito como ela falou “seu casamento”, como se fosse uma entidade à parte, separada de John e de mim, algo frágil e volúvel que não deveria ser abalado de jeito nenhum.

– Ainda não me casei! – gritei em resposta. *Será que agora somos a distração da mãe e da filha francesas?* – E quanto à forma como as decisões do John podem afetar *nosso casamento*? Ele não me escutou quando comprou este anel. Que base isso está criando pra uma vida inteira de parceria e concessões?

– É disso que se trata? De o John estar *ganhando* de alguma forma? De você estar perdendo o controle? – perguntou Annie, com a voz subitamente mais preocupada que irritada.

– Eu não sei! Me diz você. Eu nunca fiz nenhuma dessas coisas antes!

– Talvez ajudasse você finalmente se colocar no lugar do John – sugeriu ela, com ênfase no *finalmente*.

– Talvez você pudesse tentar se colocar no meu! – esbravejei.

Com isso, Graham espichou a cabeça em seu assento com um olhar que dizia “Mais baixo”, mas também, muito provavelmente, “Acabei de anotar isso tudo”.

– Desculpa – pediu Annie. – Vamos dar uma respirada e depois ir pra casa. Acho que as coisas vão ficar mais claras longe desse estresse. Talvez você devesse deixar o Graham terminar a pesquisa sozinho.

Minha irmã lançou um olhar penetrante na direção dele.

- Qual é o problema com o Graham? – sussurrei.
- Ultimamente, me parece que ele anda te olhando um pouco demais...

Acredite em mim.

– Ah, você vai usar qualquer coisa pra me fazer desistir! Por que não pode ficar do meu lado, simples assim?

– Merda, Shea – xingou Annie. Ela parecia muito com a nossa mãe quando estava com raiva. Era um conforto e um gatilho ao mesmo tempo. – Eu não queria dizer isso, mas a questão é a seguinte: eu conheço você e suas superstições, e tenho medo de que, se esse anel estiver corrompido, mesmo que minimamente, você vai achar que é um sinal de que não deveria se casar com o John. – Ela foi direto na jugular. – Tudo isso tá me lembrando demais de como você agia em relação ao anel de noivado da mãe. Você implicava demais com aquilo e se recusava a deixar pra lá.

Eu me perguntei se Annie era capaz de ver cada pelo do meu corpo se eriçar. *Não conte pra ela*, disse uma voz dentro de mim. Mas outra disse: *Nossa mãe se foi. E ela não fez escolhas muito inteligentes em relação ao anel quando estava viva. E se ela estivesse errada em esconder isso da Annie? E se a Annie pudesse ajudar se soubesse que a mãe tentou me dar o anel?*

– Preciso te contar uma coisa – eu me ouvi dizer, com a boca subitamente seca.

– Ai, meu Deus. Não tô gostando desse olhar.

Era melhor falar de uma vez.

– A mãe tentou me dar o anel de noivado dela antes de morrer. Ela me pediu que não te contasse.

Senti um doce alívio se espalhar por mim; o segredo finalmente estava fora do meu corpo. Mas, naquele mesmo instante, vi o outro lado da moeda: ele agora estava dentro do corpo da minha irmã.

– Quando foi que isso aconteceu? – Foi tudo que ela conseguiu expressar.

Ela tinha se virado para olhar pela janela do trem. As colinas perfeitas de cartão-postal do interior da Itália passavam em alta velocidade, fazendo com que parecesse ainda mais que o tempo ali estava congelado.

– Duas semanas antes de ela morrer – respondi. – Você se lembra de como tudo tava uma merda naqueles últimos dias? Pra ser sincera, eu tinha me esquecido. E aí, quando lembrei... sei lá... fiquei obcecada em honrar os desejos da mãe, porque senti que era a única coisa que eu podia fazer por ela. Me desculpa, Annie.

– Mas, espera, você não ficou com o anel. A mãe tava com ele no velório.

Annie estava se aproximando da parte que seria potencialmente a mais devastadora de todas. Era hora de eu confessar tudo.

– Eu não fiquei com ele. E não deixei que ela explicasse por que quis me dar o anel, pra começo de conversa.

Annie se virou de costas para mim. Estava visualmente transtornada.

– Shea, por que você tá me contando isso agora?

– Porque eu fico pensando nessas coisas... tendo todas essas lembranças estranhas e emaranhadas. Isso surgiu até num pesadelo que tive semanas atrás, e preciso muito da sua ajuda pra descobrir o que significa.

Com isso, Annie explodiu.

– Meu *Deus*, como você é egoísta! *Sempre* foi! E *sempre* será, pelo visto. A mãe quis compartilhar algo com você, por motivos que nunca saberemos, e você se negou porque não gostou? Porque tinha *certeza* de que sabia o que ela ia dizer? Ah, espera, foi porque você sempre foi a especialista no casamento dela e do pai e não pensou nem por um *segundo* no que essa informação poderia significar pra mim! Aquele anel era tanto meu quanto seu, mas agora nenhuma de nós tá com ele!

Senti a ferroada de todas as palavras de Annie, mas o que ela disse sobre eu ser a especialista nos nossos pais me fez passar da culpa para uma atitude defensiva. Durante anos, eu havia implorado a Annie que compreendesse como a relação entre eles era péssima e por que deveríamos tentar convencer nossa mãe a se separar. Ela falou para eu não me meter. Para parar de ser egoísta. Então, ela voltava para a vidinha dela, longe daquilo tudo. Primeiro no ensino médio, quando foi presidente de meia dúzia de clubes. Depois, na faculdade em Sacramento, longe o bastante para que só voltasse para casa nos feriados.

– Acho melhor a gente parar por aqui – falei. – Você obviamente não é a pessoa certa pra me ajudar a passar por tudo isso.

Eu sabia que isso seria uma facada no coração de irmã superprotetora dela.

– A gente continua no aeroporto – sugeri Annie, colocando o cabelo atrás da orelha. A voz de um condutor surgiu no interfone, anunciando nossa chegada a Florença. – Nós duas vamos descer deste trem e esfriar um pouco a cabeça.

– Não sei se quero mais falar sobre isso agora – retruquei, sentindo-me mais forte na presença dela do que me sentira em anos. – E não sei se vou pro aeroporto.

VINTE E OITO



Enquanto eu observava Graham ajudar Annie a entrar no táxi, nossa briga ecoava na minha cabeça como se a música que eu mais detestava no mundo se repetisse em um loop eterno. Annie olhou para mim antes que ele fechasse a porta. Seus olhos diziam o que eu mais temia: *Você está errada*. Em seu pescoço estava a echarpe Prada que eu havia comprado para ela no nosso primeiro dia, um presente especial para marcar essa ocasião mágica – nós duas juntas novamente naquele país. Agora, nossa segunda viagem à Itália sempre terminaria com a lembrança desse momento e com a seguinte dúvida: era tudo culpa minha?

– Você tá bem? – perguntou Graham enquanto se dirigia à mesa onde eu estava “me escondendo”, do outro lado da *piazza*.

– Não muito – admiti.

– A gente pode conversar sobre isso, se ajudar. Em off.

Um garçom trouxe o cappuccino que eu tinha me esquecido completamente de ter pedido, me dando um segundo para pensar.

– Talvez mais tarde – falei por fim. – Tenho muitas outras coisas pra resolver agora. – Foi uma resposta sincera, não uma grosseria. Eu tinha passado a admirar o funcionamento da mente de Graham, mesmo que nem sempre estivesse de acordo com ela. – A gente pode dar uma olhada no e-mail do Gianluca? – perguntei. – Esse é provavelmente o próximo passo mais útil.

– É claro – respondeu Graham enquanto abria o notebook que já havia colocado sobre a mesa, como se tivesse previsto meu pedido.

A maioria das pessoas não acredita nesta história, começava Gianluca. Mas eu juro que é verdade. Ele e Carmela estavam em Portugal a convite de uma galeria de arte que exibia a mais nova coleção de retratos dele. Na noite em que chegaram a Lisboa, a ópera *Madama Butterfly*, no original italiano de Puccini, estava em cartaz no Teatro Nacional de São Carlos. A Carmela interpretou o italiano como um sinal, escreveu Gianluca. Eles esbanjaram com os ingressos, mas economizaram no jantar, se contentando com uma taça de vinho e um ceviche em um bar da esquina. Uma beldade misteriosa em um vestido verde-esmeralda estava sentada no banco do bar diretamente à esquerda deles: Bete Silva. Carmela e Bete logo fizeram amizade por causa do fato de ambas terem sido ridicularizadas em português por pedirem um vinho tinto italiano, e então todos começaram a conversar sobre seu amor mútuo pela ópera. Uma taça de vinho se tornou várias para os novos amigos, o que infelizmente afetou a memória de Gianluca em relação a detalhes adicionais sobre Bete.

Consigo visualizar seu lindo cabelo ruivo e cacheado, escreveu ele. E me recordo de que seu italiano era tão perfeito que ela facilmente poderia ser confundida com uma nativa, mas acho que não ficamos sabendo de muita coisa sobre Bete naquela noite. Apenas que tinha passado a maior parte da carreira em turnê com o famoso clássico de Puccini ao qual iríamos assistir em breve, talvez interpretando um dos papéis principais. É difícil lembrar, porque, enquanto tomávamos nossas bebidas, Bete fez todas as perguntas e Carmela deu todas as respostas, contando a ela sobre nossos planos de nos mudarmos para Nova York, onde eu seguiria minha carreira artística e Carmela abriria uma cafeteria. Uma das únicas perguntas que Carmela fez a Bete foi sobre o anel de noivado que a mulher usava numa corrente no pescoço.

Minha mão foi direto para o anel no meu peito assim que Graham leu aquela frase. Seu olhar me disse que ele também havia reparado na coincidência. Um belo detalhe para anotar no bloquinho dele.

Carmela disse a Bete que o anel era perfeito, continuava o e-mail. Gianluca ficou grato pela dica, já que comprar um anel de noivado já estava em sua mente. Logo depois do elogio, Carmela pediu licença e foi ao banheiro. Bete imediatamente tirou o anel do colar, agarrou a mão de Gianluca e colocou a joia nela.

E a única coisa que ela disse foi: “Me pague o que puder. Não importa, porque este anel já é de vocês”, prosseguia o e-mail.

É lógico que Gianluca tentou protestar. Ele e Carmela eram desconhecidos

para Bete, e o anel era uma joia incrível, uma relíquia que deveria permanecer na família de Bete. Mas tudo que ela disse foi que sabia que o anel deveria ser deles.

Talvez fosse a certeza nos olhos dela, ou o fato de eu ter sido criado por uma família tão supersticiosa quanto a sua, Shea, acrescentou Gianluca, mas eu acreditei nela.

Vários meses depois, ele e Carmela tentaram encontrar Bete para avisar que estavam oficialmente noivos, mas ela nunca estava no número de telefone que dera aos dois naquela noite. E esse foi o fim da história. Um encontro ao acaso. Uma história inacreditável. Ou, como Gianluca escreveu no final do e-mail: Destino?

– Parece uma ópera – comentou Graham depois que passamos por todos os detalhes.

– Não diga isso. Quase todas as óperas terminam em tragédia – comentei.

Graham assentiu, tentando evitar o elefante na mesa do café. Dei valor ao gesto atípico.

– Fala logo – pedi. – O que devo fazer agora?

– Você deveria ir pra Portugal. Já tenho gente pesquisando a Bete e a casa de ópera onde ela se apresentou. São só três horas de voo daqui.

Eu esperava essa sugestão, a não ser por uma parte.

– *Eu?* – perguntei. – Você não vai?

Graham mudou de posição na cadeira.

– Já visitei Portugal, há muito tempo – disse ele. – A trabalho, digamos assim. Não deu muito certo, por isso a ideia de voltar não me anima.

Tentei sem sucesso esconder meu sorriso rasgado.

– Então... tá querendo dizer que o lugar tem um tipo de *carma* que você não quer que contamine sua vida?

As sobrancelhas de Graham se ergueram de um jeito que eu ainda não tinha visto. Era um *touché*.

– Escuta – falei. – Não quero que você faça algo desconfortável, mesmo que tenha sido basicamente isso que você fez comigo ao vir nessa viagem, pra começo de conversa.

– Admito – afirmou Graham.

– Mas eu realmente preciso da sua ajuda agora. E seria uma honra ajudar você a reescrever o seu carma de Portugal com o meu carma do anel.

– Obrigado. Esta talvez seja a oferta mais gentil que já recebi, embora eu não acredite em uma única palavra dela.



Uma hora depois, eu estava acomodada na sala de espera lotada do Aeroporto Amerigo Vespucci, deixando o que provavelmente deveria ter sido uma mensagem de voz bem mais demorada no celular de John. Era madrugada em Los Angeles. Eu tinha cogitado enviar um e-mail, depois uma mensagem escrita, mas era o tipo de informação que precisava ser contextualizada com os sentimentos na minha voz: eu estava decidida, mas não empolgada.

– Preciso ir até Portugal pra concluir essa missão, assim espero – expliquei. Depois de uma respiração curta, acrescentei a parte mais delicada: – A Annie tá voltando pra Los Angeles, mas o Graham vai ficar pra ajudar.

VINTE E NOVE



Achávamos que nossa busca por Bete Silva seria mais fácil. Tínhamos o nome completo dela desde o início, além de todas as informações adicionais fornecidas por Gianluca. Mas Graham rapidamente começou a se preocupar que parte delas – ou até tudo – fosse mentira. Graças ao wi-fi do avião, ele já havia descoberto que a mulher não era uma figura conhecida no mundo da ópera. Não conseguiu encontrar o nome dela em nenhuma notícia sobre nenhum espetáculo recente o suficiente para ser mencionado on-line, nem em vários acervos de jornais.

– Tô achando que a Bete usava algum outro nome artístico que o Gianluca não conhecia – disse ele enquanto entornava o terceiro ginger ale do voo. – Talvez isso explique por que ela não aparece em nenhuma busca relacionada a ópera.

– Tá, e como a gente encontra esse nome? – perguntei.

– Não faço a mínima ideia – admitiu ele, chocando até a si mesmo, ao que parecia.

– É por isso que você tá bebendo refrigerante sem parar?

Graham respondeu apertando o botão para chamar o comissário de bordo e pedir outro. Evidentemente, isso não ia ser tão fácil quanto comprar um anel de noivado de uma desconhecida em um bar de vinhos portugueses.

– Ir pra Portugal é perda de tempo? – indaguei, pensando em pedir um ginger ale também.

– Não. É ainda mais importante a gente ir pra lá pessoalmente. Tenho certeza que a Bete entrava em contato com um bando de gente quando se apresentava. A

primeira coisa a fazer amanhã é ir à casa de ópera, dar uma olhada, ver se alguém no prédio sabe alguma coisa sobre ela e depois perguntar sobre os arquivos de apresentações antigas. Isso pelo menos confirmará que ela é real e talvez nos dê mais dados biográficos.

Graham era mais arrojado que convicto – disposto a mergulhar de cabeça em algo para testar uma hipótese e, se necessário, mudar de rumo com a mesma rapidez. Era o estilo dele de mostrar confiança.

– Você é muito bom no que faz – afirmei. As bochechas altas de Graham ficaram rosadas, o que me surpreendeu. – Ninguém nunca te disse isso?

– Não – respondeu ele, com uma expressão séria. – Ninguém. Obrigado.

– O que aconteceu entre você e Portugal?

Parecia que uma porta tinha se aberto entre nós. Graham não demonstrou surpresa diante da pergunta, embora talvez tivesse ficado um pouco impressionado por eu ter decidido tirar proveito daquele momento.

– Eu te contei que a minha mãe teve um caso – começou ele. – Foi por isso que meus pais se separaram. Mas quem pegou os dois no flagra fui eu.

– Nossa, lamento muito. E a gente não precisa mais falar disso se você não quiser.

– Não, isso é bom – disse ele, assentindo como se quisesse se convencer. – Eu nunca falo a respeito disso, o que não é saudável, pelo menos de acordo com minhas duas ex-namoradas.

– Você não pode soltar esse tipo de bomba e esperar que eu não faça mil perguntas...

Graham riu e então trocou seu pedido de outra ginger ale para dois cafés.

Passei a hora seguinte finalmente descobrindo o que fazia o coração do meu inesperado companheiro de viagem vibrar. A mãe dele era uma documentarista de sucesso que viajava o mundo a trabalho. Ela era poderosa e persuasiva, uma pessoa que ninguém questionaria. Mas Graham não era todo mundo.

– Eu me sentava na cama dela enquanto ela fazia as malas pra uma viagem. Começou quando eu era criança, mas continuou sendo um lance nosso, nosso tempo pra conversar – explicou ele. – Eu devia ter uns 12, 13 anos quando reparei que ela tava colocando na mala coisas diferentes das roupas de trabalho habituais. Vestidos mais elegantes, muita renda. A cineasta criou um filho que prestava atenção aos detalhes.

Eu também já tinha passado por isso. Um perfume floral desconhecido na camisa do meu pai; uma caixa de presente chique que minha mãe nunca recebeu; e várias caixinhas de fósforos de hotéis, o que parecia estranho, até para uma

criança. Eu queria contar essas coisas para Graham, mas, em vez disso, deixei que ele continuasse.

– Quando eu tinha 16 anos, ela começou a viajar bem mais, e por períodos mais longos. Foi aí que comecei a tomar nota das coisas, monitorando os itinerários dela e comparando com o que ela me contava quando voltava pra casa. Ela começou a citar o nome Emílio, aparentemente um dos novos produtores... radicado em Portugal.

De repente, notei minha mão esquerda se movendo na direção do antebraço direito de Graham. Eu ia só oferecer um toque encorajador, como minha avó sempre fazia quando me ouvia dizer algo difícil, mas parei e fiz minha mão recuar antes que ele percebesse.

– Como presente de formatura do ensino médio, pedi dinheiro aos meus pais pra fazer um mochilão – continuou Graham. – E usei esse dinheiro pra ir atrás do Emílio. Eu já sabia o suficiente para localizar o homem, sabia que trabalhava na universidade nos arredores de Lisboa. Mas me esqueci de considerar uma peça muito importante do quebra-cabeça: que minha mãe estaria com ele.

– Ai, meu Deus! – exclamei. – Você viu os dois juntos.

– E o pior é que o coitado do meu pai tecnicamente pagou pra que isso acontecesse.

– Talvez você estivesse ajudando seu pai, de alguma forma.

– É, mas ele com certeza não pensou assim.

Graham apertou a ponte do nariz, como se estivesse tentando clarear os pensamentos. Isso me fez perceber o quanto aquilo ainda era doloroso para ele, mesmo depois de quase quinze anos.

– Sinto muito por ter feito você vir até aqui – falei. – Me sinto muito egoísta.

A acusação de Annie estava voltando para me assombrar.

– Não – discordou Graham. – Foi uma decisão minha. Talvez eu neutralize minha história com a nossa história.

Dessa vez, deixei minha mão fazer o que queria e apertei o braço de Graham, uma forma de lhe dizer “Eu entendo.”



Pouco tempo depois, estávamos taxiando na pista do aeroporto de Lisboa, e eu ouvia a resposta de John à minha mensagem de voz – com os olhos fechados

para me concentrar totalmente no som da voz dele.

“Faça o que você precisa fazer, Shea”, disse ele, e então o ouvi suspirar, quase como se estivesse respirando fundo para não dizer o que queria. “Me ligue assim que puder” e “Eu te amo” foi o que ele escolheu dizer. A voz de John estava desprovida de emoção. Eu não conseguia dizer se continha raiva ou mágoa, sinceridade ou medo. Eu não sabia se ele estava pisando duro pelo nosso quarto agora, abrindo e fechando gavetas da cômoda, como fazia depois de uma derrota dos Dodgers, ou se estava encolhido no seu canto favorito do nosso sofá modular com meu cobertor pesado. E pior: eu tinha ainda menos noção de como *eu* me sentia. *Ansiosa? Determinada? Obcecada?*

Tudo que eu sabia era que não liguei para John assim que pude, como ele pediu. Não queria ligar até saber o que tinha a lhe dizer.

TRINTA



O sol ainda não tinha nascido e eu já estava de pé, em busca de um café forte e de um momento como turista antes de iniciar o trabalho de detetive. Lisboa sempre tinha sido um destino dos sonhos para mim, mas nenhum site de viagens que eu tivesse explorado capturara a magia da cidade. As ruas eram íngremes como as de São Francisco de um jeito que fazia o sol brincar de esconde-esconde com os edifícios. A forma de meia-lua da cidade, subindo a partir das margens do rio, permitia uma vista da água reluzente de qualquer ponto. E azulejos pintados à mão – uma marca de Portugal – cobriam todas as superfícies. Os tons de amarelo, vermelho e azul perolados formavam delicados padrões de rosetas e diamantes. A caminho de uma cafeteria, parei uma dezena de vezes para tirar fotos e depois pensei seriamente em comprar azulejos suficientes para cobrir o nosso banheiro inteiro em Los Angeles. Mas toda essa beleza empalidecia em comparação com o famoso pastel de nata. Uma massa leve e um creme de confeitiro maravilhosamente tocado pelo céu. Comi dois e comprei mais seis para dividir com Graham.

Às nove da manhã, estávamos do lado de fora do Teatro Nacional de São Carlos para uma visita guiada. Era um edifício imponente – lembrava mais Londres do que Roma –, com uma fachada em um amarelo intenso e relevos ornamentados em pedra. E havia atraído uma multidão igualmente digna. Nosso grupo incluía um casal americano com seus 60 e poucos anos e um jeito enfadonho, vindos do norte da Califórnia, que já tinha visitado um total de cinquenta casas de ópera famosas (uma informação que ninguém havia

solicitado); um casal francês superchique que detestava os americanos e comunicava esse fato exclusivamente com os olhos; irmãs suecas que tinham mais de 80 anos, mas ainda davam risadinhas feito adolescentes; e um homem bastante sério, talvez russo, que não dizia uma única palavra. Graham e eu destoávamos dos demais – tanto que nossa guia, Beatriz, nos fez conferir nossos ingressos duas vezes. Ela parecia ter 90 anos, se movia como se tivesse 40 e falava como uma universitária exibida, despejando fatos com tamanha rapidez que nem se dava ao trabalho de compor frases completas. *Mil setecentos e noventa e três: o ano em que o edifício foi inaugurado. Neoclássico: o estilo da arquitetura. A rainha Maria foi a benfeitora; o La Scala de Milão serviu de inspiração para o projeto.* Minha paciência chegou ao limite quando ela começou a descrever, em muitos detalhes, a vida de cada empresário português que havia investido na propriedade.

– Quanto tempo vai durar esse tour? – sussurrei para Graham.

– Duas horas – respondeu ele, evitando o olhar consternado que lhe lancei em resposta.

– Certo, pessoal! – berrou Beatriz. – Agora, vamos entrar no prédio pra conferir a arquitetura, as restaurações e as dezenas e dezenas de detalhes cheios de significado. Por favor, guardem as perguntas pro final. Vocês podem anotar suas dúvidas no roteiro à medida que avançamos.

– Uma pergunta antes de não poder fazer perguntas – ouvi Graham dizer. – Tem algum arquivo no prédio? Talvez um lugar onde documentos históricos sejam armazenados?

– Nenhum que você verá neste tour – retrucou ela. – Agora, por favor, me sigam pelas portas principais... que não são as originais, mas as que foram substituídas em 1822, pra aumentar a segurança depois de uma série de crimes que explicarei lá dentro.

Graham me puxou de lado, com um olhar travesso.

– Qual é a sua tolerância em relação a arrombamentos? – perguntou ele.

– Depende. Portugal está mais pro filme *A viagem* ou... na verdade, não conheço nenhum filme em que as pessoas cometam um crime internacional e saiam impunes.

– Minha proposta é apenas xeretar por aí pra tentar encontrar o porão.

– Ah, *xeretar* tá de boa. É até legal.

Eu não confessei que o teria seguido mesmo que ele tivesse sugerido mais. Graham parecia o tipo de cara que conseguia flexibilizar as regras até o limite máximo e sempre se safar.

Esperamos que Beatriz desse as costas para mencionar uma das centenas de placas idênticas no saguão e, em seguida, voltamos rapidamente pela entrada, procurando outras portas que pudessem ser acessadas. Contamos dezesseis portas externas no total; nenhuma estava destrancada.

– A gente não vai poder procurar lá dentro enquanto ela ainda estiver guiando o passeio – disse Graham –, então acho que vamos ter que esperar e... – Ele foi interrompido pelo que parecia uma locomotiva a vapor, mas era só um caminhão de lixo vindo em direção ao teatro. – Siga aquele caminhão! – gritou Graham, e então saiu desembestado e dobrou a esquina do lado esquerdo do prédio.

– O quê? *Por quê?* – gritei, tentando acompanhar seus passos de atleta de *cross-country*.

– Porque ele pode parar em algum tipo de área de carga e descarga com acesso ao prédio!

E foi exatamente isso que aconteceu. O caminhão parou na entrada da garagem, bem nos fundos do teatro. Esperando ao lado da porta aberta da garagem estava um homem mais velho, de macacão azul, completamente imperturbável diante dos dois turistas correndo atrás do lixo.

– Legal! – exclamou Graham, e então ergueu a mão para um “toca aqui”.

Fiquei tão chocada que olhei para trás para ver se ele estava acenando para alguém.

– Desculpa, não pensei que você fosse um cara que faz “toca aqui”.

– Eu não era até agora – justificou ele enquanto batia a mão na minha, completando o movimento. – Nunca tive uma parceira assim antes.

– Nossa, então tá dizendo que eu sou a primeira garota que você seguiu até a Europa numa missão pra roubar a história de vida dela pra um artigo? – falei. – Que *honra*.

– Só tô dizendo que formamos um bom time – rebateu Graham.

Minha surpresa com sua sinceridade era tão grande que eu ainda estava esperando uma tirada sarcástica de Graham quando ele correu para encontrar o homem ao lado da porta da garagem.

Tomás, como descobrimos, era o chefe da manutenção predial do Teatro Nacional e gentilmente prometeu responder a todas as nossas perguntas assim que a coleta de lixo do dia terminasse. Primeiro, a boa notícia: o prédio *tinha* uma sala cheia de caixas armazenadas no porão, fato que descobrimos depois de quebrar muito a cabeça com o Google Tradutor e várias tentativas de fazer mímica de palavras como “caixa” e “porão”. Depois, a má notícia: todos os

documentos anteriores a 1980 haviam sido doados para os arquivos municipais da Biblioteca Palácio Galveias.

– Não sei o que é mantido e o que não é – informou Tomás com sua voz grave e aveludada.

Ele lembrava o meu avô, largo no meio, mas com as pernas finas e os braços musculosos de um homem que trabalhava com eles todos os dias. A *nonna* costumava chamá-lo de Popeye, e então Annie e eu cantávamos a musiquinha do desenho.

– Isso foi incrivelmente útil – disse Graham, apertando a mão do homem.

– Sim – falou ele –, o prazer é meu. Vocês formam um belo casal. Parecem eu e minha esposa.

Não sei por que fiquei tão espantada ao ouvir isso. Graham e eu éramos uma dupla americana quase da mesma idade, andando juntos por um país estrangeiro. Em termos objetivos, a gente combinava – Graham em seu uniforme de calça cáqui larga e camisa de botão azul, e eu numa saia soltinha qualquer e a blusa de linho que eu tinha escolhido naquele dia. Sem nem saber que nossa viagem envolvia um anel de noivado, qualquer um poderia supor que éramos um casal. Mas Tomás foi o primeiro a notar.

– Obrigado – ouvi Graham dizer em português, decidindo não corrigir a suposição de Tomás sobre nossa situação.

Nosso novo amigo sorriu e nos desejou boa sorte.

Fiquei em silêncio enquanto caminhávamos em direção à biblioteca, mas Graham leu minha mente.

– Pareceu mais fácil deixar quieto que tentar explicar a ele o que estamos fazendo aqui – disse ele. – E que não estamos juntos.

Ele tinha razão, é claro. E talvez seus instintos jornalísticos – a habilidade de dizer o que era necessário para levar a conversa até onde ele queria – fossem mais rápidos do que seus outros reflexos. Mas, como parte desse suposto casal, eu poderia facilmente ter corrigido Tomás. Por que não fiz isso?



Quinze minutos e mais dois pastéis de nata depois, chegamos à biblioteca. Nossa esperança era encontrar um acervo dos programas de apresentação da ópera *Madama Butterfly* que se estendesse da década de 1950 até aproximadamente o

final dos anos 1980, já que esse era o espetáculo em que Gianluca acreditava que Bete mais havia se apresentado. Depois disso, procuramos o nome de uma artista que se aproximasse de “Bete” ou “Silva”, torcendo para que, em relação ao seu nome artístico, ela fosse mais como Michael John Douglas, que virou Michael Keaton, e não como Reginald Dwight, que virou Elton John. Se conseguíssemos chegar a esse nome, e se os programas de ópera fossem parecidos com os da Broadway, poderíamos descobrir *alguma coisa* sobre a vida secreta dessa mulher misteriosa que nos mostrasse uma direção a seguir. Era um plano que se agarrava a um fiozinho de esperança, e que levou pelo menos mais quinze minutos para ser explicado a um grupo de bibliotecários muito pacientes. Por sorte, eles nos concederam a primeira vitória daquele processo de tantas etapas: informaram que a biblioteca de fato *tinha* cópias de todos os programas do teatro, as quais foram entregues a nós em caixas de papelão caindo aos pedaços, apoiadas no que devia ser o carrinho de biblioteca mais antigo do mundo.

– Por favor, diga que estão em ordem cronológica – falei.

Graham não respondeu; ele já sabia que não estavam.

Abrimos *cada* uma das caixas e examinamos *cada* item impresso da história do teatro até reduzi-los a um grupo de quinze apresentações de *Madama Butterfly* ao longo de um período de vinte e poucos anos. Tecnicamente tínhamos avançado, mas não era o que eu sentia. Por volta da segunda hora, saí para comprar mais café e pastéis. Na quarta hora, a poeira afetou tanto Graham que ele teve que enrolar as mangas do meu cardigã extra em torno do rosto. Teria sido hilário se não estivéssemos tão completamente esgotados. Por fim, Graham se levantou com um pedaço de papel com as extremidades amareladas e gritou “CONSEGUI!”. Todos ao nosso redor se sobressaltaram também, depois pediram silêncio.

Em 2 de abril de 1970, uma tal de Lisbeth Park apresentou a famosa ária “Un bel dì, vedremo”, da *Madama Butterfly* de Puccini. Ao lado do seu nome no programa daquela noite havia a foto de uma jovem de pele clara, cabelos ruivos cacheados e olhos gentis, exatamente como Gianluca a havia descrito.

– Só pode ser ela, né? – falei.

– É o mais perto que chegaremos antes que eu morra de uma crise de alergia – declarou Graham.

Então ele leu as palavras abaixo da foto enquanto eu traduzia no Google: “Lisbeth Park é uma meio-soprano que já fez turnê internacional.” Ou, em outras palavras: horas de busca por nada de mais. Graham começou a ter um ataque de tosse.

– Qual é o problema dessa mulher? Tá no programa de proteção a testemunhas? – questionou Graham, ainda lutando para respirar.

– Por favor, não sugira coisas que envolvam crimes – implorei, sentindo umacoceirinha na garganta.

– Espera – disse ele, com as engrenagens girando. – Isso não é totalmente inútil. Este programa tem os nomes das pessoas com quem a Bete, Lisbeth ou quem quer que seja se apresentou naquela noite. A gente pode tentar encontrar uma ou algumas delas pra obter mais informações.

– Encontrar *mais pessoas*? E se elas não estiverem vivas? A gente ainda nem sabe se a Bete tá viva!

– Haveria um obituário em algum lugar se ela estivesse morta.

– Não se ela fosse uma reclusa que morreu sozinha em alguma vila na Toscana, pra jamais ser encontrada!

Graham não se dignou a responder. Ele simplesmente levou os programas de ópera até as fotocopiadoras mais antigas do mundo, para podermos sair daquele prédio.

O próximo passo daquela missão interminável foi analisar a lista de nomes do elenco, a terceira vez em seis dias que iniciávamos uma nova busca. Com dezoito artistas no total, focamos primeiro nos nomes tradicionalmente portugueses, na esperança de entrar em contato com alguém enquanto estivéssemos por lá. Do saguão do hotel, enviamos essa lista por e-mail para o contato de pesquisa de Graham. A ideia era pesquisar os nomes no banco de dados para descobrir endereços, números de telefone ou – tomara que não – obituários. Então, finalmente, voltamos para o hotel para tomar um banho antes de jantar algo mais substancial que creme e massa folhada.



Sozinha no quarto, pensei em ligar para John. Abri o notebook, imaginando se o velho conselho de Annie de escrever uma carta para expressar todos os meus sentimentos confusos me ajudaria novamente. Em vez disso, encontrei um novo e-mail de Jack Sachs.

Presumi o pior: que ele não aprovaria meu pedido de mais alguns dias de férias para resolver essa “questão familiar”. Então, abri e li o oposto: eu estava recebendo oficialmente a promoção para “Diretora”. Fiquei olhando para as

palavras na tela. Por que o meu rosto não se iluminou? Por que eu não exibi nem um esboço de sorriso orgulhoso? Essa estranha apatia era a mesma de quando Jack me contara sobre o emprego. *Será que eu não quero essa vaga?* De repente, por força do hábito, peguei o celular e liguei para John.

– Oi – disse ele. – Tá viva.

O que estava por trás das palavras era evidente.

– É – respondi. – Desculpa. Foi um dia louco, mas a gente progrediu. Na verdade, eu tô ligando pra dar uma boa notícia. Consegui a promoção.

– Shea! Isso é incrível! Parabéns! – cumprimentou John. Era a emoção de que eu estava sentindo falta. – Caramba. Nossa vida tá realmente se ajeitando, né? Casamento. Uma boa promoção. Em breve, a gente finalmente vai estar numa casa.

– Pois é.

O alívio na voz dele deveria ter sido contagiante. Por que não foi?

– Por que parece que você não tá sentindo o mesmo? – perguntou John, me decifrando a partir de duas curtas palavras. Eu me sentei na cama do hotel, procurando uma resposta. Em vez disso, John ofereceu uma. – Ei. Talvez seja um sinal – continuou ele. – As notícias do trabalho estão dizendo “volte pra casa”. Vamos comemorar. E te arranjar um anel novo. Um avanço em todos os sentidos.

– Pois é – repeti, sendo puxada de um campo minado para outro. – Ainda tô pensando no anel novo. Juro que tô. Neste momento, preciso comer alguma coisa antes de desmaiar.

– Tá certo. Me manda uma mensagem antes de dormir. Te amo.

– Pode deixar. Também te amo – falei, e então desligamos.

Eu estava na metade do corredor indo encontrar Graham quando percebi que acabara de mentir descaradamente para John – e, talvez, pela primeira vez durante todo o nosso relacionamento. Eu não tinha pensado na oferta dele de um anel novo desde que havíamos chegado a Portugal.

TRINTA E UM



Encontrei Graham sentado ao lado da parede de azulejos azuis do pátio do hotel, com dois negronis na mesa.

– Precisei falar com três garçons até achar um que conhecesse esse drinque – disse ele. Depois, imediatamente perguntou: – O que houve?

Eu me sentei e tomei metade da bebida em um só gole.

– Acabei de ser promovida. O que deveria ser uma boa notícia, mas eu... não sei. E... desculpa, não envolve o enigma do anel, então a gente não precisa falar disso.

– Ei, eu não provei que sou um especialista internacional em resolver mistérios?

– Provou...

– E você não me deve uma depois que me expus demais com meu drama familiar?

– Devo...

Terminamos nossas bebidas e saímos para jantar ali perto, num lugarzinho que servia porções de arroz com mariscos do tamanho de uma mesa. O restaurante era tão estreito que todos os assentos ficavam espremidos ao longo do balcão, de frente para a cozinha aberta. O lugar tinha a energia agitada de uma delicatessen nova-iorquina, envolta no aroma de frutos do mar frescos e especiarias picantes.

– Muito bem – disse Graham depois de fazermos o pedido. – Conta o que levou a essa promoção.

– A mulher que ocupava o cargo saiu, e meu chefe me indicou pra vaga – expliquei.

– Não, não. Volta lá atrás. Quero saber como você foi parar no marketing de um festival de cinema.

– Quer a história toda? Por quê? – perguntei.

Graham inclinou a cabeça.

– Certo – falei. – *Touché*.

Contei a ele como meu amor pelos filmes começou com uma dose diária do cânone de Shirley Temple em frente à gigantesca televisão em preto e branco dos meus avós e continuou com as noites de sexta-feira diante das prateleiras da Blockbuster, onde eu ficava discutindo com Annie porque ela só queria alugar filmes da Disney. O pai do meu primeiro crush trabalhava na indústria cinematográfica, e eu idolatrava o homem, bem mais que o próprio filho. Foi ele quem me falou pela primeira vez sobre a faculdade de cinema da Universidade de Nova York. Eu gostava de mais estrutura do que a vida artística geralmente oferece, então me inscrevi e entrei no programa de negócios deles. Depois de alguns estágios terríveis na produção, descobri o mundo dos festivais de cinema, muito mais favorável aos artistas. O departamento de marketing acabou saciando minha inquietação criativa e meu desejo de levar mais filmes para mais gente. Eu estava firmemente inserida no meu mundo dos sonhos, afirmei para Graham, mas com o tipo de estabilidade que eu preferia. Por fim, forneci uma lista bem completa dos benefícios de aceitar a tal grande promoção.

Graham ouviu sem interromper, assentindo como se entendesse tudo. Depois que terminei, se manteve em silêncio. Observei enquanto ele nos servia uma taça de vinho tinto da garrafa que chegara durante meu longo resumo de carreira. Ele tomou um gole lento, o aparente prelúdio para uma pergunta inesperada.

– O que o John acha de tudo isso?

– Por que você se importa com isso? – rebati.

– Porque você obviamente se importa. Não ouviu sua lista de prós? *O John tá querendo comprar uma casa, e o novo salário ajudaria muito. O John tá pensando em fazer doutorado, então essa estabilidade ajudaria muito. O John sempre disse que eu acabaria sendo chefe desse departamento um dia.*

– Bem, ele vai ser meu marido. Estamos construindo uma vida juntos. É essa a questão principal.

– É mesmo? – questionou Graham.

Nossa comida chegou antes que eu pudesse reagir. Nós dois demos algumas

garfadas, voltando à vida. Então, Graham seguiu adiante com outra pergunta.

– Responda com sinceridade: seu sonho é ser seu chefe?

A resposta passou tão rápido diante dos meus olhos que eu literalmente precisei piscar.

– Não – falei. Depois: – Por que eu disse não?

– *Certo...* – prosseguiu Graham. Aparentemente, estávamos chegando a algum lugar. – Por que não?

Fechei os olhos, tentando me imaginar dali a dez anos. Uma visão aos poucos foi se formando – eu de pé no palco na noite de abertura de um festival de cinema muito diferente. Um festival que eu estava dirigindo. Então, reconheci o devaneio: ele vinha de uma lembrança. Eu tinha trabalhado como voluntária no pequeno Festival Internacional de Cinema de Cape Cod depois da faculdade. Ele era comandado por uma mulher excêntrica que sempre se vestia de preto e usava um par de óculos diferente em cada evento: Misty Ellinger. Ela havia subido na hierarquia como programadora de festivais de cinema e também cineasta. Era ela quem eu queria ser, não Jack Sachs.

– Talvez eu não queira ficar no marketing – confessei finalmente, abrindo os olhos.

– Ótimo – disse Graham. – Agora, o que o John ia achar disso?

A insistência dele em sempre levar a coisa para o ponto de vista de John me tirou do sério. Fez com que eu me lembrasse de Annie martelando que toda decisão que eu tomasse agora afetaria meu casamento.

– Ei. Eu tô desvendando umas coisas importantes aqui. Por que continua insistindo nisso?

– Fico feliz que tenha perguntado isso – foi tudo que Graham disse em resposta.

Tomei um gole do vinho, principalmente para poder revirar os olhos de forma mais dramática por cima da borda da taça.

– Acha mesmo que vou ser o tipo de esposa que simplesmente se submete aos caprichos do marido? – indaguei.

– Ainda tô tentando entender por que você quer ser uma esposa, no fim das contas! – rebateu ele.

A garçonete que se aproximava deu meia-volta.

– Chame a garçonete de volta, porque eu quero a conta agora! – esbravejei.

– Ah, qual é – disse Graham. – Defenda seu argumento. É, sem dúvida, a decisão mais importante da sua vida. Não deveria ter uma resposta pra pergunta? Por que você, Shea Anderson, a filha supersticiosa de um divórcio conturbado,

quer se casar?

Ele tinha levantado um ponto muito pertinente, mas senti uma resposta se formando rapidamente.

– Certo, lá vai: eu quero me casar com o John porque nunca rolou nenhum drama com ele, nada de joguinhos, nada de rodeios. Ele foi honesto, claro e direto desde o início. – Minhas palavras começaram a fluir mais depressa conforme as lembranças de me apaixonar voltavam à tona. – Nunca precisei me perguntar o que ele sentia por mim quando começamos a namorar. Ele apenas... me amou, desde o começo e sempre. Eu sabia disso, sentia isso. Ainda sinto. O John lembra quando eu tenho uma reunião importante com um cliente e me manda uma mensagem encorajadora antes. Ele me cobre com uma manta quando estamos vendo TV no segundo em que pareço estar com frio. Foi ele quem achou que devíamos ter um encontro quinzenal às quartas-feiras e nos revezarmos pra surpreender o outro com a programação. E ele diz coisas como “Eu te amo tanto agora” nos momentos mais aleatórios, o que eu normalmente acharia estranho, mas é tão genuíno que eu digo o mesmo a ele também.

– Então, tá dizendo que quer ser esposa do John porque ele te ama de verdade? – perguntou Graham, categórico.

– Sim, mas também porque existe esse... sei lá... *conforto* em toda a nossa dinâmica. Minha amiga Rebecca sempre disse que eu tinha fobia de compromisso, mas o John me deu todos os motivos pra confiar nele. Além do mais... parece bobo, mas eu simplesmente adoro estar com ele. Tipo, todo lugar fica melhor quando ele tá presente.

– Então, você soube que o John era o cara certo porque ele te amava e isso era confortável.

Pareciam boas razões para mim, mas o rosto e o tom de Graham diziam o contrário.

– Imagino que você não acredite em mim.

– Ah, eu acredito em você – disse ele, presunçoso de repente. – Só não concordo com você. Quando você diz *conforto* e *facilidade*, eu ouço *tédio* e *falta de desafios*.

– Você, filho de um divórcio amargo, acha que o amor deve ser desafiador?

– Com certeza. O casamento dos meus pais foi difícil, sim, mas não vou pender pra direção oposta, pra *facilidade*. Qual é o sentido de passar a vida inteira com alguém se ele não vai te desafiar até os seus limites?

– Hum, que tal *alegria*, *felicidade*? Talvez não ser desafiada, especialmente pro que quer que queira dizer com “até os seus limites”?

Eu estava furiosa agora, com os cotovelos na mesa, gesticulando.

– Desculpa. Isso não parece suficiente pra mim – declarou Graham.

– Não precisa ser! Sou eu quem acredita em criar um vínculo pra vida toda.

– Certo. Então vamos bater nessa tecla: por quê? Qual é a verdadeira importância de estar *para sempre* com alguém?

A pergunta dele me remeteu à festa de 50 anos de casamento da *nonna* e meu avô. Eu os vi cortando o bolo, cercados por várias gerações de familiares e amigos de longa data. Ao fundo, uma sequência de fotos era exibida em um telão. Eu tinha uns 12, 13 anos na época. Lembro-me de assistir às imagens que contavam a vida deles, da lua de mel no Grand Canyon à foto orgulhosa deles segurando a placa de “Vendida” em frente à primeira casa, ao nascimento da minha mãe e à primeira grande viagem de volta à Itália, ao meu avô abrindo sua oficina mecânica, à *nonna* abrindo a Bella Vita, e assim por diante, foto por foto, com os dois em destaque. Juntos. Era isso que eu sempre quisera ter. Não era?

– Tá bom. Você venceu. Não sei explicar – admiti. – Parece só o melhor jeito de viver a vida.

Observei Graham assentir e, depois, se inclinar como se estivesse prestes a me contar um segredo.

– Então por que algo tão pequeno quanto um anel de noivado poderia estragar isso tudo? – perguntou ele.

Eu não jogo xadrez, mas imagino que seja essa a sensação quando seu oponente diz “xeque-mate”.

TRINTA E DOIS



– Qual sua opinião sobre conversíveis? – perguntou Graham enquanto íamos de metrô até a locadora de automóveis na manhã seguinte.

– Eu sou da Califórnia. – Foi minha resposta.

– Ótimo. Pensei em alugarmos um pra percorrermos a costa. Decidi que era a melhor maneira de compensar minha última viagem, que envolveu cinco horas exaustivas em um ônibus de excursão caquético.

– Então vou precisar de óculos de sol à la Grace Kelly pra já – falei.

– Não é fã de Hepburn?

– Audrey pelos filmes, Grace pelo visual.

Trinta minutos depois, estávamos na estrada: eu com minha armação preta estilo gatinho novinha de uma loja com o nome bem literal de Loja do Estilo e ele com um chapéu-panamá barato – um presente que, para a minha honra e surpresa, ele não jogou no lixo imediatamente. Partimos com o sol brilhando por entre aquelas nuvens estriadas que parecem pintadas. Este era o cenário para o redirecionamento de que eu precisava. Nada de distrações do trabalho. Nada de entrevistas investigativas. Apenas um dia para encarar a missão, pensar com clareza.

O colega de Graham em Nova York havia identificado apenas uma companheira de elenco de Bete Silva que ainda morava perto de Lisboa: Carla Cardoso. Seu endereço apontava para uma cidade ao sul da capital, na região conhecida como Algarve. Esse litoral recortado e rústico poderia servir de cenário para qualquer filme que se passasse nas praias clássicas da Itália ou nas

marinas da Riviera Francesa. Seus penhascos montanhosos se estendiam sobre praias tão privadas que nem sequer tinham nome. E havia arbustos de lavanda em flor por toda parte. O aroma doce e floral se misturava com o ar salgado do oceano de um jeito que eu queria engarrafar e usar no corpo.

Nosso destino era Vilamoura, uma comunidade pesqueira a poucas horas de Lisboa. Uma estrada pelo interior poderia nos levar até lá em menos de três horas, mas insisti em pegar a rota sinuosa equivalente à californiana Pacific Coast Highway.

– Isso vai deixar menos tempo pra encontrarmos Carla – protestou Graham.

– Não acho que você alugou um conversível pra dirigir na versão portuguesa da via expressa estadual de Nova York – rebati.

Ele demonstrou sua anuência acelerando o motor do nosso Mini Cooper conversível vermelho – escolhido por mim – enquanto saíamos da estrada principal e descíamos uma via parcialmente asfaltada em direção à água. Fiz com que parássemos nada menos do que dez vezes para tirar fotos; depois, finalmente convenci Graham a descer três lances de uma escada de madeira precária até uma praia de verdade: a praia de Dona Ana. Nossa recompensa foi areia branca intocada, pilhas de conchas exóticas e um mar tranquilo. Um homem de pele bronzeada lia um jornal sozinho, abastecido com uma garrafa de vinho e uma pilha de livros. Um casal jovem entrava e saía da água correndo e escrevia palavras um nas costas do outro enquanto descansavam sobre um lençol florido velho.

– Trinta minutos – falei, uma afirmação, não uma pergunta.

– Vinte – retrucou Graham, exatamente da mesma maneira.

Nós nos entregamos à areia quente. Meu corpo começou a relaxar quando virei o rosto para o sol. Graham dobrou as pernas largas da calça cáqui e foi andando em direção à água. Observei enquanto ele pegava algumas pedras e ficava parado na beira, se preparando para fazê-las quicar no oceano calmo. A primeira tentativa afundou com um grande respingo. A segunda parecia promissora, mas fraquejou.

– Na terceira vai! – gritei do meu lugar na areia.

Graham soprou a pedra para dar sorte e a lançou para o mar. Ela quicou uma, duas, três vezes – perfeito. Vibrei com um falso clamor de estádio lotado. Ele comemorou correndo em direção às ondas como uma criança que tinha acabado de marcar o *touchdown* da vitória, depois se lembrou de que era um adulto usando sua única calça limpa. A expressão de choque no rosto dele me fez rir tanto que caí de volta na areia. *Que delícia*, pensei enquanto pegava punhados

de grãos de areia e os observava escapar por entre os dedos. Mas com esse pensamento veio outro: *Quando foi a última vez que me senti assim?*

Minha mente se pôs a procurar, então pousou no lugar óbvio: a tarde em que John me pediu em casamento. Visualizei o sorriso nervoso no seu rosto úmido, a maneira como ele se ajoelhou tão rápido que quase tombou. Voltei para um momento naquele dia em que a caixinha do anel ainda estava fechada, e meu coração apertou de expectativa, exatamente como tinha feito naquele momento. Eu sabia que o pedido não demoraria a vir, e – senti um arrepio quando um novo pensamento me ocorreu – ainda estava tomada pela ansiedade no momento em que aconteceu.

Por quê? Por que um pedido de casamento do amor da minha vida não foi uma felicidade plena? Estávamos juntos havia anos. Todos os nossos outros amigos já estavam casados. Estava na hora. *Então como cinco minutos em uma praia, a mundos de distância, poderiam me provocar uma sensação melhor?*

– Tá tudo bem? – perguntou Graham.

Ele estava parado na minha frente agora, projetando uma sombra com o corpo alto.

– Tá. Só tô pensativa – falei, nada a fim de encarar um de seus interrogatórios eficazes demais.

– Eu também – declarou ele, sentando-se ao meu lado. – Durante anos, amaldiçoei minha vinda a este lugar. Mas talvez aquela viagem tenha sido o ponto de partida pra eu me entender de verdade. Talvez eu seja quem sou por causa daquela viagem desgraçada.

– Acho que é verdade.

– Ótimo, então talvez você venha a sentir o mesmo algum dia.

Era o tipo de encorajamento que eu não sabia de que precisava – não um conselho sobre o que fazer depois, como Annie teria dado, ou a dose de convicção animada que John teria oferecido. Era um sincero “Não desista”.

Graham e eu passamos os dez minutos seguintes sentados lado a lado, olhando para a linha difusa entre o céu e o mar, em absoluto silêncio.

TRINTA E TRÊS



Depois de chegarmos a Vilamoura, levamos uma hora para encontrar a casinha coberta de estuque de Carla. Isso estava se tornando um padrão infeliz nessa viagem. Placas de rua e mapas precisos não eram o forte do interior da Europa. E, em mais uma experiência repetida, Carla não estava em casa. De acordo com um vizinho muito desconfiado, ela passava a maior parte do sábado visitando a irmã ainda mais idosa, que morava no vilarejo próximo. Infelizmente, nossa única opção foi esperar do lado de fora do endereço de Carla até que ela voltasse para casa duas horas depois, momento em que a mulher de 90 e poucos anos, surpreendentemente alta e impressionantemente ágil, nos expulsou de sua propriedade. O lado bom foi que o policial que ela chamou – um guarda corpulento e bigodudo chamado Pires – concordou em ficar e ajudar na tradução.

Depois que Carla se acalmou e as bicas – o café expresso deles – foram servidas, nossa conversa começou.

– A gente tá aqui pra perguntar sobre uma colega cantora com quem a senhora se apresentou anos atrás. No programa, o nome dela era Lisbeth Park – explicou Graham enquanto oferecia a fotocópia a Carla.

A mulher pegou o pedaço de papel e o colocou a um centímetro dos olhos.

– Sei quem é – disse Carla por meio do guarda Pires. – O nome dela era Bete Silva.

Fiquei tão chocada que quase derrubei minha xícara de café na toalha de renda branca. Feito um ninja, Graham a agarrou antes que ela tombasse

completamente.

– Nunca vou esquecer aquela mulher – continuou Carla. – Ela tinha uma aura de mistério... como se estivesse escondendo alguma coisa.

Graham abriu seu bloquinho. Tentei não sucumbir ao desespero que as palavras “mistério” e “escondendo” tinham suscitado.

Ao longo da hora seguinte – que Carla passou quase toda discorrendo sobre sua ilustre carreira na ópera –, extraímos três informações cruciais sobre Bete Silva. A primeira era que Bete tinha pouco mais de 30 anos quando cantou na casa de ópera de Lisboa com Carla. Pelo que nossa anfitriã lembrava, isso foi em meados da década de 1960, o que indicava que Bete poderia ser mais jovem do que Gianluca havia sugerido e provavelmente ainda estava viva. Além disso, se Bete tiver usado meu anel, provavelmente foi na época em que ela e Carla cantaram juntas. As mulheres daquela geração se casavam por volta dos 20, 25 anos.

A segunda revelação foi que Bete era americana. Carla não tinha ideia de qual cidade ou estado a mulher era, nem sabia quanto tempo morou lá ou em que época, mas isso significava que Graham podia concentrar sua pesquisa sobre *Lisbeth* Silva em um país em vez de no mundo inteiro. Era um grande avanço.

No entanto, o terceiro detalhe que Carla forneceu me motivou a fazer uma série de perguntas. Bete recebera a oportunidade de se juntar ao coro em uma apresentação de *Madama Butterfly*, de Puccini, na Ópera Estatal de Viena – a melhor do mundo –, mas recusou o convite.

– Por causa do *marido* – contou Carla.

Então, havia um marido...

– Ele não deixou, foi isso? – perguntei.

– Não faço ideia – disse Carla. – Ela se recusava a falar a respeito disso. Era a pessoa mais reservada que já conheci.

Graham me lançou um olhar que dizia “Calma”. Ele já sabia a narrativa que minha mente estava construindo: um marido ciumento e controlador destruiu o sonho da esposa artista de ópera de se apresentar em uma peça ilustre em um local ilustre.

– A senhora conheceu o marido da Bete? – indagou Graham, retomando a conversa.

– Não – disse Carla. – Eu mal conheci a própria Bete! Passamos uma semana juntas. Ela não conversava e era reservada.

– Vocês duas dividiram um camarim? – continuou Graham.

– Sim, por quê?

Eu me perguntei a mesma coisa.

– Os artistas costumam colocar fotos de entes queridos nos espelhos dos camarins. A senhora se lembra de a Bete ter alguma foto no camarim?

O guarda Pires e eu ouvíamos atentos, impressionados com a linha de questionamento dele.

– O que você sabe sobre camarins de artistas? – questionou Carla, corrigindo a dinâmica de poder. – Estou te dizendo que é uma sorte eu me lembrar dessa mulher! Só lembro porque o diretor ficou falando sem parar sobre a voz mágica dela, mas eu não achava que ela fosse nada especial.

O tom invejoso de Carla levou minha mente a uma nova direção. Peguei o anel pendurado no colar que eu ainda usava.

– A senhora lembra se a Bete usava este anel quando vocês se conheceram?

Eu me aproximei para que ela pudesse examinar a joia adequadamente, mas acabou não sendo necessário. O anel refletiu o sol que atravessava as cortinas de crochê e espalhou uma chuva de brilho pela parede. Parecia viva.

– Não, de jeito nenhum – afirmou Carla. – Eu jamais esqueceria esse anel se o tivesse visto no dedo daquela mulher.

Meu trabalho de detetive rendeu um aceno de cabeça impressionado de Graham. Infelizmente, não respondeu às perguntas mais preocupantes: *Se Bete era casada na época, por que não estava usando este anel? Tinha algo a ver com a recusa do marido em deixá-la ir pra Viena? Ou Bete Silva não era a dona do anel, no fim das contas?*

Olhei para fora e vi o sol começando a se pôr atrás dos penhascos que cercavam a casa de Carla. Estava ficando tarde, e não nos restavam mais ângulos a explorar.

– Obrigado pelo seu tempo hoje – disse Graham, interpretando ou compartilhando meus sentimentos. – Existe um número de telefone pra contato caso a gente tenha mais alguma dúvida?

Saímos com o número de Carla no verso de uma lista de compras velha e a recomendação de um restaurante excelente logo ali na rua.

– Não foram informações categoricamente ruins – declarou Graham enquanto voltávamos para a estrada principal.

– Não – concordei. – Foi pior: *informações confusas*. E se a gente estiver seguindo essa Bete e ela nem for a pessoa certa? O Gianluca encontrou com ela *uma vez*. E se ele tiver errado completamente o nome dela e a gente estiver indo atrás de uma pessoa que nunca tocou neste anel? E se a gente estiver literalmente perdido?

Graham parou o carro.

– Eu diria a você que contasse de dez a um, mas não acredito nessa baboseira, então só me escute – disse ele. – A gente não tá perdido. Eu tô com você, e a gente vai conseguir. Talvez só leve um pouquinho mais de tempo.

Então ele me surpreendeu apertando minha mão. Retribuí o aperto por instinto, mas também porque seu toque era reconfortante. O calor da pele dele permaneceu na minha de tal forma que nem percebi quando ele afastou a mão.

– Vamos pro hotel e de lá a gente se reorganiza – sugeriu Graham, todo profissional.

– Parece uma boa ideia – concordei, superando aquele momento, e então peguei meu celular para conferir o caminho. – Vamos ao 3HB em Faro. Deve ser a cidade vizinha, mas este lugar parece *deslumbrante*. Supermoderno.

– *Não* – retrucou Graham. Sua resposta foi tão ríspida que cheguei a me perguntar se ele estava falando comigo, até que ele continuou: – Desculpa, mas a gente não pode ir pra Faro.

– Por que não?

– Só não dá – rebateu ele, irritado de repente.

– A gente tem quartos não reembolsáveis reservados lá pra hoje à noite, então, se você tiver alguma objeção, preciso saber o motivo.

– Eu reembolso você. E pago outro hotel. – Ele diminuiu a velocidade do carro até parar novamente e pegou o celular. – Deixa que eu encontro um.

Agora eu estava preocupada.

– Nossa. O que tá acontecendo? – insisti.

A expressão no rosto de Graham mudou de rabugenta para arrependida e, depois, para algo que eu ainda não tinha visto: triste.

– A gente não pode ir pra Faro porque minha mãe mora lá – revelou ele.

TRINTA E QUATRO



O primeiro restaurante que ainda não estava fechado nesta parte pacata da costa ficava num prédio antigo coberto de buganvílias com uma porta azul-turquesa. Quando o encontramos, me lembrou dos pequenos cafés da Ocean Avenue em Santa Mônica. Principalmente o Blue Plate Oysterette, aonde Jack sempre levava nossa equipe para um banquete comemorativo de lagostas no último dia do festival de cinema.

O plano de Graham era encontrar um novo hotel durante o jantar. O meu era usar todas as habilidades que eu havia aprendido com ele para delicadamente convencê-lo a desistir desse plano.

– Beleza. Tem um monte de hotéis por aqui – disse ele. – Com preços razoáveis também. E, repito, vou cobrir as diárias no Faro e as novas.

– Obrigada – comecei –, e isso é ótimo, mas a gente também pode conversar sobre essa questão toda primeiro. Você não mencionou Faro durante nossas conversas sobre sua mãe e a vinda pra Portugal...

Graham não fez contato visual.

– Eu sabia que você ia querer que eu fosse atrás dela – argumentou ele.

– Então... você sabe onde ela mora.

– Sei – confessou ele, ainda com o olhar distante. – Bem observado.

– Acha que ela ia gostar de te ver? – insisti.

– Ah, sim. Apesar de eu ter ouvido falar que os telefones funcionam entre Portugal e Nova York agora. Então, se ela quisesse ter um relacionamento comigo, existem maneiras mais fáceis de fazer isso.

Quando ele ergueu o olhar após a alfinetada, décadas de frustração estavam estampadas no seu rosto.

– Então, as coisas entre vocês dois não estão nada boas. Você quer que continue assim?

– Diz a pessoa que não fala com o pai há anos... – rebateu Graham.

Eu teria recuado diante da atitude defensiva dele, mas eu o compreendia.

– Tem razão – admiti. – Eu não tenho um relacionamento com meu pai, e isso é o que funciona pra mim. Se é isso que você também quer, eu entendo.

– Não acho que seja sobre o que eu quero – contestou Graham. – Ela vive no mundinho dela. Tenho um vislumbre dele a cada dois anos, no Dia de Ação de Graças. A gente se encontra num hotel no centro da cidade, e ela fica falando sem parar sobre a saudade que sente do Dia de Ação de Graças *americano*, como se ela própria não fosse mais americana.

– Como se ela também não sentisse saudade de *você* – adivinhei.

Graham me lançou um olhar surpreso, não zangado. Era como se eu tivesse dito algo que ele nunca se permitira sequer pensar.

– Escuta – falei. – Se ver sua mãe vai magoar mais que ajudar, então esqueça. A gente reserva o novo hotel e finge que ela mora em... ah, sei lá... na Flórida.

– Ah, Nina Shani *já* moraria na Flórida. Ela planejou uma viagem pra Disney quando eu tinha 8 anos. Quando a gente desceu do avião, ela deu uma olhada na multidão que se dirigia pro ônibus do traslado e nos embarcou num voo pra Santa Fé.

– Essa foi uma saída bem icônica – comentei, escondendo um sorriso, mas sem me esforçar muito.

– Ela é uma mulher bem icônica – afirmou Graham, e então deixou escapar um indíciozinho de sorriso. Mas que desapareceu em um segundo. – Ou pelo menos era. Sinto como se nem soubesse mais quem ela é.

Eu sabia como era estar com raiva, como era não querer mais saber da pessoa. Graham não parecia nenhuma das duas coisas. E, depois de tudo que ele tinha feito por mim, ajudá-lo a enxergar isso era minha obrigação.

– Tenho uma proposta – ofereci. – Espere pra trocar de hotel depois do jantar. Vamos dar um tempo, esfriar um pouco o calor das emoções. Se ainda assim não quiser ficar perto dela, vai ter todo o meu apoio.

– O que exatamente você acha que vai acontecer entre agora e o momento que a gente terminar essa caldeirada de peixe? – questionou Graham.

– Bom, eu vou fazer perguntas sobre a sua mãe até você me mandar parar. Minha esperança é que você comece a se perguntar se vê-la talvez possa curar o

que ela faz você sentir, mesmo que um pouquinho. Porque não parece que *não* se verem esteja fazendo você se sentir muito bem.

Graham balançou a cabeça, parecendo perplexo.

– O John é um cara de sorte – disse ele após uma longa pausa.

– Nossa, de onde veio isso?

– Disso... de você. Se você se importa tanto com alguém que mal conhece, não consigo imaginar como é ser a pessoa com quem você escolheu passar o resto da vida.

Veio na minha cabeça que John e eu tínhamos trocado apenas algumas mensagens nas últimas 48 horas. Eu não tinha parado para sentar e conversar com ele. Fazia dias que não perguntava como a semana dele estava indo. Eu costumava me orgulhar de ser o tipo de pessoa que demonstra o quanto se importa e gostei muito que Graham tivesse visto isso em mim. Por que eu não estava sendo essa versão de mim mesma com John?

– É, bem... – falei. – Não sei até que ponto isso é verdade...

Que tipo de futura esposa viaja pela Europa com outro homem? Eu conseguia imaginar como Kay Jacobs explicaria minha viagem para as amigas do clube do livro: *Bem, vocês sabem como é: a Shea tinha que cuidar primeiro da Shea, depois do meu filho.* Ela estaria certa em me julgar?

– Obrigada – respondi finalmente, arrastando minha mente de volta para a conversa. – Isso significa muito. Mas você não é mais alguém que “mal conhece”. É alguém com quem me importo, e é por isso que tô aqui pra te ajudar nessas questões com sua mãe.

– Já ajudou – disse Graham. – Vou passar na casa dela amanhã de manhã. Posso tentar te convencer a vir comigo?

– Pode. Mas não precisa. Eu topo.

TRINTA E CINCO



Nina Shani era o tipo de mulher que outras mulheres jamais se esquecem de ter conhecido. Ela tinha os olhos penetrantes de Michelle Pfeiffer, um corte chanel grisalho como o das melhores personagens de Meryl Streep e uma voz saída diretamente de um filme de Billy Wilder: rouca, grave e falada diretamente no seu ouvido, como se tudo que ela dissesse fosse um segredo. Ela me lembrava o filho dela, com a pele dourada, o corpo alongado e esguio e a ausência de papas na língua.

– Você é de Los Angeles. – Foram as primeiras palavras dela para mim. – Consigo ver na hora.

Com Graham, sua franqueza foi em outra direção:

– E você não está dormindo o suficiente. O que tá te preocupando? Dinheiro? Sabe que eu posso mandar o que você precisar.

Graham respirou fundo ao entrar na casa da mãe pela primeira vez na vida. Era uma obra-prima de azulejos portugueses banhada pelo sol que me deixou com inveja e, depois, profundamente triste. Aquela casa representava a vida que Nina escolhera em vez daquela que envolvia o filho. E incluía um homem que encontramos dormindo sem camisa na varanda dos fundos, com uma edição francesa de *Jurassic Park*, de Michael Crichton, aberta sobre o peito. *Emílio*. Graham lançou um olhar na direção dele, depois evitou completamente aquela parte da casa.

– A gente tá estudando francês para uma viagem neste verão – explicou Nina.
– Dois meses! Vai ser simplesmente *parfait*.

Ela terminou a frase unindo as pontas dos dedos da mão, como uma chef italiana. Fiquei ressentida por ela ter se apropriado do gesto do meu povo, mas mesmo assim me senti fascinada por ela. Era evidente que aquela era uma mulher que fazia o que bem entendia.

– A gente não tem muito tempo – declarou Graham, de braços cruzados, enquanto Nina colocava frutas secas e vinho frisanter sobre a mesa da cozinha com tampo de azulejos verde-água.

– Certo – disse ela –, por causa dessa *missão* em que vocês dois estão. Parece incrivelmente romântico.

Ela puxou uma cadeira para Graham se sentar. Ele agiu como se não tivesse notado.

– Eu te contei, é sobre o anel da Shea. Só tô ajudando porque tô tentando convencê-la a me deixar escrever um artigo sobre isso.

Era o oposto do que Graham tinha dito na nossa interação com Tomás, mas Nina não se importava com as palavras que o filho usava.

– Aham, você contou – murmurou ela. – Então, me diga, quanto tempo vou ter com você?

– Ah, a gente precisa voltar pra Lisboa hoje à noite – falei, me mantendo de pé só porque Graham ainda continuava assim. Quase cruzei os braços também; a energia dele era contagiante. – A gente tem ingressos pra uma ópera, por causa da pesquisa. Às oito da noite.

Foi a escolha errada de mentira.

– Ópera... mais romântico ainda – comentou Nina. – E, bom, Lisboa fica a apenas duas horas e meia daqui, e ainda são dez da manhã. A gente tem tempo para um passeio de barco pelas grutas. É imperdível, eu juro, e olhe que eu já vi bastante desse mundo.

– A gente não pode, mãe – disse Graham, intervindo.

– Por que não? – retrucou ela.

– Não preciso de um motivo. – Foi a resposta tensa dele.

Isso amoleceu Nina, fazendo-a se deslocar da cadeira em que estava para a que ficava bem ao lado do filho. Então, ela agarrou as mãos dele com ternura.

– Meu amor – disse ela –, estou muitíssimo feliz em te ver. E gostaria muito mesmo de passar o máximo de tempo possível com você hoje. Quer eu tenha merecido isso ou não.

Os olhos de Graham a observaram, genuinamente surpresos.



Passamos a tarde com a capitã Nina a bordo da *Eve*, uma lancha compacta para quatro pessoas que Emílio tinha lhe dado de presente quando ela completou 60 anos.

– Dei a ela o nome da primeira mulher – contou Nina.

– Naturalmente – disse Graham.

No entanto, sua mãe sorriu de volta, feliz por ter qualquer resposta dele.

Se o litoral sul de Portugal era encantador visto da costa, admirar suas falésias escarpadas da água era surreal. O mar azul cintilava como se fosse pontilhado de diamantes. Nina navegou pelas grutas características da região enquanto bebericávamos taças de vinho frisanter. O passeio nos levou por uma série de cavidades recortadas na rocha do tamanho de um salão de baile, onde a água adquiria um tom de azul-safira. Uma delas tinha uma claraboia natural em forma de coração; outra era tão grande que uma praia havia se formado em seu interior. E, na minha favorita, as rochas tinham criado uma plataforma de mergulho de dois andares de altura.

– Vou ancorar aqui para podermos nadar até lá – avisou Nina. – Recusar não é uma opção. Vamos todos nós.

– Mas a gente não trouxe trajes de banho – falei.

– Qual a diferença entre roupa íntima e roupa de banho? – perguntou ela.

Tive a impressão de que a pergunta era retórica. Nina desligou o motor. Graham lançou a âncora.

Senti meu pulso acelerar, nervosa por ter que me despir na frente dele.

– Não precisa fazer isso, Shea – disse ele, já tirando a camisa.

Eu me virei para o outro lado como uma adolescente pudica que tivesse acabado de dar uma espiadinha. Graham era muito mais musculoso do que as camisas largas de botão deixavam transparecer, com braços fortes e um peito largo. E não lhe faltava confiança. Fui contagiada. Zonza com o vinho e com a sensação de viver uma experiência única na vida, tirei a blusa e a saia depressa e fui em direção à escada do barco. *Será que Graham tá me observando agora?*, pensei. *Será que eu quero que ele esteja me observando?*

Mergulhamos nas águas mornas. Ziguezagueamos pelos caminhos entre as pedras. Voltamos à lancha para tomar mais um pouco do delicioso vinho verde. E, então, finalmente nadamos até o minipenhasco, onde nos revezaríamos nos saltos. Graham e Nina subiram juntos primeiro, com o filho ajudando a mãe a

pisar nos degraus rochosos. Observei da água abaixo quando eles contaram juntos – *três, dois, um* – e então saltaram, de mãos dadas, com uma alegria infantil estampada no rosto dos dois. Minha voz ficou presa na garganta quando soltei uma comemoração. Graham voltou à superfície com um sorriso tão largo que parecia outra pessoa.

– Pareceu incrível! – exclamei enquanto ele vinha na minha direção através da água agitada. – Qual foi a sensação?

De repente, o rastro de um barco nos atingiu, lançando uma onda e tornando mais difícil eu me manter boiando. Graham ofereceu o braço para me firmar.

– Obrigada – agradei, agarrando-o com força.

– Não. Eu que agradeço. Isso foi... Esse dia inteiro está...

Ele não conseguiu terminar – sem fôlego, sem palavras. Estendi meu braço livre para o dele a fim de dizer “Eu sei. Tô muito feliz por você”. Mas Graham fez o mesmo, então de repente estávamos nos abraçando na água. Ficamos assim por um, talvez dois segundos, até que outra onda surgiu, nos separando.

– Desculpa – falei. – Acho que misturar vinho com água é um pouco...

Tô me desculpando por quê? Foi só um abraço.

– Não, não. Tá tudo bem – garantiu Graham. – Sua vez de pular.

Então ele me deu um impulso em direção às pedras antes que eu pudesse tentar decifrar sua expressão.



Nina nos levou de volta até a casa para almoçar camarões comprados diretamente de um barco de pesca. Graham finalmente recebera notícias de seu contato em Nova York com informações de Lisbeth Silva, então me ofereci para ajudar na cozinha.

– Sua vida é realmente incrível – comentei enquanto picava a salsa que Nina havia colhido da horta viçosa que tinha na varanda.

Era a primeira vez que ficávamos sozinhas o dia todo.

– Sim. Esta aqui é perfeita para mim – afirmou ela, olhando na direção de Emílio, que trabalhava atrás das portas francesas do seu escritório.

– E a outra, não era? – perguntei.

Eu tinha a impressão de que Nina era um livro aberto e talvez uma pessoa sábia de quem eu pudesse tirar uma lição de vida, considerando a alegria que ela

transparecia.

– Eu não sabia quem eu *realmente* era aos 20 e 30 anos, então não sabia como minhas escolhas eram equivocadas. Acho que muitas mulheres sofrem desse jeito porque existe ênfase demais em se casar “antes que seja tarde demais”.

Minha mente voltou para a matemática do casamento que eu ouvia amigas começarem a fazer por volta dos 25 anos. *Se a gente conhecer alguém agora, namorar por três anos, ficar noivos por um, esperar mais dois até ter filhos, depois...*

– Então você sentia que não era *você* quando se casou com o pai do Graham?
– perguntei.

– É, um pouco – respondeu Nina, recolhendo minhas ervas mal picadas para concluir ela mesma o trabalho. – Vi um caminho que me parecia familiar, como a escolha que todas as mulheres da minha vida tinham feito, e segui por ele. O pai de Graham era maravilhoso, mas, quando comecei a olhar para dentro, percebi que queria uma vida diferente, uma parceria diferente. E ele não sentia o mesmo.

– Ele não estava disposto a considerar suas ideias?

Eu me perguntei se ela conseguia perceber quanto as minhas perguntas estavam se tornando tendenciosas.

– Não sei – revelou Nina. – Eu me apaixonei por alguém que combinava mais comigo antes de descobrir de fato. E me arrependo disso, porque magoei pessoas, mas eu não podia viver minha vida por elas. Era com o Emílio que eu deveria estar. A escolha do momento foi infeliz, mas isso não significa que tenha sido a escolha errada. O universo não se adapta à nossa programação, Shea. – Nina apertou minha mão com ternura e olhou bem nos meus olhos. – Mas você sabe disso.

Puxei minha mão para trás, perturbada.

– Ah, eu disse a coisa errada – declarou Nina. – Me desculpe.

– Não, não disse. É que tenho muita coisa pra pensar.

A verdade é que a mãe de Graham havia levantado uma questão que eu nunca considerara antes. Como saber quando você é a versão certa de si mesma? E como eu ia saber se eu era ou não?

TRINTA E SEIS



Nina insistiu que todo mundo fizesse uma sesta breve depois do almoço. A combinação de vinho, sol e maresia não me permitiu recusar. Fechei a porta do seu aconchegante quarto de hóspedes e me acomodei na cama, ainda sentindo o balanço do barco enquanto caía no sono.

Abri os olhos e me deparei com um lugar desconhecido. Tapete cor de creme. Paredes branquíssimas. Mesas pretas reluzentes formando um U gigante. Lustres de cristal iluminavam o ambiente, e a luz refletia nos armários de vidro. Meus olhos se ajustaram para assimilar todo o cômodo. Eu estava em uma joalheria. Atrás dos balcões com tampo de vidro havia uma meia dúzia de vendedores vestindo roupas pretas elegantes, como garçons de buffet alinhados em um casamento. De cima, vinha o que parecia ser uma música suave de violão, aquela que eu ouvira por toda parte em Portugal.

– O que é isso? – perguntei, achando que falava comigo mesma, mas uma voz masculina respondeu das alturas.

– Escolha o que quiser. – Foi o que ela respondeu. – São todos novinhos em folha.

Minha primeira sensação foi de alívio. De alegria, até. Era como estar dentro de uma cena de filme que eu nem sabia que queria vivenciar. Uma mão pousou na minha lombar.

– Preparada? – indagou a mesma voz.

Eu me virei, mas já sabia quem ia encontrar: Graham.

Olhei para ele com um sorriso largo e animado, depois peguei sua mão.

Deslizamos pelo chão, quase flutuando de um balcão para outro como se fôssemos Fred e Ginger, a música aumentando à medida que avançávamos. Vários anéis chamaram minha atenção enquanto Graham me girava pelo salão. Cada um parecia iluminado quando eu me virava para ele. Graham sorria radiante ao meu lado, orgulhoso de ter preparado a surpresa perfeita.

– Gostou de algum? – perguntou ele.

A música suavizou de repente. Meu foco afunilou para o balcão no fundo do salão. Ele brilhava mais que os demais, como se as joias ali dentro fossem as mais sagradas. Meu corpo me puxava na direção dele, com meus olhos fixos na luz cada vez mais intensa. Foi só quando estava a centímetros do balcão que finalmente ergui o olhar e vi o vendedor parado atrás dele. *John*.



Acordei com um sobressalto. Minha pele estava encharcada com suor. Um raio de sol tentou forçar meus olhos a se fecharem novamente, mas afastei o rosto da janela.

Na pia no banheiro de hóspedes, joguei água fria no rosto e me encarei no espelho. Tudo que eu via era uma busca. Inspirei fundo e deixei o ar sair pela boca, formando um “O” com os lábios. A respiração dissipou a tensão no meu peito, e consegui pensar, mas meu primeiro pensamento fez meu estômago se revirar: *Estar com o Graham naquele sonho pareceu muito natural. Muito certo.*

Eu tinha sonhos como esse desde que John e eu começamos a namorar. Em um deles, eu estava de volta ao sétimo ano, prestes a ser forçada a brincar de “Sete minutos no céu” com meu crush do ensino fundamental, Chip Clem. Mas o eu daquele sonho sabia sobre John e quase passava mal só de pensar em cometer um erro naquele porão. No sonho que eu acabara de ter, era John que parecia deslocado. *Por que meu inconsciente mudou o roteiro? O que estava tentando me dizer?*

Uma batida à porta me impediu de responder.

– Sou eu – ouvi Graham dizer. Meu corpo ficou tenso ao som da voz dele. – Acabei de falar com o Tomás. Ele tem algo pra gente na casa de ópera.

– Já vou – respondi.

Em seguida, molhei o rosto com punhados e mais punhados de água fria. Queria um choque térmico para me arrancar o mais rápido possível do mundo

dos sonhos.

TRINTA E SETE



Graham ficou totalmente concentrado no assunto Bete durante a viagem de volta – um alívio. O que quer que tenha acontecido em Faro tinha sido fruto de um dia ensolarado longe do mundo real.

Aparentemente, nossa busca havia despertado tanto o interesse de Tomás que ele desceu até os recônditos mais empoeirados do porão da casa de ópera. Lá, encontrou caixas que nunca chegaram à biblioteca, entre elas uma cheia de papéis e fotos de algum momento por volta de 1970. Tomás não sabia como era a aparência de Bete Silva, mas disse que tínhamos liberdade para ver tudo pessoalmente. O problema era que ele só estaria disponível para nos receber ao final da ópera naquela noite. Isso significava esperar até pelo menos as onze da noite, a menos que quiséssemos assistir ao espetáculo, ele disse. Minha desculpa original para sair mais cedo da casa de Nina se tornara realidade, com um detalhe adicional que era significativo demais para ser ignorado: a apresentação era de *Madama Butterfly*.

– É assustadoramente perfeito – falei a Graham. – Acho que a gente tem que ir.

– A gente tem que ir pra casa amanhã – ele me lembrou. – Se houver mais alguma coisa que a gente possa fazer em Portugal, temos cerca de doze horas pra descobrir.

Fiz que sim com a cabeça. Ele tinha razão, mas isso também significava que aquela seria minha última noite na Europa depois de mais de oito dias exaustivos entre seis cidades. Eu não estava ali para me deleitar com uma noite de ópera,

mesmo que essa fosse a conclusão dos sonhos para aquela viagem-relâmpago.

– Pode ir – ouvi Graham dizer. Ele estava lendo minha mente outra vez. – A verdade é que não existe muito mais que a gente possa fazer até eu descobrir tudo que puder sobre o nome Lisbeth Park, e serei mais útil como seu pesquisador do que como seu par hoje à noite.

– Não – respondi, ignorando o uso da palavra “par”. – Eu vou ajudar. Somos uma equipe.

– Certo. E você merece uma noite fora depois de aturar a minha mãe – insistiu Graham. – Deixa que eu cuido disso.

Finalmente entendi: a pesquisa era a maneira de Graham de dizer obrigado.



As ruas de Lisboa fervilhavam com uma energia nova-iorquina quando saí para comprar meu ingresso para a ópera. Lambretas passavam zunindo, transportando homens de terno. Adolescentes saíam da escola fazendo algazarra. E os turistas estavam a postos para o *happy hour*, embora não existisse tal coisa naquele país onde as pessoas bebiam vinho do brunch até a meia-noite.

A bilheteria estava fechada e só ia abrir mais perto da hora do espetáculo, então dei uma passada em uma padaria para comprar mais pastéis de nata, além de um sanduíche recheado com carnes e queijo. Ao lado da minha descoberta gastronômica, as vitrines com molduras douradas de uma butique minúscula exibiam três manequins vintage. Cada um usava sua versão deslumbrante de um vestido vermelho no tom das cortinas de teatro. O manequim do centro me fez cruzar a porta da loja, uma peça estonteante no estilo Audrey com toques de Grace. Tinha cintura dos anos 1950, saia plissada dos anos 1970 e um decote canoa delicado que se derramava pelos ombros e revelava nas costas uma abertura profunda e arredondada. Era o tipo de vestido que se deveria usar para um evento noturno em uma mansão musical palaciana no centro de uma capital europeia. Corri para experimentá-lo antes que mudasse de ideia; o vestido caiu como uma luva de ópera. *Meu tipo de sinal*.

Dei uma volta pelo calçamento amarelado da praça com meu novo visual, mais confiante do que jamais havia me sentido. Um senhor de chapéu fedora azul tocava acordeão para um grupo de garotinhas que rodopiavam pela praça. Dei uma pirueta enquanto passava por elas, imaginando que era Bete Silva e

estava tentando controlar o nervosismo antes de um espetáculo. Será que ela pisara naquele mesmo lugar? Estaria usando nosso anel? Caminhando ao lado do homem que o dera a ela? Peguei meu celular e tirei uma selfie rápida com vista para o rio lá embaixo. O sol da hora mágica batendo nos meus cachos os deixava com a aparência que eu sempre considerei ideal. *Tirei esta foto pra enviar uma mensagem pro John*, percebi enquanto olhava para a imagem. Ele sempre dizia que eu ficava linda de vermelho. Gostava até mesmo de quando eu usava o batom líquido escarlata que deixava a pele dele rosada quando nos beijávamos. Eu tentava me limitar a um selinho, para que a cor não passasse totalmente para os lábios dele, mas John sempre me puxava para um beijão apaixonado. Comecei a digitar algo na nossa sequência de mensagens, então dei uma olhada na última troca. Um simples Você tá bem? dele e Sim, ótima, fazendo progresso meu. Isso tinha sido quase 48 horas antes.

Tentei imaginar John comigo naquela praça. Sentir o formigamento que sempre sentia quando ele voltava para casa depois de uma viagem. Mas, antes que eu pudesse me aconchegar no momento, meu celular vibrou. Na tela, havia uma nova mensagem: Consegui trabalhar bastante. Ainda posso ser seu par pra ópera hoje à noite?

TRINTA E OITO



Quase passei direto por ele. Sentado no bar do hotel não estava o jornalista largado do Brooklyn com quem eu viajara a semana toda. Graham se transformara. Usava um terno azul-marinho de corte justo sobre uma camisa social branca. Os sapatos só podiam ter sido comprados na Itália. E seu cabelo estava penteado para trás, como um protagonista no Festival de Cannes. Senti uma agitação tão forte que decidi esperar antes de me aproximar. Ela tinha baixado só até a metade quando ele me viu.

– Uau! – exclamou ele. – Vestido novo?

– Sim, obrigada – falei. – E você também tá ótimo. Saiu pra comprar este terno em vez de ficar mandando e-mails?

– Eu tava com ele na mala. Nesse ramo, você nunca sabe onde pode acabar tendo que ir.

Eu ri alto, mas percebi que Graham estava falando sério. Naquele momento, achei esse fato – e, para ser sincera, ele como um todo – incrivelmente charmoso.

Mal tínhamos passado pelo Teatro Nacional durante nosso tour encurtado, então fiquei impressionada com seu esplendor absoluto quando entramos para o espetáculo. Relevos elaborados de deuses e deusas espreitavam de todos os cantos. As fileiras de camarotes subiam por cinco níveis, como o interior de um coliseu folheado a ouro. E o suave brilho âmbar de lâmpadas antigas deixava a pele de todos os presentes luminescente.

Os ingressos que havíamos comprado de última hora eram em um daqueles cobiçados camarotes que flutuavam acima da plateia. Eu me sentia parte da

realeza no meu vestido vermelho quando cruzamos as cortinas de veludo dourado em busca dos nossos lugares. Era a magia antiga da Europa em toda a sua potência.

A maior parte do que eu sabia sobre a mais grandiosa ópera de Puccini era o enredo tocante – a jovem japonesa Cio-Cio-San se apaixona pelo oficial da marinha americana Pinkerton, levando ambos a fins devastadores. Mas, à medida que o espetáculo se desenrolou, o que mais me impressionou foi o poder da música. Prendi a respiração durante a maior parte de “Un bel dì, vedremo”, e, no final do dueto “Vogliatemi bene”, me levantei da cadeira e aplaudi como se os artistas fossem da minha família. Graham contemplou o espetáculo completamente imóvel, hipnotizado. Quando as luzes se acenderam após os atores voltarem ao palco para os aplausos, vi o que talvez fossem lágrimas secas no alto das bochechas dele.

– Ainda bem que eu vim – comentou ele enquanto saíamos do teatro para encontrar Tomás.

Ele apertou minha mão com gratidão, demorando-se mais do que qualquer vez em que me tocara antes, o que fez meu coração bater de um jeito que eu não conseguia controlar. *O que está acontecendo?*, pensei enquanto caminhávamos em direção a Tomás, que esperava no saguão. Ele segurava uma caixa de papelão marrom esfarrapada.

– O espetáculo foi bom? – perguntou ele.

– Foi perfeito – afirmou Graham. – A gente adorou.

O “a gente” me lembrou que aquele homem pensava que éramos um casal em busca da história de um anel que Graham tinha me dado. Tomás nem sabia que John existia. E, naquela noite, meu anel de noivado estava à mostra, pendurado acima do decote do meu vestido novo.

– Deem uma olhada hoje à noite – disse ele, entregando a caixa para Graham.

– Podem devolver amanhã.

Agradecemos e começamos a longa caminhada de volta ao hotel. A ideia de um táxi nem sequer passou pela cabeça de nenhum de nós.

– A gente mexe nisso no meu quarto quando voltar pro hotel? – sugeriu Graham, erguendo a caixa para dar ênfase, enquanto atravessávamos a praça do teatro e entrávamos nas ruas iluminadas pela lua.

Sua pergunta fez meu passo vacilar. Seria um convite?

– Talvez – falei, olhando fixamente para a frente, com muito medo de olhar Graham nos olhos, por mais desesperadamente que eu quisesse fazer isso.

– Ou posso dar uma olhada nisso sozinho – acrescentou ele rapidamente –,

se for melhor...

Ele parou de falar, deixando as palavras no ar.

Talvez fosse o drama da ópera ou os dias intensos que tínhamos acabado de ter, ou talvez fosse apenas a missão acelerada com suas inúmeras camadas emocionais, mas só sei que finalmente... *explodi*.

– Eu não sei! – rebati, parando bem no meio da calçada estreita. – Eu me sinto... confusa. E o tempo que a gente passou com sua mãe foi tão... E depois... depois... Graham, eu tive um sonho com você, e nele...

Eu estava tão concentrada em tentar encontrar as palavras que não senti a base do meu salto ficar presa na fresta de um paralelepípedo. Só vi o pânico no rosto de Graham quando comecei a cair para trás, bem na direção do tráfego em sentido contrário.

Com um único movimento, ele largou a caixa e se lançou para agarrar o meu braço, puxando-me contra si com tanta força que nós dois cambaleamos para trás, dando com tudo no prédio que ficava ali. Um carro passou zunindo com um ronco furioso, mas eu mal o ouvi, tentando apenas respirar. Eu já estava a salvo, mas, ainda assim, nenhum de nós se moveu. Senti a respiração de Graham nas minhas bochechas e a forma que a minha mão agarrava o seu pulso. E ouvi meu coração batendo tão forte que não tinha como ele não ouvi-lo também.

Os lábios de Graham tocaram os meus primeiro, depois ele moveu a mão para a minha nuca, me puxando para ainda mais perto. Mais um segundo se passou, e eu comecei a flutuar, de alguma forma me vendo de cima – beijando um homem que não era John. Dei um pulo para trás, me soltando do abraço de Graham.

– Que foi? – disse ele.

A surpresa em sua voz me espantou.

– Por que isso aconteceu? – perguntei, dando mais um passo para trás. – Por que você...

O rosto de Graham desmoronou, afundando devagar. Ele parecia estar juntando as peças de algum quebra-cabeça, mas parou de repente e ergueu o olhar, furioso.

– Porque eu achei que tava *muito* claro que era isso que você queria, Shea.

Eu me senti encurralada. Acusada. Talvez até mesmo manipulada a questionar a mim mesma. Não tinha certeza do quê, mas algo no tom de voz de Graham me deixou com raiva.

– Não fala assim comigo – retruquei.

– Não acredito que você tá surpresa! – protestou Graham, virando-se para

pegar a caixa de documentos. – Isso... seja lá o que for... tá se construindo há dias!

Meu corpo inteiro acelerou – o sangue pulsando, os dedos formigando. Será que ele tinha razão?

– Não é você que decide o que eu quero – me ouvi dizer.

Era como se minha mente estivesse lendo um roteiro diferente do que o meu corpo lia, talvez assustado demais para considerar que a suposição de Graham estivesse certa.

– Talvez seja bom avaliar suas ações nas últimas 24 horas – retrucou Graham.
– Acho que você tava dando muito mais mole do que imagina.

Uma parte de mim queria ceder. Concordar. Permitir a mim mesma sentir o que eu havia repelido nos últimos dias. Mas a outra não suportava que me dissessem o que eu estava sentindo antes de eu mesma ter descoberto. *Então por que esse calor em mim me deixa cheia de energia?*, eu me perguntei. *Por que quero continuar brigando?* Talvez Graham e eu estivéssemos num embate de forças em direção à verdade. Será?

– Mesmo assim, você não tinha o direito de fazer isso – declarei.

Os fatos proporcionavam segurança.

– Tudo bem – disse Graham. – Esqueça o que aconteceu.

Ele começou a andar novamente, encerrando o assunto.

– E se eu não conseguir esquecer? – questionei, me recusando a segui-lo. – O que acontece depois?

– Então acho que a nossa jornada termina aqui. Ou pelo menos a minha.

Ele nem sequer olhou para trás para desferir esse golpe.

– Não imaginei que você fosse do tipo que simplesmente foge! – gritei, ainda tensa. – Deve ser coisa de filhos de pais divorciados.

Eu sabia que tinha sido maldosa, mas queria que ele voltasse.

Graham se virou para mim, agora pelo menos dez passos à minha frente.

– Bem, nesse caso, acho que nós dois estávamos errados um sobre o outro – declarou ele.

Os faróis de um carro que se aproximava iluminaram a rua de repente, nos expondo. Era um táxi. Graham andou depressa até o meio-fio e levantou a mão. O carro freou bruscamente bem na frente dele. Graham abriu a porta, fez sinal para que eu entrasse no táxi, depois saiu caminhando na noite escura de Lisboa.

TRINTA E NOVE



Eu estava sentada com as pernas dobradas na poltrona com estampa de lavandas que ficava perto da janela do meu quarto de hotel. Ela me lembrava a casa de Wendell e Winnie, minha primeira parada nessa busca inútil. Uma parte de mim queria começar tudo de novo – para fazer escolhas diferentes ao longo do caminho. Mas outra se perguntava se eu acabaria exatamente naquele mesmo lugar, não importava o que acontecesse.

Lá fora, as lâmpadas dos postes de ferro preto tremulavam. Do outro lado do beco, um jovem casal caminhava devagar, envolvido um no outro e em seus sussurros compartilhados no meio da noite. Eu conseguia distinguir minimamente o rio Tejo batendo contra o muro de pedra que abraçava a cidade em forma de meia-lua. Isso me ajudou a finalmente equilibrar o ritmo da minha respiração entrecortada, a encontrar o espaço de que eu precisava para pensar.

Aqueles segundos com Graham persistiam na minha pele, fazendo o canto da minha boca se contrair. *Por que não o detive mais depressa?* Minha mente respondeu tão rápido quanto perguntou: *Porque pareceu certo.* A química entre nós era inegável. No começo, eu fiquei irritada com a rispidez dele e não pus fé no charme do cara, mas passei a adorar o modo como sua mente funcionava. Gostava da determinação dele. Da intensidade com que agia. Graham me pressionava, sim, mas era para me impulsionar, para me forçar a encarar coisas que eu havia enterrado ou que nem mesmo percebia. Nossas diferenças não pareciam atritos; eram como uma faísca, um *tête-à-tête* entre Elizabeth e Darcy. Eu nunca gostei muito de *Orgulho e preconceito*, ao contrário de todas as outras

mulheres que conhecia. Mas talvez fosse porque eu nunca havia experimentado aquela sensação. Meu corpo enrijeceu; a ansiedade já se instalava. Era só insegurança? Ou era totalmente normal sentir algo por outras pessoas antes de se casar? Será que Graham era apenas uma miragem, o oposto de John, criado para testar meus sentimentos?



Eu ainda estava bem acordada quando o envelope deslizou por baixo da porta do quarto de hotel.

Fui me arrastando até lá para pegá-lo, esperando ver os papéis do check-out. Em vez disso, havia uma pequena foto, desgastada nas bordas, e um bilhete.

– Meu Deus, é ela! – exclamei em voz alta.

Bete Silva, posando orgulhosa em frente a uma casa velha de tijolos, com um buquê de flores enorme nas mãos e um poste de luz ao fundo. Abri a folha dobrada do papel timbrado do hotel, já sabendo que encontraria os garranchos de Graham lá dentro.

Isso estava na caixa do Tomás, por algum milagre. Deve ter sido uma coletânea de coisas que as pessoas esqueciam no camarim, o que significa...

– Que esta foto era importante o bastante para Bete ter mantido no camarim – falei, adivinhando quase as palavras exatas que Graham havia escrito em seguida.

Observe a foto com bastante atenção, continuou a mensagem. Você vai ver pra onde deve ir em seguida. No fim das contas, essa obsessão que você tem por sinais tem seus méritos. Parei e olhei para a foto novamente, sem ver nada que fizesse sentido. Não entendi o que ele quis dizer. Havia apenas mais algumas linhas em seu bilhete: *Acho melhor eu parar por aqui. Boa sorte, Shea. E obrigado.*

Era a decisão certa. Mas eu não sentia que havíamos tido um encerramento. E aquele bilhete enigmático não estava ajudando. Olhei para a foto de novo, examinando cada detalhe com mais atenção. *Ali está.* No canto direito, não maior que dois centímetros, havia uma pequena placa quadrada de imobiliária. Forçando os olhos, consegui distinguir as palavras *Imobiliária Downtown Boston*. Um sinal. Na verdade, uma *sinalização*. Minha boca se curvou num leve sorriso

com a pegadinha na mensagem de Graham. Eu sabia que isso era a tentativa dele de deixar as coisas entre nós mais leves.

Boston, pensei enquanto olhava nos olhos da Bete bem mais jovem da foto, desesperada para que ela me dissesse o que fazer em seguida. A coisa sensata seria manter meu voo de Portugal para Los Angeles. Voltar para casa, para o meu noivo. Ligar para a minha irmã, superar a briga que tivemos e pedir a ela que me ajudasse a resolver o resto da confusão que eu tinha criado. Em vez disso, peguei meu computador e comecei a procurar voos para Massachusetts.

O expediente escolar em Los Angeles já tinha acabado quando concluí a reserva. John estaria encerrando as coisas na sala de aula para poder seguir para a supervisão nos ônibus da tarde. Eu poderia tentar interceptá-lo com uma ligação, mas ele teria só dois minutos para falar. Um e-mail parecia uma opção ridiculamente formal, mesmo que me desse tempo para pensar em como justificar meu próximo passo. Além disso, havia muito mais que eu precisava explicar. Eu pretendia contar a John o que tinha acontecido com Graham; não agiria como meu pai. Mas essa confissão precisava acontecer pessoalmente. E, quanto mais cedo eu resolvesse a peça de Bete no quebra-cabeça do meu anel, mais rápido poderia ir para casa.

Peguei meu celular e comecei a digitar uma mensagem. Estou progredindo, mas preciso dar uma passada rápida em Boston antes de voltar pra casa. Ligo quando pousar. Te amo.

Eu não ganharia nada interrompendo minha missão àquela altura do campeonato. Por mais caóticas, confusas e dolorosas que as coisas estivessem, eu me sentia tão convicta como quando sugeri a Gia, em Hudson, que eu fosse à Europa. O *porquê* não era tão poderoso quanto o empurrãozinho claro e persistente que vinha de dentro. *Preciso chegar ao final disso*, pensei. Então, guardei o celular e comecei a fazer as malas.

QUARENTA



Rebecca me buscou no Aeroporto Logan com um Dunkin' French Vanilla gigante, um donut glaceado tradicional e um de seus velhos coletes acolchoados da L.L.Bean a tiracolo. Eu tinha mandado uma mensagem com o mínimo de informações, o suficiente para fazê-la agir como sua própria mãe ansiosa.

– Vai precisar disso até o pôr do sol. E tome cuidado. O café tá quente. E, Shea, não quero te pressionar a me contar tudo agora, mas, sabe como é, é óbvio que vou fazer isso, porque tô bastante preocupada com você – disse ela enquanto ziguezagueava pelas ruas do centro de Boston, tomando seu chá gelado.

– A gente pode parar pra tomar café da manhã? – perguntei. – Vou te contar tudo, e depois a gente pode bolar um plano.

– Certo. Encontrar uma mulher provavelmente morta em uma cidade de 675 mil habitantes com base em uma placa imobiliária de décadas atrás. Sim, eu pesquisei esse número. Dados do censo de 2020, mas ainda tá valendo.

– Fique sabendo que eu já fiz mais com menos.

Voltamos ao bairro de Rebecca para seu combustível cerebral favorito: canja de galinha com arroz na Zaftigs Delicatessen. contei a ela as partes principais do que tinha acontecido entre a Itália e Portugal: o encontro com Maria e a caçada a Gianluca, a revelação do conto de fadas moderno entre Carmela e Gianluca e o choque de descobrir que Bete Silva viera antes deles. contei até sobre a partida de Annie e a tensão com John. Mas não mencionei o que tinha acontecido na noite anterior. Ainda não sabia como explicar essa parte. A reação de Rebecca a tudo foi bem simples, mas exatamente o que eu precisava ouvir.

– Eu só fico feliz que esse lance todo tenha te trazido até mim – declarou ela.

Eu estava me sentindo revigorada o suficiente para voltar à ativa. Pedi uma última dose de café e paguei a conta enquanto Bec ia ao banheiro. Foi naquele momento que John finalmente respondeu. Ouvi meu celular apitar e soube que era ele. Minha mente começou a girar – por que ele tinha esperado quase doze horas para responder? –, aí li suas palavras na tela: Quero confiar em você, Shea, mas tá ficando muito difícil. Até eu tenho limites. Me liga, tá? Te amo. O gelo foi subindo pelas minhas mãos. Quase deixei o telefone cair. Aquele não era o meu John. Mas será que ele tinha razão?

Eu estava relendo a mensagem pela sexta vez quando Rebecca voltou para a mesa.

– Tá tudo bem? – perguntou ela.

– Tá – menti, deixando a mensagem de lado, e guardei o celular no bolso do casaco, me levantando da mesa.

Quanto mais cedo eu terminasse aquilo, mais cedo poderia resolver todo o resto.



– Beleza. Vamos nessa – disse Rebecca enquanto voltávamos para o carro dela. – Temos uma casa e uma placa de imobiliária com que trabalhar. Eu vejo dois caminhos. – Era por esse tipo de pensamento de líder de equipe que ela sempre foi minha “pessoa que eu levaria para uma ilha deserta”. Dê a Rebecca cinco minutos e dois gravetos e ela acenderá uma fogueira gigante. – Casas geminadas antigas de tijolos como esta não existem em todos os bairros da cidade. A gente pode começar pelos pontos mais óbvios... Back Bay, South End, Beacon Hill, Charlestown... e dar umas voltas até, com sorte, encontrar o que procuramos.

– Qual é o segundo caminho? – perguntei.

– Ligar pra imobiliária e ver se eles têm uma Bete Silva no cadastro... de uns cinquenta anos atrás, com base no vestido dela nesta foto...

Decidimos começar pelo segundo caminho, nem que fosse para descartá-lo logo. Bec serviu como motorista e vigia enquanto eu tentava explicar a situação a um atendente muito confuso da Imobiliária Downtown Boston. Acabei descobrindo que se tratava de uma empresa completamente diferente, administrada por pessoas completamente diferentes das de vinte anos antes.

Infelizmente, o Plano A foi se revelando um fracasso tão grande quanto o Plano B. A casa não ficava em Back Bay, South End, North End, Charlestown, nem nos outros dois bairros que adicionamos à lista à medida que avançamos. Acabou que *casas geminadas de tijolos* eram o estilo dominante de toda a metrópole.

Fizemos uma paradinha para repor as energias no The Little Crêpe Café, no próximo bairro da nossa lista: Cambridge. O sol quase outonal já descia no céu nordeste, tão baixo que as luzes dos postes começavam a acender uma a uma na histórica Garfield Street, embora ainda fossem apenas quatro da tarde.

– Não vamos entrar em pânico – declarou Rebecca. – A cidade tem só 232,1 quilômetros quadrados... *sim, acabei de pesquisar*. A gente dá conta disso em alguns dias. A Teres pode ajudar.

Eu poderia tê-la beijado pela dedicação total à minha causa, mas estava ocupada demais formulando um plano novo. Peguei a foto de Bete na minha bolsa e observei os detalhes novamente. Na calçada em frente à casa havia um poste de luz. Ele havia chamado minha atenção na primeira vez que olhei para a imagem, mas eu não tinha pensado muito sobre ele até ver os postes de luz acendendo naquele mesmo instante. A maioria dos postes de luz tinha uma única luminária. O que ficava perto da casa de Bete tinha três luminárias no topo, formando uma coroa redonda.

– Não deve ter esses postes em todos os lugares em Boston, certo? – perguntei, mostrando a foto para Rebecca.

– Dificilmente – disse ela, e então franziu o rosto para pensar. – A gente precisa de algum livro antigo sobre planejamento urbano ou algo assim. Algo com fotos de arquivo que a gente possa comparar. – Como se fosse uma deixa, nós duas olhamos pela janela da cafeteria e encontramos duas livrarias naquele mesmo quarteirão. Becca se virou para mim com um sorriso presunçoso. – Nunca mais reclame que minha cidade é nerd demais.

As respostas – de acordo com várias fotos do livro *Projetando a cidade sobre uma colina* – eram o North End, que já havíamos percorrido, e Brighton, um bairro a 800 metros do apartamento de Rebecca. Dirigimos até lá imediatamente, depois diminuimos a velocidade e ligamos o pisca-alerta para começar a examinar cada propriedade. Fiquei segurando a foto entre nós para uma comparação lado a lado. Rebecca sintonizou a rádio de música clássica para tentar nos manter calmas. Depois de dez minutos dando voltas para lá e para cá, em um local a cinco minutos de onde tínhamos tomado canja de galinha horas antes, Bec freou bruscamente.

– ALI! – berrou ela, apontando.

– ISSO! A gente encontrou! Meu Deus, a gente encontrou! – gritei.

– Eu sei! Isso é *muito louco*!

– EU SEI! Por que nunca gritam assim em filmes de detetive?

– Boa pergunta! – respondeu Bec. – E agora, o que a gente faz?

Minha euforia despencou com um baque para a realidade.

– Bato lá na porta? Vejo se os moradores têm alguma ideia de quem é Bete Silva?

– Isso se ela mesma não estiver lá...

Rebecca estava disposta a dizer o que eu estava com medo de pensar.

Andamos juntas até a porta da frente, por segurança. Cerrei os dentes para impedi-los de bater de nervosismo. A casa era uma construção clássica, com o tipo de fachada de tijolos vermelhos que aparecem em fotos glamorosas da Nova Inglaterra de antigamente. Aquela tinha venezianas verde-esmeralda e uma porta verde-limão que a fazia parecer um cenário de *O mágico de Oz*. Repassei mentalmente minha frase de abertura e toquei a campainha. Então ficamos paradas ali, por *vários* minutos.

– Hum... por quanto tempo a gente vai esperar? – murmurou Rebecca.

– Hum... mais três a cinco minutos?

No entanto, a porta da frente se abriu com um rangido. E do outro lado estava uma mulher idosa e magra, com mechas ruivas entrelaçadas nos cabelos grisalhos: Bete Silva.

Fiquei tão surpresa que minha brilhante frase de abertura acabou sendo:

– Nossa!

– Como é, meu bem? – indagou ela.

– Ah, oi – falei, me recuperando. – Meu nome é Shea Anderson. Encontrei a senhora graças a uma foto de uma casa de ópera em Portugal e adoraria ter a oportunidade de fazer algumas perguntas sobre algo que nós duas compartilhamos. Acontece que sou a dona mais recente do seu anel de noivado.

Rebecca me deu um leve empurrãozinho de lado para dizer “Bom trabalho”. Mas os olhos de Bete logo se encheram de lágrimas.

– Parece que ele me encontrou de novo – declarou ela com um sorriso emocionado.

QUARENTA E UM



Fiquei fascinada com Bete Silva desde o momento em que ela me conduziu pelo longo corredor que ligava seu vestíbulo a uma sala nos fundos repleta de janelas que iam do chão até o teto e plantas que iam do teto até o chão. *O solário*, como ela explicou. Adorei o jeito como ela mantinha o braço esquerdo atrás das costas enquanto andava, como se estivesse executando cada passo num palco. Cobicei o coque frouxo no topo da sua cabeça. E venerei o fato de ela me chamar de “meu bem”, como se fosse minha falecida bisavó. Todas as minhas preocupações de repente pareceram mais leves naquele cômodo perfeito, abrigadas na segurança e no aconchego do sofá antigo de veludo verde de Bete.

– Sei que a senhora é uma pessoa muito reservada – afirmei após uma breve explicação de como fui parar ali e quem era Rebecca, que esperava no carro –, então, por favor, não precisa responder a nenhuma pergunta que deixe a senhora desconfortável. Tenho certeza que tudo isso já é inusitado o suficiente.

– Surpreendente, sim – declarou Bete. – Mas não inusitado. Esse anel me guiou por anos. É natural que acabaria trazendo alguém até mim de novo.

Eu não sabia o que Bete queria dizer, mas não consegui esconder o que suas palavras me fizeram sentir: lágrimas quentes brotaram dos meus olhos e começaram a escorrer pelo meu rosto.

– Desculpa – falei, quase soluçando. – É que ninguém mais... e tá sendo tão... e eu tô só...

Bete aproximou sua cadeira da minha. Ela pegou minha mão direita e a colocou sobre meu coração, respirando fundo e bem devagar. Era tão

reconfortante que eu a acompanhei. Com isso, as lágrimas cessaram.

– Pronto, meu bem – disse ela. – Um pequeno truque dos meus dias no palco para me recuperar das cenas mais intensas. Agora, deixe-me contar sobre o nosso anel.

A vida de Bete Silva foi um triunfo improvável. Ela foi criada em uma cidadezinha no nordeste da Pensilvânia por uma mãe irlandesa e um pai português. Eles perceberam seu talento desde cedo e moveram mundos e fundos para pagar pelas aulas de canto. Sua postura e sua extensão vocal eram uma combinação perfeita para a ópera. Ao final do ensino médio, ela se apresentava na renomada Ópera de Pittsburgh. Foi assim que conheceu seu primeiro amor: um jovem ajudante de palco chamado Nathaniel Park.

– Por isso que a senhora usava o nome Lisbeth Park no palco! – exclamei, ligando os pontos.

– Exatamente. Lisbeth era o nome da minha avó. O Park veio do Nathaniel.

Pensei em perguntar por que ela não tinha dito simplesmente que Park era seu nome de *casada*, mas deixei Bete continuar.

Nathaniel também se apaixonou imediatamente, ela explicou, mas não achava que aquela estrela em ascensão lhe daria a menor bola, então começou a deixar cartas no camarim de Bete, que ela encontrava após cada apresentação. Ele assinava cada uma com um nome diferente, para que Bete pensasse que tinha dezenas de fãs.

– Ele fez isso para me conquistar, mas acabou mudando a minha vida. Aquelas cartas me deram a confiança de que eu precisava para estudar aqui em Boston, no conservatório. Foi assim que comecei a me dedicar à ópera em tempo integral – contou ela.

Nathaniel a pediu em casamento depois de dois anos de namoro, e o anel era – é óbvio – de tirar o fôlego.

– Ele jurou de pés juntos que o homem que lhe vendeu o anel em Pittsburgh prometeu que era um Harry Winston de Nova York, mas o Nathaniel jamais poderia pagar por algo do tipo. Acho que nós dois sabíamos que era lorota. Nós chamávamos o anel de meu Larry Winston, de brincadeira.

O Graham vai revirar os olhos ao saber desse detalhe, pensei enquanto olhava para o meu celular para garantir que ainda estivesse gravando. Então, voltei a me concentrar em Bete, tentando ignorar por que eu estava tomando notas para alguém que eu provavelmente nunca mais veria.

– Planejamos o casamento, e comprei um vestidinho branco, exatamente como imaginei que a Grace Kelly usaria – disse ela. Sorri para mim mesma ao

saber que nosso ícone de estilo era o mesmo. – Depois, reservamos nossa lua de mel em Portugal, de onde a família do meu pai havia emigrado na década de 1920. Só que cinco dias antes do dia em que subiríamos ao altar no teatro onde nos conhecemos, Nathaniel foi picado por uma vespa e morreu.

Minha mão voou para o peito, consternada.

– *Meu primeiro amor* – sussurrei, me lembrando do filme. – Sinto muito.

– Foi um choque para todos nós – disse Bete, sem pegar a referência. – Você deve imaginar. Também tem um noivo.

Uma imagem de John me veio à mente. Ele tinha operado uma lesão antiga no ombro havia cerca de um ano e demorado mais que o normal para voltar da anestesia. Todas as enfermeiras me garantiam que não havia nada com que me preocupar, mas aquelas duas horas a mais ao lado do leito do hospital antes de ele acordar foram uma tortura sem fim. Meu coração se enchera de dor com a ideia de perder John tão no início da nossa vida juntos. Tínhamos feito muitos planos para o futuro: desde repetir todo ano nossa viagem a Cambria do ano anterior, quando tínhamos acampado lá, até um dia comprar um apartamento no bairro de Nova York onde eu havia morado. Tínhamos até uma lista de nomes para cachorros e filhos, alguns intercambiáveis dependendo do que a vida nos trouxesse – ideia de John. Será que eu corria o risco de perder tudo isso?

– Eu tirei o anel e coloquei numa caixa no dia seguinte ao funeral do Nathaniel. – A voz de Bete me trouxe de volta para sua história. – Nem sequer olhei para ele, até o que teria sido nosso primeiro aniversário de casamento, quando pareceu certo usá-lo novamente em homenagem ao meu amor.

Mais tarde naquele mesmo dia, um entregador deixou as passagens para a lua de mel deles em Portugal. Bete não havia se lembrado de cancelar, e o agente de viagens aparentemente errara a data em um ano.

– Enxerguei isso como um sinal – falou Bete. – E lá fui eu, com anel e tudo.

Em Lisboa, Bete conheceu um barman charmoso, um homem esculpido como uma estátua, com cabelos compridos e óculos de metal: Vincenzo. Durante a viagem de uma semana, ela ficou sabendo que ele era fã de ópera e sempre sonhara em se casar com uma linda americana. Três anos depois, foi exatamente o que aconteceu, duas vezes.

– Uma cerimônia nos Estados Unidos, na minha igreja, e outra em Lisboa, dentro do bar onde nos conhecemos – revelou Bete.

– Acabei de vir de lá – comentei. – Fui na esperança de saber mais sobre a senhora. Será que passei por esse bar?

– Tenho certeza que sim. Este é o poder do anel. Foi por isso que o usei no

meu casamento com Vin.

Fiquei resabiada com esse detalhe, pensando imediatamente na minha mãe. Mas aquela também era a terceira ou quarta vez que Bete fazia alusão ao poder misterioso do anel. O que exatamente ela queria dizer?

– A senhora e o Vin foram casados por muito tempo? – perguntei, achando que “Vocês foram felizes no casamento?” seria uma pergunta direta demais.

– Não o suficiente – respondeu Bete. – O Vin morreu dez anos depois, por causa de complicações de uma cirurgia banal na coluna. Os médicos me disseram que havia uma chance em dez mil de algo assim acontecer, quase o mesmo número que me deram após a morte do Nathaniel. Foi aí que comecei a me questionar sobre o nosso anel.

Bete tinha continuado depressa a história, passando logo para a conexão do anel, mas eu tive que impedir minha mão de voar para a boca pela segunda vez. Aquela doce mulher havia perdido não um, mas dois grandes amores. E num intervalo de pouco mais de uma década. Como uma pessoa poderia sobreviver a isso, quanto mais se sentar ali e me relatar essa provação com tanta calma? Agora eu compreendia o tipo de força interior que a tornara uma artista tão grandiosa. Mas imaginar Bete no palco levou minha mente por um novo caminho: sua história era uma tragédia operística completa. Um enredo que sem dúvida carregava o meu maior medo: *um carma muito ruim*.

– Como a senhora sobreviveu a tudo isso? – perguntei, voltando a me concentrar na história dela, e não nos meus medos crescentes.

– Eu voltei ao palco. Achei que poderia curar meu coração partido com os personagens que interpretava – revelou Bete.

Foi naquela época que ela conheceu Carla em Lisboa, mas, depois de algumas apresentações, percebeu que uma vida tranquila era a única coisa que lhe convinha. Por isso recusou Viena. Bete retornou a Boston, e nosso anel permaneceu na gaveta de cima da cômoda dela até que finalmente houvesse outra ocasião para usá-lo e, como ela explicou, “testar minha premissa sobre os poderes dele”.

Anos depois, em uma viagem a Pittsburgh para comemorar a aposentadoria de uma professora de canto muito querida, Bete usou o anel de novo para sua apresentação na homenagem à outra mulher.

– Eu queria o Nathaniel e o Vin comigo no palco – explicou ela.

Naquela noite, ela foi apresentada ao novo professor de música, Charlie Grant. A atração foi imediata.

– E foi aí que eu realmente soube – declarou ela. – Eu tinha sido conectada a

um novo amor por estar usando o anel.

Demorei um segundo para entender.

– Está dizendo que acredita que o anel tinha o poder de atrair homens pra sua vida? – perguntei, esperando ter usado um tom de voz sem julgamento.

– Com certeza – respondeu Bete. – Na noite em que finalmente usei o anel outra vez, eu senti a mesma coisa que senti quando conheci tanto o Nathaniel quanto o Vin.

Eu estava fascinada e confusa ao mesmo tempo. Bete acreditava em parte da minha premissa – que este anel continha energia, até mesmo espíritos –, mas, para ela, o poder não vinha do carma; vinha do próprio anel. Ela acreditava que ele estava no controle e não teve medo; se rendeu à magia dele.

– Naquele momento, decidi que já era o suficiente – continuou Bete. – Tirei o anel e me despedi de Charlie naquela mesma noite. Eu não tinha medo da perda, caso o padrão se repetisse, mas ela tem um efeito-cascata em outras pessoas queridas. Decidi que era hora de encerrar esse tipo de jornada na minha vida.

Foi só na sua última viagem à Europa – para Lisboa, é claro – que ela tirou o anel da segurança da gaveta da cômoda.

– Eu não conseguiria me imaginar visitando minha cidade sagrada sem ele – disse Bete.

Naturalmente, ao que lhe parecia, o anel a guiou até os futuros donos dele durante a viagem: um homem bonito chamado Gianluca e sua bela namorada, Carmela.

– E eu simplesmente soube. Tive certeza absoluta que o anel era para eles – contou Bete.

Minha testa se franziu enquanto eu juntava as peças.

– Mas por que dar o anel a eles? – questionei. – Ele te trouxe tanta desilusão...

– Bem, isso não cabia a mim decidir. O anel sabia o que queria. Ele me compeliu.

– Não se sentiu culpada por passar esse azar adiante?

Fiquei preocupada em estar forçando a barra, mas Bete não reagiu de forma negativa.

– Não. Você só está vendo metade da história. O anel me trouxe alegria tanto quanto trouxe tristeza – afirmou ela. – Se não mais.

Não sei se era o cenário mágico da sua sala cheia de verde, o sussurro suave de sua voz ou o fato de eu estar tão desesperada para acreditar na lucidez de outra pessoa, mas senti vontade de me entregar. A fé de Bete ia só um pequeno passo além da minha superstição. O anel continha energia, e essa energia

compelia quem a usava. Seria realmente tão impossível assim? Ainda mais considerando que Gianluca e Carmela tiveram um relacionamento lindo e para toda a vida?

– Vejo que sente o que estou dizendo – disse Bete. – Por acaso o anel já compeliu você?

– Eu... eu não sei – respondi, com a cabeça girando de repente. – É isso que tô tentando entender. Porque tem o John, meu noivo, mas aí eu conheci outra pessoa, por causa deste anel, e aí ele me beijou e... Meu Deus, eu ainda não tinha dito isso em voz alta e...

Bete colocou a *própria* mão sobre o meu coração.

– Respire, meu bem – sugeriu ela. – Respire e escute, e as coisas vão se encaixar.

Então ela bateu de leve a palma da mão no meu peito, bem no ponto em que o meu coração pulsava. Isso me acalmou instantaneamente, quase como *mágica*. Tanto que levei um instante para perceber a conexão com a *nonna*. *Escute. Ascolta.*

– Obrigada. Gostaria de saber se posso fazer só mais uma pergunta.

– É claro – garantiu Bete. – Qualquer coisa.

– A senhora gostaria que nunca tivessem te pedido em casamento com este anel?

A boca de Bete se abriu em um sorriso inesperado.

– Não – disse ela. – Eu tive dois relacionamentos lindos e uma vida intensa e plena entre eles. Muito pouca coisa está sob o nosso controle de fato, meu bem. Tudo que você pode fazer é permitir que a vida flua através de você e se tornar forte o suficiente para estar pronta para o que der e vier. Tenho sorte por este anel ter me ensinado isso.

QUARENTA E DOIS



– Tá no clima pra uma bebida forte ou tá mais pra um chá de ervas? – perguntou Teres quando Bec e eu finalmente voltamos para a casa delas.

– Não faço ideia – respondi, e então ela preparou para mim um *hot toddy*, um drinque quente de uísque com limão e mel.

Terminei a caneca inteira e fui até o quarto de hóspedes para finalmente tentar ligar para John. Encontrar Bete tinha me dado a confiança necessária para dizer a ele que voltaria para casa no dia seguinte, ainda que isso fosse tudo que eu estivesse pronta para relatar. O telefone tocou um milhão de vezes, depois caiu na caixa postal. Dessa vez, optei por não deixar uma mensagem esquisita.

Na sala de estar, Rebecca e Teres tinham montado um bufê de comida chinesa revigorante na mesa de centro, o banquete perfeito para me fortalecer durante a longa história que eu tinha para contar a elas.

Percorri cada detalhe da biografia de Bete entre uma garfada e outra de *lo mein*. Minha plateia atenta ficou fascinada com as reviravoltas da história – especialmente o poodle misturado delas, Louie –, mas as humanas desconfiaram da narradora no final.

– A Bete parece muito querida, mas... um pouco fora da casinha – comentou Rebecca.

– Eu te entendo – concordei. – É um pouco forçado. Mas ela tinha tanta certeza... Acho que eu poderia verificar a história dela, mas não consigo imaginar um mundo em que ela estivesse mentindo.

– Que tal delirando?

– Estou menos interessada na Bete e mais interessada na Shea – interveio Teres. – Você é uma paciente que apresenta muitos sintomas. Qual é a questão mais urgente? Porque é aí que a gente precisa concentrar nossos esforços.

Teres era especialista em doenças infecciosas com formação em Harvard e tinha uma obsessão por podcasts sobre casos criminais. *Eu devia ter levado a Teres pra Itália no lugar da Annie*, pensei enquanto ela procurava algo no balcão da cozinha, que presumi ser uma caneta e papel.

– Certo – continuei, pegando um biscoito da sorte e depois rapidamente desistindo dele –, a questão mais urgente... acho que é: eu sou completamente louca por concordar com a Bete que este anel tem poder sobre minha vida?

– Sim – respondeu Rebecca. Depois se corrigiu com a mesma rapidez: – Desculpa, eu quis dizer não. Tipo, essa não é a questão mais urgente. Ela é: por que, depois de tudo isso, você simplesmente não aceita um anel novo do John? Ele ofereceu! E você tecnicamente não colocou o anel no seu dedo, se é isso que te preocupa.

Naquele momento eu me lembrei do motivo para Rebecca e eu termos nos tornado amigas tão depressa: ela pensava como a minha irmã. Isso também me deixou com medo de responder a ela com sinceridade, dada minha última tentativa de ser totalmente sincera com Annie.

– Não sei se um anel novo vai fazer diferença – confessei. – Eu tô com medo de que, com poderes mágicos ou não, este aqui já tenha me afastado do John.

– Agora a gente tá chegando a algum lugar... – comentou Teres.

– O Graham e eu... trocamos um beijo... em Lisboa – confessei.

O silêncio scandalizado durou tempo demais. Minha vontade era fugir dali.

– Defina “trocamos um beijo” – sugeriu Teres, mas o olhar estatelado de Rebecca me disse que ela sabia que aquela não era a parte que importava.

– Ah, Shea – disse ela finalmente, com uma mistura devastadora de raiva e tristeza na voz.

Era o mesmo que eu sentia.

– Eu sei. Mas é ainda pior que isso, se é que é possível. Não consigo parar de pensar nele! Gravei minha conversa inteira com a Bete e mandei pra que ele ouvisse, mesmo que a gente tenha tido uma briga feia em Lisboa!

Rebecca se sentou ereta no sofá. Tive a assustadora sensação de que ela estava entrando no modo tribunal.

– Tá dizendo que acha que essa... coisa com o Graham é pra valer? – indagou ela. – Você acabou de conhecer o cara!

Rebecca era a fã número um de John. Quando ele apareceu na minha vida,

ela virou uma tia casamenteira. *Quando ele vai te pedir em casamento? O que ele tá esperando? Precisa que eu fale com ele? Falo com ele de boa.* A afeição dela por ele contribuiu para minha confiança no nosso relacionamento desde o início. Mas, naquele momento, a convicção dela só me deixava mais nervosa.

– Eu não sei! – confessei. – E não sei como vou descobrir isso! Mas o fato de eu ter feito o que fiz não é uma evidência de que não tô pronta pra me casar com o John? Isso não é o mais importante?

– Acho que ainda é muito cedo pra saber isso – declarou Teres rapidamente, com um tom indistinto na voz.

– Como assim? O fato de você ter deixado outra pessoa te beijar não é tudo que você precisa saber?

Teres voltou o olhar para Rebecca, então quase pareceu pedir permissão. Fosse qual fosse a pergunta, Bec concordou com a cabeça.

– Eu traí a Rebecca antes de a gente se casar – confessou Teres.

Eu torci para que o meu rosto não refletisse o que se passava na minha cabeça naquele momento.

– Você *traiu*? Bec, por que não me contou?

– Foi complicado – disse Rebecca. – E eu tinha medo de ser julgada por ser a feminista que aceitou de volta alguém infiel.

Imaginei que minha reação perplexa, mesmo anos depois, provou que ela tivera razão.

– O que aconteceu? – perguntei.

Teres pegou sua bebida, mas reconsiderou.

– Eu tava mal – começou ela. – Minha mãe tinha morrido alguns meses antes, e a Bec e eu tínhamos acabado de começar a morar juntas... antes de eu estar preparada, pelo jeito. Eu tava simplesmente... perdida. Isso não é desculpa, mas a coisa toda me levou pro mau caminho. Eu tava bebendo demais, me anestesiando. Saindo muito pra me distrair. Aconteceu uma vez, numa noite da qual eu mal me lembro, com alguém que fazia residência comigo.

– Ai, meu Deus, eu não sabia de *nada* disso – falei. – Alguém sabe?

– Não – retrucou Rebecca. – A gente tinha muito medo de ouvir o que não queria ouvir. Todo mundo condena uma traição. É doloroso. Uma enorme quebra de confiança. Algo digno de fazer você parar e questionar se tá no relacionamento certo. E, quando fiz isso, finalmente percebi que tava e que queria me casar com a Teres mais do que queria deixar esse erro arruinar o nosso futuro.

– Nossa. Desculpa, mas *como*? – quis saber minha versão adolescente, aquela

que parou de olhar meu pai nos olhos depois que descobriu quantas vezes ele havia traído minha mãe.

– Comecei a fazer terapia – contou Teres. – Aprendi que o que aconteceu me revelou algo sério sobre como o meu corpo reage ao estresse e sobre a minha falta de mecanismos de enfrentamento, não sobre o quanto eu amava a Bec.

– E eu li 75 mil livros sobre perdão, porque os advogados estudam em vez de fazer terapia. Mesmo advogadas lésbicas – disse Rebecca. Todas nós rimos disso, *finalmente*. – Mas, no final das contas, o sonho de nos casarmos era maior que os nossos problemas. Era uma enorme declaração política pra gente. Nossa maneira de ter segurança. E filhos. E esse direito tinha apenas alguns anos na época. Você se lembra de ler aquele trecho do caso *Obergefell versus Hodges* na nossa cerimônia?

Fui transportada para o dia do casamento delas na praia de Cape Cod, cinco anos antes. Me lembrei de como fiquei tocada ao erguer o olhar após ler um trecho da decisão da Suprema Corte. Todo mundo estava chorando, inclusive eu.

– Olha, nossa situação era bem específica – continuou Bec –, mas tudo o que estou dizendo é que um erro não precisa ser o fim. – Então ela se inclinou e me abraçou. – Além disso, eu te amo e lamento muito que você esteja passando por isso.

– Obrigada – falei, retribuindo o abraço com força. – Lamento que você tenha passado por isso também.

– *Tá legal!* Acho que já chega de drama por hoje – determinou Teres. – Vamos fazer uma pausa pro maior sundae das nossas vidas?

Eu não sabia se estava pronta para superar tudo que tinha acabado de ser revelado.

– Vocês se importam se eu sair pra tomar um ar antes da sobremesa? – perguntei.

– Claro que não – disse Rebecca. – Quer levar o Louie pra dar uma volta no quarteirão? Ele vai te amar ainda mais.

Como se tivesse sido combinado, o cachorrinho marrom peludo delas apareceu ao meu lado, com a língua para fora.



Após sair do prédio, Louie me guiou para a esquerda e depois ao longo da rua em

direção a um parquinho na esquina. Fiquei grata pela orientação. O ar da noite estava frio, como Bec havia avisado, mas eu ainda me sentia agitada por causa de todo o estresse. Era bom colocar um pé na frente do outro. Descemos até a praça e seguimos pela trilha pavimentada. O tempo todo, eu tentava analisar meus sentimentos por Graham, mas minha mente ficava voltando para Rebecca e Teres.

Elas não eram perfeitas, mas o relacionamento que tinham ainda era o que eu sempre havia sonhado para mim, como uma versão moderna da minha *nonna* e do meu avô. Unidas. Compatíveis. Profundamente amorosas. E *divertidas* juntas. Elas conseguiram. Assumiram o compromisso. Caminharam até o altar. Mas eu não conseguia me ver sobrevivendo ao que elas enfrentaram ao longo do caminho. Esqueça as superstições; Teres tinha dado a Rebecca um motivo real para não confiar nela. Como superar o medo de que aquilo acontecesse de novo? Não era essa a parte mais importante do casamento? Sentir-se segura no seu amor, para sempre? *John e eu tínhamos isso antes dessa confusão?* Parei, percebendo que deveria estar me fazendo uma pergunta muito diferente: *O que eu fiz com a confiança que John e eu costumávamos ter?*

Louie puxou a coleira, doido para perseguir um esquilo que o provocava em uma árvore próxima. Eu o peguei no colo e esfreguei o rosto no seu pelo sedoso.

– Me diga o que fazer, Lou... – falei, enquanto me virava para voltarmos.

Ainda estávamos a cinco ou seis prédios de distância quando vi um táxi parar na frente do prédio de Rebecca. Congelei no lugar. O instinto me dominou, acelerando meu pulso. Então minha mente se precipitou: *Graham*. É claro que o cara não ia conseguir deixar a história passar. Ele havia encontrado o endereço de Rebecca. Tinha ido lá para acertar as coisas.

Corri com Louie em direção à casa enquanto um homem saía do táxi. Acelerei o passo, deixando minha esperança crescer sem questionar. Ele fechou a porta do táxi atrás de si e se virou para mim. O tempo parou quando meus olhos encontraram os dele.

– Oi, Shea – disse John.

QUARENTA E TRÊS



– Oi – respondi.

Levei um segundo para fazer o que deveria ter sido imediato: correr para abraçá-lo. Assim que o fiz, senti uma rigidez entre nós.

– O que você tá fazendo aqui?

O rosto de John se contraiu.

– Pelo jeito preferia que eu não estivesse – retrucou ele.

Ouvi a porta do prédio se abrir, me poupando de ter que responder. Então vi Rebecca saindo. Ela devia ter observado da janela.

– Oi, John – disse ela enquanto pegava a guia de Louie da minha mão. – Entrem quando estiverem prontos.

– Ela sabia que você tava vindo? – perguntei, já imaginando se isso era algum tipo de armação.

– Não – declarou ele. – Vamos sentar. Você parece... Vamos só sentar.

Era um déjà-vu devastador do momento logo após o pedido de casamento de John. Parte de mim estava radiante por vê-lo, como entrar em casa depois de um bom tempo fora. Mas o restante sentia medo do que estava prestes a acontecer conosco. Por minha causa. Deve ter sido essa a expressão que John leu no meu rosto.

Fiz sinal para que nos sentássemos nos degraus da entrada do prédio. John acatou minha sugestão, ajeitando os óculos de armação preta. Ele sempre ficava ainda mais bonito com eles do que com as lentes de contato. Pensei na hora: *Ele só tá usando óculos agora porque acabou de atravessar o país de avião pra te ver.*

Percebi que ele estava decidindo o que dizer em seguida. John sempre pensava antes de falar.

– Eu vim porque você me deixou assustado nesse nível, Shea. Você foi da Itália pra Portugal e de repente tava indo pra Boston. O que tá acontecendo?

– Eu sei... é muita coisa. Mas tô bem perto de finalmente encerrar isso. E eu só precisava mesmo...

– É – disse John, me interrompendo. Sua voz era ríspida. – Você disse isso na mensagem. Leu o que minha última mensagem dizia? Porque, pra ser sincero, fiquei bem abalado com o seu silêncio quando você não respondeu. Foi por isso que peguei um avião.

Agora a voz dele estava quase irreconhecível.

– Desculpa – falei. Pensei em pegar as mãos dele, mas não parecia natural. – Eu estava bastante focada. E... aconteceu muita coisa.

Eu não conseguia acreditar em como estava sendo vaga e sem jeito, tratando John como se fosse um amigo antigo da faculdade de quem eu tentava me esquivar.

John desviou o olhar, demorando mais tempo do que o normal para escolher suas palavras.

– Aconteceu alguma coisa com o Graham? – perguntou ele finalmente. – Ele também tá aqui?

Muitas vezes me perguntei como é se deparar com o momento exato em que a gente precisa escolher entre esconder a verdade e magoar a pessoa amada. Tentei imaginar como meu pai fez isso todos aqueles anos, como foi para ele ficar na frente da minha mãe, olhá-la nos olhos e escolher a mentira. Nos dias em que consigo sentir compaixão por ele, imagino que ele estivesse fazendo isso para proteger os sentimentos dela. Ele realmente a amava; tinha apenas cometido outro erro. E acreditava de verdade que seria melhor para ambos se ela não descobrisse sobre o último caso ou o último empreendimento fracassado. Mas, encarando os olhos inquisitivos de John, eu soube que isso era errado. A mentira não é para poupar quem está olhando para você; é para proteger a si mesmo.

– Ele não tá aqui – ouvi minha voz embargada dizer. – Mas, sim. Ele me beijou. Foi rápido, e eu impedi, e foi só isso que aconteceu... Eu juro. Fui embora de Lisboa logo depois. Sozinha.

Meu coração abandonou completamente o meu corpo. Com os olhos marejados, observei John fechar os dele com força e assentir de um jeito que eu não esperava. O gesto não dizia “O quê?” nem “Como?”.

– Eu sabia – disse ele.

A mágoa nas suas palavras me atravessou. Senti náuseas. *Conserte isso!*, meu cérebro gritava. Mudei as pernas de posição, depois o corpo. Pensei em me levantar só para aliviar a dor até conseguir decidir o que dizer.

– Não foi algo que foi se construindo ao longo do tempo – expliquei. – E eu não fiz essa viagem porque tava procurando alguma coisa além da história do anel. É que... eu fiquei confusa. John, eu estou confusa.

– Não foi isso que eu quis dizer – retrucou ele, com a voz muito mais baixa agora. – Eu sabia que nunca deveria ter escolhido o anel usado, pra começo de conversa. Pareceu tão certo na hora, e tinha aquele sinal... aquela conexão com a nossa história que eu sabia que você ia amar... mas foi a decisão errada. Eu só... – Ele se interrompeu de repente e levou a mão à testa. – Eu só queria que você me escolhesse em vez de uma merda de pedaço de metal.

Esse foi o golpe que fez as lágrimas rolares dos meus olhos. Eu sabia o quanto era doloroso alguém te preterir por qualquer coisa que considerasse mais importante. Eu sabia que ninguém se recupera disso.

John se levantou de súbito, impulsionado por uma raiva muito rara.

– O xis da questão, Shea, era que era eu... ou melhor, *a gente*, e tudo o que a gente construiu junto ao longo de todos esses *anos*, contra uma superstição! E você não me escolheu! Não consegui me escolher! Então talvez aquela vozinha dentro da minha cabeça que escutei quando comprei o anel tivesse razão.

– O que ela dizia? – perguntei.

Eu queria experimentar toda a tortura de uma vez.

– *Se você escolher este anel, vai saber se ela está realmente pronta pra se casar com você.*

De repente, meu corpo enrijeceu. Minhas lágrimas cessaram. O que John disse deveria ter sido devastador, mas atingiu meu cérebro, não meu coração.

– Você armou uma cilada pra mim – falei.

Ele ergueu uma sobancelha quando ouviu minha mudança de tom.

– Não, não foi uma decisão consciente, foi só... Acho que era parte de todas as coisas que eu estava sentindo antes de fazer o pedido.

– Por que não compartilhou nenhum desses sentimentos comigo? – questionei.

Agora eu também estava de pé, mesmo com o olhar inquieto de John.

– Eu... eu não sei – disse ele. – Eu não queria te assustar, eu acho.

– Com o quê? Sua incerteza sobre se casar? Parece que você tava mentindo pra mim, não me protegendo!

Eu odiava a sensação desse calor crescendo em mim, hostil a John. A gente

não era assim.

– Não, Shea – retrucou ele, com a voz mais calma. – Eu tinha certeza sobre você. Meu medo era você não sentir o mesmo por mim.

– Certo – falei, juntando as peças. – Pelo jeito nenhum de nós tava pronto.

Naquele momento, as lágrimas se acumularam nos olhos de John, uma visão ainda mais rara do que sua fúria. Estendi a mão e enlacei meu braço no dele, puxando-o para perto. John aninhou minha cabeça no seu pescoço, de modo que meu nariz tocou o ponto que eu sempre acariciava para acordá-lo de manhã. Nossa raiva havia sido aplacada pela desilusão.

– Talvez você estivesse certo sobre o anel – sussurrei. – Talvez tenha sido a escolha certa porque a gente precisava dele pra chegar aqui.

Permanecemos abraçados por mais um minuto, preferindo ficar ali parados em vez de encarar o desconhecido que nos aguardaria uma vez que nos soltássemos. John se afastou primeiro e me beijou com a mesma ternura de sempre. Depois, me deu as costas e foi embora.

QUARENTA E QUATRO



– O que eu posso fazer? – perguntou Rebecca quando entrei pela porta da frente.
– Amanhã. – Foi tudo que consegui dizer enquanto me dirigia à bicama que ficava no escritório dela.

Sem nem tirar a roupa, me deitei ali e me encolhi numa bola tão fechada que era difícil respirar. Pensei que talvez aquele desconforto fosse fazer todo o resto doer menos. Mas eu estava enganada.

Devo ter adormecido, porque a próxima coisa que minha mente registrou foi estar de pé nos degraus de concreto do lado de fora do apartamento de Rebecca. Meus pés estavam – estranhamente – calçados com tênis brancos de cetim. Olhei para cima, em direção ao que deveriam ser as casas geminadas do outro lado da rua onde Bec e Teres moravam, mas, em vez delas, encontrei uma multidão. Cinquenta ou talvez até umas cem pessoas de terno e vestido.

Tentei mover os pés para me aproximar da plateia, para perguntar o que estava acontecendo, mas minhas pernas começaram a se contorcer, me desequilibrando. “Pink Moon”, de Nick Drake, começou a tocar. Me virei na direção do som e vi uma orquestra em um palco flutuante. *Este é o meu casamento?*

De repente, Annie estava ao meu lado.

– Você tá perfeita – disse ela, com um sorriso igual ao da nossa mãe no rosto.
– Pronta?

Minhas pernas tremiam violentamente. Eu só conseguia dar breves arfadas. *O John acabou de me deixar!, pensei. Isso não tá acontecendo.*

– Isso é real? – perguntei a Annie.

Ela riu como se eu tivesse dito algo fofo, porém esperado.

– É uma sensação incrível, né? – insistiu ela.

Olhei para baixo, querendo ver o que eu estava vestindo – torcendo para que algo desencadeasse o fim desse caos –, mas, em vez disso, avistei algo completamente inusitado no meu dedo anelar esquerdo: uma simples aliança de ouro contendo um único diamante de lapidação brilhante.

– Este é o meu anel? – perguntei a Annie.

Ela olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

– É. Vamos, tá quase na nossa deixa.

Eu podia ouvir a música chegando ao ápice.

– Vou me casar com o John? – eu me ouvi perguntar. – Não teve nenhuma relíquia de família?

– Isso, correto. Você vai se casar com o John – respondeu Annie, com a preocupação ficando mais evidente na sua voz. – Que relíquia?

– E não teve nada de Itália, Portugal e Graham?

– Do que você tá falando, Shea? Tá me assustando! Vamos lá!

Ela segurou o meu braço com mais força, tentando me impelir para a frente. Senti minhas pernas se fortalecerem. O tremor havia parado. Olhei para a multidão, agora repleta de rostos familiares. Dei um passo à frente, me testando. Eu ia conseguir. Eu estava bem. Tudo havia voltado ao normal. Então, virei na direção oposta e corri.

Não parei, apesar dos gritos de Annie. De repente, o concreto virou areia sob os meus pés. *Será que voltei pra Portugal?* Não... Eu vi dunas. E carros em um estacionamento. Era a Califórnia. Era a praia Emma Wood. O lugar favorito da minha mãe. O lugar para onde ela nos levava – eu e Annie – quando precisava dar uma escapada.

Subi correndo o morro onde costumávamos fazer um piquenique de frutos do mar fritos, passeio em meio ao mato alto onde Annie e eu nos escondíamos, depois desci pela praia até sentir a água congelante nos pés. Só então finalmente consegui respirar. E acordei do sonho.

Todas as cobertas estavam jogadas para fora da cama, e meu coração estava disparado, como se eu tivesse de fato corrido toda aquela distância. A luz da manhã entrava pela janela. Eu tinha dormido a noite toda.

Estendi a mão para a mesinha de cabeceira e peguei meu celular, na esperança de ver uma mensagem de John pelo menos me avisando que estava em segurança em algum hotel. Em vez disso, era Graham quem tinha entrado em

contato: Me ligue assim que puder. Encontrei a verdadeira dona original do anel.

QUARENTA E CINCO



– A fala da Bete sobre a Harry Winston chamou minha atenção, e eu não consegui deixar pra lá – explicou Graham.

Essa foi a tentativa dele de me acalmar depois da série de palavrões que eu acabara de gritar. Eu ainda estava na cama. Ainda sem fôlego por causa do pesadelo. Ainda me recuperando da noite anterior. Agora minha busca pela história completa do anel havia sido reaberta. E Graham estava de volta. Ou será que não?

– Acontece que alguém na Harry Winston conhece a história – continuou ele.

– Espere, o anel é mesmo um Harry Winston? – perguntei.

O encanto daquele detalhe superou brevemente minha confusão sobre como e por que Graham havia desenterrado esse fato.

– Não tenho certeza. Tem alguma coisa estranha nessa história toda, mas um cara se dispôs a ajudar. Ele mora em Nova York. Se você quiser ir. Ou vir, melhor dizendo.

– Sozinha? – perguntei.

– Só se você quiser. – Foi a resposta dele.

Um jeito de tirar o corpo fora.

– Por que você foi investigar isso, Graham? – indaguei. – O que você tá fazendo?

Eu o ouvi inspirar fundo de um jeito trêmulo e atípico.

– Talvez eu esteja buscando um desfecho – confessou ele.

– Pro anel ou pra nós dois?

Eu não estava no clima para ambiguidades.

– Talvez os dois?

Algo na maneira como Graham falou – era uma pergunta, não uma afirmação – estranhamente me fez perceber o quanto ele falava sério.

Fiquei andando em círculos pelo quarto depois de desligarmos. Vê-lo era um risco. Talvez fosse até errado. Por mais receio que eu tivesse de jogar mais lenha naquela fogueira, porém, eu queria cada parte do mistério resolvida, inclusive se o que acontecera com Graham compensava o que acontecera com John. Se Bete estivesse certa, já era tarde demais para impedir que aquele trem me levasse aonde quer que eu estivesse destinada a ir. Se eu ignorasse essa – se Deus quisesse – última porta aberta, uma nova simplesmente surgiria em outro lugar. Além disso, um sussurro dentro de mim dizia: *Você já não foi longe demais pra parar antes do final?* Ou, neste caso, do começo.

Saí silenciosamente do quarto atrás de algo para saciar meu estômago indisposto. Rebecca estava à mesa, de roupão, segurando uma xícara de café.

– Você tem que ir pra Nova York – disse ela. – Desculpa, mas eu ouvi tudo. *Sim*, porque eu tava escutando atrás da porta, mas isso não vem ao caso.

– Acha mesmo que devo? – indaguei, desabando na cadeira ao lado dela. – Mesmo com o Graham metido nisso?

– Justamente por isso. Shea, lamento muito, mas, infelizmente, a única saída aqui é enfrentar.

Assimilei suas palavras, grata pela afirmação, mas não menos apavorada. Bem naquele momento, a mensagem que eu tanto esperava de John finalmente apareceu no celular na minha mão.

Voltando pra Los Angeles, escreveu ele. A gente conversa quando você voltar.

Ok, respondi. Boa viagem. Te amo.

Foi só horas depois, enquanto olhava pela janela de outro trem, observando outro conjunto de prédios e árvores passarem num borrão, que me dei conta de algo. Eu vinha repassando meus últimos momentos com John – várias e várias vezes –, mas foi só naquele momento que cheguei à nossa troca de mensagens daquela manhã. John não respondeu “Também te amo”. Talvez pela primeira vez desde que começamos a dizer isso um ao outro. A constatação me deixou atordoada. Eu tinha estado no comando desde o momento em que ficamos noivos – consumida pelo que pensei que ajudaria a proteger nosso relacionamento. Mas, depois de tudo que fiz, será que nosso futuro estava agora nas mãos de John?

QUARENTA E SEIS



No final daquela mesma tarde, encontrei Graham do lado de fora das portas muito intimidantes da Harry Winston.

– Oi, como foi a viagem? – perguntou ele.

Sua voz já não tinha aquele tom de autoconfiança característico.

– Normal – respondi, e, meio sem jeito, deixei por isso mesmo.

Nós dois estávamos tendo dificuldade para lidar com esse reencontro.

– Vamos ver o que a gente encontra aqui – continuou Graham –, depois podemos jantar... e conversar sobre tudo.

Concordei com a cabeça, grata pelos pequenos passos enquanto caminhávamos até um dos santuários de joias mais famosos do mundo.

A menção de Bete à conexão com a Harry Winston havia despertado o interesse de Graham porque, na época em que Nathaniel Park teria comprado o anel para ela, a marca não era tão conhecida fora de certos círculos. Ele havia verificado com joalheiros especializados em antiguidades da região de Pittsburgh, e mesmo nos dias de hoje somente uma loja tinha um exemplar da marca – único – à venda hoje. Esse fato fez Graham se perguntar se havia alguma veracidade na história, e por isso enviou uma foto do anel para a equipe de relações públicas que trabalhava com a Harry Winston. Eles não tinham nada em seu acervo de designs que correspondesse exatamente ao meu anel, mas algumas peças antigas eram parecidas o suficiente para inspirar um jovem funcionário curioso a consultar um historiador não oficial do prédio: um tal de Sr. Nolan Jones III. O homem dera uma olhada nas imagens que Graham enviara e, de

acordo com o contato de relações públicas, fizera uma declaração incrivelmente intrigante: “Preciso ver o anel pessoalmente.” Estávamos agora indo encontrar o homem em pessoa.

Eu não estava preparada para a icônica loja da Harry Winston em Manhattan. Acredite se quiser, mas o tempo em que morei lá, quando era assistente de festivais de cinema, não incluiu muitas compras de diamantes. A loja tinha portas de ferro preto ornamentadas na entrada, e o mármore preto e branco dava a impressão de que o piso usava smoking. O espaço de vendas principal era decorado como um salão de Versalhes. A perfeição daquilo tudo me fez pensar se essa última parada poderia, de alguma forma, compensar todas as outras escolhas.

– A gente tem que descer pra encontrar o Nolan Jones no escritório dele, no porão – explicou Graham.

– No porão? – repeti.

– Ao que parece, o Nolan Jones é o chefe de segurança.

– Então o que ele sabe sobre um anel específico de décadas atrás?

Graham deu de ombros; os meus se curvaram.

Havíamos tido o privilégio de conversar com muitas pessoas singulares ao longo de nossa investigação, mas ninguém poderia se comparar ao grande Nolan T. Jones III. Quando chegamos ao que se revelou ser seu miniapartamento no porão, ele estava sentado com a coluna ereta à mesa de mogno toda trabalhada, vestindo um terno de três peças. Estava na cara que aquele homem passava muito tempo naquele prédio e que tinha grande apreço por ele.

– Bem-vindos à Harry Winston South. Aceitam um café? – ofereceu Nolan.

Sua voz era tão retumbante quanto a de James Earl Jones dublando Mufasa. Seus cabelos e barba brancos reluziam contra a pele marrom-escura. Ele devia ter pelo menos dois metros de altura. Fiquei me perguntando se já tinha sido convidado para trabalhar como ator.

– Sim, por favor – respondeu Graham por nós dois quando notei uma pequena máquina de café expresso em um carrinho de bar vintage.

Ao lado, havia uma foto emoldurada de Nolan III com pessoas que deviam ser Nolan II e I, todos do lado de fora dos portões da loja. Eu tinha uma foto parecida com a *nonna*, a minha mãe e Annie em frente à Bella Vita. Como era raro três gerações compartilharem um lugar especial.

Ouvimos um breve histórico da carreira de Nolan na marca, mas ficou claro que o verdadeiro centro da história era seu avô, Nolan I. Ele começara como segurança da Harry Winston em 1946, com apenas 18 anos.

– Meu avô foi um dos primeiros homens negros a serem contratados aqui – contou Nolan. – E pelo próprio Sr. Harry Winston. Ele adorava se gabar do chefe brilhante, o “Rei dos Diamantes”.

Este acabou sendo o primeiro e único emprego de toda a sua vida profissional, e ele o levava muito a sério. Nolan I trabalhava na segurança, mas se tornou um estudioso da marca e compartilhou esse amor pela história dela com o filho e o neto.

– Então é por isso que o senhor conhece o anel? – indagou Graham, direcionando a conversa para onde a queríamos.

– Sim. Posso ver? – pediu Nolan.

Passei os dedos por baixo da minha camisa, como fizera inúmeras vezes nas últimas semanas, tirei a corrente do pescoço e a entreguei. A reação de Nolan foi erguer animado as sobrancelhas brancas.

– Tá vendo as baguetes nas laterais, ao redor da pedra central? – começou ele logo de cara. – As garras do engaste são mais grossas que qualquer coisa que já lançamos. Pensei que pudesse ser o caso quando vi as fotos que me enviou. E aparentemente foi graças a essa diferença que alguém descobriu as falsificações.

– Que falsificações? – dissemos Graham e eu. Ele com curiosidade, eu com pânico.

Acabou que o Nathaniel de Bete recebeu informações parcialmente corretas. O anel não era um Harry Winston original, mas *foi* concebido para se passar por um pelas mãos de um homem que supostamente criava falsificações. O falsificador obteve acesso aos designs copiados graças a um segurança chamado Chet Hastings.

– Na época, eram só boatos. Ninguém aqui queria que vazasse a notícia de que anéis Harry Winston falsos estavam circulando pela cidade, senão pelo mundo – explicou Nolan. – Eu me lembro do meu avô me dizendo que os jornais foram pagos para não publicarem matérias sobre o ocorrido.

O rosto de Graham desanimou ao ouvir isso.

– Então tá dizendo que não tem como a gente comprovar isso? – questionou ele.

– Não necessariamente – declarou Nolan, com um brilho no olhar. Tive a impressão de que ele estava secretamente empolgado com a oportunidade de defender seu amado empregador. – Aquele segurança, o Chet, era do bairro onde minha família morou em Staten Island... Foi assim que meu avô descobriu a vaga de trabalho aqui. A coisa toda foi uma grande notícia pra nossa área insignificante da cidade, e a gente tinha um jornalzinho que provavelmente era

pequeno demais pra ter recebido propina. Acredito que saiu algo a respeito no *Staten Island Advance*, especialmente depois que o Chet fugiu da cidade com a esposa e os filhos. Talvez vocês possam encontrar alguma coisa no acervo do jornal que ligue os pontos entre esta história e o seu anel.

Posso ter deixado escapar um grunhido audível.

– Se a gente achar este artigo, *talvez* ele forneça uma ligação com o meu anel, para que *talvez* a gente possa descobrir quem foi a primeira dona? – perguntei.

Senti a mão de Graham no meu antebraço. Foi um gesto doce e reconfortante, mas a pele dele na minha me deixou ainda mais incomodada.

– Parece que vocês estão atrás disso há algum tempo – especulou Nolan. – Lamento não poder ajudar mais.

– Obrigada – falei. – E o senhor ajudou muito.

– A gente vai descobrir – acrescentou Graham.

– Bem, desejo sorte a vocês dois. Um jeito difícil de começar o noivado, imagino eu.

Lá vinha essa história de novo.

– Não – contestou Graham, me surpreendendo. – O anel pertence a Shea. Sou só um jornalista cobrindo essa história.

Era a verdade, e o que ele deveria ter dito a Tomás em Lisboa. No entanto, senti um aperto esquisito no peito. *Por quê? Será que eu quero que ele ainda me queira?*

– Nesse caso – disse o Sr. Jones enquanto olhava de Graham para mim, e depois de mim para Graham –, parece que esse anel continua a colecionar histórias interessantes.

QUARENTA E SETE



Graham e eu aguardávamos na fila do balcão de informações da Biblioteca Pública de Nova York – nossa segunda biblioteca em nosso segundo país em nosso segundo continente em uma semana. E, mais uma vez, eu estava funcionando à base de café absurdamente forte.

– A boa notícia é que todos os cinco distritos tiveram seus jornais digitalizados em algum momento da década de 1980, então a gente não precisa ir até Staten Island – anunciou Graham.

– Acho que a verdadeira boa notícia é você saber disso, porque eu estaria esperando na fila da balsa agora mesmo.

Graham sorriu e fez uma pequena reverência que dizia “Ao seu dispor”. Tínhamos voltado ao nosso ritmo.

Demorou dez minutos para nos autorizarem a usar um computador dentro das paredes de lambris de madeira da famosa Sala de Leitura Principal Rose. Então, com apenas três minutos de busca, o universo – como se enfim nos desse o respiro de que tanto precisávamos – entregou exatamente aquilo que Nolan imaginava que pudesse existir: um artigo do *Staten Island Advance* sobre o Sr. Chet Hastings.

MORADOR DE SPRING LAKE É DEMITIDO NO ESCÂNDALO DA HARRY WINSTON

14 de novembro de 1946 – Staten Island, NY

O Sr. Chet Hastings, do bairro de Spring Lake, está em maus lençóis com um

certo Sr. Harry Winston. O ex-segurança foi demitido do cargo na famosa joalheria sediada em Manhattan por sua suposta ligação com o Sr. Frederick Jonathan Quinn, de Newark, Nova Jersey – um homem acusado de roubar designs de anéis para serem copiados por um falsificador do Diamond District.

O crime do Sr. Quinn foi denunciado pela empregada doméstica de sua família, a Sra. Jane Caldwell, que encontrou detalhes das transações comerciais ilegais de seu empregador no escritório dele. De acordo com uma segunda fonte dentro da casa, a Sra. Caldwell esperava usar as informações como chantagem para obter um aumento salarial. As autoridades rapidamente confirmaram suas acusações e prenderam o Sr. Quinn por falsificação, crime punível como delito grave em Nova York. Ele aguarda julgamento no presídio de Rikers Island.

Quanto aos anéis falsificados, a quantidade produzida e sua localização são desconhecidas. O Sr. Quinn confirmou apenas que vendeu o último anel que permanecia em sua posse – o da esposa, a Sra. Celia Quinn – para uma casa de penhores perto da residência onde ele foi criado em Pittsburgh, na Pensilvânia.

– Uau. Aí está – disse Graham.

Lemos os mesmos detalhes retificadores. Um anel falsificado foi vendido em Pittsburgh – exatamente onde Nathaniel comprara o anel de Bete. E foi lá que lhe disseram que era um Harry Winston. Caso encerrado. Era o meu anel. E, com isso, eu agora sabia que aquela relíquia havia sido usada por exatamente três mulheres antes do pedido de casamento de John – primeiro a Sra. Celia Quinn, depois Bete Silva e, por fim, Carmela Costanza. Três vidas. Três relacionamentos. Três conjuntos de carmas. Respirei fundo, deixando o cheiro de mofo da história arquivada preencher meus pulmões.

– O que você acha? – perguntou ele.

– Ainda não sei. Acho que estou aliviada por ver que a história se encaixa.

– É, verdade – concordou Graham. – A gente conseguiu. O que é até inacreditável, né?

Ele estava comemorando nossos esforços. Minha mente havia se voltado para o significado de tudo aquilo. Olhei para o anel – *meu* anel agora. Eu já tinha me acostumado a ver seu brilho deslumbrante quando os diamantes refletiam na luz,

uma visão feliz apesar das minhas preocupações com o desconhecido. Por que ele parecia de alguma forma menos intenso agora?

– Já tenho a minha resposta – afirmei, principalmente para mim mesma.

Este anel estava e sempre estivera carregado de energias negativas. Começou como uma fraude de um falsificador e foi dado à esposa dele como uma mentira. Mesmo que eu acreditasse na velha sugestão de Annie de que cada dona, de alguma forma, apagava a história anterior, as mortes trágicas dos dois amores de Bete e o amor afetuoso, porém não correspondido, entre Carmela e Gianluca não pareciam à altura dessa tarefa. Graham deve ter visto a angústia nos meus olhos.

– Ei – disse ele. – E se você visse o anel como o elemento que finalmente desmascarou esse Quinn? Ele seria, sei lá, tipo um prenúncio da verdade. Foi para o Gianluca também. Talvez seja esse o poder dele, não?

– Então como isso se aplica a Bete?

– Hum, bom... o fato de Bete ter encontrado seus verdadeiros amores?

– E depois o anel matou os dois?

– Certo, essa é uma maneira de ver, mas...

– Desculpa – falei. – Entendo o que você tá tentando fazer. Vamos só terminar de ler o artigo e sair daqui.

Graham assentiu e então passou para o parágrafo final do artigo.

Nem o Sr. Frederick Quinn nem o Sr. Chet Hastings foram encontrados para comentar o assunto até o momento da publicação desta edição, mas a Sra. Celia Quinn foi contatada em sua casa em Bronxville, Nova York. Quando questionada sobre sua reação ao escândalo, a Sra. Quinn compartilhou estas palavras: “O Sr. Quinn é meu marido. Nós trocamos um voto sagrado. E vamos lidar com o que aconteceu entre nós em particular. Quanto ao meu anel de noivado, lamento profundamente que tenha deixado nossa família. Eu teria gostado de um dia passá-lo ao meu filho, para sua futura esposa.”

Graham respondeu ao relato com uma risadinha.

– Parece que essa Celia Quinn era carne de pescoço.

Ele estava tentando ser positivo, descontrair, mas era porque não tinha visto o que eu vi na citação de Celia. Senti como se o destino tivesse me dado um tapa na cara. Eu me levantei da cadeira, desesperada para escapar da névoa das luminárias de lâmpadas amarelas da biblioteca.

– O que foi? O que aconteceu? – perguntou Graham.

– Ela continuou casada com ele – falei, juntando minhas coisas. – E, como se isso não bastasse, ela queria repassar o símbolo de todas as mentiras do marido pro filho e alguma mulher desavisada.

– Certo... mas...

– Não tem *mas* aqui. Ele era um bandido, mas ela não deixou o cara por causa do *voto sagrado* deles e, de alguma forma, ainda achou que o anel era digno de ser oferecido à futura nora! – Aí eu realmente surtei. – Não acredito nisso! De todas as histórias! De todos os começos possíveis que esse maldito anel poderia ter! *Por que, por que, por que* foi começar com uma mulher que tomou exatamente a mesma decisão idiota que a minha mãe? Sou super a favor de sinais, mas isso aqui já é *demais*!

Àquela altura, todos os presentes no salão estavam me fulminando com o olhar.

– Tenho certeza que existe mais coisas por trás dessa história – sussurrou Graham. – A gente devia fazer umas pesquisas sobre a Sra. Quinn. Tentar obter relatos em primeira pessoa sobre a situação dela.

– Não! – contestei, indo embora. Graham veio logo atrás. – Eu recebi um sinal de luz estroboscópica vermelha piscante, e ele está me dizendo para correr na direção oposta deste anel, se já não for tarde demais! Só que obviamente é tarde demais, porque eu praticamente traí o meu noivo, e ele sabe!

Ainda bem que eu tinha conseguido chegar ao corredor antes de lançar aquela bomba.

– O John sabe? – perguntou Graham.

– É... – respondi, me arrependendo de abordar o assunto daquele jeito. – Ele foi me ver em Boston. Conte pra ele lá.

– Bem, agora acho que a gente definitivamente devia ir a algum lugar pra ter aquela conversa – sugeriu Graham.

QUARENTA E OITO



Encontramos um lugar isolado no Bryant Park, que ficava ali perto. O gramado estava repleto de casais sentados juntinhos em toalhas, aproveitando os últimos jantares de piquenique ao ar livre antes de o outono chegar pra valer. Nós nos sentamos em um banco fora do gramado, com um pretzel de carrocinha entre nós.

Contei a Graham uma versão resumida do que acontecera com John em Boston. Ele ouviu sem comentar, sem sequer fazer uma pergunta.

– Sinto muito, Shea. – Foi tudo o que ele disse quando terminei.

– Não é culpa sua. – Essa era uma verdade com a qual eu tinha começado a lidar na viagem de trem de Boston para Nova York, quando ponderei sobre como me sentiria quando revisse Graham. – Eu escolhi isso. Tudo isso.

– Como assim? – perguntou Graham.

Fui dando voz aos pensamentos à medida que me ocorriam, deixando minhas palavras saírem de forma desordenada. Imaginando se Graham me ajudaria a dar sentido àquilo.

– O John tava certo desde o começo. Se eu estivesse realmente segura do nosso relacionamento, não teria insistido tanto em descobrir o carma do anel. Você também disse isso. Eu teria deixado a superstição em segundo plano em relação ao que eu sabia ser mais importante. Então... sei lá... Eu amo o John, mas algo em mim não consegue confiar nisso, eu acho. Deve significar alguma coisa, certo? Quer dizer, o fato de eu ter permitido que você...

Parei, sem ter certeza de que valia a pena revisitar aquela parte. Graham

olhou para as próprias mãos e depois para mim. Parecia que algo finalmente havia se encaixado em sua mente.

– Shea, eu não acredito em quase nada, literalmente. E com certeza não acredito que anéis carreguem energia mágica. Sou um cara dos fatos. Eu faço a pesquisa, junto as informações. E, desse jeitão esquisito, fiz isso com você desde o minuto em que a gente se conheceu lá em Hudson. Senti essa curiosidade sobre você já de cara, e sinto até hoje. Ela ficou mais forte quando a gente descobriu o quanto tinha em comum. E aí... sei lá... a gente simplesmente se conectou de um jeito que me faz querer viver mil outras aventuras com você. Me desculpe por ter te culpado por me iludir em Lisboa. Isso foi errado. Imaturo. Eu só tava... tentando fugir dessa sensação de ataque de pânico, eu acho. Acho que passei a vida toda fugindo disso. Mas acredito que nós dois estamos passando por um momento parecido. Porque fico pensando que o fato de eu não querer te esquecer deve significar alguma coisa também.

Fiquei tão abalada que a única coisa que consegui fazer foi permanecer sentada ali, o encarando. Aquele era um Graham diferente. Pensar que ele havia mudado por minha causa era muito lisonjeiro. Satisfazia uma parte de mim que sempre teve esperança de que as pessoas evoluíssem por amor.

– Tá dizendo que quer ficar comigo? – perguntei, voltando rapidamente à realidade.

Graham estendeu as mãos e agarrou as minhas. Tentei colocar o polegar por dentro, como faria com John, mas nossas palmas estavam apertadas com força demais. O calor da pele de Graham penetrou na minha. Senti seu coração disparado nas palmas das mãos e tive certeza de que ele conseguia sentir o meu acompanhando o ritmo.

– O que tô dizendo é que tudo que sei com certeza é que sou um cara que nunca acreditou na pessoa certa, na *cara metade*, mas você me faz querer estar errado.

Baixei o olhar e vi nossas quatro mãos tremendo, depois o ergui para encontrar a honestidade apavorada nos olhos de Graham. Eu nunca tinha engolido totalmente aquele momento em meio à névoa dos campos londrinos quando Matthew Macfadyen, como Sr. Darcy, diz à Elizabeth de Keira Knightley que ela o “enfeitiçou de corpo e alma”. Como ela pôde simplesmente acreditar nele depois de tudo que já havia acontecido? No fim das contas, é loucamente inebriante ouvir um homem lhe dizer que você é a razão pela qual ele acredita no amor.

Parte de mim queria ser atraída na direção de tudo que Graham estava

dizendo, reconhecer que eu sentia quase o mesmo. Ele realmente me fez questionar se o nosso passado semelhante contribuiria para formarmos um casal mais forte. Além disso, eu me sentia muito viva perto dele – uma energia inexplicável, eletrizante.

– Shea? Diga alguma coisa... por favor... – pediu Graham com uma voz suave e preocupada.

Eu já tinha ouvido um pedido assim antes. E o fato de me lembrar de John era, por si só, um sinal inequívoco da minha incerteza. Naquele momento, eu não conseguia nem olhar Graham nos olhos. Eu não sentia sequer que estava naquele parque com ele. Mas onde eu estava, então? E por que seu tom de voz parecia tão estranhamente familiar?

A ficha caiu quando olhei para nossas mãos, ainda entrelaçadas. Eu estivera segurando as de John do mesmo jeito quando senti pela primeira vez o tipo de certeza que Graham estava expressando. Foi no momento em que eu disse “Eu te amo” em frente à mesma loja de Hudson onde John depois comprou o anel usado. Ele tinha me passado tanta confiança que eu pude dizer essas palavras como adulta para alguém além de Annie pela primeira vez. Com John, eu me sentia segura. Protegida. *Valorizada*. Como se tivesse a chance de amar e ser amada de uma forma com que eu só havia sonhado. Graham era como uma vela que soltava faíscas e que me atraía, mas, no fundo do coração, eu sempre fui o tipo de pessoa que quer se aconchegar perto de uma lareira quentinha.

– Obrigada – falei, e dei um aperto nas suas mãos antes de retirar as minhas.

– E você tem razão, rolou algo entre nós. E eu amei o que a gente compartilhou...

– Mas... – interveio Graham, dois passos à frente, como sempre.

– Mas você conheceu uma versão específica de mim – continuei. – Uma que estava muito mexida por algumas coisas e envolvida demais em outras. Preciso resolver todas elas... e provavelmente outras mais... mas não acho que a gente vai ser o par perfeito quando eu conseguir.

– Então, ainda é o John? – perguntou ele, visivelmente magoado.

– Eu não sei. E acho que não saberei até chegar ao fundo de algumas coisas que vêm me confundindo há muito tempo.

Graham assentiu, nada surpreso, e então ofereceu um pensamento que me lembrou por que ele havia se tornado uma parte tão importante de toda essa jornada.

– Faz sentido. Tecnicamente, você é a quarta dona do anel. É justo que analise a si mesma da mesma forma que a gente analisou as outras.



Fiquei olhando para as nuvens rajadas e rosadas por alguns minutos depois que Graham foi embora. A forma como elas deslizavam pelo céu me deu vontade de me mexer. Optei por caminhar para o oeste, seguindo o sol que se aproximava cada vez mais do rio Hudson. Os semáforos verdes serviram como meu único direcionamento por uns dez quarteirões em zigue-zague, até que eu finalmente soube exatamente aonde precisava ir.

O High Line começou a ser construído na minha primeira semana morando em Manhattan e foi inaugurado na minha última. Acompanhei cada detalhe do desenvolvimento, da arrecadação de fundos à inauguração. A sensação era a de que estávamos acompanhando o ritmo um do outro, crescendo juntos de uma forma peculiar.

Contei tudo isso a John em um dos nossos primeiros encontros em Los Angeles, depois o levei até lá na primeira vez que estivemos juntos em Nova York. Caminhamos por toda a extensão do parque suspenso, da Thirty-Fourth Street até Gansevoort, parando para tirar selfies ridículas com as instalações de arte e trocar beijos escondidos atrás das plantas.

John me pediu em casamento no High Line porque eu adorava aquele lugar, mas também porque, segundo ele, foi onde realmente se apaixonou por mim. *Mas o que isso significa de fato?*, me perguntei enquanto finalmente chegava à entrada na Thirty-Fourth Street. *O que significa se apaixonar?* É algo baseado em feromônios e desejo sexual. A pessoa fica fascinada. Ou encantada, talvez? Começa a imaginar seu futuro com a outra. Eu sabia que estava me apaixonando quando comecei a me perguntar se John era a peça que faltava na minha vida. Seria ele a calma para a minha ansiedade? O racional para o meu emocional? Seriam a orientação e os conselhos dele a razão pela qual eu me esforçaria para me tornar a melhor versão de mim mesma? Eu faria tudo isso por ele? E como eu ou ele poderíamos ter certeza de que isso seria verdade para sempre?

Caminhei para o sul, passando pelo Plinth, onde ficavam as mais novas encomendas de esculturas; depois, pelos quatro arcos de tijolos, agora cobertos de flores silvestres e hera; e, finalmente, pela gigantesca janela panorâmica com vista para a Sixteenth Street. Em frente a ela ficavam as arquibancadas onde as pessoas se sentavam para conversar, ler ou pensar. Eu havia me sentado ali na primeira vez que visitei o lugar e refletido se estava ou não realmente pronta para deixar aquela cidade – a maior decisão da minha vida até aquele momento.

Agora, estava sentada ali pensando em algo muito, muito maior.

Eu tinha me proposto a descobrir se o meu anel estava amaldiçoado. A resposta era sim, no que diz respeito à minha superstição, mas essa resolução me levou a outra pergunta mais importante: o amor entre mim e John estava errado desde o início? Não amaldiçoado. Não fadado ao fracasso. Apenas... não estava certo? Parecia impossível abandonar tudo que havíamos construído nos últimos três anos, mas o que eram três anos no grande panorama da vida?

– Você sabia que um dos sinônimos de *superstição* é *ilusão*? – comentava Annie uma vez.

Tínhamos começado uma discussão sobre o fato de eu ter me apegado a tantas regras da *nonna* durante uma caminhada no píer de Manhattan Beach.

– Não sabia – falei. – Mas imagino que você esteja me contando isso por um motivo.

– Porque uma ilusão é uma lente que usamos para processar as coisas. Às vezes, não é escolha nossa, como um delírio psicótico, por exemplo. Mas, no seu caso, acho que é. Acho que você se apega tanto a essas superstições porque encontra nelas regras para ditar a sua vida.

– Sim. Eu gosto de regras. Qual é o problema nisso?

– Regras são só uma tentativa de controle, Shea. E eu odeio ser a portadora de más notícias, mas o controle é uma grande ilusão. Nunca temos nenhum. Sobre nada.

Eu entendi o que ela estava tentando dizer, mas não concordava – nem naquela época nem agora. Não estariam as minhas regras me protegendo naquele momento? Eu não estava assumindo o controle do meu futuro?

QUARENTA E NOVE



Quando cheguei a Los Angeles, eu me sentia esgotada de um jeito que não me sentia desde a morte da minha mãe. Annie tinha uma expressão tão exaurida quanto a minha quando apareci na porta dela.

– Que bom que você tá em casa – disse ela.

Havia certa rigidez na sua voz, o que era justo. Muita coisa tinha sido dita na Itália, e nenhuma palavra desde então. Mesmo assim, ela me deu um abraço rápido.

– Vou arrumar o quarto de hóspedes e depois tenho que voltar pra escola. A gente vai conversar sobre tudo hoje à noite.

Não era uma pergunta. Annie não era do tipo que deixava as coisas se arrastarem. Por mais nervosa que isso me deixasse, significava que pelo menos uma complicação na minha vida começaria a se resolver em breve.

Passei o dia dormindo para me recuperar do jet lag. Quando finalmente abri os olhos, estava escuro lá fora; eu tinha conseguido fazer a tarde inteira desaparecer. O cheiro de pizza me tirou da cama e quase me fez sair do quarto – até eu ouvir as vozes de Annie e Mark.

– É óbvio que vou conversar com ela sobre quanto tempo ela vai ficar – afirmou Annie.

– Ótimo – disse ele. – Sei que ela é sua irmã, mas não quero me envolver nisso de jeito nenhum.

A franqueza de Mark não foi um choque. Ele era o mais velho de quatro irmãos, cada um mais leal que o outro. Ao longo dos anos, eles tinham incluído

John como um quinto irmão honorário.

– Vai lá pro seu raquetebol – sugeriu Annie. – Vou falar com ela.

Esperei até a porta da frente se fechar antes de ir para a cozinha.

– Oi – disse Annie, servindo fatias de pizza de cogumelos, nossa favorita.

– Obrigada por me deixar vir direto pra cá – declarei. – Eu queria dar um espaço ao John, por razões que vou explicar...

Tive uma sensação de enjoo; meu corpo obviamente não concordava com a parte da explicação.

– O Mark conversou com o John.

Algo na voz dela me deixou ainda mais enjoada.

– Antes ou depois que ele foi pra Boston? – perguntei, mas o fato de ela se afastar de mim já serviu de resposta. – Posso te contar a história toda?

Então, eu a segui até a sala e me sentei no meu lugar de sempre no sofá.

Annie deu a menor mordida do mundo na pizza. Eu não sabia se ficava grata ou arrasada por isso a estar afetando tanto quanto a mim.

– Tá bem – concordou ela, por fim.



Fiz um resumo breve e ponderado, inteirando Annie dos detalhes da busca pelo anel que ela perdera desde Florença. Depois, voltei no tempo para explicar o que acontecera entre mim e Graham, depois entre mim e John.

– É muita coisa, Shea – comentou Annie quando terminei.

Era a psicóloga falando, uma resposta compassiva. Mas a irmã mais velha dentro dela estava se segurando.

– Tá tudo bem – falei. – Pode dizer. Nada disso teria acontecido se eu tivesse te escutado.

Annie deu de ombros. Parecia mais derrotada do que cheia de razão. Eu vinha fugindo de pensar a fundo na minha briga com ela até aquele momento. Ainda não sabia quem tivera razão, quem deveria se desculpar primeiro nem pelo quê. Mas decidi ignorar tudo isso, pelo menos dessa vez. Annie merecia que eu bancasse a irmã madura.

– Annie, sinto muito de verdade. Eu devia ter te contado sobre o anel da mãe, ou pelo menos *não* devia ter te contado numa briga no meio de uma *piazza* italiana quinze minutos antes de um voo. Foi cruel. E você tinha razão: eu estava

sendo egoísta.

Annie se virou no sofá para me encarar. Ela estava amolecendo, mas o muro ainda não tinha sido completamente derrubado.

– Obrigada por dizer isso – começou ela. – E você sabe que só fico tão frustrada porque sinto que é meu trabalho te proteger, e você não facilita.

Eu sorri, finalmente.

– Que tal considerar uma preparação gratuita pra maternidade?

Annie suspirou, abalada pela ideia, antes de ficar séria novamente.

– Mas eu entendo – afirmou ela. – Sobre o anel da mãe. E, Shea, tem uma coisa que preciso te contar também.

– Certo... – falei, sentando-me de pernas cruzadas no sofá para me acomodar melhor.

– Também é sobre a mãe – continuou ela. – Eu quis te contar na Itália, mas achei que ia magoar mais que ajudar naquele momento. Sinceramente, agora eu preferia ter te contado anos atrás, mas a mãe também me pediu que eu guardasse isso comigo.

Minha frequência cardíaca não gostou nada do tom dela.

– Acho que nós duas estávamos só tentando ser leais à mãe – falei com cautela.

– É. E, nesse caso, a mãe só tava tentando ser leal à *nonna*. – Annie respirou fundo, depois colocou tudo para fora. – A mãe tentou deixar o pai anos antes de isso realmente acontecer. Ela estava com os papéis do divórcio preparados quando nós duas tínhamos uns 8 e 13 anos, logo depois que a gente precisou vender a casa no norte, que foi na época em que ela descobriu as traições do pai. Ela estava cem por cento pronta pra se separar, mas...

A voz de Annie ficou presa na garganta.

– Mas o quê? *Por que ela não se separou?* – perguntei, com uma raiva adolescente se elevando.

– A *nonna* convenceu a mãe a não ir em frente. – Ela disse essa parte devagar, sabendo a força com que suas palavras me atingiriam. – Não sei todos os detalhes... a mãe me contou depois de começar a tomar morfina, já perto do fim. Tinha algo a ver com a vergonha que isso traria pra família, o pecado de quebrar os votos matrimoniais. Você sabe que a mãe não era muito religiosa, mas acho que, no fundo, ela simplesmente acreditou na *nonna*, ou pelo menos se convenceu a continuar casada até a *nonna* falecer.

– Isso... Eu não consigo nem... – Eu estava de pé, movendo o corpo como se fosse socar alguma coisa. – Como a *nonna* pôde fazer isso? Como ela pôde deixar

a nossa mãe continuar sofrendo tanto?

Cobri os olhos com as mãos como se a resposta estivesse nas minhas palmas, então um pensamento me fez voltar a me sentar: *Será que a heroína da minha história de amor favorita era a vilã da história da minha mãe?*

– Por que a mãe não queria que eu soubesse? – perguntei depois de um tempo.

– Ela não queria que você guardasse rancor da *nonna*. Na verdade, essa foi a coisa que ela disse com mais clareza. Ela sabia quanto você amava a *nonna* e o vô, e quanto o conto de fadas do casamento deles significava pra você. Acho que a mãe decidiu que era mais importante que você continuasse se agarrando a isso.

Enquanto eu escutava Annie, rebobinava as fitas na minha cabeça, tentando identificar qualquer tensão entre a minha mãe e a dela. *Como elas puderam ter permanecido tão próximas se a nonna ignorou as necessidades da filha?*

– Será que a mãe culpou a *nonna*? Ou guardou mágoa dela em segredo durante todos aqueles anos? – indaguei.

– Não sei. A única coisa que a mãe me disse foi que gostaria de ter sido mais forte em muitos aspectos. A Annie casada se pergunta se pra mãe foi mais fácil seguir a “regra” da *nonna* do que se divorciar do papai, pelo menos na cabeça dela.

O comentário de Annie empurrou meu comboio de pensamentos em uma nova direção.

– Espera – falei. – Se a mãe passou tantos anos querendo deixar o pai, o fato de ela ter usado o anel de noivado *pelo resto da vida* faz ainda *menos* sentido que antes! Por que ela não ia querer se livrar daquele lembrete constante?

– Não faço ideia. Mas acho que vamos ter que viver sem uma resposta – declarou Annie.

Assenti, esperando que ela visse como eu estava grata por ela não ter incluído um “por sua causa”, mas ela já havia se levantado e estava indo para a cozinha, talvez ainda sentindo dificuldade com essa questão – e com razão.

– Por que a *nonna* faria isso com a mãe...? – pensei em voz alta.

– A *nonna* era de uma época muito diferente, com crenças muito diferentes – respondeu Annie, com copos de água na mão. – Ela provavelmente pensou que estava ajudando a nossa mãe. E, como você sabe, a *nonna* podia ser muito convincente ao compartilhar suas crenças, ainda mais se achasse que tava protegendo as pessoas que amava.

Demorou um segundo para que eu assimilasse a ironia do comentário de Annie, mas, assim que isso aconteceu, afundi o rosto na almofada.

– Você tá bem? – perguntou Annie.
– Não muito... – murmurei, ainda sem forças para erguer o rosto. – Mas isso parece certo, dadas as circunstâncias.
– É, sim – afirmou ela. – Tanto clínica quanto fraternalmente falando. Agora, a gente pode fazer uma promessa neste exato momento?
– Posso fazer isso com a cara na almofada?
– Não – respondeu Annie, e me puxou. Ela pegou minha mão na dela, nos preparando para o aperto de conciliação. – Chega de guardar segredos.
– Chega de guardar segredos – repeti. – Principalmente desta nova geração em nossa linhagem familiar.
Annie olhou para a barriga e a acariciou com ternura.
– Desta nova geração de mulheres.
– É uma menina!? – gritei.
– É uma menina – confirmou ela. – Deus me ajude...
Com isso, abracei minha irmã – e minha futura sobrinha – com tanta empolgação que quase caímos do sofá.



Decidi finalmente ligar para John antes de dormir. Imaginei que, no mínimo, poderíamos resolver a logística do apartamento. No máximo, um de nós saberia como começar o que viria a seguir.

– A gente pode tirar algumas semanas pra pensar um pouco – sugeri depois dos nossos cumprimentos forçados. – Posso ficar na casa da Annie e do Mark.

– É. Um tempo seria bom – concordou John. – E obrigado por isso. Amanhã ficarei na escola até tarde pros últimos preparativos da Olimpíada de Ciências, se for mais fácil pra você pegar as coisas no apartamento quando eu não estiver em casa.

Tive que segurar o celular com mais força. *A gente chegou mesmo a esse ponto? De evitar um ao outro?*

– Seria melhor pra você? – perguntei, desesperada para não ter que decidir.

Gostaria que John tivesse precisado de muito mais tempo para pensar antes de dizer sim. Mas então lembrei que tomar decisões nunca foi um problema para ele.

CINQUENTA



O dia seguinte era uma segunda-feira, graças a Deus. Voltar ao trabalho depois de duas semanas inteiras era a distração de que eu precisava. Jack Sachs infelizmente apareceu durante uma das minhas muitas sessões encarando a tela do computador. Por sorte, este ficava junto com o meu calendário mensal gigante com todos os eventos e todas as reuniões de que eu participaria categorizados por cores. Inclinei a cabeça para o lado como se estivesse pensando em acrescentar algo e peguei um lápis verde da minha mesa para completar o efeito.

– Bem-vinda de volta, Anderson – disse ele. – Você tá bem?

– Hum, vou ficar. – Foi o que consegui responder.

– Posso te dar um dia pra se adaptar, ou posso despejar um monte de novas solicitações de proposta pra possíveis ações promocionais na sua mesa. O que ajuda mais? – ofereceu ele.

– Me manter o mais ocupada possível, por favor.

– Entendi. Fale com a Julie. Ela vai te orientar. A gente conversa sobre o restante no início da semana que vem.

Foi só quando ele já se encontrava na metade do corredor que percebi que ele estava falando da promoção. O novo cargo importante que eu não tinha mais tanta certeza de que queria. Havia respondido com um simples “Obrigada” à oferta dele por e-mail enquanto estava fora, um mínimo que beirava a grosseria. *Eu não sou assim*, pensei enquanto me levantava para ir procurar Julie.

As horas se arrastaram até que chegou o momento do próximo golpe

emocional: pegar algumas coisas no meu apartamento. Ele estava arrumado como sempre. John gostava de todos os espaços cinco graus mais frios que a minha preferência, mas, tirando essa diferença estereotipada, éramos coabitantes muito compatíveis. O jeito como ele mantinha o banheiro limpo deixava todas as mulheres com quem já dividi apartamentos – incluindo Rebecca – no chinelo.

Olhei ao redor da sala de estar, lembrando-me de como mal a tínhamos redecorado depois que ele se mudou. O espaço tinha a minha cara, do sofá de veludo mostarda ao ousado papel de parede verde e dourado atrás dele. *Era isso que John queria, ou ele estava apenas me agradando?*

Na parede após a porta da entrada, ficavam os quadros que tínhamos meticulosamente pendurado juntos. Lembrar de John quebrando a cabeça com seu gabarito feito de jornal com todos os tamanhos e posições das molduras me fez rir, mas as fotos ocupando aquelas molduras eram o que me atraía naquele momento. Nós dois em um tuk-tuk em Bangcoc. Com Annie e Mark no Natal, os quatro usando suéteres feios. Nós dois na mesma praça de Florença por onde eu havia caminhado uma semana antes, sozinha. Éramos um casal feliz. Sempre fomos um casal genuinamente feliz. O que éramos agora?

Incapaz de responder, fui para o quarto. Enfieei roupas e artigos de higiene na mala, sem ter a mínima ideia da quantidade de que iria precisar. Cogitei levar uma camisa do John. *Pra ter algo que me desse conforto psicológico? Pra ver o quanto eu sentia falta dele?* Ele tinha razão: foi melhor mesmo eu fazer isso sozinha.

Por fim, fui pegar a chave reserva da casa de Annie e Mark no gancho perto da porta da frente. Não estava lá. Dei uma risada nervosa: *É claro. O John tá com ela.* Pelo jeito, o universo não queria que eu me livrasse de vê-lo pessoalmente. Decidi que não estava em condições de questionar a autoridade do destino.



John estava no auditório da escola quando cheguei, preparando sua equipe para o grande torneio estadual. Eu havia mandado uma mensagem avisando que passaria para pegar a chave, mas ele não respondeu. Parte de mim se perguntava se aparecer mesmo sem ele concordar era um erro, mas outra parte precisava vê-lo. Fui me esgueirando até o fundo do recinto em silêncio.

Os alunos estavam sentados a uma mesa comprida, com campainhas falsas

nas mãos. John estava no palco, bancando o anfitrião do torneio. Até trajava um blazer e uma gravata para conferir seriedade ao personagem. Eu sorri. Ele sempre ficava lindo vestido assim.

– Senhoras e senhores, bem-vindos ao Torneio Anual da Olimpíada Estadual de Ciências do Sul da Califórnia – anunciou ele, e depois uniu as mãos sobre a boca como se fossem um megafone e fez aquele som estrondoso de multidão enlouquecida.

Todos os quinze alunos caíram na gargalhada.

– Muito bem. Nosso primeiro tópico de hoje é biologia. Escola Franklin, vocês estão prontos?

– Sim! – gritou a equipe em uníssono.

– Gosto desse entusiasmo! – elogiou John. – Vamos lá. Por favor, olhem para a tela para a primeira pergunta.

Eles obedeceram feito soldadinhos, com o nervosismo visível nos movimentos e tiques dos ombros pré-adolescentes. *Como o John consegue?*, pensei, meu próprio coração batendo forte.

John apertou um botão no controle remoto. Mas não foi o texto de uma pergunta do quiz que apareceu na tela, e sim uma foto de Jayden – um dos membros da equipe do oitavo ano. Ele estava no palco do torneio do ano anterior, imitando a pose do Hulk. Os meninos ficaram doidos, apontando e rindo para a tela, depois para Jayden, que estava recriando a pose da foto.

– Quê?! – disse John. – Como isso... Só um segundo.

Ele ergueu o controle remoto e apertou novamente. Desta vez, era uma foto de Kira e Jess pulando de suas cadeiras depois de acertarem uma pergunta superdifícil naquele mesmo evento. Eu sabia disso porque estivera na plateia naquela tarde, tão nervosa e empolgada quanto um dos pais sentados ao meu lado.

– *Rá!!! Como assim? Professor Jacobs!!* – gritaram eles.

– Não faço a *menor* ideia do que está acontecendo – mentiu John, e clicou mais uma vez.

Dessa vez, surgiu Teddy nos braços dos pais após o torneio; depois, Alex segurando o troféu de segundo lugar da equipe com a mesma força; e então várias outras fotos daqueles mesmos pré-adolescentes explodindo de entusiasmo, alegria e orgulho. Observei a expressão nos rostinhos deles enquanto comemoravam como se estivessem de volta àqueles momentos, e a expressão no rosto de John enquanto contemplava a alegria absoluta dos alunos.

John terminou com uma foto da equipe inteira posando com uma clássica

gama de caretas. Ele estava bem no centro, com as bochechas estufadas feito um baiacu. Cobri a boca para não rir alto – ou talvez chorar? Sinceramente, não tinha certeza. John deixou essa imagem na tela enquanto contornava o palco e ia até a mesa.

– Não vamos ter perguntas de quiz hoje – anunciou ele. – Essas fotos são tudo de que precisam pra se prepararem pro torneio. Vocês deram duro por meses. Sabem o assunto de cabo a rabo. *Tirando* a tabela periódica... mas aqueles gases nobres são de matar – provocou ele. – Então, se ganharmos, ótimo. Mas o que importa é o quanto a gente se diverte juntos. E me sinto honrado em fazer parte disso.

Os meninos abriram um sorriso e começaram a aplaudir lentamente. John sorriu de volta e se juntou a eles. E eu fiquei em silêncio no fundo do auditório, pasma ao perceber que nada do que eu acabara de ver tinha sido uma surpresa para mim. *Este é o John, em toda a sua essência.* Meu respeito e minha admiração por ele naquele momento eram tão grandes que pareciam extravasar em ondas até onde ele estava. E talvez tenha sido exatamente isso que aconteceu, porque, no momento em que a aclamação barulhenta terminou, John finalmente se virou e me viu.

– Ah, oi – disse ele, espantado.

Não tinha visto a mensagem. E, pelo visto, também não queria me ver.

– Oi. De-desculpe – gaguejei. – Mandeí mensagem. Acho que você tá com as chaves do apartamento da Annie e do Mark.

John balançou a cabeça, frustrado por ter esquecido esse detalhe na nossa troca de coisas.

– Verdade. Foi mal. Estão no meu porta-luvas. O carro tá no estacionamento, mas tá trancado.

– Tudo bem, eu tenho...

– Certo – interrompeu ele, balançando a cabeça novamente.

É lógico que cada um de nós tinha a chave do carro um do outro. Havíamos compartilhado uma vida inteira até então.

– Quem é essa? – perguntou um garoto que eu não conhecia.

– Hum... essa é minha... hã... – começou John.

A busca dele pela palavra certa fez com que eu quisesse desaparecer. Fechei os olhos, talvez tentando fazer exatamente isso, mas então ouvi o início de um som muito específico, um que eu não ouvia desde que tinha a mesma idade de todas as crianças que o faziam agora: todos os quinze membros da equipe da Olimpíada de Ciências completando a gaguejada de John com um clássico do

ensino fundamental: eeeeeee! Aquilo fez tanto eu quanto John ficarmos vermelhos.

- Boa sorte amanhã – gritei, sem conseguir esconder o sorriso.
- Obrigado – retrucou ele, com uma leve sugestão em seus lábios também.



A apresentação de John me fez pensar em fotos antigas durante as horas que passei acordada no meio de mais uma noite. Minha mãe mantivera álbuns perfeitamente organizados desde o segundo em que Annie e eu nascemos. Ela e a *nonna* até passaram por uma fase de fazer capas de tecido para eles, com temas da época do ano ou de eventos. Florzinhas cor-de-rosa para nossos álbuns de bebê. Estampa de azevinho para o Natal e nossas viagens de esqui para Big Bear. Comecei a me perguntar se eles poderiam conter algumas pistas para responder às questões que eu e Annie levantamos na nossa conversa e continuavam em aberto. O ventilador de teto girava acima de mim, com a corrente no centro estalando a cada volta enquanto minha mente continuava divagando. *Annie não ficou com todos aqueles álbuns depois que a mãe morreu?*, pensei. Eu conseguia visualizá-los em um conjunto de caixas velhas identificadas com marcador preto. *Será que estão no armário deste quarto?* Não tinha por que não verificar, já que eu ainda me sentia totalmente desperta, mesmo que o relógio já tivesse passado da meia-noite muito tempo antes.

Assim, me levantei e abri a porta do armário com espelho. Lá dentro, ficava o espaço de armazenamento *incrivelmente* bem organizado de Annie. Até seus bichinhos de pelúcia antigos tinham os próprios compartimentos. Encontrei seu macaquinho esfarrapado me encarando, como eu tinha certeza de que sempre fizera. Então, na prateleira mais alta, encontrei exatamente as caixas das quais me lembrava.

Consegui puxar a maior sem deixá-la cair. Na lateral dela estava escrito 1980-1987. Na hora, pensei em pular esta – *eu nem era nascida ainda* –, mas alguma coisa dentro de mim suspeitou que aquele intervalo pudesse ser até mais útil.

Peguei o primeiro álbum e me sentei com as costas na parede mais próxima para folheá-lo. A primeira coisa que vi foi o exterior do primeiro apartamento dos meus pais – o estúdio em Marina del Rey de onde minha mãe dizia que eles nunca deveriam ter saído. Devia ser o álbum do primeiro ano do casamento

deles. Na página seguinte, havia fotos dos recém-casados. Minha mãe era pequena, estava bronzeada e ostentava um corte de cabelo perfeito no estilo Farrah Fawcett. Havia uma foto dela cozinhando na cozinha minúscula, que se estendia por uma única parede, depois exibindo uma obra de arte que tinham acabado de pendurar na parede e, finalmente, com o meu pai no sofá. Ela estava sentada no colo dele, sorrindo como uma menina que tinha acabado de ser pedida em namoro pelo capitão do time de futebol americano. Mas foi o rosto dele que me fez olhar mais de perto. Fazia quase dez anos que eu não o via. É claro que aquele não era o homem que eu conhecia. O sujeito tinha cabelo alisado para trás como usavam na década de 1980, braços musculosos e um bigode que eu nem sabia que ele já usara. Estava com os braços bem apertados em volta da esposa, como se tivesse acabado de ganhar o melhor prêmio do sorteio. *Nunca vi o pai abraçar a mãe desse jeito*, pensei. Era estranho vê-los tão felizes – como se só pudessem estar fingindo. Seriam esses os pais que Annie conhecera? Foi por isso que ela quis que eles ficassem juntos?

Quando terminei aquele álbum, peguei outro, branco com uma fina borda dourada – o álbum de casamento. Folhee uma foto atrás da outra dos meus pais no dia mais feliz de suas vidas até então. A minha mãe foi uma noiva hippie extasiada – usara até flores silvestres no cabelo –, e meu pai estava bem apresentado de um jeito que eu nunca tinha visto, de smoking branco e barbeado. Eu não conseguia parar de sorrir para seus rostos jovens e radiantes. Quando foi que tudo deu tão errado?

Mais adiante, parei em uma foto maior no meio do álbum: os dois de pé no altar da igreja durante a missa de casamento. Meu pai segurava as duas mãos da minha mãe enquanto olhava para ela com adoração absoluta. Mas meus olhos se voltaram para o detalhe que, para mim, era o mais óbvio na foto: o anel de noivado no dedo dela.

Um pensamento inesperado surgiu na minha mente. Com ele, veio uma ideia que se transformou em um plano. Tomada por uma urgência repentina, eu me vi levantando do chão e trocando o pijama por roupas de sair. Minutos depois, eu estava na estrada, dirigindo para o leste com o sol nascendo.

Uma hora depois, bati na porta de um apartamento em um prédio decadente. Finalmente, um senhor de pijama atendeu.

– Shea? – perguntou ele, perplexo.

– É. Oi, pai – falei, e ele abriu mais a porta para me deixar entrar.

CINQUENTA E UM



Nós nos sentamos de frente um para o outro à mesa da cozinha bagunçada do meu pai, como se eu fosse um vendedor de aspiradores de pó perturbando um sujeito que só queria tomar café da manhã em paz. Em meio a perguntas triviais que começavam e paravam abruptamente e sorrisos forçados e desconfortáveis, tinha também uma boa dose de silêncio nervoso. Meu pai fez café instantâneo, mas não tinha leite, então tomamos puro. Ou ele tomou. Eu estava tensa demais para dar um gole que fosse.

Ele ficou sabendo por Annie sobre minha mudança de volta para a Costa Oeste anos atrás e fez questão de mencionar que ela sempre entrava em contato com ele nas datas festivas. Eu já sabia disso e não estava ali para me sentir culpada, e fui logo explicando isso.

– Tô muito feliz que você esteja aqui... não importa o motivo, Sheaby – declarou ele.

Ele costumava cantarolar esse apelido acompanhando a melodia de um dos seus covers favoritos de Frank Sinatra: “Yes Sir, That’s My Baby”. Só que, em vez de “baby”, ele dizia “Sheaby” no refrão. Eu fazia uma pirueta quando ele dava a deixa.

Senti que começava a sorrir com aquela lembrança, mas rapidamente engoli o sorriso. Não queria ceder ao seu charme, mas até eu tinha que admitir que meu pai parecia mais flexível do que da última vez que nos falamos. Ele me olhava nos olhos enquanto conversávamos e perguntou várias vezes se meu café ainda estava quente. Comecei a me perguntar se havia errado em romper com ele tão

completamente, mas daí ele trouxe à tona a lembrança errada. Ou talvez a certa.

– Meu Deus, Shea – disse ele. – Acho que não te vejo pessoalmente desde o enterro da sua mãe.

Meu pai passara o dia todo embriagado, o que era comum durante aquela época de sua vida. Ele havia se entregado por completo aos vícios depois do divórcio, um vai e vem de mulheres muito mais jovens e uma série de negócios paralelos falidos. Eu e Annie tentamos manter contato no início. Ela até o convencera a tentar a reabilitação por um período, mas aí a nossa mãe ficou muito doente. Eu estava prestes a me formar no ensino médio; Annie tinha terminado a faculdade havia apenas um ano e acabara de juntar as escovas de dente com Mark. Nenhuma de nós tinha tempo para tentar salvar ambos os pais, e houve uma escolha clara. Nosso pai não a visitou. Não telefonou. Nossa mãe não o queria mais, ele disse uma vez para Annie, então por que ele iria aparecer? Tinha sido igualmente egoísta no funeral dela.

– Agora que vocês só têm um dos pais, acham que poderiam encontrar um tempinho na sua agenda lotada pra me ligar? – dissera ele durante o almoço que Annie e eu havíamos organizado e pelo qual tínhamos pagado.

O único aspecto positivo da presença do nosso pai foi que ele concordou em cuidar da logística final na funerária. Não conseguimos nos forçar a executar essa parte. Ela exigia fazer escolhas que nunca seriam boas o suficiente na nossa cabeça e, pior, estar presente quando o caixão fosse oficialmente fechado para sempre. Nossa mãe nos dissera especificamente para não nos sentirmos culpadas caso não pudéssemos fazer essa parte, ainda assombrada por sua própria experiência com a *nonna*.

– Então tá. Fiquem bem. E lembrem: sua mãe tá melhor agora, sem sofrer – comentara nosso pai enquanto praticamente saía correndo da casa naquele dia.

Eu tinha olhado pela porta, para onde ele se dirigia com tanta pressa. Uma bela Mercedes vintage estava estacionada na frente; uma mulher bem mais jovem que meu pai se encontrava ao volante.

– Melhor seria ela não ter sofrido a porra da vida inteira! – eu gritara após ele ter fechado a porta.

Eu havia dito a mim mesma que ele me escutara, mas a verdade era que ele já estava no carro.

Fiquei surpresa com a dificuldade que era lidar com toda aquela raiva agora. Annie sempre me dizia que o tempo curava a maioria das feridas, mas eu não acreditava que isso se aplicasse àquele homem. Meu pai havia envelhecido visivelmente. Quase não tinha mais cabelo, e sua pele flácida e avermelhada

revelava um homem que bebia demais e comia de menos. Havia uma corcunda acentuada nas costas, e a testa larga estava franzida com rugas profundas. Ele era meu inimigo, mas no corpo de um idoso – e a única família que me restava no mundo, além de Annie e Mark.

– Então, você ainda tá com aquele cara que Annie me contou no cartão de Natal? Qual é o nome dele? – perguntou meu pai, quebrando o silêncio.

– John – respondi. – E... é uma longa história.

– Entendo.

Era provavelmente a primeira vez na vida de qualquer um de nós que eu dizia algo que ele de fato entendia.

– Pai, vim aqui pra te perguntar algumas coisas sobre a mãe, sobre o anel de noivado dela.

– Certo – disse ele, nervoso. – O que você quer saber?

Respirei fundo, sabendo que não poderia desfazer o que viria em seguida, não importava o que ele tivesse a me dizer.

– Sei que a mãe tentou te deixar anos antes de vocês se divorciarem.

Observei seus olhos perderem o brilho com a lembrança. Era doloroso para ele. Isso, surpreendentemente, foi doloroso para mim. Mas eu não podia deixar a garotinha que achava que o pai a levaria para um passeio de trem caso ela se comportasse controlar aquele momento.

– Preciso saber se você tem alguma ideia do motivo para ela ter se recusado a tirar o anel de noivado depois que vocês se separaram – prossegui.

Os olhos do meu pai se arregalaram, surpresos, mas de uma forma estranha.

– Por que quer saber disso? – perguntou ele.

– Porque eu preciso saber. E ela não pode me dizer.

Ele parecia estar vendo algo em que não conseguia acreditar.

– Certo – disse ele, mais para si mesmo –, eu provavelmente já devia ter feito isso há muito tempo. Me dá um segundo, tá?

Ele se levantou lentamente e desapareceu pelo corredor, saindo da cozinha. Fiquei sentada, aturdida, batendo o pé tão rápido que comecei a sentir câimbras no tornozelo. Minutos depois, meu pai estava de volta com uma bola de papel de seda amassado na mão e um sorriso surpreendentemente terno no rosto.

– Aqui – falou ele. – Parece que finalmente chegou a hora de você ficar com isto.

Eu desembrulhei o papel, confusa. Então reconheci o formato: o anel de noivado da minha mãe. Não consegui terminar de tirá-lo do papel, ainda mais com meu pai ali. Não queria que ele me visse vendo o anel depois de todos esses

anos; eu precisava de privacidade. Mas esse pensamento me levou a outro.

– Espera aí. Que merda você tava fazendo com o anel?! – gritei.

– Calma, Shea.

– Não, ele não era seu, nem deveria estar com você! – Rapidamente, construí uma narrativa. – Meu Deus, você *roubou*! Tava no dedo da mãe quando ela morreu, e você tirou! Você tirou dela quando estava na funerária? Que tipo de pessoa doente e perturbada faz uma coisa dessas?

Ele assentiu.

– Eu mereço isso. Mas fiquei com o anel porque foi o que o diretor da funerária disse para fazer. Eles não gostam de enterrar pessoas com joias de valor. Por causa de ladrões de túmulos ou algo assim, acho. Mas também fiquei com ele porque pensei que provavelmente era a coisa certa a fazer, caso alguma de vocês pudesse querer o anel algum dia.

– Algum dia? Como assim? Tava guardando isso pro momento especial perfeito? – questionei, com o sangue ainda fervendo.

– Não. Eu estava guardando o anel porque fiquei muito ressentido por causa dele depois que sua mãe me mandou isto.

Meu pai colocou a mão no bolso de trás, tirou um maço de folhas de papel de carta dobradas e me entregou.

– O que é isto? – perguntei.

– A resposta à sua pergunta sobre por que sua mãe ficou com este anel todos esses anos.

Minhas mãos tremiam quando comecei a abrir as páginas. Então parei. Eu tinha ouvido as últimas palavras que minha mãe diria havia mais de uma década, no dia em que ela morreu. Agora, de repente, eu tinha mais dela, *palavras diretamente dela*. Aquele era o lugar errado para lê-las.

– Fique com isso – sugeriu meu pai, como se estivesse lendo meus pensamentos. – E pode me ligar depois de ler, se tiver mais alguma pergunta. Ou pode vir aqui de novo, quem sabe?

A esperança na sua voz de repente me consumiu. Lágrimas se acumularam nos meus olhos.

– Shea, me desculpa – disse ele, e ameaçou estender a mão, talvez para segurar a minha, mas a recolheu. – Vocês não mereciam todas as coisas que eu fiz. E que não fiz. Juro que queria poder voltar no tempo pra dar a você e sua irmã um pai melhor. Eu voltaria se pudesse, Sheaby.

Aquele pedido de desculpas era tudo que eu sempre havia sonhado em ouvir daquele homem, mas, depois de tudo que viera a constatar nas últimas semanas,

era o pedido errado.

– Não é a mim que você deveria pedir desculpas – declarei, e então as palavras saíram de mim como se estivessem esperando, vivas na minha garganta, completamente formadas. – Eu posso ter uma vida melhor. Sabe quem não pode? Minha *mãe*. – Eu estava de pé agora, agarrando a mesa para me firmar. – Você roubou os melhores anos da vida dela. Roubou a chance dela de saber o que era um amor de verdade. E, quando você finalmente foi embora, só tivemos alguns poucos anos com ela antes que morresse!

Meu pai me encarava, sem um pinga de espanto no rosto.

– Você tem razão. – Foi tudo o que ele disse, segurando as lágrimas. – Espero que você jamais permita que alguém faça isso com você.

Senti suas palavras me queimarem, sem dúvida deixando uma marca permanente. Então, peguei os papéis e o anel da minha mãe e saí pela porta da frente.

CINQUENTA E DOIS



Fiquei no estacionamento esperando Annie chegar, tentando lembrar se alguma vez tinha ido à praia Emma Wood sem ela. A única vez que viemos sem a nossa mãe foi para a *nossa* homenagem a ela. Naquela tarde, colocamos Linda Ronstadt para tocar bem alto, comemos sanduíches de tomate e mussarela da nossa delicatessen italiana favorita e lemos cartões antigos que ela nos dera nos nossos aniversários. Depois, pregamos uma plaquinha que Annie havia pintado à mão na cerca atrás da área de dunas onde costumávamos sempre nos sentar juntas. *Praia Suzanne Anderson*, dizia. Nossa mãe amava aquele pequeno recanto do litoral principalmente porque era o único trecho em toda a Califórnia que homenageava uma mulher.

Depois de mais alguns minutos, Annie finalmente entrou no estacionamento cantando pneu, estacionou seu carro ao lado do meu e pulou do banco do motorista.

– Tenho mil perguntas sobre tudo que rolou com o pai, mas só vou conseguir pensar direito depois que a gente ler esta carta! – exclamou ela. – Além disso, faltei ao trabalho porque disse que tava doente, algo que nunca fiz antes.

Agarrei a mão dela.

– Annie, eu fugi da sua casa de manhãzinha sem nem deixar um bilhete e fiz você dirigir uma hora pra ler uma carta comigo. É um momento sem precedentes.



Encontramos a plaquinha escondida da nossa mãe e nos acomodamos nas toalhas de praia que deixávamos sempre no carro, como duas boas californianas. Passei as mãos pela grama alta, deixando-as fazer cócegas na minha pele, como eu costumava fazer quando éramos crianças. Annie tirou os tênis e mergulhou os dedos dos pés nos montinhos de areia macia, sua sensação favorita da vida.

– Beleza. Tô pronta. Mas... você não precisa ler em voz alta se não quiser – disse ela. – A gente pode se revezar.

– De jeito nenhum – repliquei. – A gente ouve juntas. Mas, se eu desmoronar, você assume.

Annie olhou para o mar, e eu também. A água formava ondas compridas e lentas, arrebatando exatamente onde a fileira de conchas encontrava a areia – o som mais relaxante do mundo. Annie respirou fundo, buscando forças. Segui seu exemplo, depois desdobrei as folhas finas de papel de carta. As iniciais da nossa mãe estavam no topo, em letra cursiva preta e forte. Dei uma olhada na página como um todo, vendo a caligrafia cheia de curvas perfeitinha dela – típica de uma educação rigorosa em escola católica –, e comecei a ler.

Jerry, descobri que você anda tirando conclusões sobre mim – especificamente sobre o fato de eu ainda usar o anel que você me deu há quase três décadas e que talvez eu use até morrer. Ouvi de alguns “amigos” que você pensa que é porque ainda sinto saudade de você. Achei melhor esclarecer as coisas.

A verdade é que eu não sabia por que não conseguia tirar este anel. No começo, era só porque me sentia nua sem ele, depois de duas décadas de casamento. Mais tarde, era porque queria afugentar qualquer homem que aparecesse. Mas muitas outras coisas começaram a fazer sentido agora que estou confrontando o fim da minha vida, e uma delas é que o anel de noivado que você me deu não é seu, e certamente não é nosso. É meu. Eu uso este anel porque ele contém toda a força de que precisei para aprender a cuidar de mim mesma. Para deixar você. Então me deixe corrigir os boatos: o anel não tem nada a ver com você, mas também tem tudo a ver. Sim, ele foi inicialmente concebido para ser um símbolo da nossa promessa um ao outro, mas, quando você quebrou essa promessa, o prazer que eu sentia com a beleza do anel se tornou um símbolo da minha capacidade de

seguir em frente, apesar de todos os obstáculos que você colocou no meu caminho.

Jerry, no final das contas, suas fraquezas me tornaram forte. E essa é outra razão que me faz ainda usar o meu anel. Porque, quando olho para o meu dedo todos os dias, me lembro de que sempre existe o outro lado, e isso é algo que ensinei para as nossas filhas também. Então, não, eu não uso este anel porque ainda te amo. Eu o uso porque aprendi a amar a mim mesma.

– Uau – disse Annie, com uma mão agarrando meu braço enquanto a outra pousava no próprio peito. – Não acredito que você conseguiu chegar ao final sem desabar.

– Eu sei. Me senti... quase possuída – comentei. – Desculpa. Isso é esquisito?

– Não. Eu sabia que era você lendo, mas ouvi a voz dela o tempo todo. É incrível. Eu sempre soube que a mãe tinha essa força.

Não tive coragem de admitir para Annie – nem para mim mesma – que minha reação foi exatamente o oposto. Olhei para as palavras da minha mãe, deixando meus olhos encontrarem a frase que mais tinha me abalado: *no final das contas, suas fraquezas me tornaram forte*. Essa era uma versão da minha mãe que eu sentia que não conhecia. Fiquei me perguntando quando exatamente ela escreveu isso e para quem – se é que havia mais alguém – ela havia mostrado. Então, outro pensamento me abalou.

– Era isso que ela estava tentando me dizer naquele dia no quarto dela – afirmei, com a voz embargada.

Annie olhou para mim como se viesse esperando que eu juntasse as peças.

– Talvez...

– Será que foi por isso que ela quis que eu ficasse com o anel? – indaguei. – Ela tava tentando repassar toda essa energia pra mim?

– Não sei, Shea – disse Annie. Percebi como ela queria poder dar uma resposta mais concreta. – Acho que isso é uma parte do passado com a qual você vai ter que se conformar, assim como a mãe fez com algumas partes da vida dela.

Baixei o olhar para a carta novamente. Dessa vez, parei numa frase pela qual havia passado depressa na primeira leitura: *O anel de noivado que você me deu não é seu, e certamente não é nosso. É meu.*

Assimilei as palavras e voltei o olhar para a água outra vez, deixando o significado se revolver sem parar com as ondas. Depois de alguns segundos, fechei os olhos para ouvir melhor o sibilar lento e, em seguida, a arrebentação. O

estrondo.

– A mãe conseguiu definir o significado do anel dela – declarei finalmente.

– Consegui. Ela foi fodona – concordou Annie, sorrindo.

– Mas também condiz com o que o Wendell disse sobre metais e energia. – Minha mente tinha saltado para o outro anel usado. – Eles podem conter, mas também conduzir, e então... – De repente minhas engrenagens começaram a girar tão rápido que eu não conseguia pronunciar as palavras. – O significado pode mudar. Como aconteceu com a Carmela... Primeiro o amor romântico, mas com uma alma gêmea, sem o romance.

– Certo... – disse Annie, tentando acompanhar.

– E com a Bete também! Sendo verdade ou não, ela *acha* que o anel guiou sua vida na direção daqueles grandes amores, então era isso que ele significava pra ela. Era *dela*, não deles. Meu Deus, Annie! A Celia pode ter tido exatamente o mesmo raciocínio da nossa mãe! O anel tinha um significado que ia além das mentiras do marido, o suficiente para ela querer passar pro filho. Como a mãe quis passar pra mim!

– Tá dizendo que o anel carregava o carma dela, não o do marido?

– Isso! E não o carma do casamento, o que faz sentido, porque... é claro! – A ideia me atingiu com tanta força que estendi a mão e agarrei o braço de Annie. – Annie, a *mulher* usa o anel! – berrei.

– Meu Deus! Shea! Doe! – gritou ela em resposta.

– Desculpa, mas isso é crucial! Isso muda tudo! Porque o símbolo fica no dedo *dela*, não no deles. É somente a energia *dela* dentro do metal, não a energia do relacionamento. Então é somente o espírito *dela* que é transmitido adiante. É o anel *dela*!

Caí de costas na toalha e chutei as pernas no ar.

– Não acredito que vou dizer isso, e não estou endossando seu raciocínio místico, mas isso meio que faz sentido – declarou Annie.

– Eu *sei*! O que significa que o meu anel não ia me trazer o azar de todos os relacionamentos anteriores que deram errado, mas transmitir a força, a sabedoria e a beleza que constituíram a vida das mulheres que usaram o anel antes! Mulheres fortes e seguras de si!

– Assim como outra pessoa que conheço – concluiu Annie com um sorriso.

Minha mão correu para o pescoço, procurando o anel. Ele estava aninhado no centro do meu peito. Eu o ergui na mão, estreitando os olhos para o diamante com lapidação esmeralda que refletia a luz do sol em meio às nuvens rajadas acima. Brinquei com ele entre os dedos, deixando as dezenas de feixes azul-claros

cintilarem a partir das bordas. *Linhas da vida.*

– Terra chamando Shea – disse Annie, balançando a mão na frente do meu rosto.

– Desculpa, você falou alguma coisa? – perguntei, com o foco preso naquela revelação e nas mulheres sobre as quais eu agora queria saber mais, especialmente Celia, que eu havia julgado com tanta rapidez e severidade.

– Eu perguntei se podia ver o anel. Da mãe.

Eu também ainda não tinha dado uma olhada. Estava com muito medo de que me transportasse de volta à última vez que o vira, em cima da cômoda da minha mãe. Enfiei a mão na bolsa e encontrei o papel de seda que meu pai havia me dado, então o entreguei para Annie. Eu ainda não conseguia olhar. Só naquele momento percebia quanta dor e confusão – e, mais recentemente, arrependimento – eu vinha guardando, tudo isso associado a esse outro objeto que nunca nem havia pertencido a mim. A essa relíquia de família.

– Eu não lembrava que ele era tão elegante – sussurrou Annie.

Dei uma espiada, aliviada por sentir como se estivesse enxergando aquele lindo anel pela primeira vez. Tentei imaginar nossa mãe com ele enquanto lavava a louça ou nos levava de carro ao cinema na sexta à noite, pronta para que as mesmas emoções que eu sentira naquela época ressurgissem. Mas, no lugar de toda a raiva e frustração, havia apenas gratidão. *Uma parte dela. Conosco, agora mesmo.*

– A gente podia se revezar pra ficar com ele – sugeri. – Ou dar pra sua filha! Podemos mostrar a carta quando ela tiver idade suficiente, que tal?

– Não – discordou Annie, e me entregou o anel. – A mãe queria que você ficasse com ele, e, agora que sei o que ele significava pra ela, eu concordo.

– Concorda? Porque ainda tô um pouco perdida. E, além do mais... – Eu quase não queria dizer a última parte. – Tem o John envolvido nisso tudo...

– Seu anel, suas escolhas, sua vida – afirmou Annie com um sorriso enigmático, então ela se levantou, colocou o cabelo atrás da orelha como um sinal de pontuação perfeito e correu para a água.

Sem pestanejar, abri a corrente de ouro em volta do meu pescoço, peguei a aliança da minha mãe e a coloquei no colar, junto com o anel que ganhei de John. Então corri pela praia atrás da minha irmã.

CINQUENTA E TRÊS



Acordei na manhã seguinte me sentindo plenamente descansada pela primeira vez desde que fiquei noiva. Um pensamento muito claro passava pela minha cabeça enquanto eu olhava para o teto, deitada no quarto de hóspedes de Annie: *Preciso contar ao John o que descobri*. Mas a ideia de como a nossa conversa poderia se desenrolar *após* a minha revelação me deteve. Eu havia resolvido a *minha* superstição, decidido no que *eu* acreditava. Mas isso tinha pouco a ver conosco. Eu e John havíamos concordado em dedicar um tempo para refletir antes de voltarmos a nos falar. Até agora, eu não tinha nenhuma resposta.

Escovei os dentes rapidamente e tomei um banho. Peguei um muffin de mirtilo da pilha de compras que havia feito como parte do meu agradecimento a Annie e Mark. Aí, fiz o que qualquer mulher perdida do século XXI faz enquanto tomava meu café: comprei pela internet uma dezena de livros de autoajuda.

Nas semanas seguintes, fiz o que eles sugeriam: mexa o corpo, descanse o corpo. Passe um tempo com amigos sábios. Medite. Escreva no diário. Escreva mais no diário. Chore relendo seu diário. Chore de novo enquanto medita sobre o que registrou no diário enquanto chorava da última vez. Um livro sugeriu que eu comprasse lírios para mim mesma toda semana, então fiz isso. Outro se ofereceu para me ajudar a me colocar no mesmo ambiente com John sem realmente ter que estar no mesmo ambiente com John. Eu também fiz isso, depois escrevi no diário enquanto chorava *muito*. *Trabalhe em, com e por coisas que lhe trazem alegria*, instruía meu livro favorito da leva, e foi exatamente nisso que fiquei pensando no dia em que deveria assinar o contrato para meu novo

cargo: diretora de marketing de festivais de cinema.

– Agora você vai cobrir a American Express e a Verizon. É coisa de gente grande, Anderson – comentou Jack Sachs com um sorriso orgulhoso.

– Isso é... *uau...* – falei. Olhei em volta da sala, protelando. Em uma parede, havia fotos emolduradas da família de Jack. Na outra, seus dois diplomas universitários. Quantas vezes eu tinha sentado ali sem perceber que não havia um único pôster de filme na sala de Jack? – Então, hum, não é a melhor hora pra isso, mas... – continuei enquanto Jack se preparava para repassar os termos finais. – Eu adoraria conversar sobre passar um tempo com a equipe de programação como parte da minha promoção.

– Tipo, *socialmente*? – perguntou ele, com a cabeça enfiada no computador.

Meus sonhos de carreira haviam se infiltrado em algumas sessões de escrita de fluxo de consciência nas últimas semanas, começando com uma em que me desafiei a responder à pergunta “Que tipo de esposa você quer ser?” (obrigada, Esther Perel). As primeiras descrições que me vieram à mente foram bonitinhas, porém óbvias: *respeitosa, cuidadosa, atenciosa, solidária*. No entanto, quanto mais eu pensava, mais percebia que havia palavras que eu havia pensado e ativamente evitado escrever: *independente, autossuficiente, aventureira, satisfeita comigo mesma. Uma pessoa que segue seu próprio caminho*. Eram qualidades que pareciam pertencer mais a uma pessoa solteira que a uma esposa. Eu as escrevi assim mesmo, porque soavam certas. Porque *me* definiam.

Era exatamente isso que eu precisava fazer naquele momento: permanecer com o que me traria alegria no âmbito pessoal, mesmo que isso significasse mudar quem eu era no sentido profissional.

– Não, profissionalmente – respondi. Isso chamou a atenção dele. – Eu também gostaria de começar a aprender como essa parte funciona.

– Certo... Quer me dizer por quê?

Tive a sensação assustadora de que Jack não fazia ideia do que eu ia dizer em seguida. Para ser justa, eu também não sabia.

– Porque meu objetivo final é trabalhar nesse braço do festival – eu me ouvi dizer, com tanta clareza que pareceu estar na ponta da minha língua havia anos.

– Bem, não é onde você se encontra agora – observou Jack. – Você trabalha no marketing, onde foi promovida a um cargo que não te dá tempo pra muita exploração de carreira, Anderson.

Eu não gostava nem um pouco daquele tom paternal que ele usou.

Fiz que sim com a cabeça, protelando novamente. Jack interpretou minha pausa como um sinal de que ele havia vencido.

– Tudo bem, então vamos primeiro falar sobre remuneração...

– Preciso de mais tempo pra pensar – declarei. Jack me lançou um olhar penetrante. Serviu como o combustível certo. – Peço desculpas por só falar isso agora, mas preciso refletir se quero ou não essa promoção. Há pouco tempo admiti pra mim mesma que, pra mim, é uma prioridade migrar pra programação de festivais algum dia. Acho que posso começar a aprender enquanto exerço a nova função, mas, se não puder crescer nessa direção, gostaria de permanecer no meu cargo atual.

Jack olhou para mim como se eu fosse uma criança muito boba.

– Shea. Este é um emprego bom e estável num momento crucial da sua vida. Acredite: é o tipo de contrato que todo mundo ia querer assinar no início do casamento.

Ele tinha boas intenções, mas mesmo assim me permiti dizer as palavras que vieram à minha mente em seguida.

– Acho que a gente tem definições diferentes de “estável” – falei. – E de “casamento”.

No dia seguinte, enviei três e-mails: um convidando todos os chefes do departamento de programação para um café, a fim de trocarmos umas ideias, e um para Jack Sachs, sugerindo que eu assumisse apenas um cliente importante e uma promoção mais modesta. Meu pedido foi negado pelo RH no final daquela semana – talvez fosse um pedido muito complicado, ou talvez eu tivesse ferido o ego do meu mentor. De qualquer forma, a mal-humorada Julie ficou com a vaga, mas continuar no meu antigo emprego me deu tempo de sobra para permitir que um projeto paralelo começasse a se desenvolver. Comecei a registrar ideias no meu diário todas as noites, sem chorar.



Algumas semanas depois, eu estava servindo o banquete italiano que havia preparado para minha irmã e Mark. A intenção era que eles estivessem com uma disposição generosa para ouvir minha proposta: sediar um minifestival de cinema na escola de Annie. A inspiração veio do guia “faça você mesmo” dos meus novos amigos da programação sobre como estreiar em festivais de cinema: *programe um festival de cinema*. Esse pequeno evento seria mais uma festa do pijama na biblioteca da escola que algo digno de tapete vermelho, conforme

expliquei por meio de uma apresentação de slides realmente incrível que Mark me ajudou a exibir na TV. Annie estava cética quanto à capacidade de concentração de adolescentes de 13 anos para qualquer coisa que não fossem vídeos curtos de rede social, mas eu a fisguei com meus jogos interativos e fechei o negócio com meu slide final: uma foto de nós duas grudadas no sofá forrado de plástico da sala de estar da *nonna*. Estávamos extasiadas assistindo a *A bela adormecida*, nosso primeiro filme favorito.

– Você me arrastou pra esse mesmo lugar todo dia depois da escola até que o videocassete da *nonna* e do vô pifou – lembrou Annie enquanto atacava minha lasanha de espinafre e molho bechamel.

– Meu primeiro filme foi *Indiana Jones* – revelou Mark, balançando a cabeça.
– Cara, a coisa não é fácil pra garotas desde cedo.

– Não mais – eu e Annie dissemos em uníssono.

– Minha sobrinha será criada com uma dieta saudável de filmes de princesas duronas – expliquei.

– Tipo qual? – perguntou Mark.

– Tipo *Aladdin* – dissemos, juntas novamente.

Naquela noite, nasceu a primeira Festa do Pijama no Cinema do Sétimo Ano, que aconteceria uma vez por ano, com minha promessa a Annie de que minha programação incluiria furtivamente lições sobre comunicação saudável para seus alunos teimosos.

Ao final do mês, eu havia obrigado todos que moravam sob aquele teto a ver – ou me ouvir ver – de três a cinco filmes por semana. A situação ficou tão ruim que Mark entrou para uma segunda liga de raquetebol.

– Acho que a gente tem que incluir *O casamento do meu melhor amigo* – falei para Annie enquanto nos acomodávamos na nossa rotina de sexta à noite: uma pizza grande de cogumelos e uma taça de vinho tinto da Toscana para mim. – Tem uma amizade entre gay e hétero, consequências sérias por mentir, uma briga de mulheres épica e um número musical que é um arraso!

– Beleza, mas eu não preciso assistir – retrucou Annie. – Você já me obrigou a ver esse filme tantas vezes que eu sei recitar de cor. – Ela passou rebolando por mim enquanto segurava nossas bebidas, como Julia Roberts na cena do estádio de beisebol, e então acertou a fala em cheio: – Eu sei dar uns passinhos. Você não viu nada.

– É minha comédia romântica favorita pra reassistir!

– É a única que você reassistiu. E, aliás, não é uma comédia romântica.

– É claro que é. Tem romance. Tem comédia. E eu gosto de outras comédias

românticas. A gente foi criada vendo comédias românticas.

– No fundo não gosta – contestou Annie, com a boca cheia de pizza. – Você sempre critica os finais. Você é o único ser humano no mundo que já argumentou que o Harry deveria ter dado um tempo antes de correr até a Sally.

A relevância disso praticamente me empurrou contra o sofá.

Abri o documento “Anotações sobre filmes” no meu notebook para não ter que responder. Annie tinha razão. Eu não suspirava pelos clássicos da década de 1990 da nossa juventude do mesmo jeito que a maioria das mulheres que eu conhecia. É lógico que a cinéfila em mim respeitava a estrutura perfeita deles. Você sempre sabia que Julia, Meg, Sandra e Jennifer iam se dar bem no final, depois da medida certa de problemas. Mas naquele momento me dei conta – enquanto minha mente repassava cada momento de clímax da trilha sonora durante um beijo de Tom Hanks – de que o final mágico era a minha parte menos favorita. O que eu tinha contra o “felizes para sempre”?

A notificação de um novo e-mail soou como se fosse uma resposta. Mas encontrei exatamente o oposto de uma resposta quando cliquei na caixa de entrada: uma mensagem de Graham. O assunto era “Meu artigo”. Abri e encontrei um link para um site, seguido de duas palavras irritantes: “Obrigado, Graham.”

– Só pode ser brincadeira! – gritei, jogando meu computador no sofá como se ele fosse explodir.

– Que foi? – perguntou Annie. – E não assuste uma mulher sem controle da bexiga!

– O Graham escreveu o artigo sobre mim! Sem a minha permissão! Mas que *cobra*! Ele assinou um acordo de confidencialidade, né? Posso processar o canalha, certo?

– Nossa. Isso é ousado... – comentou Annie, examinando minha tela.

– Não, é *criminoso*! *Argh*! Você vai ter que ler pra mim. Porque eu não consigo imaginar o que ele pode ter a dizer sobre mim depois de tudo...

Fiquei de pé para liberar a tensão enquanto Annie pegava meu notebook e clicava no artigo. Ela focou os olhos, depois os apertou, depois os estreitou, depois os arregalou e, por fim, arqueou as sobrancelhas, surpresa. Foi bem intenso.

– Tão ruim assim? – perguntei.

– Não – disse ela, sorrindo com uma ternura estranha ao terminar de ler. – Na verdade, é muito, muito bom. E, melhor ainda: não menciona você em momento algum.

Annie virou o notebook para que ficasse de frente para mim e deu um tapinha no sofá, me convidando a dar uma olhada. Eu me sentei, hesitante, e então rolei a página de volta para o início do artigo. A primeira linha também me fez arquear as sobrancelhas. *Eu tinha 16 anos quando comecei a escrever meu primeiro artigo jornalístico, uma investigação que ninguém pediu que eu fizesse sobre o que estava deixando meus pais tão descontentes um com o outro. Eu tinha 36 anos quando o finalizei, dois meses atrás.*

Era sobre ele. Sua jornada. Suas lições. *Suas relíquias de família.* Li com alívio por mim mesma, mas também por Graham. Aquelas duas páginas de texto continham uma boa dose de cura. Então percebi que Annie estava errada. Ele havia feito uma menção a mim. Em algum lugar no meio do texto, encontrei uma linha sobre eu ser a pessoa que o encorajara a visitar sua mãe em Portugal. Ao lado, havia uma descrição: *Shea é alguém que confiou mais em todas as suas superstições sobre o amor do que em seus sentimentos, e por um bom motivo.*

Li a descrição. Reli. Então li uma terceira vez. O significado penetrava cada vez mais fundo no meu âmago a cada leitura, fazendo conexões ao longo do caminho. Ele tinha razão. Eu não confiava nos meus sentimentos. *Mas por quê?* Finalmente, as palavras de Graham se acomodaram em um lugar dentro de mim onde eu nunca havia estado antes, um lugar de certeza absoluta. *Porque eu não confio no amor.*

– Eu não acredito nelas – declarei do nada.

– Como é? – perguntou Annie.

– Nas comédias românticas. Em todas as histórias de amor, na verdade. As dos livros. As da vida real. Acho que a *nonna* e o vô foram um caso de sorte. Temo que você e o Mark não vão durar ou vão acabar infelizes. – Eu não conseguia acreditar no que estava dizendo, mas não sabia como parar. – E é por isso que tenho tanto medo de me casar com o John. Não acredito que o nosso amor seja forte o suficiente. Não acredito que *nenhum* amor seja forte o suficiente para durar para sempre.

Senti vontade de chorar depois de tudo aquilo, mas fiquei olhando para o nada, entorpecida. Minha irmã não estava tendo a mesma experiência. Lágrimas escorriam por suas bochechas mais arredondadas.

– Eu sou disfuncional? – indaguei.

– Não – disse ela. – Acho que você tá mergulhada em um luto muito, muito profundo, Shea. E eu sinto muito por não ter visto isso.

Balancei a mão na direção dela.

– Não, não. Não é culpa sua.

– Tem razão, não é. Mas eu sou sua irmã. E tenho diploma nesse assunto! – Peguei um lenço de papel para Annie na mesa lateral, depois voltei para apanhar a caixa inteira. – Tenho pensado na mãe e no pai desde que lemos a carta dela... Você conviveu com uma versão deles muito diferente da minha. Aqueles quatro anos de diferença entre nós foram uma eternidade.

– Então isso tem a ver com o divórcio deles? Ou com a morte da mãe?

– As duas coisas – respondeu Annie. – E, combinadas, elas criaram esse bloqueio em você... como um medo que tá quase encobrindo a verdade.

– É o medo de que eu acabe como a mãe? – perguntei.

Era uma preocupação que eu tinha me esforçado muito para manter afastada.

– Talvez – disse Annie. – Ou... – Ela então me olhou como eu podia imaginar que ela olharia para a própria filhinha em algum momento no futuro. Seu rosto dizia: *Vai ser muito difícil ouvir isso, mas eu tô aqui contigo.* – Shea, você pode achar que não tem direito a ter um amor eterno porque ela não teve.

Meu corpo a compreendeu instantaneamente. Soluços saíram de repente de um lugar que eu não sabia que existia. Annie me deu um tempo, depois me puxou para o seu colo e acariciou meus cabelos enquanto eu botava para fora tudo aquilo que havia represado. Não sei quanto tempo levei para finalmente me sentar ereta. Mas, quando o fiz, foi motivada por um pensamento que havia atravessado a dor: será que explorar esse medo significava que eu finalmente seria capaz de superá-lo?

– Quero ser uma pessoa que acredita – falei para minha irmã. – Como posso mudar?

Annie respondeu com um sorriso orgulhoso que dizia que eu tinha acabado de dar o primeiro passo.

CINQUENTA E QUATRO



Houve reações mistas dos alunos do sétimo ano quando os créditos de *O casamento do meu melhor amigo* rolaram pela tela. Pelo jeito, as músicas de Dionne Warwick não faziam mais tanto sucesso quanto antes, mas eu estava toda sorridente mesmo assim, ainda mais depois de notar a pessoa batendo palmas no fundo do auditório. Eu havia convidado John para a nossa festa de encerramento porque não conseguia me ver celebrando um momento de tanto orgulho sem a presença dele. O sentimento era obviamente mútuo.

Nós nos encontramos na mesa de sobremesas depois que a maioria dos adolescentes já tinha ido embora. Annie fingiu segui-los até o corredor de saída, mas eu conseguia ver sua barriga protuberante aparecendo pela porta.

– Parece que foi um sucesso e tanto, Shea – comentou John. – Parabéns.

Ele se mexeu como se fosse me abraçar, mas então desistiu. Meus braços ameaçaram se cruzar na frente do peito, mas eu os impedi, terminando com um aperto de mão que eu torci para que comunicasse minha verdadeira intenção: *Obrigada*.

– Foi incrível – falei. – E tecnicamente inspirado por você. Eu ia fazer um minifestival para o pessoal da área, mas me lembrei de você sempre dizendo que as pessoas subestimam as coisas com que as crianças conseguem lidar e do que elas precisam.

– É. Parece algo que eu diria – admitiu John com um meio sorriso.

Eu não conseguia interpretar sua expressão, e isso estava me matando. Ali estava um homem cujo pedido de comida japonesa eu costumava adivinhar pelo

jeito como ele inclinava a cabeça para o cardápio. Um pouco afoita, apanhei um donut de chocolate da mesa e deixei escapar uma pergunta.

– A gente podia se encontrar? Se você estiver pronto pra isso...

John não pareceu surpreso. Talvez aceitar o convite para estar ali naquela noite fosse sua maneira de dizer que também estava pronto.

– Sim. Vamos nos encontrar – concordou ele.



Nós nos vimos três dias depois, nas arquibancadas da seção M do Hollywood Bowl. Eram exatamente os mesmos assentos em que tínhamos visto o show de Tom Petty, algo que eu sabia porque havia guardado os canhotos dos ingressos. Eles estavam em uma caixa com centenas de outras recordações, desde cardápios de restaurantes e porta-copos de bar até a pedra que John roubara do Parque Nacional da Floresta Petrificada porque eu dissera que ela parecia estar sorrindo. Eu já tinha revirado o conteúdo uma dezena de vezes nos últimos meses, entre uma sessão de escrita no diário e outra.

– Este lugar me parece familiar... – disse John, com a voz de quem sabe das coisas.

É claro que ele sabia. John era o tipo de cara que cedia espaço no cérebro para coisas como quais flores eu disse que eram as mais bonitas em um casamento a que fomos ou o nome do excelente vinho que tomamos em um dos nossos jantares de aniversário. Ou, talvez, pensei, enquanto olhava toda apaixonada para seu cabelo sempre bagunçado na medida certa, ele fosse o tipo de cara que cedia espaço no cérebro.

– Não consegui resistir, considerando o carma historicamente bom dele – revelei.

Ele sorriu para essa minha tentativa desajeitada de quebrar o gelo e olhou para o declive acentuado do anfiteatro em direção ao palco em forma de meia-lua lá embaixo. Eu me virei na mesma direção, notando os aglomerados de papoulas-da-califórnia que haviam florescido na colina atrás da arena.

– John, preciso que você saiba que sinto muito, de verdade, pela minha parte no que aconteceu entre nós. Eu nunca, jamais quis te magoar.

Eu já tinha ensaiado isso de várias maneiras, mas a melhor opção no momento me pareceu optar pelo simples.

Ele assentiu em agradecimento.

– Eu também preciso me desculpar – declarou ele. – Lamento por ter escondido coisas de você. Achei que elas iriam te afastar, e foi exatamente o que aconteceu. Eu só estava... com medo.

– Eu também. À minha maneira – admiti, aliviada por termos chegado à mesma conclusão. – Acontece que o medo que tenho do amor vem de muito antes de a gente se conhecer. Aliás, é por isso que toda a minha superstição envolvendo anéis usados existe, pra começo de conversa.

John se interessou.

– E como você descobriu tudo isso?

– Hum, é uma história bem longa envolvendo três países, dez cidades, cinco pesadelos, um reencontro surpresa com meu pai e uma carta secreta da minha mãe. Ah, e *duas* relíquias de família, no final das contas. Mas a Annie também me ajudou a descobrir algumas coisas, depois me arranjou uma terapeuta muito boa.

Uma gargalhada estrondosa escapou de John, graças a Deus. Então, seus olhos desceram para o anel ainda preso no meu colar, sobreposto ao da minha mãe. John nunca tinha visto aquele segundo anel, mas parecia saber instintivamente o que era.

– Eu quero ouvir a história inteira – disse ele. – Mas acho que preciso falar sobre nós dois primeiro. Preciso ser sincero, Shea: ainda tô perdido aqui. Tentei entender isso, conversei com amigos. Até li um livro de autoajuda.

– Qual? – perguntei.

– Algo com *Nós*?

– Provavelmente *Nós, de novo*. Muito melhor do que *Nós, ainda*, então pode pular esse.

Era bom demais voltar ao nosso ritmo habitual. Eu quase conseguia nos imaginar cercados por milhares de pessoas, apenas mais um casal rindo, entre queijos e vinhos, antes de um show. Mas John me trouxe de volta.

– Não sei como consertar isso, Shea. E... não sei nem se a gente sequer deveria consertar.

Eu tinha um plano para como essa conversa deveria se desenrolar, um plano que eu posso ou não ter anotado em um caderno e tentado testar com Annie, que cruelmente me fez testar com Mark. Mas minha mente voltou a uma pergunta muito simples que eu já tinha sido desafiada a responder.

– John, como você sabe que quer se casar? – perguntei.

Ele se endireitou um pouco mais no banco; visivelmente não esperava por

aquele questionamento.

– Eu não sei. Sinceramente, nunca considereei outra alternativa – disse ele, e então algo pareceu lhe ocorrer. – O que aconteceu com a Carrie me fez ter dificuldade pra confiar, mas eu ainda assim queria me casar. Nunca tive motivo pra não querer.

Sua resposta desbloqueou outra questão.

– Mas como você soube que queria se casar comigo?

Os olhos de John se arregalaram, mas com cautela, não com curiosidade. Era como se o fato de eu ter que lhe fazer aquela pergunta o machucasse.

– Shea, eu nem gosto de estar em um lugar sem você – afirmou ele. – Quando a gente tá junto, eu sinto... sei lá. Você simplesmente faz com que seja muito fácil eu ser a melhor versão de mim mesmo. Não tenho certeza de que eu sabia quem esse cara era no fundo até te conhecer. E, desde então, nós dois simplesmente nos *completamos*, como se a gente tivesse sido feito pra viver a vida juntos. Não sei explicar, mas consigo sentir. E acho que a melhor parte sempre foi que eu sei que você também sente isso.

As palavras de John tocaram o fundo do meu coração, mas em um espaço que ele já havia cavado para recebê-las. Ele tinha dado a resposta perfeita, principalmente porque nada daquilo era uma surpresa. Mas fez com que o que eu tinha a dizer em seguida fosse ainda mais difícil de confessar. Estendi as mãos em sua direção, por reflexo. Eu meio que esperava que ele fingisse não ter visto, mas, em vez disso, ele entrelaçou os dedos nos meus, prendendo meus polegares, como sempre fazia.

– Você tem razão. Eu também sinto – confessei, com a voz trêmula. – Mas descobri que tenho um medo profundo e arraigado de que o nosso amor não dure para o resto das nossas vidas... de que nenhum amor dure, na verdade. De que é um risco muito grande. E, quando a gente noivou, esse medo se tornou mais forte que todas as outras coisas que sinto por você e por nós.

John fez que sim, então apoiou a cabeça nas mãos. Isso pareceu fazer sentido para ele, mas também o deixou nitidamente arrasado. Agarrei uma das mãos dele de novo para que ele soubesse que eu ainda não tinha terminado.

– Não quero me sentir assim. E prometo que vou me esforçar muito pra curar essas partes de mim mesma... já tô fazendo isso. Mas ainda não cheguei lá. – Fechei os olhos por um segundo, me preparando para a coisa mais dolorosa que eu tinha a dizer. – E vou entender se você precisar partir pra outra por ter medo que eu nunca consiga.

John respirou bem fundo. Olhou para as papoulas, para o céu e, depois, para

os pés. Por fim, olhou de novo para mim.

– Preciso de um tempo pra pensar – disse ele. – Mas eu entendo. E sinto muito.

Eu sabia que ele se sentia daquela forma não por algo que tivesse feito, mas porque não havia nada que pudesse fazer para mudar o meu passado. A segurança e a certeza de saber o que ele quis dizer me invadiram quando John se inclinou e envolveu meu corpo no abraço mais caloroso e profundo de todos.

Não consigo explicar o que aconteceu dentro de mim. Foi como se um túnel ou portal se abrisse de repente e me desse acesso a uma sensação muito nítida. Ela desceu da minha cabeça, passou por todo o meu corpo e sobrepujou todos os outros sentimentos ainda conflitantes que permaneciam ali. Era leve e brilhante, e eu só sabia que era assim por causa do quanto as coisas estiveram sombrias antes.

Esperança.

EPÍLOGO



John e eu acenamos para Annie, Mark e a bebê Louisa dos degraus da frente do nosso prédio. Observei minha irmã acomodar a filha no bebê conforto com cuidado. Nossa pequena família finalmente havia crescido. Agora, minha mãe substituta precisava dos meus cuidados enquanto criava sua própria menininha, e eu estava pronta para prover isso a ela.

– Caminhada na praia amanhã? – gritou ela da janela do carro.

– Às oito! – gritei de volta. – Vou levar café!

Então Mark buzinou duas vezes e eles partiram para casa, a apenas oito quilômetros de distância.

– Acho que a Louisa gostou muito do novo lugar – comentei enquanto fechávamos a porta da frente.

– Sei, não – discordou John. – Eu a vi olhando de rabo de olho pros armários da cozinha.

– *Rá, rá* – falei, e o empurrei pela entrada. – Mas eu tenho razão. Eles são anos 1980 *demais*. Por sorte, eu tenho um plano.

– Por sorte, você sempre tem – concluiu ele, passando o braço sobre o meu ombro enquanto entrávamos no apartamento.

Era junho novamente, quase um ano depois de John ter feito o pedido.

Em dezembro, eu tinha recebido notícias de Gianna. Ela levou o marido e a filha para uma viagem em família à Itália. Passaram uma semana com sua *zia* Maria e a *famiglia* inteira em Borgo San Lorenzo, depois pegaram o trem até Roma para que Gianluca finalmente pudesse conhecer sua xará. Gia me mandou

uma foto dos dois em pé ao lado do retrato pintado de Carmela, com marcas de lágrimas no rosto de ambos.

O aniversário de Rebecca foi em fevereiro, e eu fui para Boston lhe fazer uma surpresa. Enquanto estava lá, dei uma passada na casa de Bete, que estava se preparando para uma cirurgia cardíaca. Ela pediu uma foto do anel para levar consigo no hospital – força visual. Então, pedi a Bec uma indicação, e uma amiga fotógrafa foi à casa dela e fotografou o anel como se fosse uma peça de museu. Enviamos cópias para Gia e Gianluca também, com um bilhete de Bete.



E, em algum dia de abril, finalmente tive notícias de um dos parentes de Celia Quinn. Ele era filho do filho que ela desejava que tivesse herdado o falso Harry Winston. E ele completou a história dela: seu bisavô passou alguns anos na prisão. Sua bisavó, Celia, o visitava toda semana. E, quando ele foi solto, eles foram se reconciliando aos poucos. No quinquagésimo aniversário de casamento, ele comprou um novo anel de diamante para ela.



Eu e John estávamos lado a lado agora, contemplando nosso lar. Ele tinha o piso de madeira antigo e escuro dos meus sonhos, uma cozinha enorme com ilha para que John pudesse cumprir sua missão de anfitrião do Dia de Ação de Graças e a parede perfeita para um papel de parede novo. Por enquanto, porém, a tarefa da vez era desempacotar nosso Everest de caixas.

– Quero finalizar pelo menos uma coisa no quarto – falei. – Vamos pedir delivery pra dar um gás hoje à noite.

– Comida chinesa? – perguntou John.

– *Toneladas!* – exclamei, então o beijei rapidamente antes de entrar no nosso novo quarto.

Fui imediatamente buscar a caixa pequena com a etiqueta “Mesa de cabeceira da Shea”. Havia algumas coisas que eu precisava organizar no quarto imediatamente. Para um bom carma, é claro.

Primeiro, o porta-joias de vidro de Murano que eu havia comprado na minha

primeira viagem à Itália. Os tons de azul-escuro e verde-pastel me lembravam do vidro marinho que sempre encontrávamos na praia Emma Wood. Abri a tampa para me certificar de que seu precioso conteúdo ainda estava lá dentro: o anel de noivado da minha mãe. Coloquei a caixa na mesinha de cabeceira de madeira que já tínhamos levado para o quarto. Eu nunca o usaria, pois isso não me pertencia, mas não queria que ficasse longe da vista.

Em seguida, uma pequena moldura dourada apareceu por baixo da minha máscara de dormir e das minhas pantufas favoritas. Agarrei-a e esfreguei uma mancha no vidro. Embaixo dela, havia um trecho do artigo de Graham, a menção a mim que havia revelado a verdade mais importante. *Shea é alguém que confiou mais em todas as suas superstições sobre o amor do que em seus sentimentos, e por um bom motivo*, era o que Graham tinha escrito. Encontrei uma versão impressa do artigo, recortei essa parte e risquei *mais em todas as suas superstições sobre o amor do que*. Agora a frase expressava a mulher que eu pretendia ser: *Shea é alguém que confiou em seus sentimentos, e por um bom motivo*.

– Shea, pode vir dar uma olhada? – berrou John do outro cômodo.

– Posso. Só um segundo – falei, enquanto colocava aquele lembrete de 7,5 por 13 centímetros ao lado da caixa do anel, e então caminhei em direção à sala de estar.

Até o exato momento em que John me pediu em casamento – de novo –, eu não sabia como era a sensação de ter certeza de verdade. Um calor brotou do meu peito e irradiou para fora, como se me tingisse de uma nova cor. Eu me encontrei firmemente imersa em uma alegria pura e calma enquanto tirava mil fotos com os olhos. Ajoelhado diante de mim estava o homem que eu amava, fazendo uma pergunta que eu vinha torcendo para ouvir. Tínhamos crescido muito no último ano – graças ao tempo, ao espaço, às conversas honestas e à terapia muito útil –, mas a ficha disso tudo só caiu para mim no momento em que fechamos oficialmente a compra do apartamento, nos comprometendo com um espaço que ambos possuíamos. A compra era um risco que nos mudaria para sempre – um investimento em muitas incógnitas. Mas, naquele dia, minhas esperanças para o futuro eram nitidamente maiores que qualquer um dos meus medos. E, então, naquela mesma noite, eu havia colocado o anel usado em sua caixa original e a deixado na mesinha de cabeceira de John. Minha maneira silenciosa de dizer: “Estou pronta agora, só esperando você.” Acontece que eu estava errada em questionar a famosa corrida de Harry na véspera do Ano-Novo. Quando você se dá conta, realmente quer que o resto da sua vida comece o mais

rápido possível.

As lágrimas turvavam minha visão, mas não minha mente.

– *Sim!* – declarei enquanto corria da porta do quarto direto para os braços de John, quase o derrubando.

– Eu nem perguntei ainda! – murmurou ele enquanto eu o agarrava.

– Certo! Desculpa! – falei, e então me levantei para conceder a John o momento apropriado.

Ele se firmou e olhou nos meus olhos.

– Shea Anderson, você quer se casar comigo? – perguntou John.

Peguei suas mãos nas minhas e o levantei do chão para que nossos olhos ficassem alinhados, para que eu pudesse vê-lo como no primeiro dia em que nos conhecemos.

– Sim – repeti. – Mas posso dizer por quê?

John inclinou a cabeça.

– Quer explicar sua resposta? – questionou ele.

– Tá mais pra defender – corrigi. – Acho que o “para sempre” merece isso. – Então me preparei para o que eu tinha ensaiado dizer em seguida. – John Hayden Jacobs, eu vou me casar com você porque todos os meus sonhos mais vívidos incluem uma imagem sua ao meu lado. Porque tenho todas as evidências de que preciso de que estamos mais seguros e somos mais fortes juntos que separados. Porque o casamento é a maior maneira que tenho de dizer que acredito em *nós*, até o fim. E, o mais importante: porque sou uma pessoa que escolhe acreditar.

John enxugou as lágrimas dos olhos e ergueu a caixa do anel diante do meu rosto radiante. Dentro dela, estava aquele anel de diamante reluzente que outras três mulheres haviam contemplado da mesma perspectiva. Uma joia de significado profundo, com uma energia que eu estava orgulhosa de adquirir. Um objeto que me daria força enquanto eu traçava meu próprio “para sempre”.

Observei John tirá-lo da caixinha e colocá-lo no meu dedo, quase em câmera lenta. Então, pela primeira vez, deixei que ele colocasse nossa relíquia no meu dedo. Dessa vez, serviu perfeitamente.

AGRADECIMENTOS

A ideia deste livro me acompanha há mais de uma década, mas o sonho de *um* livro me acompanha desde que eu era criança, escrevendo historinhas que minha mãe “publicava” dentro de caixas de cereal matinal amarradas com fitas. Meu caminho foi preenchido com o tipo de apoio que faz uma pessoa perder o sono pensando em como organizar seus agradecimentos. Aqui vai minha tentativa de expressar minha sincera gratidão:

Minha equipe da CAA: Mollie Glick e Lola Bellier redefiniram a palavra “agente” para mim. Mollie, sua crença neste livro me motivou a dar a ele a dedicação que *você* merece. Lola, suas anotações o transformaram em algo que pudemos levar até a linha de chegada. E muito obrigada a Sarah Harvey e Gabby Feters pelo trabalho árduo para me tornar uma autora internacional, em tempo recorde.

Primeiros leitores: Angie Rosen, Nat Rosen, Sara Rosen Glynn, Geanna Barlaam, Jenny Anderson e Lindsey Martin foram tão gentis com meu primeiro rascunho que escrevi um segundo. Agradecimentos especiais a Sara por ler com um bebê nos braços. E a Geanna, que ficou comigo até o(s) fim(s).

Fairy Godpeople: Blair Singer, Carol Lokitz, Cindy Chupack, E. Jean Carroll, Julia Newton, Kim Kaye, Matt Pierson e Paul Flanagan, sabendo ou não, surgiram inesperadamente na minha jornada de escrita em um momento crucial.

Meus pais na Haven Entertainment, Rachel Miller e Jesse Hara: Rachel, eu só escrevo livros porque você me disse que eu podia e deveria. E faço isso porque você trabalha incansavelmente para realizar meus sonhos. E Jesse, eu nunca esqueço o que mais importa porque você personifica isso: fazer um trabalho que a gente ama com pessoas que a gente ama.

Jessica Walker: A ideia para este livro (por coincidência?) surgiu bem na época em que você se tornou minha terapeuta. O fato de ela ter sido concretizada se deve, em grande parte, aos caminhos que você me ajudou a encontrar e trilhar desde então.

Kate Dresser, minha editora top: Eu estava certa; a nossa parceria será uma das maiores da minha vida. Sempre me impressiono com sua convicção, seu entusiasmo e sua capacidade de transformar os dois em ações de maneira brilhante. Vamos fazer isso para sempre. Agradeço também a Tarini Sipahimalani e a toda a minha equipe da Putnam, que já fizeram com que eu me sentisse em casa.

Kathleen Carter: Enquanto escrevo isso, você acabou de se tornar minha assessora de imprensa, mas tenho certeza de que, quando o livro for lançado, vou querer que o mundo saiba como você trabalhou duro para torná-lo um sucesso.

Melissa Cassera: Minha conterrânea de Jersey e inspiração eterna. Nossas sessões semanais de Terapia de Escrita mudaram minha vida. É uma honra percorrer esse (novo!) caminho com você, sendo confundidas como irmãs o tempo todo.

Susan Hyatt & the BEYOND Coven: Vocês estiveram presentes nos meses que antecederam e nos dias que se seguiram à venda do livro, e não acredito que tenha sido por acaso. Obrigada por me enxergarem com tanta clareza.

Minhas irmãs – Danielle Rosen, Sara Rosen Glynn e Alexandra Rosen Kanefsky – nunca me fazem questionar se acreditam ou não em mim, o que é um dos principais motivos pelos quais acredito em mim mesma. Ruby, Emma e Lucy são as pessoas mais sortudas do mundo.

Minhas irmãs escritoras – Ally Hord, Amy Heidt, Carley Steiner, Hayley Terris, Juliet Seniff, Melissa Hunter e Molly Prather – me entendem em todas as áreas que importam. Vocês são a tribo dos meus sonhos de menina.

Pai: Se alguém fosse fabricar um pai que ia criar uma filha para ser escritora, acabaria tendo um clone de Nat Rosen. Eu nunca desisti porque você nunca desistiria, e porque, cá entre nós, só faço isso pelos seus e-mails de incentivo perfeitos.

Mãe: De vez em quando, durante *sete anos*, você – e somente você – perguntava: “Como está indo aquela ideia pro livro da relíquia?” Sei que é porque você adorou o conceito, mas uma parte de mim acredita que estamos conectadas de alguma forma mágica que fez com que o seu inconsciente soubesse que o meu precisava escrever este livro. Essa parte de mim é você.

E, por fim, *Robby:* Você é a razão que me faz acreditar no “para sempre” – na

possibilidade e no poder. Obrigada por não me pedir em casamento com uma relíquia de família. Feliz décimo aniversário de casamento!

SOBRE A AUTORA



JESSIE ROSEN é escritora, produtora, educadora e palestrante. Já teve projetos originais adquiridos por Warner Brothers Television, ABC Studios, CBS Studios, Netflix e YouTube TV.

A relíquia se tornou um best-seller nos Estados Unidos assim que foi lançado. Antes dele, Jessie já tinha lançado o suspense YA *Dead Ringer*.

Atualmente mora em Los Angeles e está escrevendo seu terceiro romance.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO



Parte do seu mundo

Abby Jimenez

Depois de fazer uma aposta e conhecer uma cabrita de pijama, o mundo aparentemente perfeito de Alexis Montgomery virou de cabeça para baixo. A causa: Daniel Grant, um carpinteiro sexy dez anos mais jovem que ela – o completo oposto da sofisticada mulher da cidade grande. Ainda assim, a química entre eles é inegável.

Parte de uma família rica de renomados cirurgiões, Alexis não está interessada em glória e fama. Ela está feliz com sua profissão de médica socorrista e não deseja perpetuar o legado dos pais. E, a cada minuto que passa com Daniel em sua cidadezinha, ela descobre o que realmente importa.

No entanto, deixar que o relacionamento deles se torne algo mais do que apenas uma aventura significaria dar as costas para sua família e abandonar a oportunidade de ajudar milhares de pessoas.

Permitir que Daniel faça parte de seu mundo é impossível, mas ela também não quer desistir da felicidade que encontrou nos braços dele. Com tantas diferenças entre eles, como Alexis pode escolher entre seus dois universos?

[Clique aqui para ver na loja](#)



Até o fim do verão

Abby Jimenez

Justin acha que sofre com uma maldição, e, graças a um post no Reddit, todo mundo fica sabendo qual é. A questão é que, toda vez que um relacionamento dele termina, a ex-namorada encontra o amor de sua vida logo depois.

Quando uma desconhecida lhe envia uma mensagem contando que o mesmo acontece com ela, os dois bolam um plano: namorar um com o outro e ter uma data marcada para terminar. Assim a “maldição” será quebrada e eles poderão encontrar o verdadeiro amor depois. É uma ideia maluca... mas pode dar certo.

Emma não planejava que sua próxima parada como enfermeira itinerante fosse em Minnesota, mas a oportunidade de namorar Justin é boa demais para deixar passar. Sobretudo quando ela e a melhor amiga conseguem alugar um lindo chalé numa ilha particular no lago Minnetonka.

Era para ser só um casinho e durar apenas até o fim do verão. Mas quando a mãe instável de Emma surge do nada e Justin de repente tem que assumir a guarda dos três irmãos mais novos, eles encontram um no outro um porto seguro inesperado para lidar com as surpresas da vida.

E a surpresa maior é o fato de estarem se apaixonando de verdade.

[Clique aqui para ver na loja](#)

ABBY JIMENEZ

Autora de Parte do seu mundo



*"Abby é uma escritora muito talentosa."
– EMILY HENRY, autora de Loucos por livros*

Para sempre seu

Abby Jimenez

A Dra. Briana Ortiz é uma mulher forte, mas está muito cansada. Ela acabou de se divorciar, seu irmão precisa de um transplante de rim... e sabe a promoção no trabalho que ela estava esperando? Pelo jeito, é o novato intrometido quem vai conseguir o cargo.

Jacob Maddox sabe que já ganhou a antipatia de Briana. Por isso, decide se explicar de forma incomum: numa carta escrita com caneta-tinteiro e papel especial. Bem, parece que, no fim das contas, ele não é tão ruim assim.

Briana começa a trocar cartas com Jacob e passa a conhecer melhor o médico caladão que prefere uma vida sossegada a grandes eventos sociais. De repente, eles estão almoçando juntos e debatendo as vantagens de se ganhar um pônei, e percebem que têm muito em comum, desde o encanto pela natureza até o gosto por histórias bizarras de hospital.

Quando Jacob decide dar a Briana o melhor presente imaginável, ela se pergunta como poderá resistir a esse simpático médico... especialmente quando ele pede um favor que ela não pode recusar.

[Clique aqui para ver na loja](#)



Com o coração nas nuvens

Um romance de Natal

Catherine Walsh

Molly e Andrew são amigos há uma década e têm uma tradição particular. Todo ano, pegam o mesmo voo de Chicago para Dublin, na Irlanda, para estar com as respectivas famílias no Natal, e passam as sete horas e quinze minutos de viagem colocando o papo em dia.

Só que neste ano uma nevasca sem precedentes impede que eles embarquem. Molly não se importa – ela não está nem aí para o Natal –, mas Andrew é obcecado pela data e fica totalmente arrasado.

Então, em vez de fazer a coisa sensata e ficar com o amigo em Chicago para passar o feriado assistindo a filmes de Natal e se entupindo de guloseimas, ela faz uma maluquice: promete fazê-lo chegar a Dublin custe o que custar. É a tempo para a famosa ceia da mãe dele.

As horas estão correndo. Mas Molly sempre tem um plano. E, desde que a combinação altamente específica de táxis, aviões, barcos, trens e ônibus obedeça ao cronograma, não há como seu plano dar errado.

Em meio a extravios de bagagem, conexões de um canto a outro de dois continentes e lembranças de suas viagens passadas, esses dois amigos que acham que nunca dariam certo como casal percebem que o universo pode ter outros planos – e que a magia do Natal pode ser muito romântica.

[Clique aqui para ver na loja](#)



Até que o Natal nos separe

Catherine Walsh

Megan está morrendo de medo de ir para a casa da família para as festas de fim de ano. Ela é a vilã da cidade, a mulher que há cinco anos largou Isaac, o queridinho local, no altar e fugiu para a cidade grande. Megan só quer ficar na dela, principalmente porque ele está noivo de novo, enquanto ela acabou de levar um fora pela quarta vez só este ano.

Christian está cansado de passar o Natal sozinho. Ele mesmo não liga – na verdade, jura de pés juntos que está ótimo assim. O problema é que detesta os olhares de pena de seus parentes quando todos se sentam à mesa em casais.

Então, quando Megan literalmente esbarra nele em um pub em Dublin, eles fazem um pacto de sobrevivência, com direito a contrato assinado em um guardanapo manchado de vinho. Até o Natal, os dois vão ser o melhor casal de mentira de todos os tempos.

Mas com duas famílias reunidas e amigos, paqueras e sentimentos antigos ressurgindo, as coisas ficam caóticas. E, quando uma cabana isolada pela neve e a magia natalina entram na história, tudo pode acontecer...

[Clique aqui para ver na loja](#)

"Um livro com personagens maravilhosos e cenários de sonho.
Impossível não se apaixonar." — *The Sun*

Minha querida Paris



Uma cidade de memórias. Um verão de possibilidades...

Lucy Diamond

Minha querida Paris

Lucy Diamond

Mãe solo e jornalista, Jess Bright sente que sua vida estagnou. Então, quando lhe oferecem um trabalho como ghost-writer em Paris, ela agarra a oportunidade, pois sempre sentiu que havia deixado um pedaço de seu coração na cidade anos atrás.

Jess terá que escrever sobre a icônica artista Adelaide Fox, cuja vida foi marcada por escândalos e intrigas. Agora, se aproximando dos 80 anos, a pintora está pronta para contar sua versão da história – e também se vingar com as revelações que fará.

Em meio a uma relação profissional tempestuosa, Jess e Adelaide precisam confrontar seus passados. Quando vêm à tona casos de paixão, traições terríveis e segredos transformadores, elas percebem que pode haver mais surpresas reservadas do que ousam imaginar...

Estrelado por duas protagonistas inesquecíveis, *Minha querida Paris* é um romance inspirador sobre segundas chances, amizades improváveis e a busca para se encontrar.

[Clique aqui para ver na loja](#)

Da autora de *O casal perfeito*

Elin
Hilderbrand

28 Verões

*Há anos eles vivem um romance
em segredo, mas será que o caso
resiste a mais um verão?*



28 verões

Elin Hilderbrand

A primavera de 2020 está chegando ao fim quando Mallory, em estado terminal, pede ao filho, Link, que telefone para um número desconhecido.

Ele não faz ideia de que do outro lado da linha estará Jake McCloud, marido da favorita na corrida presidencial norte-americana, Ursula DeGournsey.

Link acha que deve haver algum engano. De onde Mallory e Jake se conhecem?

É preciso voltar ao verão de 1993, quando Mallory herda uma casa de praia em Nantucket e concorda em fazer a despedida de solteiro do irmão lá. Jake é um dos convidados, e os dois criam um vínculo que vai resistir ao tempo.

Nem mesmo os casamentos, os filhos e a carreira política de Úrsula podem impedir o amor secreto de Jake e Mallory – até que ela descobre que está morrendo.

Inspirado no clássico *Tudo bem no ano que vem* – que o casal assiste religiosamente a cada verão –, *28 verões* explora a dor e a alegria de viver uma história de amor que dura um fim de semana por ano durante quase três décadas.

[Clique aqui para ver na loja](#)

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

